Sophie se envolve em uma história de ódio e vingança. Para evitar um assassinato brutal, precisa mergulhar em um mundo de sexo e sedução.



Contato

Volume 2

As Faces do Mal

O desfecho do segundo volume da série **Contato** mudará Sophie para sempre.

Érika Bento Gonçalves

Contato

Volume 2

As Faces do Mal

Érika Bento Gonçalves

 Contato II - As Faces do Mal, de **Érika Bento Gonçalves**, está licenciado com uma Licença**Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional**.
ISBN-13: 978-1500637392

Copyright © 2013 por Érika Bento Gonçalves

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da autora.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, acontecimentos e incidentes são todos produtos da imaginação do autor ou usados de modo ficcional. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, acontecimentos ou lugares é mera coincidência.

Capa, revisão e diagramação: Érika Bento Gonçalves

A 1ª edição deste livro é de distribuição digital GRATUITA, sendo expressamente proibida a sua venda, cópia ou distribuição, total ou parcialmente, sem a autorização do detentor dos direitos autorais.

Caso você queira recomendar a leitura desta obra a um amigo, divulgue o link para o download GRATUITO para que a autora possa ter acesso à quantidade de downloads efetuados. O link está disponível na página do Facebook:

http://www.facebook.com/asvidasdesophie

A publicação gratuita deste livro é parte da estratégia para a publicação do terceiro volume da série CONTATO, com data ainda não definida.

Aos leitores e amigos que acreditaram em mim e me incentivaram a dar sequência à série ***Contato****.*

A todos vocês, de coração, um grandioso

Muito Obrigada!

Capítulo 1

Sophie mantivera distância demais. Agora, perdera-a de vista, o que significava que a garota já deveria ter entrado no quarto. *Não, não, não!* Acelerou os passos. Uma vida estava em jogo. No alto da escada, inclinou-se à esquerda pelo corredor e viu o segurança vindo. *Droga!* Por sorte, o gigante dentro de um terno preto bem cortado falava ao rádio com alguém e não percebeu a estranha figura daquela mulher em seu vestido profundamente decotado esquivando-se para trás de uma coluna de mármore. *Vamos, vamos, anda logo!* Pensou, com urgência. Ela precisava encontrá-la antes que fosse tarde demais.

Assim que ele passou por ela, Sophie o acompanhou com os olhos até que ele desaparecesse no final do corredor e saiu correndo nas pontas dos pés, segurando os sapatos pretos de salto agulha em uma das mãos, seguindo na direção oposta.

O quarto era a terceira porta da ala oeste. Enquanto se aproximava da imponente entrada, pensava apenas que gostaria de estar errada sobre os seus pressentimentos. E, desta vez, estava sozinha. Sem Anne nem Jesse. Principalmente Jesse.

Sophie sentiu um arrepio subir-lhe do cóccix à nuca. Um prelúdio desencorajador que ela fez questão de ignorar. Girou a maçaneta fria − uma enorme esfera dourada − abrindo lentamente a folha direita da porta branca dupla, fazendo-a deslizar silenciosa sobre um alto carpete cinza chumbo.

Caminhou insegura até adentrar completamente e fechou a porta atrás de si sem se virar, esquadrinhando todo o hall. As cores lhe eram familiares. Demasiadamente familiares. Já estivera ali antes, em suas visões. *Meu Deus é aqui. Tudo vai acontecer neste lugar.*

Sophie fechou os dedos em punhos para conter o tremor. As paredes verde-escuras com os padrões de largas listras pretas; as luminárias douradas fixadas à parede e o teto rebaixado. Estava tudo ali, como vira várias vezes em sua mente.

À sua frente, duas poltronas de cor manteiga separadas por uma pequena mesa redonda de madeira escura. Na parede, um nu impressionista era iluminado por uma luz direta – a única acesa no ambiente de cerca de vinte metros quadrados −, o que fazia a forma curvilínea parecer saltar da tela. Do lado esquerdo, uma grande porta de correr − que, provavelmente, daria acesso ao quarto −, estava ligeiramente aberta. Pela pequena fresta, uma suave claridade invadia o hall como uma folha fosca de claridade.

Sophie deu dois passos à frente e sentiu uma respiração quente e ritmada chegar à sua nuca por entre os cabelos. O tempo ficou suspenso no ar. Virou-se rapidamente e encarou, com espanto, a pessoa atrás dela. O choque a paralisou e, em seguida, sentiu apenas um forte empurrão fazendo seu corpo se chocar contra o batente da porta do quarto. Seus pulmões se retesaram e ficou sem ar por alguns segundos. Um lenço frio e úmido com cheiro forte de éter foi enfiado em seu rosto cobrindo-lhe o nariz e a boca. Ela tentou reagir, mas um pesado antebraço pressionava o seu pescoço, como fazem os lutadores de luta livre.

Sophie ficou sem ação. Os seus olhos encaravam a sua agressora fazendo-lhe mil perguntas silenciosas, mas havia apenas um olhar frio encarando-a de volta. Não havia nada que ela pudesse fazer. Já sentia os membros adormecer enquanto o gás forte e estéril rastejava para dentro do seu corpo, entorpecendo seu cérebro e fazendo-a, lentamente, perder a noção da realidade. Tudo desapareceu à sua volta.

Quanto tempo Sophie ficara desacordada era algo que somente uma pessoa saberia dizer, mas ela pouco se importava. Estava ocupada demais arrastando o corpo dormente de Sophie para dentro do quarto e acomodando-o em uma poltrona. Amarrou os pulsos aos braços de madeira com braçadeiras de plástico − que muitos policiais usam como algemas − e os pés foram atados aos da poltrona com um lenço apertado em seus tornozelos, deixando-a com as pernas ligeiramente abertas.

Estranhamente, as mesmas mãos que lhe imobilizaram os pés e os braços rudemente, moveram-se com delicadeza ajustando o decote pronunciado do vestido, cobrindo-lhe a parte do seio que ficara à mostra ao manipular o seu corpo.

Alguns minutos se passaram antes que Sophie começasse a recuperar a consciência. Abriu os olhos piscando-os compulsivamente, como se o bater das pestanas fosse tirá-la mais rapidamente daquele transe. *Mmmmm*... gemeu, sentindo dores nos braços e nas pernas. Tentou, inutilmente, se mexer e, não tendo êxito, abriu os olhos com mais determinação. Observou com horror a situação em que se encontrava e, imediatamente, levantou o olhar.

Mas o que é isso? Pensou, tentando realinhar mente e corpo, o que vira, porém, a fez se sentir como se estivesse dentro da visão que a acompanhava há duas semanas. Havia alguém amarrado à cama, alguém que, ela sabia, seria torturado e, provavelmente, morto.

— Solte-a, por favor, solte-a! — gritou, em vão. Ouviu uma risada vinda do hall onde fora atacada, momentos antes. Agora se lembrava de tudo. Lembrava-se, inclusive de quem a havia agredido. — Por que você está fazendo isso? — indagou, como se estivesse em posição de exigir uma resposta, ainda tentando dar um sentido a tudo aquilo.

— Porque eu preciso de você — respondeu-lhe uma voz saindo da escuridão. — Você é o meu bilhete de saída deste inferno.

Sophie não disse mais nada durante os trinta segundos seguintes. Ficou apenas observando aquela figura desfilar em sua direção. Era tão confiante em seus movimentos calculados que Sophie teve certeza de que iria morrer. Uma pessoa como ela, capaz de manipular toda a situação até agora, não hesitava. Havia planejado todos os detalhes para aquele desfecho. Tinha domínio sobre tudo e sobre todos.

— O que ela fez a você? Eu não entendo! — questionou Sophie, vendo aquela mulher imóvel na cama. Talvez já estivesse morta, pensou, aterrorizada.

— Ela? — Respondeu com outra pergunta, gesticulando um enorme punhal em suas mãos. A lâmina brilhou sob o feixe de luz que descia de um dos vários spots embutidos no teto e Sophie suspendeu a respiração. — Você não sabe nada sobre ela — afirmou, rancorosamente, apontando com o punhal para o corpo seminu atado à cama.

— Não, por favor, não! — implorou Sophie, vendo a ponta da lâmina passar suavemente sobre a coxa direita da mulher, sem cortá-la, como se estivesse indecisa por onde começar.

Sophie pensou ter visto uma reação física da pessoa amarrada à sua frente. Um ligeiro repuxão na perna acariciada pelo aço frio do punhal. Embora a poltrona estivesse virada para a cama, Sophie não conseguia ver o rosto da mulher deitada à sua frente. Ele estava virado de lado, totalmente coberto por pesados cachos cor de cobre, mas Sophie já não tinha mais dúvidas de quem fosse. Só não entendia o por quê.

— O que você acha de contarmos à Sophie a sua verdadeira história, hein? — perguntou com ironia, puxando rispidamente a cabeça da mulher pelo queixo, deixando o rosto finalmente à mostra. Posicionou o punhal junto ao pescoço da vítima fazendo com que ela se debatesse, tentando libertar os braços e as pernas, inutilmente. Um grunhido surgiu por baixo da larga faixa de tecido amarrada à boca da vítima.

Sophie viu um par de olhos faiscando de ódio, uma ira vingativa e doce. *Ela vai matá-la, eu sei que vai e eu vou morrer também.* Choramingou, desta vez, deixando que as lágrimas lhe molhassem o rosto, e pensou em Jesse. Nada disso estaria acontecendo se não fosse por ele, por aquele maldito sonho e por suas visões. Tudo começara com Jesse também atado a uma cadeira.

Como a sua vida podia ter mudado tanto em menos de dois meses?

Anne, me perdoe... Você tinha razão... Você sempre tem razão... Lamentou-se intimamente.

E Sophie viu a lâmina subir e descer com fúria; afiada e certeira. Gritou. Era só o começo. Ela sabia que outros golpes viriam. Muito sangue seria derramado nos lençóis brancos daquela cama dossel.

E duas pessoas iriam morrer naquela noite.

Capítulo 2

Quarenta e cinco dias antes.

Os olhos dele encaravam-na sedentos. Passeavam pelo seu corpo quase perfeito enquanto as pequenas mãos dela alisavam a pele macia das próprias coxas. Ela sabia que isso o excitava. Subia e descia as mãos devagar enquanto seus olhos o encaravam desafiadoramente. Ele sentia ondas por todo o corpo e desejava devorá-la inteira, de todas as maneiras possíveis.

Ela se divertia observando as chamas lampejando em seu olhar. Usava apenas um vestido prateado curto de tecido delicado e vaporoso que se erguia com os movimentos arredondados dos quadris, inundando os pensamentos dele de fantasias, mas ele não podia tocá-la. Suas mãos estavam amarradas aos braços da cadeira com as meias de seda dela, tiradas minutos antes, assim que o jogo de sedução começara.

Ela sorria, provocantemente, passando a língua pelos lábios tentando não parecer proposital, mas é claro que ele sabia que fazia tudo parte do jogo. Sabia e se excitava; sentia a calça apertando-lhe entre as pernas. Ah, se ela apenas soltasse suas mãos ou ao menos abrisse o zíper da sua calça! Ele lançou-lhe um olhar suplicante, mas ela não atendeu ao pedido. Seus olhos se estreitaram maliciosamente e o dedo indicador ergueu-se no ar, balançando de um lado para o outro, em negação.

— Você vai ficar aí, amarrado como está. Relaxe e aproveite... — sussurrou, num sorriso malicioso.

As mãos dela se moveram lentamente erguendo o vestido pouco acima da cintura, exibindo uma minúscula calcinha preta sobre a pele lisa e dourada. Os movimentos dos quadris, ora para a direita, ora para a esquerda, salientavam uma ligeira ondulação na barriga que ele quis lamber e mordiscar.

Delicados dedos de unhas pintadas de vermelho escuro se enfiaram por baixo do elástico lateral da calcinha e seguiram em direção ao pequeno triângulo que cobria o essencial de suas partes íntimas.

— Você quer me tocar, Jesse? — perguntou, enquanto as pontas dos dedos desapareciam entre as pernas. — Quer, não quer? — gemeu ela, e os olhos dele acompanharam o movimento dos seus dedos num macio vai e vem.

— Quer sentir o meu gosto, Jesse? — gemeu novamente. — Ah... eu sei que quer... — levou a mão à boca, despudoradamente, sugando dedo por dedo, com uma expressão maligna e excitante.

— Você está acabando comigo... — resmungou ele em um tom gutural.

— É essa a intenção... — sussurrou de volta, encarando seus olhos brilhantes cor de mel.

As ágeis e delicadas mãos dela abriram o zíper lateral do vestido, mostrando parcialmente as curvas do seu corpo. Depois, subiram e se enfiaram sob as alças do vestido, fazendo-as escorrer pelo ombro e o tecido brilhante deslizou pelo seu corpo, caindo como uma cascata prateada ao redor dos seus pequenos pés nus.

Os olhos dele passearam deslumbrados por aquela escultura viva de seios volumosos e cintura fina. Nem a pequena pinta pouco abaixo do seio esquerdo passou-lhe despercebida; pareceu-lhe uma gota de chocolate que ele precisava saborear. Pela primeira vez, tentou se desfazer das amarras em torno aos pulsos com mais força e ela riu escandalosamente.

— Menino malvado... — censurou, enquanto movia os quadris de um lado ao outro numa sequência torturante de ondulações que, só então, Jesse percebeu estar no ritmo da música que tocava em algum lugar no quarto. Um som que ondulava pelo ar, saindo de um lugar profundo como uma respiração quente e envolvente.

Ela se virou de costas para ele exibindo suas redondas e fortes nádegas nuas. Apenas um pequeno fio de elástico negro subia entre elas, terminando em um minúsculo coração entre as covas abaixo da coluna.

Enquanto o quadril se movia como um pêndulo de carne macia, pequenas rugas se formavam à altura da cintura. Jesse sentiu o corpo convulsionar de desejo de apertá-la, mordê-la, devorá-la! Ela lhe dirigiu um último olhar para trás antes de escorregar as mãos pelo corpo empurrando a calcinha para baixo. O movimento fez com que o seu tronco se inclinasse para frente elevando ligeiramente os quadris, dando-lhe uma visão de todo o seu esplendor.

Os hormônios de Jesse explodiram e a força com que ele puxou uma das mãos fez a meia calça ceder. Finalmente, estava livre e com um movimento rápido puxou-a pela cintura, fazendo-a cair sentada sobre as suas pernas. Seus cabelos roçaram-lhe o rosto e ele sentiu o cheiro doce em seu pescoço. Com o braço direito, envolveu toda a circunferência daquela estreita cintura e, enquanto beijava e mordiscava loucamente a sua pele, seus dedos procuravam famintos senti-la entre as pernas.

— O que a sua queridinha Sophie diria sobre nós, agora, hein? — desdenhou, gargalhando perversamente, mostrando profundas covinhas no rosto.

Toda a sua beleza se desfez e o rosto perfeito tornou-se apenas vulgar e satisfeito. O corpo, antes magnificamente esculpido, transformou-se em uma volumosa massa de carne, e a pele macia e quente, agora, era um espelho da sua alma: fria e áspera.

Sophie acordou do sonho ensopada de suor sentindo o coração galopar até a garganta. Sentou-se rapidamente como um cão vigilante e procurou Jesse ao seu lado na cama, mas os lençóis cinza escuros estavam apenas revirados e vazios. Percorreu os olhos pelo quarto à meia luz esticando o olhar para dentro do banheiro à sua esquerda. Estava totalmente só. A luz do sol que inundava o banheiro se desfazia suavemente em uma linha oblíqua, engolida pela escuridão das pesadas cortinas do quarto.

Embora Sophie tivesse consciência de que aquilo não passara de um pesadelo, imaginar Jesse e Adrian juntos daquela maneira fazia-a sentir um gosto acre na boca. Fechou os olhos e as imagens do sonho ainda estavam marcadas em sua memória, como lama que escorria lenta e pegajosamente pela parede da sua mente.

Abriu-os novamente e era como se Adrian estivesse ali, em algum lugar do quarto, esperando por ela; para rir dela, zombar da sua confiança e ingenuidade. *Argh!* Gritou internamente, num misto de ansiedade e nojo. Jogou os lençóis para o lado e pulou para fora da cama.

Adrian fora uma presença incômoda na relação de Jesse e Sophie desde o início. Foram meses e meses de caçada, sendo Jesse o tesouro que Adrian tanto cobiçava. Chegara perto, certa vez. À época, Adrian era casada com Steven, o melhor amigo de Jesse. A amizade dos dois rendeu a Adrian uma vaga de assistente no escritório de arquitetura de Jesse. Oportunidade que usou não profissionalmente, mas para criar infinitas armadilhas para arrancá-lo de Sophie, sem se importar nem um pouco com o próprio marido. Pobre Steven, fora um choque quando soube que Sophie flagrara a sua esposa beijando Jesse na boca, em um café ao lado do escritório.

O episódio voltava à tona em sua mente e ela quase pôde sentir a palma da mão arder da bofetada que dera em Adrian naquela noite.

Pare de remexer no passado. Não vai levar a nada!

Abriu a porta do quarto e a claridade da sala ao fundo do corredor agrediu seus olhos, causando-lhe uma ligeira vertigem. Apoiou uma das mãos na parede e esperou que a tontura passasse. Caminhou lentamente pelo corredor passando pelo quarto que Jesse transformara em sala de leitura e TV; seguiu até a área principal da casa e estava tudo assustadoramente silencioso. Caminhou pela ampla sala, mais parecido com um *loft* com seu imenso vão livre, sentindo-se como se estivesse sendo vigiada. Sentia uma presença observando-a e lutou contra isso.

O pé-direito alto das paredes de tijolos avermelhados entrecortadas por longas janelas verticais sempre lhe deram uma deliciosa sensação de liberdade, mas não agora. As cortinas em suave tom caramelo que ela tanto adorava e que esquentavam o ambiente, contrastando com as luminárias metálicas que pendiam de fios de aço do teto rústico, pareceriam túnicas mortuárias. Sentiu um ligeiro arrepio e esfregou as mãos nos braços. Foi até o balcão da cozinha e encontrou um bilhete.

"Bom dia, meu amor. Não quis te acordar. Fui correr e volto logo. Amo você, J."

Nem as palavras “meu amor” e “amo você” fizeram-na se sentir melhor. *Será que Jesse está mesmo no parque?* Questionou uma vozinha diabólica. O pensamento lhe pareceu tão ridículo quanto voltar a se preocupar com Adrian, uma predadora de homens fáceis, coisa que Jesse nunca fora. Ele já lhe dera provas suficientes do seu amor. Esteve ao seu lado durante os seus piores momentos nos últimos dez meses, enquanto ela sofria derrames e lutava para não morrer. Ele não seria capaz de uma traição como aquela; correção: ele não seria capaz de nenhuma traição. Ponto final.

Sophie não precisou se esforçar para se lembrar de quantas vezes Jesse a surpreendera com presentes inusitados, demonstrações de afeto e do quanto ela era importante em sua vida. Apenas cinco meses atrás lhe dera uma viagem de surpresa a Giethoorn, uma pequena cidade conhecida como a Veneza Holandesa, onde as ruas são formadas por pequenos canais. Desdobrara-se para surpreendê-la somente para que Sophie pudesse patinar sobre as águas congeladas dos canais.

— Você fica radiante patinando no gelo — comentara Jesse, com um sorriso abobalhado no rosto, quando estavam em uma das inúmeras pistas de patinação de inverno espalhadas por Londres, um mês antes de levá-la a Giethoorn.

Sophie sorriu, soltou os dedos entrelaçados nos dele e rodopiou no ar, caindo com leveza sobre a lâmina afiada sob seus pés.

— Patinar me faz sentir livre — respondeu.

— E esquiar, não?

— Ah, é claro, mas, ainda assim, prefiro a leveza e o deslizar das lâminas ao impacto e à velocidade dos esquis — seus olhos brilharam como os de uma criança. — Pena que as pistas sejam tão pequenas e com tanta gente. Seria bom poder ir adiante, sem limites.

Foi o suficiente para Jesse começar a planejar a surpresa. Esperou o momento certo, monitorando o clima na pequena Veneza e, quando a temporada de patinação sobre o canal começou, reservou hotel e passagem de avião para três dias depois. Apareceu para buscar Sophie no trabalho com a desculpa de que iriam pegar um cliente dele no aeroporto. Por mais que Sophie fosse de longe uma boa anfitriã, tentava fazer-lhe companhia sempre que possível. Ele fazia tudo por ela e, aos poucos, Sophie aprendia a retribuí-lo.

Chegando ao aeroporto, contou-lhe que havia um presente esperando por ela, mas que teriam que ir de avião.

— Jesse, você está louco? Avião? Para onde estamos indo? — perguntava entre risos de ansiedade.

— É perto, não se preocupe — respondeu, com o olhar travesso, enquanto tirava do portamalas uma bolsa de viagem que Anne havia preparado no dia anterior. A melhor amiga de Sophie era, também, uma cúmplice nos esquemas de Jesse, quando se tratava em surpreender a amiga.

Sophie só descobrira que o destino era a Holanda quando estavam na sala de embarque, mas jamais imaginaria que estariam indo a Giethoorn! E, para aumentar a sua expectativa, Jesse alugara um carro em Amsterdã, de onde partiram rumo ao pequeno vilarejo, uma viagem de quase duas horas.

A aventura terminara com um jantar em um restaurante italiano chamado Fratelli e passaram a noite em um hotel romântico à beira do canal. Pouco antes de dormir, Jesse abraçou-a com carinho, afagando-lhe os cabelos e, ao som do estalar da madeira na lareira incandescente, disse-lhe:

— Se ao menos você soubesse o quanto me deixa feliz vê-la sorrindo... — beijou-lhe a testa. — Eu sempre farei qualquer coisa para ver você feliz. Qualquer coisa...

Qualquer coisa...

A voz de Jesse ecoou em sua mente enquanto a imagem de Adrian de calcinha tornava tudo bem menos romântico. *Foi apenas um sonho. Um estúpido sonho!* Repetiu para si mesma. Abriu a geladeira e pegou uma garrafa de chá gelado. Versou o líquido dentro do copo e o bebeu num grosso gole, despertando qualquer minúsculo pensamento que ainda estivesse preso àquele sonho infernal.

Embora soubesse que aquilo não era real, uma coisa a incomodava. Sophie jamais sonhava ou raramente se lembrava dos sonhos. Normalmente eram visões, imagens que retratavam sentimentos reais. Há três meses não tinha uma visão. Estava quase começando a se sentir uma pessoa normal e estava gostando daquilo.

Fechou os olhos e rendeu-se, com tristeza, à verdade. À única verdade que conhecia. *Não foi um sonho*. Suspirou, embora não tivesse motivo nenhum para duvidar da fidelidade de Jesse. Sabia disso melhor do que gostaria de admitir. E só poderia saber porque havia mexido nas correspondências dele tempos atrás. Era feio, era odioso, ela sabia disso e não se orgulhava nem um pouco. Havia monitorado seus emails logo após o ocorrido no bar e nunca vira nada que pudesse testemunhar contra ele. Havia sempre emails de Adrian, mas Jesse nunca os respondia.

Enquanto se debatia entre confiar em seus instintos ou fechar os olhos para eles, Sophie ouviu a porta se abrir e viu Jesse entrar.

— Já de pé? — perguntou ele com um sorriso relaxado nos lábios.

Jesse era dono de uma beleza quase ofensiva. Ombros largos, físico de atleta, rosto quadrado e uma boca cuidadosamente esculpida. Os olhos cor de mel emanavam um brilho *tão, tão sexy*! Seus cabelos castanhos claros ligeiramente compridos num corte reto estavam rebeldes e suados.

Sophie foi até ele sentindo o coração apertado e abraçou-o com força, fazendo-o quase perder o equilíbrio enquanto abandonava o celular e as chaves no balcão da cozinha. Queria muito acreditar que ele nunca seria capaz de uma atitude como aquela.

— OOhhh... eu também senti a sua falta — sussurrou em seus ouvidos, envolvendo-a em seus braços, beijando-lhe os cabelos. — Você já tomou café?

— Não, estava esperando por você. — Jesse afastou-a ligeiramente, olhando-a nos olhos. Havia algo diferente em sua voz. Sophie parecia... insegura? Impossível.

— Está tudo bem? — perguntou, desconfiado.

— Claro — mentiu tão descaradamente que ele franziu as sobrancelhas e ela se afastou. — Vou dar uma olhada nos emails enquanto você toma banho, tudo bem? — perguntou, virando-se de costas para ele.

— Sem problemas — concordou, vendo Sophie já seguir em direção ao escritório, do lado esquerdo da sala. Jesse a achava incrivelmente atraente com as calças de pijama xadrez dele e uma regata branca colada ao corpo, evidenciando suas curvas. Controlou-se para não correr atrás dela, pegá-la em seus braços e fazer amor com ela onde quer que fosse.

Foi tomar banho.

O escritório era um cômodo pequeno e decorado com peças essenciais. Um sofá de couro preto de dois lugares, um tapete bege e uma pequena mesa de mogno com uma cadeira confortável também de couro preto atrás dela. Das paredes pendiam poucos e pequenos quadros, todos em preto e branco, e a janela era coberta por uma cortina cor âmbar, acompanhando os tons da sala de estar que, à luz do dia, tingia de dourado o ambiente.

Sophie acomodou-se na cadeira e o couro rangeu suavemente sob o seu traseiro. O laptop já estava ligado e assim que a proteção de tela se desfez ela percebeu que o programa de email estava aberto. Normalmente, minimizaria a tela e seguiria para a página do seu webmail, mas algo havia mudado dentro dela. Uma tentação de espiar as correspondências de Jesse cutucou aquela parte secreta que, aparentemente, só as mulheres têm. Algo sutil entre a intuição e a curiosidade.

Cerrou os olhos tentando afastar as imagens grotescas de Adrian de calcinha de sua mente, mas quando moveu o mouse para minimizar o programa, seus olhos foram atraídos por uma mensagem.

Remetente: Adrian.

Assunto: Saudades.

Sophie não conseguiu desgrudar os olhos da mensagem, como se luzes de neon piscassem sobre ela e uma voz de vendedor ambulante gritasse em um megafone. *Venha, venha! Você não pode perder esta chance!*

Sophie revirou os olhos tentando ganhar tempo suficiente para que o seu desejo de abrir a mensagem desaparecesse, mas ele só aumentou. Por fim abriu-a, sentindo o coração parar de bater de expectativa.

Eram poucas linhas e Sophie, por um nano segundo, sentiu-se aliviada. Mas só até começar a ler.

Oi. Tudo bem com você?

Ficou quietinho de repente! Não me falou mais nada sobre o vídeo. Perdeu a língua?

Espero que não. Faria muita falta...

Saudades.

A.

Sophie sentiu a garganta secar e o coração voltara a bater, sacudindo dentro dela. Leu novamente cada palavra. Não podia ser verdade. Jesse e Adrian *não* podiam estar tendo um caso. Fechou a mensagem. As mãos tremiam. Queria vasculhar tudo antes que ele saísse do banho.

Queria mesmo?

Sim... Não! ...duelavam as vozes.

Merda, Jesse!

A confusão de sentimentos fazia a mente de Sophie girar como um peão. Os olhos corriam tão rapidamente pelas mensagens que ela começou a ficar tonta e percebeu que não estava conseguindo se concentrar. Respirou fundo. Voltou ao início e encontrou mais um email de Adrian; e mais outro, outro e outro. Seu coração engasgou. Um email, em especial, chamou-lhe a atenção. Fora enviado uma semana antes, com um arquivo em anexo. Era um vídeo. *Não, por favor, que não seja o que eu estou pensando...* Abriu-o imediatamente e teve uma sensação de *déjà vu*.

À sua frente estava Adrian remexendo os quadris, virando-se, levantando o minúsculo vestido prateado, enfiando a mão dentro da calcinha e toda aquela performance vulgar que Sophie havia visto em seu sonho.

O que você fez Jesse? O que você fez conosco?

Por mais que ela quisesse fechar o vídeo ou desviar os olhos da tela, não conseguia. Ela tinha que ter certeza, como se já não tivesse desde que acordara. Assistiu até o final, mas o vídeo não terminava com Jesse puxando-a para o seu colo, como ela esperava. Ao despir a calcinha, Adrian se virava para a câmera e sorria. A última imagem, congelada à sua frente − zombando dela, encarando-a com ar de vitória −, era o rosto redondo de Adrian com sua covinha grotesca.

Sentiu a garganta queimar e uma corrente elétrica correr por todo o corpo fazendo-a tremer por dentro. A respiração saiu quente e acelerada pelas narinas, que se abriam e encolhiam como um touro furioso.

Eu odeio você, Jesse. Odeio vocês dois!

Seria capaz de saltar sobre Adrian se esta estivesse à sua frente. Seria capaz de surrá-la, destruir de uma vez por todas aquele rosto de lua cheia. Poderia matá-la. Mataria ambos! Aliás, desejava isso mais do que qualquer outra coisa e, lendo a mensagem que Adrian enviara junto ao vídeo, sentiu como se o sangue em suas veias fosse uma corrente de mercúrio líquido transformando o seu corpo em uma massa compacta de ódio.

Olha o que eu tenho pra você hoje, meu querido. Aproveite!

PS: Não seria ótimo se Sophie entrasse na brincadeira? Fico excitada só de pensar!

Nenhuma de suas vozes interiores emitiu qualquer comentário. Um gosto azedo subiu-lhe à garganta e Sophie teve certeza de que iria vomitar, mas não perderia o controle tão facilmente. *Uma merda de traição não vai me derrubar, Adrian. Não mesmo!* Respirou fundo, deixou o ar inflar os pulmões e forçou a adrenalina a baixar.

A decepção começava a superar a raiva e Sophie foi invadida por uma fria certeza: ela queria descobrir tudo. Foi à pasta de itens enviados e procurou, com o coração endurecido, a resposta de Jesse àquele vídeo. E lá estava ela, enviada no mesmo dia.

Adorei o vídeo, pena que Sophie não aceitaria a nossa proposta.
J.

Apenas isso. Uma única frase jogava todas as certezas que ela tinha sobre Jesse no lixo; surrava-lhe o orgulho e destruía toda a confiança depositada nele. Os olhos queimavam, não de raiva; não mais de ciúmes, mas de decepção. Uma dor atingia algo profundo, algo que Sophie desconhecia.

Farei qualquer coisa para ver você feliz..., ecoava a voz de Jesse no porão de suas lembranças enquanto a outra frase bem à sua frente − *Adorei o vídeo, pena que Sophie não aceitaria a nossa proposta.* − destruía as boas lembranças á marteladas, seca e friamente.

Por um instante pensou que fosse uma armação de Adrian. Tinha que ser. Jesse não faria aquilo. Ou faria? A adrenalina misturada à raiva aguçou os seus sentidos e os olhos de Sophie foram encontrando, uma após a outra, várias mensagens. Ela não pensou em mais nada. Apenas agiu. Começou a encaminhar para o próprio email todas as mensagens trocadas entre eles. Queria ler todas, mas não naquele momento. Não ali, nem naquela hora, arriscando que Jesse entrasse e a pegasse em flagrante. Mais do que isso, queria sumir dali, mas não antes de fazer uma última coisa.

Fechou a tela do laptop com força, produzindo um som agudo, e levantou-se rapidamente. A parte de trás dos joelhos empurrou violentamente a cadeira de couro para trás fazendo-a bater contra a parede. Sophie se desviou agilmente da mesa e saiu a passos largos, sentindo a maldita intuição feminina cutucar novamente algum lugar do seu sistema nervoso.

Correu até o balcão da cozinha, pegou o celular de Jesse e buscou as últimas chamadas. A mais recente durara vinte e cinco minutos. Não conhecia o número, mas havia sido uma hora atrás. Jesse nunca atendia ou fazia ligações quando se exercitava, mas lá estava ela. Uma ligação recebida e que durara quase meia hora. Imediatamente, chamou o número de volta e apenas dois toques depois, uma voz feminina entrou em seus ouvidos.

— Ah, eu sabia que você ia mudar de ideia... — Sophie jamais esqueceria a voz de Adrian; irritantemente fina e desafinada.

Com o celular ainda grudado à orelha, levantou os olhos e viu Jesse entrando na sala pelo corredor.

— Está tudo bem, querida? — perguntou ele com o olhar transparente como o de um bebê.

Jesse estava sem camisa, com os cabelos molhados, exalando o cheiro fresco do banho e usando apenas uma calça preta de ginástica. Em outra situação, Sophie o acharia deliciosamente provocante com aquele abdômen e peitorais perfeitamente modelados, mas o olhar dela nem passou perto dos seus dotes físicos. Encarou-o tão friamente que Jesse parou.

— O que aconteceu? — indagou, com uma expressão assustada e confusa.

Sophie bateu o celular com força na bancada de aço escovado sem tirar os olhos de Jesse, que suspirou. Ela sabia que os pensamentos dele corriam rapidamente do celular para ela, para Adrian e para a sua traição. A sua merda de traição! Podia sentir os batimentos cardíacos dele acelerando e o suor invisível correndo pelas têmporas. A boca secando enquanto a garganta se fechava. Sophie desejou que ele se afogasse na própria saliva, caso ainda lhe restasse alguma.

Jesse retomou os passos em sua direção, calmamente, como se estivesse prestes a dominar um animal selvagem.

— Querida, você está bem? — perguntou, com hesitação.

À medida que ele se aproximava, o olhar dela passava do desprezo à fúria. Cada passo que ele dava em sua direção ela recuava dois, em silêncio.

— Sophie, pelo amor de Deus, fale comigo!

Sophie já sentira muita raiva antes, em diversas situações, mas nada se comparava ao que sentia naquele momento. Era tudo culpa sua. Depositara confiança demais em uma pessoa, algo que nunca fizera antes. Um fio gelado escorreu pelo seu estômago.

Jesse sentiu o ar frio exalando da respiração dela e suas palavras recuaram para dentro da garganta. Seja o que for que ele estivesse para falar, não disse.

Ainda sem desgrudar os olhos dele, Sophie tateou o assento do sofá em busca da bolsa que havia largado ali na noite anterior. No mesmo sofá onde fizeram amor e trocaram declarações apaixonadas. Momentos maravilhosos que já estavam se tornando apenas um vago traço em sua memória.

— Sophie, por favor, fale comigo. Eu...

Ela não o deixou terminar, seguiu quase correndo até a porta, sob o olhar ainda incrédulo e impotente de Jesse. Sophie pegou o par de sapatos ao lado da porta de entrada e foi embora sem dizer uma palavra. Ele tentou alcançá-la, mas a porta fechou quase em seus dedos. Ele a abriu rapidamente ouvindo os passos acelerados de Sophie descendo as escadas.

— Sophie! Sophie! — chamou-a, em vão.

Ela desceu as escadas pulando os degraus de dois em dois, chegando ao térreo em poucos segundos, como se a sua vida dependesse daquilo. Ao sair do prédio sentiu uma brisa fresca no rosto e foi como se o ar a despertasse de um transe. Só então, sentiu vontade de chorar. *Concentre-se!* Ordenou a si mesma. Calçou rapidamente o par de sapatilhas e subiu correndo pela rua pouco movimentada.

Virou à direita e continuou, sempre correndo, sem pensar que a sua casa ficava a quase cinco quilômetros de distância. O impacto dos pés no chão produzia uma onda intensa e ritmada em todo o seu corpo, despertando-a daquele pesadelo, das imagens de Adrian, do olhar de Jesse, das palavras de Jesse. Ela queria fugir de tudo aquilo, queria fugir de si mesma. Se não fosse pelo seu maldito dom das visões, ela jamais teria descoberto os segredos entre eles.

Suas pernas já se movimentavam por inércia. Sophie só sentia a bolsa bater contra a lateral da sua coxa, rodopiando no ar e batendo novamente. Foi neste momento que se deu conta de que estava com o seu laptop na bolsa o tempo todo. Não precisava ter usado o computador de Jesse, mas o fizera, inconscientemente, à procura de garantias porque, no fundo, ela sabia, desde o início, que aquilo nunca fora somente um sonho. Ela sabia o que encontraria naquele computador e odiou-se por isso. Sentiu algo úmido em seu rosto e, rapidamente, passou a mão pelas bochechas enxugando o fio de lágrimas. Não choraria por Jesse. Não choraria por si mesma. Não choraria, e basta.

O celular soou abafado em sua bolsa e ela não atendeu. Seus passos aceleravam ainda mais à medida que a tristeza se transformava em um aperto constante e cada vez mais forte em seu peito. *Eu o odeio por isso, Jesse. Você não tinha o direito de fazer isso comigo, não tinha o direito!* Sua voz, mesmo que muda para o resto do mundo, transformava-se de um grito enfurecido a uma fria sentença de morte. A morte de um sentimento, da ideia de uma vida a dois e de todas as coisas românticas e idiotas que isso representasse.

Sophie engoliu centenas de lágrimas de uma só vez. Havia aprendido isso com o pai quando a espancava e a obrigava a ficar calada para que ninguém a ouvisse. Havia aprendido muitas coisas por causa dele: como se fechar feito uma ostra, afastar-se de tudo e de todos e isolar-se em seu mundo restrito de dor e abandono. De Sophie, os homens tiveram apenas o que *ela* quis, durante o tempo em que *ela* os desejara e nada mais. Quando um relacionamento terminava (se é que podiam ser considerados "relacionamentos"), nunca mais voltava a sair com mesma pessoa. Deixava-os apenas com água na boca.

Fora assim até acreditar em Jesse. Até abrir-se totalmente para ele. Era tão fácil estar com Jesse... A vida era tão simples e segura ao seu lado... E ele a aceitava como ela era; amava-a como ela era.

Não, não amava, sua idiota! Você, por outro lado, deixou-se levar. Agora, veja só! Repreendeu-se. Mas nunca era tarde para enfiar os sentimentos novamente nas profundezas da sua alma, junto com as lembranças de seu pai e de todas as mentiras sobre o seu passado. E ela sabia como fazer isso. Sentiu as chamas que a incendiaram tantas e tantas vezes ao lado de Jesse se apagar em um único e gélido sopro que zuniu em seu ouvido. Um arrepio percorreu-lhe o corpo.

Sophie corria sem perceber que o que deixava para trás eram mais do que ruas, casas e carros. Eram minúsculos pedaços de si mesma e, quando estava longe o bastante de Jesse e de tudo o que ele representava, desacelerou os passos com o maxilar tão enrijecido que lhe doía tanto ou mais do que o coração.

Uma única frase ecoava em sua mente: "pena que Sophie não aceitaria a nossa proposta". E a outra frase, dita quando ela estava nos braços de Jesse diante da lareira na romântica vilazinha sobre as águas congeladas, não se fez mais ouvir. Nem agora, nem nunca mais.

Mais de meia hora depois de uma corrida frenética, Sophie chegava a casa, entorpecida e ofegante. Era como se sua mente estivesse envolta em hidrogênio líquido. Havia apenas uma fria e úmida névoa entre ela e a sua ira; entre ela e a sua dor. Virou a chave na fechadura e, tão logo entrou, Anne pulou em seu pescoço.

— Ah, Sophi, eu estava tão preocupada! Você não atendeu à minha ligação! — Quando Anne soltou-lhe o pescoço, logo notou que Sophie usava calças de pijamas masculinas, regada sem sutiã e calçava sapatilhas. — Eu sabia que alguma coisa estava errada. Eu sabia — falou para si mesma. Anne tinha dessas coisas, de sentir à distância quando Sophie estava com problemas.

— Está tudo bem... — murmurou, sem entonação alguma, controlando os batimentos cardíacos muito acima do normal.

Mais baixa que Sophie e com curvas mais acentuadas, Anne sempre cuidara da amiga desde que se conheceram no orfanato, aos sete anos e, por isso, sabia que ela estava mentindo. Vinte anos de convivência lhe garantiam essa segurança.

— Ah, mas você não está bem mesmo! — exclamou, caminhando até a cozinha, verificando o molho do macarrão na panela. Anne sempre cozinhava quando estava agitada, embora ainda fossem onze e meia da manhã de um domingo de sol. — Pode começar a falar!

Sophie mal sabia o que dizer. Deveria começar pelo vídeo, pelo telefonema ou pela frase de Jesse a Adrian? Ou, talvez, pelo começo, onde tudo sempre começa em sua vida: uma visão. Uma merda de uma visão!

— Pelo amor de Deus, *Sophi*! O que aconteceu? — implorou Anne, paralisada do outro lado do balcão da cozinha olhando para Sophie ainda em pé no meio da sala, com os cabelos quase negros alvoroçados, as bochechas ainda vermelhas da corrida e a pele brilhando de suor nos braços nus.

— O Jesse e a Adrian. Eles têm um caso. — As palavras mal saíam de sua boca. — Eu li os emails... e...

— O que? — interrompeu Anne, com um grito estridente.

— A Adrian mandou um vídeo dela dançando, fazendo um strip-tease, e dizendo ao Jesse que desejava um sexo a três... — falou, quase mecanicamente, estreitando os olhos — pelo menos eu acho que era isso o que ela quis dizer com aquele comentário. — Anne apoiou no balcão vendo Sophie falar, com um olhar duro e vazio. — E ele respondeu a mensagem. Jesse disse que adoraria fazer um *ménage*, mas era uma pena que eu não aceitaria... — virou-se de costas e seguiu ao sofá.

Anne buscou alguma palavra, qualquer uma, mas todas haviam fugido de sua boca. Ficou com os lábios entreabertos, tentando dizer alguma coisa, até que emitiu um doloroso gemido.

— Ooohhh... Sophi... eu... — soltou a vasilha que tinha nas mãos, desajeitadamente sobre a pia, e foi até Sophie. — O que o Jesse falou sobre isso?

— Eu não falei com ele, apenas saí de lá — respondeu, quase sussurrando. — Eu não quero nunca mais vê-lo ou ouvi-lo, Anne.

Anne podia sentir as emoções de Sophie sendo controladas sob aquela ausência de expressão, e isso não era nada bom.

— Mas isso não é coisa do Jesse — ponderou.

— Não, Anne! — exclamou, interrompendo qualquer tentativa de Anne de acalmar a situação. — Nem tente!

— Ele jamais faria isso a você! — exclamou, indignada. Se um dia criassem um fã clube de Jesse, Anne seria a fundadora. Além do mais, ela o conhecia muito bem para não engolir fácil aquela história.

— Anne, eu vi o vídeo e li os emails. Você acha que estou ficando louca? — perguntou em um tom ameaçador, virando-se de frente para a amiga, no sofá.

— Não, claro que não. Olha... Eu posso esperar qualquer coisa da Adrian, até mesmo um vídeo pornô nojento e vulgar para tentar seduzir o Jesse, mas ele...

— Ele é um merda, Anne. Todos são uns merdas, alguns mentem melhor do que outros. Só isso.

Sophie levantou-se do sofá, caminhando sem rumo pela sala e Anne se calou. Brandon já havia mentido para Anne uma vez. Escondera que tinha uma filha e que era separado, mas isso fora quando a relação deles ainda estava no começo. O segredo durara apenas algumas semanas. Fora isso, era um companheiro maravilhoso.

— Sophie, você tem todo o direito de estar com raiva, mas pense bem...

Anne mal pôde terminar o raciocínio e o celular de Sophie tocou. *Bring me to life*, a música preferida dela, e que anunciava o número de Jesse, soava-lhe agora como uma provocação. Ela quis pegar o celular e jogá-lo contra a parede, mas não o fez. Enfiou a mão na bolsa, arrancou-o com força, colocou no silencioso, deixou que Jesse urrasse sem ser ouvido e se levantou.

— Você vai ter que falar com ele uma hora. Por que não dá uma chance de ele se explicar?

— Anne, não — respondeu, taxativa, colocando o celular sobre a mesa redonda da pequena sala de jantar. Anne foi até ela.

— Venha, vamos beber alguma coisa — disse, pegando-a pelo braço e acomodando-a na banqueta em frente ao balcão da cozinha.

Serviu-lhe um copo com água, sentou-se à sua frente e pousou as mãos sobre as dela. Sophie bebeu a água, olhou para Anne e sorriu. Um sorriso tímido e infeliz, mas sorriu. Mil imagens passaram em sua cabeça de quando ambas eram garotinhas e Anne sempre a amparava. Até mesmo em seus piores e mais difíceis momentos, Sophie sempre pôde contar com ela. *Para tudo e para sempre*, era o lema de uma amizade nascida no abandono e na dor.

Depois que Anne conhecera Brandon e a relação de Sophie com Jesse se estabilizara, parecia que ambas haviam encontrado os próprios caminhos independentes uma da outra. Agora, Sophie não faria Anne refém dos seus problemas novamente. Por isso, forçou um sorriso mais largo, baixou a cabeça e suspirou.

— Sabe de uma coisa? — começou, engolindo a própria dor e mudando de assunto como se tivesse trocado o canal da televisão. — Acho que devemos planejar as nossas férias deste ano. O que você acha?

Anne quis dizer “Férias? Como você pode pensar em férias agora?”, mas não falou nada. Sorriu, levemente. Conhecia Sophie e sabia ler nas entrelinhas a clara mensagem: “não quero mais falar sobre isso”. Portanto, apenas concordou.

— Claro, minha amiga — ela sabia que aquele era um dos momentos quando Sophie empurrava as suas dores para um lugar profundo e exclusivo onde só mais tarde − e sozinha − ela as confrontaria novamente.

Enquanto Anne servia-lhes um macarrão que cheirava a azeite e manjericão, passaram a planejar as férias que estavam a menos de um mês. Normalmente, tiravam férias juntas em Setembro e aproveitavam para comemorar o aniversário de Anne. Mas neste ano, ela comemoraria com Brandon, por isso, os planos teriam que ser diferentes.

Planejavam passar as duas últimas semanas de agosto juntas, pouco depois do aniversário de Sophie. Estavam em dúvida entre Finlândia e Itália. Sophie preferia o frio nórdico, claro, e Anne, obviamente, o verão italiano. Havia ainda o fato de Thomas − o meio irmão de Sophie − vir da África do Sul passar um período com elas. Dependiam de uma resposta dele para decidir exatamente quando e onde passariam aqueles quinze dias de férias.

Sophie estava quase aceitando a viagem à Itália quando ouviu um chamado em sua mente.

Ei, maninha! — A voz de Thomas soprou em seu cérebro como uma brisa quente e úmida de verão, causando-lhe um arrepio excitante no couro cabeludo.

Enquanto uma parte de Sophie discutia com Anne os prós e contras sobre a Itália, a outra respondia ao irmão com alegria. A telepatia entre ambos havia se tornado parte fundamental em suas vidas.

— *Fala Tommy! — E aí, mana? Tudo bem?* — perguntou ele, como se falassem ao telefone, numa conversa descontraída e rotineira. Sophie não viu necessidade de lhe dizer que acabara de saber que o namorado a traíra, então, fingiu. *— Tudo bem. — Legal. — Algum problema? — Não, eu só queria saber de você, nada sério.* — Era óbvio que Thomas havia sentido o estresse de Sophie, e ela tratou de dar andamento à conversa evitando que ele lhe perguntasse alguma coisa. *— Foi ótimo você me chamar. Estou programando nossas férias com a Anne. E aí, você vem a Londres?* — deu-se um estranho silêncio e Sophie o chamou novamente. *— Thomas? — Estou aqui, mana...* — respondeu, com uma voz hesitante. *— O que foi Tommy? — Eu não sei se vai dar... É que a Amy pediu para que eu ficasse por aqui. Ela ainda não se recuperou da morte da mãe. Um mês é muito pouco, você sabe...*

Sophie sorriu complacente e Anne não percebeu que a amiga esticava um meio sorriso para o lado não porque Anne lhe falava do quanto seria legal jogar a moedinha na Fontana di Trevi.

— Tommy, não se preocupe. É claro que eu entendo. Não é fácil perder uma mãe, nós dois sabemos como é. Fique com ela e nem pense mais nisso, entendeu? — Sophie podia jurar que Thomas lhe dera um sorriso também, exibindo uma carreira bem feita de dentes brancos, enquanto seus olhos verdes se estreitavam ingenuamente. *— Obrigado, Claire.*

Ele sempre chamava a irmã pelo nome de batismo. O nome Sophie fora uma invenção do pai dela, depois que a sequestrara da própria mãe quando ela tinha ainda três anos. Sophie crescera sem saber que tinha uma mãe, Emilie, e um meio irmão, fruto do segundo casamento de Emilie com Peter. Graças à telepatia entre os irmãos, Thomas conseguira encontrá-la há cerca de um ano. Fora um período intenso da vida de Sophie, física e emocionalmente, deixando-a à beira da morte, mas valera à pena. Mesmo que tenha conhecido a mãe apenas por alguns minutos, a experiência trouxera à superfície a sua verdadeira essência e Sophie lhe era grata por isso.

Tão logo a conversa mental com Thomas terminara Anne a olhou atentamente e percebeu que o olhar de Sophie havia mudado. Voltava a ter o brilho intenso novamente. Anne era a única pessoa capaz de perceber quando Sophie estava ou não dividindo sua mente e sua atenção com Thomas e, naquele momento, se deu conta de que deveria ter falado sozinha por muito tempo. Bateu o guardanapo no balcão, fingindo-se ultrajada.

— Por acaso você ouviu alguma coisa do que eu disse?

— Claro — respondeu, confiante. — Você disse que a sua cliente, a Sra. Thompson, tem um apartamento em uma pequena cidade na Itália e que o colocou à nossa disposição durante todo o mês de agosto e...

— Ok, ok. Não precisa se exibir... — bufou e rolou os olhos em rendição. — Depois de tanto tempo eu ainda me admiro com essa coisa entre vocês... — Sophie sorriu, timidamente. — Como vai o Thomas?

— Está bem. Ficou meio sem graça de me dizer que não poderia vir nos ver nas férias.

— Por causa da Amy, não é? — arriscou, e Sophie concordou com a cabeça. — Coitadinha, eu achava mesmo que seria um absurdo ele deixar a pobre menina sozinha neste momento. — A doença a levou tão rápido, não acha? — Sophie limitou-se a murmurar alguma coisa — Talvez tenha sido melhor. Muitas pessoas sofrem meses, até anos fazendo quimioterapia. É muito triste.

Sophie deu as primeiras garfadas no es*paghetti* preparado pelas mãos mágicas de Anne e um silêncio confortável pairou entre elas, até que Sophie murmurou uma pergunta.

— Sabe como eu soube do Jesse e da Adrian?

— Pelos emails, não foi? — respondeu, distraidamente, enrolando os fios do macarrão entre os dentes do garfo.

— Sim, mas sabe como cheguei a eles?

Anne parou a manobra do garfo e encarou Sophie, hesitante.

— Não me diga que elas voltaram.

— Foi apenas uma visão. Acordei achando que eu tinha sonhado, mas...

— ...você nunca sonha — completou, com um ligeiro desdém.

— Pois é. Quando acordei, eu sabia que aquilo só podia ter a ver com alguma coisa que Jesse estava sentindo. Tentei negar para mim mesma, juro que tentei acreditar que tinha sido um sonho. Eu fiz de tudo para não pensar naquilo — continuou, em um desabafo sem pausas —, mas, mais tarde, quando vi a tela com os emails dele na minha frente, eu sabia que havia alguma coisa ali. É sempre assim. Depois de algumas visões, eu tenho essa atração irresistível por alguma coisa e eu sei que estão relacionadas. Eu não consigo parar até descobrir — baixou a cabeça e suspirou. — Torna-se quase uma obsessão...

Claro que Anne sabia. Quantas vezes tentou evitar que Sophie fosse atrás das suas intuições malucas? Mas tinha que admitir que, no final, elas sempre se mostravam corretas.

— Se eu tivesse encontrado só emails dela para ele eu não teria nem me importado. De verdade. Adrian sempre correu atrás dele, mas eu nunca poderia esperar por aquilo. O Jesse foi... — a campainha da casa soou e Sophie pulou na banqueta. — Merda, Jesse! — praguejou em voz alta.

Anne olhou para ela e nem deu tempo de lhe dizer alguma coisa. Sophie se levantou bruscamente e a advertiu.

— Se você abrir aquela porta, Anne, eu juro que eu mato você — os olhos de Sophie estavam faiscando, mas Anne não se rendeu.

— Deixa de ser criança. Você precisa dar a ele uma chance — intimou, levantando-se e seguindo até a porta.

— Anne, não! — gritou, inutilmente.

— Entra, Jesse — disse Anne, e Jesse entrou rapidamente, indo em direção à Sophie que lhe virou as costas, pegou a bolsa sobre a mesa e começou a subir as escadas.

— Sophie, por favor, me ouça! Não é o que você está pensando! — exclamou, vendo-a subir as escadas. E a voz dela soou friamente.

— Vai embora, Jesse — falou, sem ao menos se virar para encará-lo.

— Sophie... !

— Jesse... — sussurrou a voz de Anne. — Não adianta. É melhor você ir. Eu ligo pra você mais tarde — ouviu Sophie, pouco antes de subir os últimos degraus e seguir pelo corredor até o seu quarto.

Fez-se silêncio no andar de baixo da casa e alguns segundos depois, a porta se fechou. Só então Sophie sentiu seu coração voltar a bater. Os passos de Anne vinham lentamente pela escada e Sophie não tinha certeza se queria continuar aquela conversa. Sentia uma dor estranha bem no meio do peito e isso era inadmissível. Fechou a porta do quarto e ouviu os passos de Anne se aproximando. Viu sua sombra por baixo da porta e suplicou intimamente para que a amiga não a chamasse. *Vai embora, Anne, por favor, vai embora.* E como se ela pudesse ouvi-la, Anne se afastou.

Sophie fechou as cortinas e foi ao banheiro tomar uma ducha rápida. Desamarrou as calças e largou-as no chão, pisando sobre elas no caminho até o chuveiro. Aquilo lhe deu uma sensação boa. Pisar nas calças dele. Voltou e pisoteou mais um pouco.

Depois do banho, tomou uma pílula para dormir e se enfiou entre os lençóis. Cerrou os olhos e ficou imóvel. Engoliu os resquícios de autopiedade e raiva, botou tudo no mesmo quarto escuro das outras tantas tristezas e estava tudo acabado. Logo a sua mente começou a se desligar e a mergulhar no profundo vazio de que Sophie tanto gostava. Um vazio sem sonhos, apenas ela, a sua solidão e uma nova companheira: uma raiva contida. E isso era perigoso. Muito perigoso.

Capítulo 3

O aconchego e a paz silenciosa do sono duraram apenas uma hora e Sophie teria ainda toda a tarde de domingo para suportar. Não tinha vontade de sair do quarto ou de conversar com Anne. Queria apenas ficar sozinha e esperar a noite chegar para fechar os olhos e dormir novamente. Sentou-se na cama e ficou olhando a escrivaninha à sua frente, seu pequeno canto de recordações.

Um ano atrás, a parte superior do pequeno móvel de tampa retrátil era vazia e inútil. Mas isso fora antes de conhecer Thomas. Agora, estava repleta de porta retratos com fotos de sua mãe Emilie, Peter − o segundo marido de Emilie −, Thomas e a namorada, Amy.

Mesmo de longe, podia ver os olhos verdes e brilhantes do irmão sorrindo para ela. Ele tinha os mesmos olhos da mãe. Os cabelos lisos, escuros e sempre despenteados eram iguais aos do pai. Amy era uma graciosa menina de vinte anos, de cabelos claros tão finos que pareciam de bebê. Os olhos eram azuis e a pele muito branca salpicada de sardas. Era tão magra que Sophie tinha medo que ela se partisse inteira quando caminhava.

Perdeu-se nas recordações daquelas fotografias pensando na sorte que tivera de encontrar Thomas. Sentia apenas uma única tristeza: a de ter convivido tão pouco com a mãe. Apenas preciosos minutos dentro de sua mente. Um encontro de almas que mudara a sua visão de vida para sempre. Descobrira o significado de amor de mãe, amor de irmão e amor de filho em apenas alguns minutos. Intensos momentos que abriram a sua mente e o seu coração como uma comporta, sentindo-se inundar de algo morno e aconchegante, preenchendo um vazio que, até então, não sabia sequer existir. Provar daquela sensação fora decisivo para que Sophie aceitasse plenamente Jesse em sua vida. Aprendera, finalmente, a amar e ser amada. Mas, agora, teria que viver sem ele e sem o que ele passara a representar para ela.

Grande coisa! Você nem vai sentir falta. Desdenhou uma voz ferida e infantil dentro dela.

Suas lamúrias foram interrompidas por um fato emergencial. Lembrou-se das outras mensagens entre Adrian e Jesse que Sophie enviara a si mesma. Viu a bolsa largada no chão apoiada contra a escrivaninha e ondas de inquietação a agitaram.

Nem pensar, você não vai mexer com isso. Falou uma voz autoritária em sua mente. *Não vale a pena, pense em outra coisa. Vai até a cozinha, converse com Anne, saia para uma corrida, mas isso, não!*

Sophie, porém, nunca ouvia ninguém além dos seus instintos, mesmo que estes fossem masoquistas, suicidas ou totalmente irracionais. Saltou da cama, tirou o Mac da bolsa, apoiou-o sobre a escrivaninha e abriu-o. *Você vai se arrepender*, sussurrou uma voz dentro dela para quem Sophie não deu a menor importância. De novo.

Sentou-se na cadeira e, uma após a outra, via as mensagens caindo em sua caixa de entrada como gotas negras em prelúdio a um futuro turbulento. Uma, duas, três, quatro... Eram nove ao todo e Sophie espantou-se por não se lembrar de terem sido tantas. Ficou alguns instantes encarando-as, dando tempo a si mesma para desistir. O que aquilo mudaria? Já sentia raiva de Adrian e Jesse o suficiente para alimentar desejos bem mórbidos. Não precisava de ingredientes extras, pensou. Ou precisava?

Correu os olhos pelas mensagens decidindo-se qual abriria primeiro ou se não abriria nenhuma. Os títulos eram patéticos e previsíveis: “Oi”, “Saudades”, “Almoço?”, “Jantar”, “Sobre ontem à noite”. O coração de Sophie disparou. Clicou sobre esta, sem hesitação.

Oi, Jesse.

A noite de ontem só não foi mais decepcionante porque Joe me pagou um jantar maravilhoso no Chez Bruce. De resto, só mesmo com paciência e imaginação para tolerar aquele babaca.

Passei o jantar todo pensando em você e em nossas conversas. Fiquei tão excitada que tive que ir ao banheiro aliviar a situação. Ainda bem. Depois do jantar Joe me levou para o apartamento dele e o sexo foi tão rápido e trivial que mal tive tempo de fantasiar com você ou... você sabe com quem.

É tão frustrante... Penso em você e Sophie transando pela sala, no balcão da cozinha e no chuveiro. Penso no modo como você a toca e me imagino observando vocês, chegando mais perto e vendo Sophie com os lábios entreabertos, ofegante, enquanto você a beija e faz sexo com ela.

Joseph e eu não temos intimidade. O sexo com ele é banal.

Mande notícias! Ah, tem fotos pra você.

Sempre sua, A.

Sophie mal respirava. Era muito para assimilar. Sentia-se violada. Sua mente estava atordoada e as palavras eram como coices em seu estômago. As mãos começaram a tremer. "Fiquei tão excitada", "fui ao banheiro aliviar a situação", "fantasiar com você ou... você sabe com quem". Sophie, definitivamente, estava prestes a vomitar.

"Passei o jantar todo pensando em você e em nossas conversas" Que conversas eram essas? Sobre o que falavam? *Como se fosse preciso perguntar!* Debochou de si mesma.

Em meio às milhares de perguntas que brotavam em seus pensamentos Sophie percebeu as fotos anexas à mensagem e abriu-as, sem pensar no que poderia encontrar.

Adrian, certamente, tirara a foto sentada no vaso do banheiro do restaurante. Deve ter segurado a máquina, ou o que quer que tenha usado para fazer as fotos, no alto, cuja lente ficara virada para baixo, mostrando, no plano de fundo, o piso do banheiro, em xadrez preto e branco. Estava com as pernas abertas apoiadas na porta à sua frente, cobertas por meias de seda pretas presas às coxas por uma grossa faixa de renda aderente. Entre as pernas, a mão de Adrian cobria o sexo, ocultando parcialmente uma tatuagem de uma serpente na virilha.

Sophie não absorvera o impacto da primeira foto e passou para a segunda. A mão sobre a tatuagem não estava mais lá e a foto fora tirada de outro ângulo, com a lente próxima de onde Sophie *não* desejava ver.

Sentiu o estômago se encolher e os batimentos cardíacos se elevarem a níveis quase histéricos, mas continuou. Abriu a terceira foto, tirada do mesmo ângulo − como se ela tivesse posicionado a câmera entre as próprias pernas − com tudo o que se pode imaginar em primeiro plano, sem calcinha, seguido da barriga e dos seios mais ao alto e, de relance, a parte inferior do sorriso de Adrian.

Sophie engoliu algo que não era lágrima, nem saliva. Era bílis que subira pelo seu estômago querendo jorrar sobre a tela. A garganta se fechou e ela ficou com aquele gosto amargo preso na boca que se tornou ainda mais ácido quando viu a resposta de Jesse.

Cara A,

Não preciso "imaginar" a sua frustração porque você não deixou margens à minha imaginação. Não que eu esteja reclamando. Muito pelo contrário. Adorei. Por outro lado, você terá que continuar somente fantasiando. É impossível chegar perto de mim e de Sophie enquanto fazemos sexo.

Para a minha desesperadora tristeza...

J.

Desesperadora tristeza? Aquele não era o Jesse que Sophie conhecia e, naquele momento, ela não desejava saber qual deles era o verdadeiro. O que ele pretendia dizer com aquela frase? Que também fazia parte das fantasias dele um sexo a três? Que ele desejava transar com Adrian? Que ele...

Chega! Urrou um orgulho ferido e furioso. Algo muito parecido com ódio rugiu dentro dela como uma besta encurralada, desesperada para sair, atacar, destruir, trucidar. Sim, ela definitivamente queria matar os dois. Cortaria Adrian em pedacinhos, jogaria aos lobos e porcos – pobres animais – e faria Jesse comer os miolos dela crus. Poderia, ainda, arrancar-lhe unha por unha com uma chave de fenda. Ah... As opções estavam só começando.

Levantou-se violentamente da cadeira e passou a caminhar de um lado para o outro pelo quarto como um animal enjaulado, sentindo o coração tamborilar com força, com ira, com ânsia. Levou as mãos aos cabelos prendendo-os entre os dedos, agarrando-os, sentindo que estava prestes e perder o controle.

— Sophi... ? — sussurrou Anne do lado de fora, batendo levemente na porta. — Sophi...? — Sophie sentiu as palavras presas dentro do peito. Temia abrir a boca e acabar gritando. Ficou calada e Anne insistiu — Vou entrar, está bem? — ouviu o som da maçaneta virando devagar. Há semanas desejava passar lubrificante naquela porcaria, mas sempre se esquecia. Agora, aquele chiado agudo entrava em seus ouvidos aguçados e a enlouquecia. Fechou os olhos buscando o autocontrole afugentado pela fúria. Virou-se de frente para a janela, dando as costas para Anne que entrava no quarto lentamente. Abriu as cortinas com fúria.

— Ah, achei que você estivesse dormindo. Como você está? — perguntou, caminhando em direção a Sophie que se mantinha de costas para a amiga com receio de que os seus demônios saltassem de seus olhos sobre ela.

— Estou bem — balbuciou, no mesmo instante em que Anne parou diante dela com um ar perturbado.

— Não, você não está — e antes que ela começasse com a sua inquisição, Sophie virou-se e foi até o computador.

— Estou ótima! Veja por você mesma! — exclamou — Se era guerra que Adrian queria, é guerra que ela vai ter — rosnou entre os dentes, virando o laptop para Anne com a foto mais explícita aberta na tela, literalmente. Anne soltou um grito agudo.

— O que é isso? — perguntou, levando a mão à boca.

— Ah, quer mesmo que eu diga? — perguntou, com sarcasmo. — É a Adrian, ou uma parte bem profunda do corpo dela... E esta é apenas uma das fotos que ela mandou para o Jesse. E antes que você pense em falar alguma coisa, leia isso! — exclamou, debruçando-se sobre o teclado, pulando da foto para a mensagem de Jesse, com Anne já ao seu lado murmurando as palavras à sua frente.

— Não pode ser... Que grande filho da puta! — exclamou, e o seu tom não deixava claro se sentia repulsa, desapontamento ou raiva.

Sophie fungou, fechando com ira a tela do laptop.

— Sophi, fique calma, por favor.

— Não me peça isso, Anne. Não me peça!

— O que você está pensando em fazer?

Sophie não respondeu. Continuou rodando pelo quarto com uma das mãos na cintura e a outra sobre os lábios. Seus olhos ardiam e a sua respiração era tão quente que Sophie a sentiu queimando-a por dentro.

— Sophi... — insistiu Anne, com a voz branda.

— Eu vou acabar com ela, Anne. Eu juro que vou — murmurou uma voz irreconhecível de alguém diabolicamente enfurecido dentro dela.

Sophie voltou rapidamente ao computador e começou a ler as outras mensagens. Abriu a gaveta ao seu lado e puxou um bloco pequeno de anotações, escrevendo alguma coisa nele. Pareciam mais rabiscos do que palavras e Anne não ousou perguntar o que eram, apenas acompanhou (ou tentou acompanhar) os movimentos da amiga no computador. Via as mensagens de Adrian e Jesse abrindo e sumindo intercaladas com a página do Google que pesquisava, incessantemente, palavras que quando Anne tentava ler, Sophie já saltava para outra tela. Escreveu mais duas ou três palavras no bloco de notas e continuou com a sua corrida cibernética sem que Anne emitisse um único som. Era evidente que ela procurava por alguém, mas quem?

Sophie acessou o website de uma empresa chamada BRT London, aparentemente uma agência de publicidade que Anne só conseguiu ver porque Sophie pousou os dedos parados no teclado por mais de dez segundos. Mas logo passou a clicar em links até encontrar o que queria. A página do CEO da empresa, Joseph Kordish, um homem magro, beirando os cinquenta anos, cabelos escuros ligeiramente grisalhos nas laterais, um sorriso enigmático puxado de lado e os olhos muito azuis sob suaves sobrancelhas escuras. Não era mal como figura masculina.

Sophie passou o mouse sobre o link “Contato”, puxou o bloco de notas mais uma vez e anotou, desta vez mais lentamente, e Anne conseguiu decifrar. kordishceo@brtlondon.com**.**

— Quem é ele? — indagou.

— É o namorado da Adrian — murmurou Sophie. — Futuro ex-namorado, se me permite... — falou com acidez.

— Sophie, o que você vai fazer?

— Dar o troco — respondeu, sucinta.

— Não! — exclamou Anne, virando Sophie pelos ombros, tirando-a daqueles pensamentos nebulosos que se instalavam dentro dela. — Não faça isso, Sophi. Não agora, por favor. Esfrie a cabeça, primeiro. — Sophie encarava Anne com indiferença. — Vamos descer, tomar um chá e conversar a respeito disso, está bem? — Sophie não se moveu. Mantinha os olhos fixos em Anne, como em um transe. — Sophi, por favor, se depois da nossa conversa você ainda estiver pronta para isso, então faça, mas não agora. — Sophie piscou e Anne respirou aliviada. — Isso, minha amiga. Vem, vamos descer um pouco...

Desceram as escadas em silêncio, com Anne segurando-a pela mão como uma criança. Sentou-a no banco da cozinha e ligou a chaleira elétrica. Serviu dois sachês de chá e assim que a água borbulhou, versou o líquido quente dentro das xícaras. Sophie emitiu um gemido profundo misturado ao aroma de camomila e hortelã.

— Você quer mesmo mandar aqueles emails para o namorado da Adrian? — perguntou Anne, empurrando delicadamente a xícara em direção à Sophie.

— Talvez — respondeu, com uma voz gutural.

Anne domou as palavras. Enquanto o tempo e o aroma do chá ajudavam Sophie a colocar as ideias no lugar, Anne começava a sentir, realmente, raiva de Adrian e, provavelmente, se estivesse no lugar da amiga (e com as mesmas habilidades para encontrar uma pessoa na internet) faria a mesma coisa ou pior, mas jamais diria isso a ela.

— Por que você acha que aquele é o namorado dela?

— Eu sabia o nome dele.

— Ah...

— Eu espiei os email de Jesse por um tempo, depois que voltamos de Pretoria — confessou, ligeiramente envergonhada, enquanto Anne não verbalizou nem uma palavra de julgamento. — Hoje, lembrei-me de quando ela contou ao Jesse sobre o início do namoro. Eu me lembrava de que ele se chamava Joseph e que era diretor de Marketing ou algo assim de uma agência de publicidade. — Sophie umedeceu os lábios com um minúsculo gole de chá e continuou. — Em um dos emails atuais, ela chamou o namorado de Joseph, então, pensei que, milagrosamente, ainda poderia ser o mesmo. — Anne a encarava em silêncio. — Em uma mensagem antiga ela havia sugerido se encontrar com Jesse e disse que sairia do escritório do namorado, em Chelsea. Precisei só de um pouco de paciência e sorte para encontrar.

— Mas deve haver dezenas de Joseph diretores de empresas de Marketing em Chelsea, não?

— Quatro, na verdade.

— E como você sabe que *aquele* é o cara?

— Eu não sei. Mas tenho que começar por alguém...

— Sophie, você acha mesmo que vale a pena todo este esforço?

— Anne, neste exato momento, eu só quero que ela sofra — respondeu com rispidez e determinação. — Ou você acha que uma pessoa pode fazer o que quer com a vida dos outros sem nenhuma consequência?

— Sophie, eu...

— Olha, eu não estou arrasada pelo fim do meu namoro com o Jesse. Eu quero que ele se foda, pra ser bem sincera. — Anne tomou o primeiro gole de chá, assustada com a mistura de sentimentos que via à sua frente. Ira, dor, tristeza, ódio? — Não é esta a questão. É que eu não posso aceitar que ela saia disso ilesa! A vida não pode ser assim simples para pessoa como ela! — bateu a xícara na bancada com mais força do que desejava, fazendo o chá espirrar sobre a mesa.

Anne quase engasgou e, em seguida, suspirou, tirando do fundo da memória um assunto delicado, mas pertinente. Tinha que falar sobre aquilo naquela hora. O momento exigia uma intervenção imediata e radical.

— Você me faz lembrar a Ashley... — Sophie olhou-a, confusa, pra não dizer assustada.

— Do que você está falando?

— É isso mesmo. A Ashley. E você sabe do que estou falando — respondeu, duramente, quase em desafio.

— Mas de onde você está tirando isso? — perguntou, com espanto. — Anne, você não está querendo, realmente, falar sobre isso agora, está?

— Não sou eu que estou desenterrando fantasmas do passado, Sophie. Você está. Essa coisa toda de vingança me fez lembrar aquela confusão e de como tudo terminou. Ou melhor, de como aquilo ainda *não* terminou...

— Eu sei aonde você quer chegar, Anne.

— E você? Sabe aonde *você* quer chegar levando seu plano adiante? Tem ideia de onde isso pode dar?

Sophie calou-se, desviando o olhar de Anne para o jardim atrás da amiga, nos fundos da cozinha. O céu estava banhado por uma luz alaranjada do crepúsculo de verão. Estavam praticamente na mesma época em que Sophie e Ashley se enfrentaram, dezoito anos antes. Sophie acabara de completar onze anos e Ashley tinha quase treze.

Trazer Ahsley de volta, naquele exato momento, era usar ferro quente para cicatrizar uma ferida. Poderia resolver, mas doía pra burro. Ashley era, provavelmente, a segunda pior pessoa que conhecera. Só perdia para o seu pai.

Sophie não queria ser igualada a ela, mas se fosse este o preço a pagar para dar a Adrian o que ela merecia, Sophie não se importava. Só havia um problema: ela tinha medo, realmente, do que poderia se tornar.

Capítulo 4

Aslhey era uma menina de descendência indiana, com os cabelos extremamente brilhantes e sedosos, tão negros quanto os pêlos de uma pantera. Tinha os olhos igualmente escuros e profundos. Era alta e esguia e caminhava com a cabeça erguida, segura de si e do seu lugar no mundo. E ela nunca estava sozinha. Havia sempre duas ou três amigas-capachos com ela. Meninas pálidas e com baixa autoestima. Os rapazes do instituto se dividiam entre os que a admiravam e os que a temiam.

A maioria das crianças fazia o que ela mandava. Alguns ousaram a desobedecê-la e acabaram se dando tão mal que se tornaram exemplo de como "não" agir. Como Zoe, uma menina negra, quieta por timidez e com profundas marcas nos braços. Cicatrizes do incêndio que matara seus pais quando ela era ainda um bebê. Zoe fora a única sobrevivente do fogo que destruíra um sobrado de três andares e oito quartos. Em cada quarto morava uma família diferente. Casal e filhos amontoados, disputando espaços entre caixas de papelão e alguns colchões.

A família de Zoe morava no último andar e era a única em casa no momento do incêndio. Fora a mãe quem conseguira tirá-la de dentro da casa, jogando-a pela janela, num desespero materno de salvar a própria cria. A queda seria fatal caso Zoe não tivesse, primeiro, caído sobre uma árvore. Talvez a sua mãe tivesse realmente planejado que o bebê de três meses caísse sobre os ramos espessos; talvez tenha sido pura sorte, ninguém nunca viria saber.

Quando Ashley estava particularmente entediada, dedicava suas ácidas atenções à pobre menina. Uma das poucas amigas de Zoe contara a Anne que Ashley conseguira, por muito tempo, controlar a garota ameaçando-a com uma história absurda de invocar os fantasmas dos pais da menina. Ashley inventara que era descendente de uma família de xamãs, que poderia fazer contato com qualquer pessoa morta, e que a menina não iria gostar se ela fizesse isso.

Ashley encheu a cabeça de Zoe dizendo que a mãe dela não queria salvá-la quando a jogou pela janela, mas estava tentando matá-la. Como havia falhado, estava presa entre o mundo dos vivos e o dos mortos e, para concluir a sua missão, tinha que matar a filha.

A pobre Zoe acreditou e, por meses, tornou-se a serva de Ashley só para que ela deixasse os fantasmas dos pais do outro lado. Depois de muita tortura psicológica, a menina desabafara com a amiga Hanna que, com pavor nos olhos, levou todo o caso à diretora Elena. Ashley fora punida e Zoe teve uma semana para se curar do trauma antes que Ashley viesse sobre ela novamente.

Durante uma noite fria e chuvosa, enquanto Zoe dormia, Ashley encheu os cabelos grossos e crespos da menina com uma cola que afanara do atelier nas aulas de artes. Depois de ter certeza de que esvaziara o tubo entre os fios espessos do cabelo da menina, escondeu a bisnaga sob o travesseiro de Zoe, limpando a mão no lençol da menina.

Na manhã seguinte, quando a infeliz criança acordou e deu-se com os cabelos colados, Ashley passou por ela e disse "Quem mexe comigo, mexe com os mortos. Viu o que eles fizeram com você?".

Além de ter que quase raspar a cabeça, Zoe sofreu pesadelos por várias semanas. Sonhava que fantasmas queriam pegá-la. Sonhava com fogo e monstros noturnos e não era rara a noite em que acabava fazendo xixi na cama. Até que as suas poucas amigas conseguiram convencê-la de que tais criaturas não existiam e muito menos roubavam colas das salas de aula para passar nos cabelos das crianças!

Depois disso, Anne e Sophie passaram a prestar mais atenção a Zoe e tentavam, sempre que podiam, protegê-la das perversidades de Ashley. Foi em uma destas vezes que ambas atraíram a atenção de Ashley mais do que o necessário e passaram a fazer parte da lista dos torturados da menina.

— Então...? — insistiu Anne, percebendo que os pensamentos de Sophie estavam longe.

— Então o que? — perguntou, distraída.

— Você vai mesmo insistir nisso? Vai procurar o tal namorado da Adrian? — Sophie baixou os olhos, lembrando-se de tudo o que vivera nas mãos de Ashley e nas consequências de seus atos de vingança.

— Eu sei que não devo, mas o que eu faço com o que estou sentindo? — respondeu com uma pergunta que Anne não lhe respondeu de volta. — Eu não sei o que fazer com isso...

Sophie voltou a sentir o gosto amargo na boca novamente. Ainda remoia o desejo de revidar. Não era justo que ela sofresse sozinha o que Adrian lhe causara. Irritada, subiu para o seu quarto novamente, deixando Anne observando-a, calada. Ela sentiu um arrepio, mas não podia fazer mais nada. Sua última cartada havia sido dada. Não havia mais truques na manga.

Sophie deparou-se com o laptop aberto sobre a escrivaninha. Seria tão fácil revidar, mas Anne havia tocado em uma ferida profunda demais invocando Ashley de volta. Sophie torceu os lábios, lembrando-se que a sua experiência do passado a havia lançado perigosamente ladeira abaixo. Não somente ela, mas Anne também.

À medida que Anne e Sophie passaram a proteger Zoe, Ashley reclamou o seu direito de substituir Zoe pelas duas novas amigas. Em princípio, limitava-se a esbarrar em Anne propositadamente no corredor ao ponto de fazê-la cair de costas, às vezes. Com Sophie, contentava-se em chamá-la de "aberração" e fazer caretas. Nem uma coisa nem outra chegavam a atingi-las, realmente. Eram apenas provocações que ambas passaram a ignorar com o tempo, graças aos conselhos da diretora Elena, uma figura forte, sem ser autoritária, e que tinha por Anne e Sophie um carinho especial. Para as meninas, Elena fora a mãe mais próxima que tiveram.

Já quase no final do período escolar, durante uma tarde morna de primavera, Ashley estava obcecada por Sophie. Perseguiu-a por toda a manhã com direito a esbarrões, rasteiras e até um banho de tinta no atelier.

— Puxa, como sou desastrada! — exclamou, dissimuladamente, depois de tropeçar e derramar todo o pote de tinta sobre Sophie, que teve que deixar a aula de artes para ir se limpar no banheiro do dormitório feminino.

Enquanto limpava os cabelos, Sophie começou a ter uma visão. Segurou-se o quanto pôde na pia, mas acabou caindo. Vestia apenas uma toalha enrolada ao corpo. Ashley também subira para trocar as meias e os sapatos que ficaram sujos de tinta (não precisava, mas insistiu tanto que Belinda Barnes, a professora de artes, permitiu) e, quando ouviu o som agudo da escova de cabelos caindo no ladrilho frio do banheiro, correu até lá.

Ao ver Sophie no chão, não pediu ajuda. Ao invés disso, aproximou-se e certificou-se de que Sophie não se lembraria do que estava prestes a fazer. Os olhos de Sophie, entreabertos pelo transe, estavam virados para dentro do mundo secreto daquela garota estranha que tremia quase convulsivamente no chão.

Quando Sophie recobrou a consciência, quase três minutos depois, sentiu algo pegajoso e pesado em seus cílios. Abriu os olhos e estes começaram a arder intensamente, como nunca sentira antes. Sophie esfregou-os com o dorso das mãos e tudo piorou. Eles estavam cheios de pasta de dente e Sophie gritou. Os gritos abafaram a risada fina de Ashley que corria de volta ao quarto.

Os olhos de Sophie queimavam enquanto a pasta de hortelã devorava suas órbitas como dentes afiados. Tentava abri-los, mas não conseguia. Em meio a gritos de dor, lágrimas escorriam em seu rosto, traçando um fio pela pasta de dente borrada nas bochechas. Sophie rezava para que as lágrimas ajudassem a enxaguar os olhos, mas não estava melhorando. Tateando pela base da pia, conseguiu agarrar-se à borda e se levantar, chegando rapidamente à torneira. Abriu-a e enfiou as mãos sob a água, afundando o rosto entre elas.

À medida que a dor física diminuía, outro tipo de dor surgia e ganhava força. Uma dor que ela já conhecia dos tempos em que vivera com o pai. A dor da humilhação e da revolta que atingiam, em cheio, o meio do peito.

Sophie bufava com o rosto afundado na água, sentindo algo incontrolável começar a dominá-la. Elena chegou correndo, seguida de Ashley e Anne, que fugira do atelier às pressas ao ouvir os primeiros gritos de Sophie.

— O que aconteceu? — perguntou Elena, tirando os cabelos de Sophie de dentro da pia, enquanto ela ainda mantinha a cabeça enfiada sob a torneira.

— Eu não sei, Sra. Elena — respondeu Ashley, com uma voz cândida, parada à porta do banheiro. — Eu já estava quase nas escadas, voltando ao atelier, quando ouvi a Sophie gritar. Voltei correndo para ver o que era.

Sophie virou-se para ela com os olhos vermelhos de ardor e de raiva e gritou, enfurecida, correndo em direção à Ashley, fazendo respingar dos cabelos pesadas gotas de água no chão.

— Sua mentirosa! — projetou-se em direção à menina, que não passava de uma figura embaçada à sua frente, e empurrou-a com força. Ashley, que não esperava por aquela reação, fora jogada para trás, caindo de costas no chão.

— Sophie! – exclamaram Elena e Anne ao mesmo tempo, mas Sophie não parou. Inclinou-se até Ashley ainda caída no chão que, pela primeira vez, tinha medo e surpresa nos olhos.

— Foi você! Eu sei que foi você! — urrou, caindo sobre ela e esmurrando-a onde os punhos podiam atingir. Seus olhos estavam tão vermelhos que pareciam cheios de sangue.

— Sophie! Pare! — gritou Elena, tentando tirar Sophie, ainda enrolada na toalha, de cima da menina caída no chão. Mas a determinação dela era maior do que a força de Elena. Foi preciso duas pessoas para tirá-la de cima de Ashley. Sophie bufafa como um animal feroz. — Pare com isso, já!

— Ela passou pasta de dente nos meus olhos, Sra. Elena! Foi ela! Eu ouvi! Eu...

— Ouviu? — perguntou Anne — Como assim? — E Sophie engoliu as lágrimas, baixando a cabeça. As narinas ainda exalando o ar quente de dentro de seus pulmões.

— Eu não estava... consciente... quando ela fez isso comigo... — murmurou. — Mas eu sei que foi ela, eu sei! — Elena afastou Sophie para o lado e ajudou Ashley a se levantar.

— Sophie, vá para o quarto terminar de se trocar e depois venha até a minha sala. Ashley, você vem comigo, agora — ordenou, levando a menina pela mão, caminhando nervosamente pelo longo corredor do dormitório feminino.

Ashley não assumiu ter sido a responsável pelo que acontecera a Sophie que, por outro lado, fora punida por ter agredido Ashley. Sophie ficou a semana inteira sem recreação e, enquanto os outros se divertiam, ela passava horas na sala da diretora escrevendo sobre bons e maus comportamentos.

Os momentos que passara sozinha na sala da diretora só reforçaram o desejo de revidar, de ferir, de acabar com aquilo de uma vez por todas. Pensou em muitas coisas. Coisas ruins. Coisas terríveis e passou a temer que estivesse se transformando no mesmo monstro que seu pai fora um dia. Decidiu não fazer nada.

Ashley, porém, continuou a provocá-la sem saber em que, realmente, estava se metendo.

Pensar naquilo tudo novamente, lembrando que seus planos só haviam levado-a a uma situação totalmente fora do controle, quase convenceu Sophie a esquecer de Adrian, Jesse e seja lá o que eles tramavam às suas costas. Mas Adrian fizera renascer um sentimento do qual Sophie fugia há anos. A necessidade latente de retribuir a dor que lhe fora infringida, primeiro pelo pai, depois por Ashley e por quase todos os colegas do instituto que zombavam dela em pequena ou grande intensidade.

Sophie reprimira um grito avassalador por muito tempo. Em sua fuga interior, acabou escancarando as portas para o que seria o seu tormento futuro: as visões. Enquanto negava sua própria natureza e seus desejos, entrava em contato com o lado doloroso das outras pessoas. Era como infringir a si mesma um castigo por atos que ela não cometera, apenas desejara.

A fera interior que Sophie tanto negava parecia estar controlada, até que Adrian e Jesse fizeram aqueles sentimentos virem à tona novamente. Agora, se via em um dilema com o qual não sabia se conseguiria lidar. Seria preciso mais do que autocontrole para não se vingar enquanto as fotos das partes íntimas de Adrian, o vídeo e as respostas de Jesse chicoteavam o seu amor próprio, instigando-a a fazer o que ela sabia fazer melhor. Planejar. *Se você fizer direito, só tem uma pessoa que vai pagar: Adrian. Nenhum respingo, desta vez.*

A voz era convidativa e tentadora. Sophie encarava o seu laptop aberto à sua frente. *Somente um envio, um click e estará feito.* Sentou-se, pronta para enviar, quando pareceu ouvir a voz de Elena em seus ouvidos, no último dia de detenção, no estábulo do orfanato.

— Sophie, minha menina, eu sei como é. — falava com sua voz doce e suave, enquanto seguiam até o estábulo. — E acho que você tem todo o direito de estar triste e irritada com aquela garota. Eu também passei por tudo isso quando era criança. Eu e minha amiga Dolores — sorriu, tristemente. Enquanto caminhavam, Elena contou-lhe algumas das suas passagens, ali mesmo, no Instituto, quando era pouco mais velha do que Sophie.

Por que algumas pessoas se preocupam tanto em prejudicar as outras? Esta era uma pergunta para a qual Sophie não conseguia respostas convincentes.

— São pessoas muito infelizes, mas o mais importante que entendê-las é não deixá-las nos ferir.

Elena entrou no antigo estábulo, que se transformara em galpão de ferragens nos fundos do jardim, e Sophie a seguiu até um grande tanque cheio de água que Hugh Palmer, o zelador, usava para lavar as ferramentas. Elena tirou do usual avental cinza uma pedra do tamanho de um limão e ordenou:

— Quero que você atire esta pedra na água.

— Como é?

— Atire a pedra na água com força — repetiu Elena. Sophie olhou para a água e para a pedra em suas mãos e ficou imóvel. — Imagine que à sua frente esteja a Ashley e você pode acertar esta pedra nela.

Por mais que aquela comparação parecesse estranha saindo da boca de Elena, Sophie gostou de pensar naquilo. Estreitou os olhos e atirou a pedra com força. Força demais. Grossos pingos de èagua vieram ao seu encontro, molhando toda a frente do uniforme de Sophie.

— Você queria que isso acontecesse? Que o seu vestido ficasse todo molhado? — perguntou Elena, alguns passos atrás de Sophie.

— Eu acho que não... — respondeu, passando a mão sobre o peito e a saia, tentando, inutilmente, enxugar o tecido.

— Agora, pegue a pedra, por favor. — Sophie obedeceu, molhando todo o braço na água fria e suja. — E, desta vez, vamos fazer diferente. Solte a pedra na água, do lugar mais alto que você puder, sem jogá-la, apenas deixe-a cair, naturalmente.

Sophie ergueu o braço à sua frente até o ponto mais alto que pôde e soltou a pedra que caiu em linha reta, fazendo um barulho grosso ao atingir a água. A queda formou apenas um buraco por onde a pedra passou, lisa e certeira. Elena sorriu e Sophie sorriu-lhe de volta.

— Você entendeu a diferença, minha menina?

— Eu acho que sim...

— Então me explique. — Sophie deu de ombros.

— Quando eu jogo a pedra com força a água volta com força, mas se eu apenas a deixo cair, não acontece nada.

— E isso lhe diz alguma coisa? — Sophie baixou a cabeça.

— Acho que sim.

— O que?

— Acho que... se eu faço uma coisa com raiva, ela volta contra mim.

— Só isso? — Sophie pensou mais um pouco.

— Se eu machuco alguém vou me machucar também?

Elena sorriu, satisfeita.

— Muito bem. E o que isso tem a ver com você e a Ashley? — fez-se um longo silêncio e Elena continuou. — Quem é a pedra e quem é a água, Sophie?

Sophie continuou fitando o tanque à sua frente, com ligeiras ondas ainda em movimento em sua superfície. Pensou mais um pouco e, na verdade, já estava começando a se encher daquela coisa de água e pedra, então, respondeu o que ela tinha certeza de que Elena queria ouvir.

— Eu já entendi e não vou revidar porque essa coisa não terminaria nunca.

— Agora está melhor — suspirou Elena. — Embora eu ache que você não esteja muito convencida disso. Estou errada? — Sophie sorriu timidamente, baixando os olhos.

Depois da lição no estábulo, ela tentou esquecer o que Ashley lhe fizera, mas a garota continuava a provocá-la, esperando exatamente que Sophie revidasse. Fosse na sala de aula − longe dos olhos das professoras − ou nos corredores, Ashley revirava os olhos e fazia grunhidos, imitando uma convulsão, para depois gargalhar sarcasticamente e sair balançando os cabelos negros e esvoaçantes.

Se por um lado Sophie fingia não se importar, Anne tomara as dores − como sempre − e o duelo entre Anne e Ashley parecia interminável. Provocações infantis, que nos dias de hoje seriam facilmente classificadas como bullying, eram rotina, e chamavam pouca atenção em um orfanato com quase duzentas crianças. E na guerra entre Ashley e Anne, adivinhe quem levava a pior?

Anne fora vítima de pregos dentro do sapato, lagartixas e vermes por baixo do lençol e até chegara a tomar um suco batizado com cuspe, sem saber. Por fim, teve o seu diário secreto roubado e os mais íntimos segredos que uma garota de onze anos pudesse ter foram revelados em uma sessão de leitura em voz alta, no jardim, com Ashley rodeada de adolescentes às gargalhadas.

Anne levou dias para se recuperar da vergonha. Ficara doente só para não precisar ir à aula e dois dias depois, quando entrou na sala, caminhou até o seu lugar olhando apenas para os próprios pés. Chorava todos os dias e se recusava a comer. Tinha constantes dores de barriga que, convenientemente, tiravam-na do refeitório onde, todos os dias, dezenas de pares de olhos a encaravam em zombaria e risinhos despontavam por todos os lados.

Sophie sentia-se consumida pela revolta e culpa. Queria ferir Ashley de todas as maneiras que uma adolescente pudesse pensar. Sentada sozinha no balanço, enquanto Anne estava na enfermaria pela terceira vez no dia, com náuseas e dores de cabeça, Sophie só pensava em como tirar a amiga daquele sofrimento. Talvez fosse a sua vez de dar o troco em Ashley.

Sem pensar nem um pouco nas consequências, decidiu agir. Ser condescendente, como Elena gostaria, não estava ajudando em nada. Pensou em Anne, em si mesma e em todas as crianças que foram vítimas de Ashley, o que englobava quase todas do orfanato. Foi quando notou Zoe à sua frente e, então, soube exatamente o que fazer. Sentiu uma urgência tomar conta do seu corpo, uma adrenalina quase sufocante que a fez contar os segundos até a hora certa de agir. Passava e repassava o plano em sua mente, sentindo uma euforia incontrolável, uma exitação até então desconhecida. Vivia e revivia o momento que estava por vir com prazer.

No final da aula de artes, antes de sair do atelier, escondeu uma tesoura por baixo do avental e correu até o quarto, colocando-a embaixo do travesseiro. Esperou que todos dormissem e levantou-se lenta e silenciosamente. Pelas grandes janelas do dormitório, despidas de cortinas, entrava a luz da noite deixando o quarto mergulhado em uma penumbra prateada.

Sophie caminhou como um felino entre as camas e, quando viu Ashley dormindo profundamente, virada de lado na cama, abaixou-se ao seu lado. Passou a mão sobre os longos e sedosos cabelos da menina, ajeitando-os com delicadeza sobre o travesseiro e sorriu para si mesma, sentindo o coração bater tão forte no peito que até doía. Sophie sentiu o gosto do poder e pensou se seria assim que Ashley se sentia quando dominava uma das crianças. Era bom, forte e transformador. Sophie degustava daquele momento com ninguém mais além da sua face ávida por vingança.

E ambas brindaram em antecipação.

Segurou entre as mãos o maço de cabelos negros e macios e encaixou-o entre as lâminas da tesoura. Olhou o perfil de Ashley dormindo e imaginou se ela também perderia as forças − talvez a arrogância e a madade − quando perdesse os cabelos. Aos poucos, foi fechando a lâmina da tesoura contra os fios, sentindo-os perder a tração até que uma parte dos cabelos se soltou, caindo levemente de volta sobre o travesseiro, enquanto a outra, muito maior, jazia entre os dedos de Sophie.

Ela deu uma boa olhada naquele maço de fios escuros e sorriu. Teve vontade de espalhar os fios pelo chão do dormitório ou, talvez, pela cama da própria Ashley, mas acabou se decidindo por deixá-los sob o travesseiro da menina, juntamente com a tesoura e um tubo de cola. *Quem sabe ela pode colá-los de volta...* Sussurrou em sua mente com acidez uma voz que Sophie mal reconheceu.

Enquanto voltava para a cama, viu Zoe olhando-a assustada. Sophie fez sinal para ela ficar calada e Zoe assentiu, repousando a cabeça no travesseiro lentamente. Sophie imaginou ter visto um sorriso no semblante da menina e sentiu-se invadir novamente por uma onda de excitação que custou a passar. Seu plano havia dado certo. Quando acordasse, Ashley teria uma merecida surpresa.

Ficou repassando, mentalmente, os detalhes dos segundos que durara a sua pequena vingança. O cabelo perdendo a vida em suas mãos; o medo de que alguém a visse pegando a tesoura e todos os passos que a levaram de volta à sua cama. Estava em êxtase. Queria acordar Anne e lhe contar o que fizera, mas temeu não conter a alegria e acabar acordando a todas, sem contar que tinha certeza de que Anne a reprenderia por uma semana inteira. Ou mais.

Pouco a pouco a adrenalina foi baixando, deixando apenas um estranho vazio que Sophie não compreendia. Talvez estivesse apenas cansada, pensou. Fechou os olhos e tentou dormir, mas não havia meio de conciliar a necessidade de dormir com os sentimentos estranhos que vieram logo após ter parcialmente tosado os cabelos de Ashley.

O sono chegou de mansinho e arrastou Sophie para um ambiente silencioso, onde ela ficou espiando os próprios pecados, até que gritos agudos a acordaram de sobressalto. Ao abrir os olhos, viu Anne agarrada à Ashley que segurava uma tesoura a dois palmos do rosto de Sophie.

— Não! Nããoo! — gritava Anne.

Tinha sido uma estupidez deixar a tesoura ao alcance de Ashley, pensou Sophie.

— Me deixa! Eu vou matar essa garota! — gritava de volta Ashley, com os olhos vidrados em Sophie que escorregou de lado na cama se jogando no chão, para longe de Ashley e da ponta daquela tesoura.

— Você está louca? — gritou Sophie. — O que você está fazendo?

— Você-cortou-o-meu-cabelo! — berrou Ashley em lágrimas, com os dentes cerrados, enquanto Anne ganhara reforços. Várias mãos agarravam Ashley pelos braços, fazendo-a largar a tesoura. — Eu vou acabar com você, está me ouvindo? Eu vou *matar* você! — Sophie sentiu o medo paralisar suas pernas. — E vou fazer isso enquanto você dorme, sua pirralha, do mesmo jeito que você fez isso comigo! — gritou ainda mais alto, sendo agarrada por pelo menos três meninas, mantendo-a a uma distância segura de Sophie, ainda no chão. — Fica esperta, garota, porque eu vou acabar com você!

— Meu Deus, o que está acontecendo aqui? — exclamou Elena, entrando às pressas no dormitório. Tão logo viu os cabelos de Ashley cortados quase rente à nuca e Sophie caída no chão, não precisou de explicações.

Ashley foi levada por uma professora até a enfermaria. Depois de constatado que ela não sofrera nenhum ferimento além de no próprio orgulho, Ashley teve os cabelos cortados corretamente, o que os deixou ainda mais curtos, fazendo-a chorar por horas. A menina de beleza agressiva e exótica, mais parecia um garotinho envergonhado e tímido.

Sophie, assim que trocara de roupa, fora à sala de Elena. Inutilmente, negara que tivesse feito alguma coisa, mas Elena sabia quando aqueles olhos escondiam a verdade.

— Estou muito decepcionada com você. Eu esperava mais daquela menina meiga, dócil e forte que entrou por esta porta quando Paul trouxe você até a mim. — As palavras de Elena eram piores do que qualquer punição e Sophie experimentou uma humilhação diferente. Pela primeira vez, sentiu vergonha de si mesma. E nenhum prazer.

Apesar da decepção, Elena não pôde deixar de protegê-la. Havia muito mais em jogo do que uma simples briga entre colegas de quarto. Era o futuro de Sophie. Transferi-la para outro lugar e separá-la de Anne e dos cuidados da diretora seria um erro que ela jamais cometeria. Algo tinha que ser feito, porém. Ashley ameaçara Sophie, e Elena não poderia arriscar manter as duas sob o mesmo teto. Ashley era uma menina cruel e vingativa, o que colocava Sophie em uma posição vulnerável.

Depois de muito discutir com o serviço social, chegaram à conclusão de que Ashley deveria ser transferida para outro instituto, o que não era exatamente uma novidade na vida da menina. Seria o terceiro orfanato por onde passaria e, certamente, não o último até completar dezesseis anos e levar a vida por conta própria.

Sophie não viu quando Ashley deixou o instituto pela última vez. A garota vestia um agasalho de capuz jogado sobre a cabeça, embora fosse quase verão, que escondia os seus poucos cabelos. As mãos dentro dos bolsos e a cabeça baixa, mais parecendo um destes moleques de rua, nada parecido com a esguia, feminina e dominadora Ashley de antes.

Sophie ficou no seu quarto, naquele dia, sentindo um mal estar conveniente. Ajeitou-se na cama, fingindo querer dormir, quando encontrou um bilhete sob o travesseiro.

"Vamos nos encontrar de novo. E vai ser o último dia da sua vida. Não é uma ameaça, é uma promessa".

Sophie fechou a mão com força escondendo o bilhete e não demonstrou, mas sentiu um medo muito próximo ao que sentia quando morava com o pai; e o estômago doeu por vários dias.

Levou semanas para contar a Anne sobre a ameaça e, por fim, confessou a Elena sobre os cabelos de Ashley e também mostrou o bilhete. Elena lhe dissera que o medo da ameaça de Ashley era a sua maior lição. Eram os respingos de que a diretora a havia alertado e, por sorte, foram apenas respingos.

A única coisa que amenizava um pouco o misto de culpa, vergonha e medo, era Zoe. Na manhã seguinte à saída de Ashley, a menina se aproximou de Sophie com lágrima nos olhos.

— Obrigada, Sophie. Agora eu não tenho mais medo — disse, com voz embargada, abraçando-a forte. — Você é muito corajosa. Ela teve o que merecia.

Apesar das palavras de Zoe, Sophie não conseguia sentir-se realizada com o que fizera e nunca mais se permitiu pensar em vingança.

Não, até agora.

Na tela à frente estavam abertas a mensagem de Jesse, a foto das pernas abertas de Adrian e o vídeo, que Sophie nem se lembrava de tê-lo aberto. Adrian movia os quadris e sorria, provocantemente. Empurrava a calcinha para baixo pelo elástico lateral exibindo os quadris nus, e se virava para a lente, com olhos vulgares. Havia algo mais naqueles olhos que fez Sophie se esquecer de Ashley e de tudo o que aprendera naquele período.

Encarou Adrian na tela e teve a mesma certeza que tivera quando viu Zoe, do outro lado do jardim, na tarde que antecedeu o seu feito contra Ashley. Sophie faria alguma coisa. Algo maior do que um simples email enviado ao namorado cornudo e ruim de cama de Adrian.

Eu não sou mais uma garotinha, Adrian. Não vou cometer o mesmo erro com você. Desta vez, não deixarei brechas para ameaças. Prometeu a mesma voz irreconhecível de tempos atrás. Um estranho sorriso surgiu nos lábios de Sophie e, por um instante, Sophie Wellgrave fazia jus ao nome do seu pai.

No instante seguinte, foi salva por Thomas. A voz suave do irmão afugentou para algum lugar aquela sombra que endurecera as feições de Sophie. Embora não tivesse respondido ao irmão, apenas a voz dele bastou para que Sophie fechasse as fotos, o vídeo e as mensagens que estavam à sua frente. Correu para cama e se enrolou no lençol, assustada consigo mesma. Da cama, ouviu o celular vibrar várias vezes, em cima da escrivaninha. Sabia quem era e ele poderia chamá-la mil vezes por dia que jamais ouviria a sua voz novamente. E nem ela, a dele.

Por um segundo, não lhe pareceu uma vitória, a não ser para Adrian.

Ponto para ela. De novo. Concluiu uma voz entre as sombras.

Por hora.

Capítulo 5

Dois dias se passaram com Sophie enfiada no trabalho. Tentava ignorar os próprios sentimentos do mesmo modo como ignorava as mensagens de Jesse em seu telefone. Bloqueou o número dele e fez o mesmo com o endereço de email. Estava cansada de jogar dúzias de emails no lixo sem sequer abri-los. Anne já nem tocava mais no assunto, embora sofresse uma avalanche de lamentações de Jesse no trabalho todos os dias. Sophie ameaçou denunciá-lo por *stalking* e Jesse não teve alternativa a não ser deixá-la em paz.

Assim que o telefone se calou e os emails pararam de entupir a sua caixa de correio, Sophie esperava que a sua vida voltasse ao normal. E ela quase voltou. Ficou estranhamente calma e vazia, exceto pelo fato de que ainda sentia aquela necessidade vingativa crescer a cada minuto, como uma fome insaciável, uma obsessão da qual ela não podia – ou não queria − escapar.

Na terceira noite após ter deixado o apartamento de Jesse, Sophie se viu em frente ao computador elaborando um email completo para enviar ao namorado de Adrian, com as fotos, as mensagens entre ela e Jesse e também o vídeo em anexo. Levantou-se da cadeira assustada sem se recordar do que fizera nas últimas... (olhou o relógio e se deu conta)... quatro horas! A última coisa de que se lembrava era de ter saído do trabalho. O resto era um vácuo em sua mente.

Não comentou nada daquilo com Anne nem com ninguém. Nem mesmo com Thomas que começava a achar estranho ela quase nunca estar disponível para suas conversas telepáticas.

As manhãs estavam ensolaradas e Sophie aproveitava para caminhar mais e usar cada vez menos o metrô. Caminhar e sentir a brisa no rosto lhe fazia bem. Cada dia andava um pouco mais e as estações foram ficando para trás. Os passos se tornavam mais ágeis e largos e começou a sentir prazer naquelas manhãs de sol, achando que Anne, talvez, tivesse razão. Verão na Itália talvez não fosse tão ruim. Anne estava louca para visitar Roma − o que significava a Fontana di Trevi, a Piazza Navona e o Castelo Sant'Angelo, só pra começar − e Sophie estava mesmo precisando dar o fora dali.

Dez dias depois que vira Jesse pela última vez, Sophie se levantou mais tarde e, atrasada para uma reunião, resolveu pegar o metrô mais próximo de casa. À medida que descia as escadas da estação sentiu como se entrasse em uma estufa. O ar ficou mais quente e úmido e gotas de suor começaram a escorrer-lhe pela nuca. A sensação claustrofóbica se intensificava e enquanto esperava o vagão passar, sentiu uma fisgada dentro do ouvido e, depois outra atrás da orelha. Quando se virou para trás, viu apenas rostos borrados, como se alguém tivesse passado um pincel lambuzado de tinta sobre eles. Os lábios endureceram e os seus olhos brilharam em uma expressão de pavor.

Não, por favor, não!

Tudo se transformou em um borrão único e as vozes soavam grossas e arrastadas como um disco em baixa rotação. Os movimentos tornaram-se lentos e Sophie percebeu que os rostos se aproximavam; rostos que pareciam querer engoli-la. Sentiu as pernas tremer e a temperatura foi caindo, esfriando-a de dentro para fora. Todos os pelos do corpo se eriçaram e a respiração saía covardemente.

As pernas cederam e ela desmontou como uma marionete. Sob olhares curiosos, sussurros e uma agitação ao seu redor, abraçou a si mesma e gritou sem perceber, sem ter controle sobre seu corpo e sua mente. Ela precisava de ar, precisava de espaço, precisava sair dali e ficar o mais longe possível daqueles corpos que a sufocavam.

O grito de Sophie − deitada no chão como um caracol enrolado no próprio corpo − ecoou pelas galerias subterrâneas até que o som do trem o engoliu e as pessoas que a rodeavam simplesmente perderam o interesse e seguiram seus caminhos, exceto pela equipe de socorro que, com muito custo, conseguiu fazê-la se acalmar.

Assim que recobrou o seu estado normal, Sophie implorou para que a deixassem ir embora. Ela sabia que ninguém poderia fazer nada por ela. Ninguém poderia aliviar-lhe a sensação fria de abandono que se instalava dentro dela após as suas visões, como se um pedaço da sua vida tivesse sido arrancado. Somente ela poderia se reorganizar e substituir o pedaço levado, por aquele que lhe fora implantado pelas visões. Sentia-se como um Frankenstein, remendada por momentos e emoções que não eram suas.

Assim que conseguiu se livrar dos paramédicos, subiu as escadas novamente e pegou o primeiro taxi para casa. Suas mãos ainda estavam suadas e trêmulas. Sophie tentou contê-las, massageando os próprios dedos enquanto sentia picadas em sua cabeça, como formigas devorando seu cérebro. Os olhos estavam em brasas e a boca tão seca que a língua colara ao palato. Era o inferno que ressurgia.

Vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Poderia até ficar, mas levaria tempo. Algo lhe fugira ao controle como nunca havia acontecido antes. Fora totalmente diferente das suas visões anteriores. Aquilo era pessoal e íntimo. Vinha de dentro dela. Era forte e pegajoso. Opressor e...

Claire! — Sophie sentiu o coração dar um salto ao ouvir a voz de Thomas em sua mente. — *Oh, Thomas...!* — exclamou num misto de alívio e pavor. — *Meu Deus, Claire, o que foi aquilo? — C-como você sabe? Você ouviu alguma coisa? — Como NÃO ouvir? Você gritava o meu nome com tanta força que achei que você estivesse aqui, do meu lado, em carne e osso. — Thomas eu... não me lembro... — Não se lembra do que viu ou de ter me chamado? — Já nem sei de mais nada, Tommy* — respondeu exausta, com lágrimas nos olhos, apoiando a cabeça contra a janela do carro. — *Calma, maninha. Onde você está? — Em um taxi. — Você está bem? — Acho que sim... — O que houve?* — Sophie fechou os olhos, cansada e sentindo que o sangue esfriava em suas veias. — *Eu não sei... e, neste momento, não sei se quero saber ou entender alguma coisa...*

Thomas era recém-formado em psicologia e tinha um fascínio pelo dom de Sophie e pela conexão entre os dois, mas acima de tudo era com a saúde dela que ele mais se importava.

— *A gente se fala depois, tá? Não consigo nem pensar, neste momento... — Tem certeza? Posso ficar com você um pouco. — Não, tudo bem, obrigada. — Se cuida, mana e me dá notícias daqui a pouco. — Pode deixar.*

Sophie realinhou as ideias em sua mente, reuniu as forças e fez o que sempre fazia. Tocou a vida adiante. Não era a primeira e, infelizmente, não seria a última vez que passaria por aquilo, então, decidiu não ir para casa. Afinal, tinha ainda uma reunião importante que se realizaria em... quinze minutos!

Merda!

Mesmo que quisesse, Sophie não teve nem tempo para pensar no ocorrido. O dia na redação tocara o nível máximo do estresse. A modelo que posara para a capa da edição daquela semana fora encontrada morta em seu apartamento, aparentemente vítima de overdose. Reunião atrás de reunião empurrou o dia ladeira abaixo, na tentativa de convencer os advogados – da revista e da modelo − de que manter a foto na capa seria a melhor coisa a se fazer para ambas as partes. Somente quando voltava para casa, pouco depois das nove da noite, quando chegou à estação Shadwell, voltou a sentir uma forte pressão no peito. Era como se o espaço à sua volta começasse a se fechar e o ar se tornou escasso.

Voltou, rapidamente, seguindo contra o fluxo de pessoas e quando estava a uma distância segura do que para ela parecia uma multidão, sentiu o coração bombear com uma força descomunal. Podia jurar que era possível ver a delicada blusa ocre que usava se movendo para cima e para baixo na altura do peito, impulsionada pelo batimento cardíaco que esmurrava a sua caixa torácica.

Novamente, pegou um taxi para casa. Sentou-se colada à porta e se sentiu absolutamente só. Fitou o imenso vazio entre ela e o motorista à sua frente, um senhor de meia idade, de corpo miúdo, careca, com as bochechas vermelhas e mãos firmes agarradas ao volante. Sophie podia apostar que o velhote a fitava pelo espelho. Virou o rosto olhando a multidão que caminhava na calçada e, de repente, todos pareciam olhar para ela, encará-la como se soubessem que dentro daquele carro havia uma anormal.

O ar dentro do carro pairava denso. Abriu o vidro ao seu lado, mas não adiantou. Abriu o outro e nada. A respiração se descontrolou quando percebeu dois olhos azuis envelhecidos olhando-a atentamente pelo espelho.

Eu só preciso chegar a casa e vai ficar tudo bem. Tudo bem...

Repetiu as palavras incessantemente até que entraram pela Ashburnham Grove e Sophie ficou ainda mais ansiosa por estar tão próxima do seu porto seguro. *Muitas pessoas morrem a poucos metros de suas casas*, pensou. Mas quando o carro parou bem diante da sua porta, ela pagou o motorista, deixando uma abonada gorjeta para trás, e seguiu correndo para dentro de casa.

Anne ainda não havia chegado e estava tudo quieto e vazio. Passou os olhos pelo espaço único que compreendia a sala de estar, de jantar e a cozinha, separados apenas pelo balcão de madeira, e se sentiu uma estranha em sua própria casa. Sentou-se no canto do sofá, o mais próximo possível da parede, e ficou ali por um tempo, encolhida como uma criança assustada. Ergueu as pernas e puxou os joelhos com força contra o peito, tentando se proteger de algo que ela sabia, não vinha de fora, mas de dentro dela mesma, emergindo sedento, faminto de sua mente, de seus desejos. Aquilo queria dominá-la e ela sabia apenas que tinha que lutar, caso contrário, perderia o controle de tudo. E "tudo" era muita coisa.

Lembrou-se dos exercícios de respiração que Nancy lhe ensinara meses atrás. Eles ajudavam a oxigenar o cérebro, dissolver os pensamentos fazendo-os ralear lentamente como fumaça. As sensações ruins foram passando, ficando apenas a incômoda ausência de respostas. O que sentira fora real, como se forças estranhas sugassem-na as certezas e as referências, e o mundo se tornava algo novo e inseguro.

Pegou o celular de dentro da bolsa e ligou para Nancy.

— Sophie! Como você está, querida? — perguntou a voz rouca e suave da terapeuta.

— Nada bem, Dra. Nancy. Acho que estou perdendo o juízo de vez — respondeu, com a cabeça enfiada entre os joelhos, fazendo com que a sua voz saísse mais tenebrosa do que desejava.

— O que aconteceu? Você está em casa?

— Sim...

— Muito bem. Agora me conte tudo.

Depois de um relato não muito coerente do primeiro acontecimento na parte da manhã e do segundo, Nancy suspirou. Sophie não era uma paciente como outra qualquer. Aliás, era uma das poucas que ainda mantinha. Há anos se dedicava quase exclusivamente à área acadêmica. Ultimamente, debruçava-se na pesquisa sobre simbiose psicológica, conhecida como telepatia entre irmãos − não por acaso intensificada após conhecer Sophie – e seus desdobramentos. A relação entre ambas constantemente ultrapassava o limite médico-paciente. Nancy evitava rodeios despropositados, preferindo ir diretamente ao ponto.

— Sophie, isso me parece um ataque de pânico ou de ansiedade. O que está acontecendo com você, minha menina?

— Eu não sei... — sussurrou, quase em lágrimas.

— Alguma coisa deve ter acontecido para desencadear estes sentimentos. Você não quer me contar?

Sophie prolongou o silêncio entre elas. Não sabia dizer se o acontecimento que Nancy sugeria era Jesse, Adrian ou Ashley. Talvez devesse falar sobre a sede de vingança; talvez devesse apenas deixar tudo pra lá e seguir em frente.

— Sophie?

— Estou aqui...

Nancy conhecia aquele silêncio. Sophie não falaria nada. Ela precisava apenas se sentir segura, agarrar-se à borda da piscina para não afundar.

— Eu também, querida. Sempre.

Nancy ouviu a respiração chorosa do outro lado da linha. Após um breve silêncio, Nancy recomendou que Sophie voltasse a tomar uma dose baixa do ansiolítico diariamente até a próxima sessão. Sugeriu, também, que não fosse trabalhar no dia seguinte e que apenas repousasse.

Sophie não queria voltar à vida de antes, com os remédios e as limitações, mas não se sentia em condições de contestar tampouco e, pela sua condescendência, Nancy percebeu que a situação era mais delicada.

— Por que não antecipamos o nosso encontro? — A próxima sessão se daria ainda em quinze dias. — Estarei na casa do John na segunda feira à tarde e poderemos nos ver quando você sair do trabalho, tudo bem pra você?

— Acho que sim — *só mais quatro dias*, pensou. — Até segunda-feira, então — suspirou, sentindo-se levemente reconfortada. — Obrigada, Dra. Nancy.

— Não me agradeça ainda. Temos muito que conversar. E cuide-se bem, minha querida. Se precisar de mim, sabe que pode me chamar a qualquer hora do dia ou da noite, não sabe? — a voz de Nancy era maternal e Sophie podia vê-la à sua frente, com seus cabelos grisalhos desgrenhados, seus olhos azuis vivos afundados num rosto magro e comprido.

— Eu sei. Boa noite, Dra. Nancy.

Nancy morava em Northampton, a pouco mais de cem quilômetros de Londres, de onde saía uma vez por mês para atender Sophie na casa do amigo e colega de profissão, John Barkley. Ele fora o primeiro terapeuta de Sophie e a indicara para as primeiras sessões de hipnose, especialidade de Nancy. O novo tratamento abrira os pesados portões de sua mente e Sophie passou a conhecer a verdade sobre o seu passado, mas todos sabiam que aqueles haviam sido apenas os primeiros passos. Mitos outros esqueletos escondidos naqueles calabouços estavam à espera. Talvez Sophie estivesse se deparando com alguns deles naquele momento, pensou Nancy.

Assim que Sophie desligou o telefone, Anne chegou com Brandon, rindo e falando baixinho, como se trocassem confidências muito íntimas, e Anne corou assim que viu Sophie no canto do sofá.

— Oi! — exclamou ela.

— Olá, Sophie, tudo bem? — falou Brandon. Ele fora o neurologista encarregado de dar a Sophie as más notícias sobre os seus derrames e os riscos de uma morte eminente. Mas fora ele, também, que conquistara o coração de Anne, e Sophie o admirava por ambas as coisas. Achava que era um excelente profissional e a pessoa certa para a amiga. Sabia dosar a força e a condescendência nas medidas certas para conviver com Anne. Além de ser extremamente carinhoso e dedicado.

— Olá, vocês dois — cumprimentou, forçando entusiasmo, mas Anne tão logo a viu percebeu que algo estava errado. Segurou o pingente de nó celta que carregava quase diariamente em seu pescoço e seguiu direto até o sofá.

— Está tudo bem? — perguntou, percorrendo os olhos pelo rosto de Sophie sem saber se a expressão que via era de tristeza, medo, angustia ou solidão.

— Sim, agora estou bem. É que... tive um daqueles dias, hoje.

Sophie contou-lhes superficialmente o que havia ocorrido, mas apenas o suficiente para justificar as possíveis olheiras comuns após as visões, sem entrar em detalhes que pudessem fazer Brandon exigir uma lista infinita de exames ou Anne ficar histérica de preocupação. Claro que Anne sabia que Sophie estava escondendo alguma coisa, mas não insistiu. Era assunto para quando estivessem a sós.

— Vamos pedir comida chinesa, você quer? — convidou Anne, enquanto Sophie se levantava do sofá.

— Não, obrigada, eu já comi alguma coisa na rua — mentiu, novamente. — Acho que vou me deitar um pouco. Foi um dia cheio...

Anne franziu a testa vendo-a subir as escadas com passos incertos. Olhou para Brandon que lhe fez um sinal com a cabeça para que ela a seguisse, servindo-se de um cálice de vinho branco gelado.

Sophie foi ao seu quarto e se jogou na cama, vestindo ainda as roupas de trabalho. Encolheu-se e empurrou as lágrimas para dentro. Não tinha necessidade de chorar por um ataque de pânico, ansiedade, ou fosse lá o que fosse. Tinha apenas que tomar o remédio e... *droga, o remédio!* Foi até o banheiro do quarto, abriu a gaveta, pegou a pequena pílula branca e enfiou-a goela abaixo. Franziu a sobrancelha brigando com a pílula na boca e, finalmente, conseguiu colocá-la para dentro, tomando quase um copo inteiro de água. Olhou-se no espelho e reconheceu aquele olhar. Era o olhar mecânico e sem vida que exibia quando estava convertendo alguma coisa dentro de si. *O que está acontecendo aí dentro?* Perguntou a si mesma.

— *Sophi*? — chamou Anne, entrando no quarto, sem bater.

— No banheiro!

Anne entrou em segundos, com as mãos na cintura e um olhar inquiridor.

— Vai me contar ou não?

Sophie, que ainda estava com as mãos apoiadas na pia, deixou a cabeça pender para frente, exausta.

— A Dra. Nancy disse que foi apenas um ataque de pânico, mas já passou. Estou bem, agora — respondeu, erguendo os olhos e encarando Anne pelo espelho.

— Ataque de pânico? Por que?

— Eu não sei, acho que é estresse, ansiedade, sei lá... — Anne bufou.

— Não senhora, eu tenho outras teorias.

— Como o que, por exemplo?

— Jesse, por exemplo — disse em tom provocativo. Sophie virou-se de frente para ela, com uma enorme ruga na testa.

— De onde você tirou isso? Não tem nada a ver com o Jesse!

— Ah, não? Na verdade, você tem razão. Não tem nada a ver com ele ou com Adrian. Claro que não! Tem a ver com *você*! Com o *seu* modo de enfiar o sentimento por ele goela abaixo, forçando-se a *não* sentir uma coisa que você *sente*!

Anne não queria ficar irritada, mas já estava. Sophie era sempre tão inteligente e esperta, mas em se tratando de sentimentos, era tão sensível quanto um abajour.

— Sophi, pense com o seu coração um pouco e você vai me dar razão... — Sophie pensou em retrucar, mas a discussão não teria fim e apenas fechou os olhos.

— Tudo bem, Anne, eu vou pensar... — e Anne suspirou.

— Eu vou descer, mas se precisar de alguma coisa...

— Eu sei, pode ficar tranquila. Agora desce, vai. Vinho, Brandon e uma comida chinesa chegando? Qual é? O que você ainda está fazendo aqui? — sorriu, empurrando a amiga para fora do banheiro.

Assim que Anne fechou a porta, o sorriso de Sophie se desfez. Anne a conhecia como ninguém e quase sempre estava certa. *Mas não desta vez,* desafiou. Só de pensar que Jesse ou Adrian poderia ter lhe causado aquilo, aumentava ainda mais a raiva que sentia.

— *Claire!* — chamou Thomas, mas ele ficou sem resposta. Sophie não queria falar com ninguém. — *Claire?* — Absolutamente ninguém. E Thomas ouviu apenas o silêncio como resposta.

Sophie meteu-se dentro do pijama, aproveitou o efeito do remédio e entregou-se a um sono pesado e silencioso.

No dia seguinte, não foi trabalhar, conforme havia recomendado Nancy, embora tivesse muita coisa a fazer na revista. Também não saiu do quarto, não tomou café da manhã ou almoçou. Recusava-se a fazer qualquer coisa que a tirasse daquelas quatro paredes. Sentia-se cansada e desmotivada.

Não pensou que pudesse ser a dosagem do remédio que ficara meses sem tomar. Não pensou nem mesmo que pudesse realmente ter alguma relação com Jesse ou com o fato de estar se forçando a eliminá-lo da sua vida. Não, na verdade, não pensava em nada. Sentia-se anestesiada, intercalando momentos de consciência e sonolência. As poucas vezes em que se levantou, sentiu vertigem ao tentar descer as escadas, voltando rapidamente para o seu quarto. Não teve nenhum outro ataque de pânico ou que merda tenha tido antes.

Passou também o dia seguinte em casa e sozinha. Anne bem que tentou cancelar o fim de semana com Brandon, mas teve que ceder. Combinara passar alguns dias na casa de campo com os pais e a filha de Brandon, Linda, de cinco anos. Em outros tempos, Anne teria ficado à beira da cama observando Sophie, mas esse tempo havia passado. Ou estaria retornando? Esta era a pergunta que Anne se fazia, pensando na amiga, enfiada na cama em pleno sábado.

Mesmo estando fora de casa, ligara várias vezes naquele dia e no dia seguinte. Sophie lhe dissera que estava bem. Durante os úlitmos telefonemas, mentiu dizendo que estava saindo para uma caminhada, assistindo a um filme e até mesmo fazendo um lanche deitada na espreguiçadeira do jardim, como Anne sabia que ela tanto gostava. Embora, na verdade, mal comera durante os dois dias e muito menos havia colocado os pés do lado de fora da casa. Passara muito tempo sentada à escrivaninha olhando as fotos da família que conhecera há menos de um ano e as poucas fotografias que tinha de Elena.

Levou algumas fotos da mãe para o criado mudo ao lado da cama e ficara ali, horas e horas, acariciando o rosto triste de Emilie, e as lágrimas escorriam-lhe pelas bochechas, já pálidas. A sua vida havia se transformado em um imenso e impenetrável vazio, nos últimos dias. Sophie apertou a fotografia contra o peito, pensando que seria capaz de fazer tudo, qualquer coisa, para estar com a mãe novamente.

Imersa em uma profunda tristeza, não respondeu a nenhum chamado de Thomas desde que se falaram no taxi, três dias atrás. Não queria mentir para ele o tempo todo, como fazia à Anne. Não queria preocupá-los e muito menos ter que responder às perguntas que ela não respondia nem a si mesma.

Tudo vai ficar bem. Basta esquecer e fingir que nada aconteceu. Repetia em sua mente tão automaticamente que as palavras já nem faziam mais sentido. Na verdade, Sophie não fazia ideia do por que se sentia tão deprimida, assustada e tão diferente.

Quando Anne chegou, no final da tarde de domingo, subiu correndo até o quarto de Sophie, temendo o que encontraria, mas viu apenas a sua amiga em um sono profundo. Respirou aliviada e, não querendo acordá-la, fechou a porta devagar. Sophie não se mexeu, embora não estivesse dormindo, e continuou fingindo pelo resto da noite.

Na segunda-feira, levantou-se, tomou um banho e desceu para a cozinha antes mesmo que Anne se levantasse. Não poderia mentir olhando-a nos olhos, e saiu em silêncio. Conseguiu ir ao trabalho de metrô, mas quando estava dentro do vagão, arrependeu-se. Havia mais gente lá dentro do que a sua condição poderia suportar. Podia sentir as respirações e ouvir os pensamentos de cada um ali dentro. Sophie agarrou com força a barra de ferro ao seu lado e procurou algo em que pudesse fixar a visão.

Feche a sua mente, feche a sua mente! Ordenava, enquanto as vozes iam se avolumando como um coro desafinado. *Agora!* Mas era tarde. Inúmeras vozes e sensações de medo, angustia e tristeza enchiam os seus ouvidos e a sua mente. Na tentativa de ignorar aquele mundo que invadia o seu interior, concentrou-se no cartaz de publicidade à sua frente sobre disfunção erétil − com o edifício Gherkin curvado para baixo −, lendo as palavras de trás para frente, uma técnica que aprendera para manter a mente focada, enquanto distraía o cérebro na esperança de que a sua estação final estivesse próxima ou, o que seria ainda melhor, que as vozes a abandonassem. Qualquer uma das duas opções seria ótimo, desde que chegasse rápido. Sentia o frágil autocontrole se perder entre os neurônios quando ouviu o aviso sonoro de que estavam se aproximando à estação de Shadwell. Agarrou-se ainda mais à barra de metal do corredor central do vagão e começou a soletrar nomes, também de trás para frente, ao mesmo tempo em que a voz de um garotinho penetrou em sua mente, como uma lâmina afiada, fazendo-a ouvir um choro fino e sofrido.

Não queria saber de quem era o lamento, muito menos se se tratava de alguém dentro do trem. Desejava apenas sair dali e, assim que a porta se abriu, saltou para fora do vagão com a única descarga elétrica que ainda lhe restava no cérebro. Fora o suficiente para sair, mas não para se manter em pé. Sophie tropeçou nos próprios pés e caiu no chão úmido e sujo da plataforma.

Por favor, me deixem em paz! Implorava, silenciosamente, ao mesmo tempo em que ouvia passos apressados vindos ao seu encontro. Pôde ver apenas alguns pés se aproximando do seu rosto caído no chão e tudo ficou nublado. Sophie foi sugada pela escuridão de sua mente e não ouviu nem viu mais nada.

Capítulo 6

Sophie acordou, segundos depois, ainda no chão, com meia dúzia de pessoas encarando-a assustadas. Quis apenas desaparecer. De todos os dons que havia no mundo, o único que desejava realmente ter era o de se desintegrar quando bem entendesse. Principalmente, agora, e sumir daqueles olhares curiosos sobre ela.

Ergueu-se com dificuldade, sob protestos dos desconhecidos à sua volta. Não respondeu a nenhum deles. Sentia os joelhos arderem sob as calças jeans. A cabeça latejava e o estômago borbulhava uma acidez que lhe subia até a garganta. Recolheu a bolsa do chão e caminhou, cambaleando, para fora da estação. Sentia lágrimas inundarem os olhos, mas as engoliu de volta. Sentia-se humilhada, fraca e irritada, mas nunca derrotada.

Tudo vai ficar bem.

A revista ficava a poucas quadras dali e, por alguns instantes, hesitou. O pouco de lucidez que lhe restara sabia que ela não deveria ir ao trabalho. Mas sabia, também, que deixara dezenas de coisas importantes por fazer. Suspirou, sentindo o costumeiro cansaço pesar sobre todo o corpo e arrastou os pés, um após o outro, até o antigo prédio de três andares da larga e pouco convidativa avenida The Highway.

Não foi difícil fingir uma disposição que não possuía. Não foi difícil fingir coisa alguma. Fizera isso a vida toda, com exceção dos últimos meses com Jesse, quando não precisava fingir nada. Estivera livre das visões e desmaios, vivia apenas uma felicidade leve e confortável.

Mas isso era passado.

Quando o final de tarde chegou, desligou o computador com determinação, ansiosa para ir à consulta com Nancy. Evitou o elevador − sem saber bem o motivo – e, chegando à recepção, despediu-se com entusiasmo exagerado da Sra. Johnson, uma recepcionista negra e robusta com um amplo sorriso de dentes grandes e muito brancos.

Assim que pisou na calçada, olhou para o alto e apesar de ser mais de sete da noite, o sol ainda estava lá, incandescente e enchendo a tarde de energia. Fechou os ohos e suspirou, sentindo-se renovada. Sorriu para si mesma e quando se virou para seguir o caminho até a estação de metrô, sentiu alguém se aproximando por trás. Deu meia volta e se deparou com o improvável, soltando um grito de susto.

— Que merda, Jesse!

— Desculpe! Achei que você tivesse me visto do outro lado da rua... — respondeu, meio sem jeito.

— Mas que diabos você está fazendo *aqui*?

— Vim te levar à casa do Dr. Barkley — respondeu, como se fosse a coisa mais natural na situação em que eles se encontravam.

— Como é? Mas como você sabe que...

— Foi a Anne — adiantou ele. — Ela me contou que você teve alguns episódios na semana passada e que hoje veria a Dra Nancy.

— A Anne o que? — exclamou, atônita, ainda em choque com a presença de Jesse à sua frente.

— Calma, ela não teve culpa. Eu praticamente extraí a informação a força.

— Ah, aposto que sim... — murmurou, irritada. — Emtão, como você já sabe, eu tenho que ir agora — finalizou, dando-lhe as costas e retomando o seu caminho. Tremia da cabeça aos pés. Sentia o coração disparado. Podia apostar que havia as bochechas vermelhas. E estava se odiando por isso.

— Sophie, espere — disse delicadamente, puxando-a pelo braço, mas ela puxou-o de volta e continuou andando. — Mas que droga, Sophie. Ser infantil não é a sua cara. Vamos conversar, pelo amor de Deus!

— Infantil, Jesse? — indagou, virando-se para ele. — Você quer mesmo ter esta conversa, aqui? Agora? Quer falar sobre “infantilidade”? Não fui eu quem colocou tudo a perder por causa de uma fantasia de sexo a três, foi?

— Chega — falou, categórico. — Tenho passado as duas últimas semanas no limbo, sem poder falar com você ou poder me explicar – suspirou, passando as mãos pelos cabelos castanhos claros. – Vem, entre no carro e vamos colocar um ponto final nisso de uma vez por todas, se é isso o que você quiser, mas você vai ter que me ouvir primeiro.

Puxou-a novamente pelo braço com mais força e, desta vez, Sophie não tentou se esquivar. O que ela menos queria era fazer uma cena na porta do seu local de trabalho. Entrou no carro sem vontade alguma de falar nada, muito menos de ouvir, mas ali estava ela. O cheiro do perfume dele já estava impregnado no veículo e Sophie sentiu a fragrância ativar sensações indesejadas.

Assim que Jesse se livrou do trânsito da avenida principal, começou o que parecia um discurso ensaiado há dias.

— Olha, eu sei que desapontei você, mas precisa acreditar que eu nunca tive nada com a Adrian — Sophie suspirou profundamente ao seu lado, olhando pela janela, demonstrando um visível tédio, que Jesse ignorou e continuou. — Ela me mandava alguns emails de vez em quando, mas eu nunca respondia, e ela continuou insistindo, até que eu acabei cedendo à fantasia. Ela praticamente me bombardeou com fotos e vídeos, mas eu juro que nunca tive nada com ela e nunca quis.

— E quando você vai chegar na parte do sexo a três? Foi uma ideia que surgiu do nada? Ah, Jesse, faça-me o favor... Vamos encurtar a conversa. Eu li as suas respostas.

— Foi ela quem começou com isso também e, para mim, era apenas uma brincadeira, uma besteira!

— Jesse, você não entende mesmo, não é? As suas respostas foram piores do que qualquer coisa que ela tenha dito ou feito. Você fomentou a situação e ainda me colocou no meio! Disse que eu não iria entrar no jogo, para a sua "desesperadora tristeza". — concluiu fazendo sinal de aspas com os dedos no ar. Sophie começava a sentir o coração realmente bater forte e um sentimento bem próximo a raiva estava emergindo.

Fez-se um silêncio oportuno entre eles. Jesse parou o carro no sinal vermelho, virou-se para ela e seus olhos eram sérios. Sophie nem se importou. Já havia se decidido, mesmo que às vezes o seu coração parecesse querer outra coisa. Que se dane o coração.

— Sophie, por favor, não somos crianças e nem é novidade para você que ver duas mulheres fazendo sexo é uma fantasia na cabeça de nove entre dez homens. Desculpe, droga, mas é verdade — justificou-se, enquanto Sophie emitia um som indecifrável de insatisfação. — Eu cedi à brincadeira. Errei, fiz merda, me desculpe. Não existe nada que eu possa fazer além disso.

— Claro, Jesse — concordou, sarcasticamente. — Você não quer nada com ela, mas mesmo assim, conversaram, naquele domingo, por vinte e cinco minutos ao telefone. Olha, pra mim chega— afirmou. — Eu não quero mais saber de você, da Adrian ou de qualquer fantasia sexual sua e dela envolvendo a mim. Faça o que você bem entender com o que você tem entre as suas pernas, mas não conte comigo para o showzinho de vocês — teria aberto a porta e descido do carro, se ainda estivessem naquele maldito farol. Decidiu terminar a conversa de outra maneira. — E tem mais, Jesse. Você nunca pensou que eu também tenho as minhas fantasias? — Jesse olhou-a espantado com a reação dela mais do que com a revelação em si, mas teve que olhar para frente novamente quando o semáforo abriu. Sophie continuou. Era a sua vez que dar as cartas. —— E, por acaso, você acha que eu sairia por aí me envolvendo com qualquer um só por causa de uma fantasia, por curiosidade ou brincadeira? E se eu tivesse feito, Jesse? Será que você estaria aceitando tudo isso numa boa, como você imagina que eu deva aceitar? — o silêncio voltou entre eles, acertando em cheio o peito de Jesse. — Pois é, foi o que eu pensei.

— Sophie, por favor, desculpe. Eu não vou deixar isso acabar com a nossa vida.

Sophie suspirou e, quando Jesse parou na faixa de pedestre para um grupo de turistas chineses passar, ela murmurou.

— Perca o seu tempo como quiser, eu não quero mais saber.

Abriu a porta do carro e saiu, batendo-a com força. Quase foi atropelada por uma bicicleta e atravessou a rua lentamente, ouvindo os protestos do ciclista e a buzina do carro de Jesse. Não olhou para trás e não o viu abrir a porta do carro e sair gritando o nome dela enquanto os carros atrás dele começavam a buzinar.

Sophie caminhou sem saber ao certo o que sentia naquele momento. Alívio, frieza, indiferença? Raiva, decepção, indignação? Teve receio de que Jesse a seguisse, então, entrou em um McDonalds e foi direto ao banheiro. Fechou-se lá dentro sentindo o coração se encolher e o pé latejar. Malditos saltos altos. Havia se esquecido completamente de trocar os sapatos antes de sair do trabalho.

Sentou-se no vaso e massageou os pés pensando no que faria para chegar à casa de Barkley, agora. Anne, certamente, já estaria a caminho de lá. Mas fora tudo culpa dela que Jesse tivesse ido buscá-la. Então, pegou o telefone na bolsa e ligou para a amiga.

— Sophie? Onde você está?

— Dentro do banheiro do McDonalds e antes que você diga qualquer coisa, o seu plano de me colocar frente a frente com o Jesse foi um total fracasso.

— Mas do que...

— Eu o deixei falando sozinho — continuou Sophie — e agora preciso de uma carona para a casa do Dr. Barkley — concluiu.

— McDonalds? O que você fez?

Por estas incríveis coincidências que só acontecem quando o Universo realmente conspira a favor, Anne se encontrava bem próximo dali. Havia parado em uma farmácia logo após deixar o escritório. Chegaria em dez minutos.

O tempo em que Sophie ficara trancada no minúsculo banheiro só fez com que os sentimentos dela se acumulassem como pilhas de lixo. Tudo lhe parecia surreal. Sophie pensara que o relacionamento com Jesse acabaria um dia, causado pela rotina ou por uma alteração drástica como um dos dois mudar de país, mas nunca pensara que o fim chegaria por traição. Era como se Jesse fosse duas pessoas completamente diferentes. Uma, madura, comprometida, atenciosa e apaixonada. Outra, infantil, inconsequente, egoísta e inescrupulosa. Sophie preferia desistir agora, do que descobrir mais à frente de que aquelas eram as duas faces de uma mesma moeda.

Sophie encostou a cabeça na parede fria de dentro do toilet. Fechou os olhos, chegando a uma triste conclusão. Talvez Jesse tivesse muito mais a ver com Adrian do que com ela. Revirou os olhos. Só de pensar em Adrian já embrulhava o estômago. Aquela era uma parte da história que ela ainda teria que acertar, mas não agora. Primeiro, precisava colocar a cabeça no lugar.

O som da descarga na cabine ao lado a despertou de seus pensamentos. Saiu do banheiro e correu para fora. Havia combinado com Anne de encontrá-la no estacionamento de um grande supermercado a meia quadra dali. Sophie seguiu rapidamente e ficou aliviada ao ver o carro delas se aproximando. Fez um sinal para Anne que, mal encostou o veículo e Sophie saltou para dentro dele.

— O que aconteceu? — perguntou Anne, enquanto Sophie fechara a porta do carro.

— Aconteceu que o Jesse tentou se explicar... meu Deus, que idiota, seria melhor que ele tivesse ficado de boca fechada.

— Será que você pode me contar tudo, sem poupar detalhes, por favor?

Sophie narrou as desculpas de Jesse e o tom da sua voz não deixou dúvidas da sua decisão. Anne ouviu tudo em silêncio, o que não era algo habitual.

— Anne? Você me ouviu?

— Claro que ouvi.

— E não vai falar nada? — Anne suspirou, espremendo o volante entre os dedos. Isso não era bom.

— Eu tenho certeza de que você não vai gostar do que eu vou te falar, mas vou dizer mesmo assim — suspirou novamente enquanto Sophie se ajeitava no banco, se preparando pelo que vinha pela frente. — Dê uma chance a ele...

— Ah, pelo amor de Deus! — exclamou, ajeitando-se no banco novamente, olhando para frente. — Até onde vai a sua devoção ao Jesse?

— Não é devoção, Sophi, é a realidade. Eu acredito nele. Qual é, estamos vivendo o filme "Adrian ataca Jesse, parte dois", por acaso? Você já se esqueceu do beijo que ela deu nele só para afastar vocês?

— São duas coisas bem diferentes.

— Olha, os homens têm fantasias, qual é!? E a Adrian? Ah... — suspirou. — Aquelazinha conhece os homens, sabe quais são os pontos fracos deles e...

— Eu não acredito no que estou ouvindo... Vocês dois combinaram isso, por acaso?

— *Sophi*, pense bem. Se você deixar o Jesse por causa disso, vai fazer exatamente o que a Adrian quer.

— Eu vou dizer a você o que eu disse a ele. E se fosse ao contrário? E se fosse com o Brandon, Anne? Você daria uma nova chance a ele, assim, numa boa? — Sophie esperou uma explosão de Anne, mas ela não disse nada, o que era ainda mais estranho. Sophie fechou os olhos e contou a Anne algo que, talvez, a fizesse entender o quanto Jesse a havia ferido. — Talvez tudo isso tenha o lado bom, sabia? Eu estava prestes a tomar uma decisão muito, mas muito séria na minha vida e essa idiotice do Jesse veio bem a calhar.

— Que decisão? — Sophie encarou Anne com os olhos úmidos e ficou em silêncio por alguns segundos.

— Eu ia aceitar me casar com ele.

Anne segurou a respiração num sobressalto e sentiu uma pontada no peito. Sophie havia decidido mudar de vida, abrir o coração definitivamente; e Jesse estragara tudo. *Puta que o pariu, Jesse!* Anne começava a entender a dor e a decepção de Sophie.

Vinte minutos depois − de puro silêncio −, chegaram à casa de Barkley. John e Kate Barkley as receberam com o abraço caloroso de sempre. Kate, uma mulher pequena e muito sorridente, quase desaparecia em volta dos braços grandes e fortes do marido, um homem alto e tão roliço que o pescoço parecia ter-se afundado entre os ombros. Até mesmo o bigode era grande e espesso. Somente os olhos eram pequenos, escondidos atrás das lentes igualmente pesadas.

Nancy, por sua vez, era alta, magra e com uma ligeira curvatura na coluna. As mãos estavam sempre frias, mesmo em períodos de calor. Os dedos longos e finos tinham as unhas pintadas de um rosa claro quase transparente, e o rosto ganhava um aspecto menos pálido quando − por alguma razão milagrosa − passava um suave blush rosado nas bochechas, como naquele dia.

Como de costume, Anne ficou na sala com Kate enquanto Nancy levava Sophie ao escritório de John, ao lado da sala de estar. Ele preparou um chá e foi se sentar com Kate no sofá. Sua paixão pela esposa era daquelas com a qual todos sonham, mas poucos encontram. Por isso, quase enlouquecera quando, anos atrás, pensara que a perderia para um câncer de mama; mas eis que a alegre e ativa Kate ainda estava ao seu lado, falante e cheia de vida.

— Então, minha querida. O que está acontecendo com você? — perguntou Nancy, olhando com doçura para Sophie sentada em um pequeno sofá à sua frente, longe da conversa animada sobre artesanato e decoração que se seguia na sala ao lado.

Sophie sentia-se cansada, mas, mesmo assim, relatou-lhe os últimos acontecimentos, referindo-se aos apagões e à sensação de opressão e medo que estavam tomando conta de sua mente.

— Eu me sinto tão estúpida. Era para eu estar habituada a tudo isso, mas, por alguma razão, tudo parece diferente.

— E é, Sophie. Os eventos são motivados por ações diferentes. Ataques de pânico são, em geral, causados por ansiedade. Já as suas visões derivam de sentimentos e ligações interpessoais. São coisas bem diferentes. — Sophie não compreendeu o que Nancy queria lhe dizer, mas continuou mesmo assim.

— Antes, eu me importava mais em entender o que eu via. Agora, isso não tem importância — lembrou-se do som do garotinho chorando, pouco antes de deixar o vagão e cair com a cara no chão na estação. — O menino chorando no vagão? Eu nem me importei. Eu sentia apenas...

— ...medo? — adiantou Nancy.

— Acho que sim — respondeu, hesitante. — Mas não faz sentido. Já passei por tantas coisas piores.

— Algo deixou você mais frágil, minha querida. Alguma coisa que você não está querendo me dizer ou ainda não percebeu.

Sophie suspirou profundamente e falou sobre Jesse e Adrian. Nancy escorregou o corpo ligeiramente para frente da poltrona, aproximando-se de Sophie, e esticou os longos dedos sobre as suas mãos.

— Minha menina... você é uma garota excepcionalmente forte, mas a sua força também pode se virar contra você. Já era hora de você saber disso.

Sophie ficou calada, pensando. Por mais de vinte anos negara seus próprios sentimentos, voltando-se única e exclusivamente às dores alheias. Era como ser sepultada viva sob toneladas de concreto. Somente quando decidiu enfrentar suas próprias dores é que, realmente, começou a conhecer a si mesma e, posteriormente, a encontrar um pouco de paz.

— Você não acha que é hora de encarar o que realmente sentiu sobre Adrian e Jesse?

Sophie quis dizer que não sentia nada, que a raiva fora passageira e que Adrian não significava nada, mas não podia mentir. Não para Nancy e muito menos para si mesma.

— Eu sinto tantas coisas... E isso me deixa ainda mais furiosa com ele.

— Com ele ou com você?

— Comigo? — Nancy não respondeu. Um silêncio desafiador pairou sobre elas e Sophie não entendeu, nem Nancy queria tampouco ajudá-la.

Sophie pensava em Adrian e Jesse, mas não queria pensar neles. Estava ali para falar sobre os seus estúpidos ataques de pânico e as vozes em seus ouvidos. Estava ali para falar sobre a sua mente que se virava contra ela, não sobre Adrian e Jesse. E, de repente, foi como se uma luz, ainda que fraca, se acendesse no fundo de sua mente.

— A senhora acha que... É possível que eu tenha *provocado* tudo isso a mim mesma? — Sophie baixou a cabeça, fechando os olhos, sentindo-se idiota. — Por que comigo uma merda de traição se transforma em um filme de horror com vozes e rostos me perseguindo em uma estação de metrô?

— Qualquer pessoa sofre depois de uma traição e cada um reage de uma maneira — afirmou Nancy, com a voz linear e delicada. — Você precisa entender o seu mecanismo.

— Mas eu conheço o meu mecanismo — ergueu a cabeça e prosseguiu em um tom igualmente linear. — Eu me fecho e os meus sentimentos se viram contra mim. Eles me fazem sentir uma atração *irresistível* pelo sofrimento dos outros e isso me fode por dentro. — Sophie bufou, tentando manter o controle. Ter um ataque histérico não adiantaria em nada. Não faria a dor chata nos joelhos por causa do tombo no metrô passar, muito menos encontrar o caminho de volta para a vida simples de antes. — Eu quis dizer que... eu sei como a minha mente trabalha, mas estas foram visões diferentes. As vozes surgiram por todos os lugares e eu senti um medo, um pavor das pessoas, inexplicável. — Olhou para Nancy em busca de respostas. — Será possível que a minha mente não pode tratar uma porcaria de uma traição como um simples par de chifres?

— Isso quem determina é você, Sophie, ninguém mais. Pra começar, você deve esgotar os seus sentimentos com relação ao que aconteceu. Você deve enfrentá-los.

— Mas eu já enfrentei, droga! Eu... — Sophie calou-se, percebendo que, na verdade, não havia feito nada para enfrentar. Havia simplesmente enterrado tudo, levando Jesse para dentro de um buraco, carregando com ele uma parte de si mesma. Aquela parte boa, capaz de amar, de compartilhar e de se divertir. Olhou para suas mãos cruzadas sobre as pernas e chorou. Transbordou em lágrimas o que não havia chorado em duas semanas.

Traição doía.

Nancy aproximou-se um pouco mais, segurando as mãos de Sophie entre as suas.

— Você tem um dom especial, minha querida, e não deve menosprezá-lo, porque ele pode ser igualmente perigoso. Todos nós somatizamos as nossas dores e fazemos o nosso corpo falar por nós. Temos dores de cabeça, de estômago, problemas nos rins e até alergias. São todos sintomas de um desequilíbrio emocional. Mas você? O que você empurra para dentro tem que sair de qualquer maneira e, diferente de nós, a sua válvula de escape é a sua mente.

— Eu só quero saber se estes ataques de pânico vão parar — falou em meio a soluços discretos. — Prefiro minhas visões a isso...

— Eu acredito em você. As suas visões são a sua zona de conforto, um campo onde você domina, mesmo que seja inesperado.

— Eu me sinto como uma mutante, sempre me transformando em uma aberração ainda pior — Sophie queria apenas chorar.

— Não, você não é, minha querida — disse, carinhosamente, enquanto pegava um copo de água na pequena mesa redonda ao seu lado. — Está muito mais humana do que pode imaginar — Sophie olhou-a com incredulidade. — É isso mesmo — afirmou, passando-lhe o copo. — Você quis enterrar o problema com o Jesse rápido demais. Não se deu tempo suficiente para processar as coisas. Ao contrário, forçou os ponteiros do relógio no sentido contrário, entende? — Sophie assentiu com a cabeça. — Você cobra demais de si mesma. — Nancy levantou-se da poltrona e foi se sentar ao lado dela no sofá. — Expandir os limites é bom e nos torna pessoas mais fortes, mas você forçou demais e, agora, está à beira de um colapso.

— Isso só pode ser piada... colapso por causa daqueles dois? Por causa de umas estúpidas mensagens?

— Não, Sophie. Nada é estúpido em se tratando de amor — Sophie pensou em rebater a palavra “amor”, mas ficou até com preguiça.

— O que eu devo fazer agora? — perguntou, esperando que houvesse um manual para consertar a si mesma. Um remédio milagroso que colocasse todas as peças no lugar.

— Primeiro, não force nada, não se julgue e nem se critique. Permita-se ficar triste, isso não é sinal de fraqueza. Ao mesmo tempo, segure-se na sua força para não cair fundo demais porque você sabe o que tem lá embaixo. — Sophie estava confusa e amedrontada. Sabia que lá embaixo havia o seu pai e Ashley. Havia a raiva e aquele desejo incontrolável de vingança. Havia, na verdade, apenas ira e um segredo. — Vai ficar tudo bem.

— Não, não vai, Dra Nancy. Acho que sei exatamente o que está acontecendo comigo porque já aconteceu antes. — Sophie baixou a cabeça novamente e quando ergueu o olhar para ela, Nancy soube que havia muito mais sobre aquela garota à sua frente. Algo que ela apenas suspeitava até aquele momento.

— Então me conte, Sophie — pediu, seriamente.

— Eu... não posso.

— Você pode. Está apenas com medo.

— A senhora não sabe... Ninguém sabe como é.

— Tente, minha querida.

— Não vale à pena — afirmou, esfregando as mãos na coxa, agitada.

— Você não acha que a sua terapeuta deveria lhe dizer se vale à pena ou não?

Sophie lançou-lhe um olhar frio e sem lágrimas.

— Não desta vez, Dra Nancy. — respirou fundo. — Não desta vez.

— Tudo bem. Você decide quando falar. Eu quero apenas ajudar você.

Sophie engoliu o último gole de água e colocou o copo sobre a mesinha de centro. Talvez não houvesse cura para o que havia reprimido há tantos anos. É algo que, àquela altura, já havia se solidificado em suas profundezas. Não haveria modo de tirar dali e Sophie não sabia se desejava, realmente. Extrair aquela coisa significava ter que lidar com ela, acordá-la, arrancá-la à força. O processo seria doloroso e ninguém − nem ela mesma − sabia como iria acabar.

— Sophie, querida. Não se culpe e nem se julgue. Dê-se um tempo para entender e aceitar os seus sentimentos. Não perca a ternura que existe em você. É natural sofrer depois de uma traição. É natural negar este sentimento e é natural, também, passar por crises de ansiedade e pânico em situações como esta. Não há nada de errado com você — sorriu para ela, docemente. — Eu sugiro que você faça uma análise verdadeira sobre o que você está sentindo em relação a Jesse e a Adrian.

— Não preciso de muito esforço, Dra Nancy.

—Sshhh.... — sibilou, erguendo a mão em sinal de advertência. — Eu disse uma análise verdadeira, mocinha. E isso, leva tempo. Você pode se surpreender com o que pode encontrar.

— Está bem.

Nancy ainda ficaria em Londres até o final da semana, portanto, decidiram que seria bom manter contato todos os dias, mesmo que fosse por telefone.

No caminho para casa, Sophie contou à Anne sobre a sessão e ela não pareceu nem um pouco surpresa. Sophie odiava aquele olhar de razão. *Porque todos sempre sabem o que acontece comigo, menos eu?* Resmungou dentro da sua mente.

— Você é a pessoa mais teimosa que eu já conheci! — exclamou Anne, rolando os olhos para o alto. — Por favor, fale-com-o-Jesse — enfatizou.

— Nem pensar! Anne, eu não preciso entender o Jesse, nem perdoá-lo ou nada disso. Não se trata *dele*. É o *meu* momento, não um momento a dois — embora Anne não concordasse, aceitou.

Passaram pelo supermercado, fizeram as compras e foram para casa. Anne decidira fazer uma nova receita de carne assada e Sophie quis aproveitar a noite ao lado da amiga. Quando Brandon soou a campainha, Sophie sentiu uma ligeira frustração.

Durante todo o jantar, procurou parecer tranquila, embora sua mente estivesse dando cambalhotas e quando Thomas a chamou, Sophie se desculpou com Anne e foi atendê-lo. Melhor ainda, preferiu telefonar-lhe e ficaram quase uma hora conversando sobre Nancy e os ataques de ansiedade, mas não só. Falaram sobre Amy e Peter − o pai de Thomas −, sobre os seus novos pacientes e a ideia de abrir um consultório só seu. Sophie sentiu-se novamente ela mesma e, naquela noite, dormiu depois de um bom banho, com um ligeiro sorriso nos lábios. Tudo ficaria bem, pensou.

A noite nada teria de tranquila, porém. Provou-se traiçoeira e ansiosa. Tinha pressa em tirar Sophie do seu momento de paz e, por volta das quatro da manhã, a escuridão foi se desfazendo em sua mente e Sophie embarcou em uma visão que começara com dois homens, aparentemente médicos, conversando num tom muito baixo em um corredor deserto de um hospital.

Capítulo 7

Sophie − ou quem quer que fosse que observava a cena − estava escondida atrás de uma porta e via os dois sujeitos por entre uma fresta. Um era negro, magro e alto, parecia aflito e irritado. “Mas que diabos”, reclamou. “Ei, fique tranquilo. Não vai ter rastro nenhum” falou o segundo. O que ele não tinha de altura e nem de cabelos, sobrava-lhe em barriga. “Acho bom mesmo. Se ele colocasse as mãos no prontuário como está, nós dois estaríamos fritos” “Pode deixar. Já está sendo tudo refeito. Nada vai ficar para trás” e o outro médico suspirou.

A conversa não durou mais do que isso e eles foram um para cada lado do corredor. Sophie também estava para sair de trás da porta quando, ao tocar a maçaneta para empurrá-la, teve uma sensação estranha em sua mão. Assim que desviou o olhar para a maçaneta, tudo desapareceu. Sentiu-se esvaziando como um boneco inflável. Uma sensação de desmaio dentro do sonho e, de repente, abriu os olhos. Estava em sua cama, sentindo o coração voltando a bater penosamente como um gerador velho ganhando energia.

Ergueu o corpo com os braços apoiados sobre o colchão e sentou-se, com a incômoda sensação de que, de novo, não havia sido um sonho. Sua mente girou e ela escorregou o corpo novamente para a horizontal, fitando o teto iluminado pela luz amarelada que vinha do lado de fora da janela.

Primeiro, ataque de pânico, depois, vozes. Agora, eram as visões que voltavam. Suspirou. Nada mudaria o fato de que estava fadada a conviver com aquele mundo secreto e confuso dentro dela. Revirou os olhos na noite.

Talvez Thomas estivesse certo o tempo todo. Talvez, aceitar a si mesma e o seu dom fossem a melhor coisa a fazer. Analisou, rapidamente, as possibilidades daquela visão e não se importou que fosse ainda madrugada. Tirou Thomas do seu sono, agarrado à Amy ao seu lado, e lhe contou o que acabara de ver. Com os olhos fechados e sem mover um milímetro os lábios bem desenhados, na sua inabalável expressão, Thomas debatia com Sophie as possíveis associações do que ela acabara de ver.

As suas visões estavam sempre conectadas a alguém que Sophie conhecia ou a algum sentimento em comum. Brandon era médico. Nancy e o próprio Thomas também possuíam ligações com o ambiente hospitalar. Thomas não conhecia nenhum médico com as descrições que Sophie lhe passara. Ao menos, não no hospital onde trabalhava, mas prometeu ajudá-la, desde que ela o deixasse dormir um pouco.

Sophie não pôde fazer o mesmo. Sentia-se agitada demais para dormir. Embora as visões fossem algo do qual ela fugiu desde criança, era impossível negar que, na maioria das vezes, elas eram a sua maior motivação. Repassou a cena em sua mente dezenas de vezes até que o dia amanheceu. Levantou-se da cama em um salto, saiu para uma corrida no parque e preparou um bom café da manhã. Anne desceu as escadas, às sete horas, embriagada pelo aroma de café fresco misturado a bacon e ovos.

— U-au! — foi a única expressão que conseguira exprimir vendo Sophie terminando de colocar os ovos mexidos em um prato, com um avental amarrado à cintura por cima de uma roupa de ginástica.

Os cabelos estavam erguidos em um robusto rabo de cavalo que lhe caía perfeitamente sobre as costas. Os olhos estavam brilhantes e atentos como há muito Anne não via.

— Como você conseguiu... isso? — perguntou, apontando para a mesa perfeitamente arrumada com os pratos corretamente alinhados aos copos e talheres. — Não pode ser... tem algo muuuuito errado aqui — zombou, mas adorando a surpresa.

— Nada de errado. Acho que, na verdade, está tudo mais do que certo. — Sophie tirou o avental e jogou-o sobre o balcão. Nem tudo era perfeito. Se fosse Anne, o teria pendurado no lugar certo, mas Anne não se importou. — Como eu pude nunca ter-lhe preparado um café da manhã? — indagou Sophie com a testa franzida, imaginando se havia se esquecido de algum detalhe.

— Não faço ideia, mas pode repetir quando você quiser! — exclamou Anne, arrependendo-se quando viu o estado lastimável do seu fogão e da pia. *Oh...!*

— Então, *buon appetito*! — convidou, arriscando um italiano que fez Anne sorrir.

Na metade do café da manhã, Sophie disse à amiga que, se ela ainda desejasse, concordaria em passar as duas semanas de férias na Itália. Anne só faltou bater palmas de felicidade. Imediatamente anotou na agenda que deveria ligar pra a Sra. Thompson ainda pela manhã e confirmar a disponibilidade do apartamento.

Estavam a três semanas da viagem e Anne começou a atropelar as palavras, programando todos os passos seguintes: comprar as passagens, perguntar se deveriam levar roupas de cama e de banho, comprar o protetor solar e biquíni, *oh não*. A prova do biquíni! Certamente aqueles modelos de dois anos atrás não lhe serviriam, o que rendeu assunto até o final da refeição.

Sophie sorria satisfeita, apenas degustando daquele momento morno de felicidade. Sentia que estava tudo como deveria estar. De volta, finalmente, ao que sempre fora. A mente cheia de fantasmas, os porões repletos de esqueletos, Anne excitada por uma novidade e totalmente alheia à visão que Sophie tivera na noite anterior.

Realmente estava tudo como antes.

Enquanto ajudava Anne a organizar os passos seguintes para a viagem, Sophie repassava os detalhes dos rostos, das vozes e do conteúdo da conversa entre aqueles dois homens, em sua mente. Sentiu novamente a sensação estranha em seus dedos, mais precisamente *entre* os dedos, mas não sabia explicar o que era e nem teria tempo para isso, naquele momento. Tinha que se arrumar para o trabalho, se não quisesse chegar atrasada.

Anne saiu primeiro e estava radiante. Café da manhã pronto e viagem à Itália decidida.

— *Ci vediamo più tardi amica*! — gritou da porta pouco antes de sair.

Sophie apenas sorriu, sem ter muita certeza do que aquilo significava, e saiu pouco depois tão concentrada no novo desafio que mal prestou atenção à multidão na estação de trem, às pessoas que vinham ao seu encontro na calçada e nem mesmo à falta de Caroline Johnson na recepção, que estava no banheiro, tentando se livrar de um mal estar matinal que já se estendia há dias. Suspeitaria de gravidez se não fosse viúva. Além do mais, estava com quase sessenta anos e há quinze não sabia o que era sexo. Sophie só notou os olhos inchados de Caroline Johnson mais tarde, quando saía para o almoço. Perguntou se ela gostaria que lhe trouxesse um chá, mas Caroline recusou, com um sorriso forçado. Em dez anos como recepcionista, nunca dera um sorriso forçado. Ou sorria ou não.

— Aconteceu alguma coisa, Sra. Johnson?

— Imagine, estou ótima! — Sophie olhou-a desconfiada e a mulher baixou os olhos. — Não se preocupe, não é nada. São só enjoos matinais. — Sophie continuava em silêncio esperando mais e Caroline suspirou. — E dores na barriga, também. Está inchada como um balão — queixou-se.

— E o que o médico disse?

— E eu lá sou gente de ir atrás de médico? De jeito nenhum! — Sophie sorriu.

— Mas por que não, Sra. Johnson?

— Porque eu não confio neles — resmungou. — Eles mataram o meu velho Joe e eu não vou deixar que façam a mesma coisa comigo! — exclamou com lágrimas nos olhos. Sophie sentiu-se tocada pela fragilidade daquela mulher tão robusta e sorridente, dando-se conta do quão pouco conhecia as pessoas com quem convivia.

— O que a senhora quer dizer com mataram o seu marido, Sra. Johnson? — A pergunta lhe fez pensar na visão que tivera na noite anterior.

— Ah, menina, alguns homens são mesmo frios. Ainda mais quando têm o poder sobre a vida e a morte — os lábios de Caroline tremeram. — No caso do Joe, eles acharam que ele tinha cara de quem deveria morrer, eu acho. O coitado sofreu meses sem que descobrissem o que ele tinha, até que morreu em casa, sem qualquer atendimento — desabafou, assoando o nariz ruidosamente em um lenço de papel.

— Eu sinto muito, Sra. Johnson — disse, tocando-lhe suavemente o braço. — Às vezes os médicos não conseguem mesmo descobrir o que o paciente tem. A medicina ainda não tem resposta para tudo.

— Ah, mas não tem mesmo! — assoou novamente o nariz fazendo ecoar um som de trombone por todo o pequeno saguão. — Eu dizia que tinha algo errado com ele, mas os médicos falavam que estava tudo bem. Só que o Joe continuava a emagrecer e vomitar...

— Há quanto tempo foi isso?

— Há quase quinze anos — respondeu, ressentida. — Eu tinha dois filhos pequenos quando ele se foi. Só eu e o bom Deus sabemos o quanto foi difícil segurar o bonde nos trilhos. Só eu e Deus, minha filha...

— Sra, Johnson, a medicina mudou muito nesses anos. A senhora deveria se cuidar melhor e ir ao médico. Os seus filhos precisam da senhora... Todos nós precisamos... — emendou, e o rosto da mulher se iluminou.

— Oh, querida, obrigada. Eu vou pensar a respeito, está bem? — prometeu, dando-lhe um sorriso despretensioso.

— Muito bem — sorriu de volta e, quando estava para sair do prédio, voltou para uma última pergunta.

— Sra. Johnson, então o seu marido nunca foi operado ou internado nenhuma vez?

— Nunca. Aqueles idiotas nunca pensaram que fosse preciso. Mandavam-no do pronto socorro direto pra casa.

Sophie fez um gesto com a cabeça e saiu, excluindo os médicos da Sra. Johnson da sua "lista de suspeitos". Quantos médicos deveriam ter se relacionado com todas as pessoas que Sophie conhecia? Sentiu desânimo só de pensar.

Nos dias que se seguiram, Sophie manteve contato constante com Nancy, que ainda não estava totalmente segura de que a nova visão fosse de um acontecimento real. Chegou a sugerir que duas pessoas em conluio e alguém espiando atrás da porta poderia ser uma representação do que ela sentira ao se deparar com o vídeo e os emails de Adrian, mas Sophie tinha certeza do que vira e do que sentira ao tocar a maçaneta da porta. Aquilo era real. Havia treinado a sua mente durante meses, logo que voltara de Pretoria, para entender melhor suas visões. Havia se preparado para absorver cenas reais do consciente e do subconsciente das pessoas. Estivera disposta a usar o seu dom para ajudar pessoas, mas, depois, preferiu a rotina do trabalho e a relação estável e confortável com Jesse aos mistérios em sua mente. Vivia, finalmente, uma vida normal, confortável e sem surpresas, como sempre desejara.

Sorriu para si mesma, fechando a porta do quarto e descendo as escadas para ir ao trabalho. *Confortável e sem surpresas...* repetiu, mentalmente, com ironia, pensando na grande "surpresa" que Jesse e Adrian lhe pregaram.

O eco de suas próprias palavras foi abruptamente interrompido por algo que vira na mesa da sala de jantar. Um magnífico arranjo de tulipas vermelhas perfeitamente acomodadas dentro de um vaso quadrado de vidro. Sophie sentiu o rosto corar. Enfiado entre os longos caules havia um envelope e, dentro dele, um CD com um pequeno bilhete.

Querida Sophie,

Os melhores momentos da minha vida sempre foram ao seu lado.

Aceite este registro como meu presente de gratidão.

Feliz Aniversário!

Do seu sempre, J.

Te amo.

Sophie engoliu uma saliva grossa e deu um jeito de desmanchar aquele sorriso bobo dos lábios enquanto Anne, que já estava na cozinha terminando o seu café da manhã, roía as unhas esperando a reação da amiga.

— Oh, Sophi... é tão lindo! — suspirou. — Por favor, dê uma chance a ele! — Anne já havia parabenizado a amiga cerca de uma hora antes, quando Sophie mal abrira os olhos, ainda na cama, mas nada lhe dissera sobre a surpresa que a aguardava no andar de baixo.

Sophie pegou o CD nas mãos e pensou em jogá-lo no lixo. Não queria e nem poderia aceitar nada que viesse de Jesse. Aliás, tampouco precisava de uma sequência de fotos ou vídeos de seus melhores momentos ao lado dele. De jeito nenhum. Abandonou o CD e o vaso de tulipas à mesa e saiu andando em direção à porta de saída.

— Pode ficar pra você, se quiser. Pra mim, não faz diferença.

— Mas, Sophi...

Anne ouviu apenas a porta bater, interrompendo o seu discurso pronto sobre perdão, segunda chance, trégua e todas as possíveis técnicas persuasivas que havia ensaiado em sua cabeça para aquele momento em que, presumivelmente, Sophie estaria.repassando em sua mente alguns dos melhores momentos ao lado de Jesse, antecipando-se ao que veria naquele CD. Aproveitaria da fragilidade da data para convencê-la a aceitá-lo de volta. Havia combinado tudo com Jesse. Tinha tudo para dar certo, mas ela falhara.

Uma parte dela sabia que Sophie não era frágil e muito menos o seria no seu aniversário, mas outra ainda acreditava no romance. Sempre acreditaria. *Isso funcionaria nos casais normais, eu acho.* Pensou Anne. Mas Sophie nunca gostou de comemorar seu aniversário.

Já a um quilômetro de casa, Sophie ainda pensava em Jesse e no arranjo de tulipas. Pensava em Adrian e em sua tatuagem na virilha, o que não era novidade. Era uma imagem que não lhe saía da cabeça. Poderia não se dar conta, mas ela estava lá, como uma sombra em uma fotografia. Incômoda e fora de lugar.

Pensava, também, na visão dos médicos e, quando percebia, estava de voltava às tulipas. O vai e vem em sua mente lhe dava náuseas. Se pudesse, de verdade, fazer um pedido de aniversário, pediria apenas para ouvir o silêncio. Mas o dia foi o oposto de silencioso. Parecia que os sons estavam amplificados naquele dia. Na redação, nas ruas, até mesmo quando estava sozinha, caminhando de volta do trabalho.

Quando entrou em casa − dando graças a Deus que Anne não organizara nenhuma festa surpresa – e viu o arranjo de flores ainda sobre a mesa, quase cedeu. Queria ouvir a voz de Jesse ao telefone. Queria sentir o seu abraço forte e envolvente, sua mão tocando-lhe os cabelos e o seu beijo suave em sua testa. Sentia falta da segurança de estar ao seu lado e do cheiro de sabonete na sua pele quente depois do banho.

Mais do que tudo isso, porém, queria ouvi-lo implorar pelo seu perdão, queria ouvi-lo dizer o quanto a amava, o quanto era um idiota, imbecil e estúpido!

Sophie ignorou aquela coisa florida e vermelha sobre a mesa e subiu às pressas para o quarto, descendo em seguida usando uma roupa de corrida. Correu por quase duas horas pelo Greenwich Park e encheu sua mente de música na tentativa de não deixar espaço para os próprios pensamentos. Ao final, com o refrão de "She Wolf" invadindo seus tímpanos, lembrou-se da primeira vez em que Jesse lhe falou sobre o desejo de ter filhos. Estavam saindo da rodovia M4, a caminho de Bath.

— Vai ser o seu presente de trinta anos — afirmou, ele, convicto.

— O *meu* presente? Mas quem disse que eu vou querer este tipo de presente? Não sei se quero hoje e muito menos daqui a três anos! — exclamou Sophie, abismada.

— Meu amor... — murmurou, puxando a mão de Sophie contra a sua boca, beijando-lhe os dedos delicadamente enquanto dirigia. — Você vai querer. Confie em mim.

Sophie não se importou nem um pouco com aquele tom profético. Olhou pela janela e apreciou, pela milésima vez, a paisagem. Chegar a Bath é como dar uma volta pela Itália sem sair da Inglaterra. A arquitetura de ambos os países se misturam em harmonia. As casas georgianas formam um corredor alto e suntuoso pelas ruas que serpenteiam a cidade. Já no centro histórico, a catedral e o balneário romano, construídos no final do sécilo I, são um tesouro descoberto mais de mil e setecentos anos depois e transformado em um museu.

Sophie começou a cantarolar o trecho da música que tocava no carro, fazendo um dueto com a voz de Sai no *CD player*.

— I'm falling to pieces, falling to pieces, falling to pieces…

O mesmo trecho soava no seu iPod naquele início de noite, na saída do parque. Arrancou o fone dos ouvidos com força sentindo uma dor aguda e intensa em sua alma. Casamento, filhos, união harmônica e estável. Por que diabos, um dia, pensara que aquela seria a vida reservada a ela? *Respire, Sophie!* Disse a si mesma, apertando o ritmo das passadas, começando uma corrida ritmada à batida do seu coração.

Jesse era uma presença constante em seus pensamentos e, pensar nele era pensar em Adrian. Não tinha como separá-los. Não tinha como não senti-los. Não tinha como não odiá-los.

Lágrimas lhe subiram aos olhos fazendo-os arder, queimando as boas lembranças dos seus três anos ao lado de Jesse. Lembranças que Adrian conseguira, finalmente, transformar em lâminas afiadas rasgando-lhe a alma. Odiava-a tanto e queria tanto parar de pensar em Adrian e em Jesse que começou a pensar se Nancy não tinha razão. E se a última visão não passasse de uma simbologia de seus próprios sentimentos?

Parou a corrida, abruptamente, apoiando as mãos em seus joelhos, respirando profundamente. Por que não conseguia simplesmente parar de pensar nisso? Respirou fundo, olhando à sua volta. Queria ser como aquela que caminhava com a amiga, rindo sabe-se lá de quê. Ou como aquele casal, de mãos dadas que atravessava a rua, em silêncio, envoltos em uma aura de tranquilidade profunda. Até mesmo a mulher de meia idade que seguia com seu cachorro na coleira e duas sacolas penduradas no braço lhe parecia mais feliz do que ela. Fechou os olhos ainda sentindo a vibração da música em seus tímpanos e apenas respirou profundamente, tentando preencher um vazio que ela teimava em não aceitar.

O cheiro da rua e o som dos carros foram suas últimas lembranças quando despertou de um transe, duas horas mais tarde, sentada em frente ao seu computador, no seu quarto.

A tela à sua frente mostrava o site do Hotmail aberto. As mãos tremeram sobre os joelhos e mesmo que não se lembrasse do que fizera nas últimas horas, havia várias pistas bem diante dos seus olhos. A página aberta era a de um email que ela não conhecia. Como tivera acesso a uma conta de email que nunca vira antes? Correu os olhos na tela e não havia emails recebidos. Parecia uma nova conta cujo nome era ainda mais bizarro: **sobre.Adrian@hotmail.com**. Que endereço era aquele e por que Sophie estava olhando para ele?

Quando conseguiu dominar o tremor, começou a investigar seus últimos passos na rede, temendo que tivesse feito algo do qual fosse se arrepender mais tarde. Podia prever o que viria. Havia apenas um email enviado recentemente. Mais precisamente, dez minutos antes, e fora endereçado a Joseph Kordish, da BRT London, o possível namorado de Adrian.

Sophie sentiu um aperto no estômago. *Merda, merda!*

Caro Sr. Kordish.

Meu nome não lhe interessa. Pode acreditar em mim ou não, mas a serpente tatuada na virilha não lhe deixará dúvidas de quem é a mulher nas fotos e no vídeo que lhe encaminho em anexo.

Todo este material foi enviado por Adrian ao meu noivo, cujo nome me reservo ao direito de não mencionar por motivos pessoais. Ele pode ser apenas um entre tantos com os quais a sua namorada possa estar indo pra cama neste exato momento.

Cabe agora ao senhor decidir o que fazer com todo este material e com a sua companheira.

Atenciosamente,

S.

Os nervos de Sophie se repuxaram e um arrepio doloroso percorreu-lhe todo o corpo. *Não, não... eu não fiz isso, não pode ser...* pensava, já tentando prever o que viria a seguir. Deveria ligar para Jesse? Ele estaria correndo algum risco? Não. Não havia o nome dele, mas Adrian, se fosse pressionada o suficiente, poderia dizer com quem compartilhara aquelas fotos.

Sophie não conseguia raciocinar. Levou as mãos à fronte e elas tocaram, tremulamente, a sua pele. Faltou-lhe o ar e o coração perdera o ritmo. Deveria contar a Anne? Não, não deveria. Deveria contar à Nancy sobre o blackout? Não, não deveria. Mas tinha que fazer alguma coisa! O problema é que não havia o que fazer. Não havia como voltar no tempo e nunca ter feito o que fez. Eram onze da noite e só lhe restava conviver com o que fizera durante toda a noite e os dias seguintes, sozinha e em segredo, na esperança de que nada acontecesse a Jesse, a ela ou à Anne. Adrian poderia querer se vingar de todos eles. *Talvez não aconteça nada...* disse a si mesma.

Ouviu uma risada provocante em seus ouvidos e não era de nenhuma de suas vozes interiores. Era de alguém que ela conhecia muito bem e aquilo lhe causou um pânico ainda maior. Sophie correu para fora do quarto, enquanto o som aumentava em sua cabeça.

Ao chegar ao andar de baixo, levou as mãos aos ouvidos, mas o som não se calou, ao contrário, tornou-se mais intenso, como se o seu desespero o alimentasse. Ela sabia que só havia uma pessoa capaz de satisfazer com aquele sentimento e teve medo de pensar em seu nome. Olhou em volta na sala e não viu ninguém. Mas isso ela também já sabia. Ashley não estava ali, fisicamente, mas dentro da sua mente, dentro das suas lembranças, dentro daquele quarto escuro onde viviam todas as criaturas que Sophie trancara anos atrás.

E se Ashley poderia sair e atormentá-la daquela maneira, algo mais também poderia.

Sentiu-se pesada, como se carregasse um mundo inteiro em seus ombros e os seus joelhos se dobraram até tocar o tapete, em rendição. Suas lágrimas saíam quentes, como se todo o seu corpo fosse um poço de águas sulfurosas e um cheiro de enxofre entrou em suas narinas, rastejando por entre as cavidades da sua face até o seu cérebro. Sophie deixou o corpo cair no chão enquanto suas lembranças a puxavam, imediatamente, para o dia em que deixou o orfanato.

Aos dezesseis anos, todas as crianças residentes no HG Institute deveriam deixar os altos portões para trás e encarar o mundo lá fora. A data de saída dos alunos era um evento marcante no calendário anual e sempre acontecia na última sexta feira de julho. Preparadas ou não, era a lei e não havia muito que fazer além de inserir os jovens, prévia e lentamente, ao mundo que os aguardava. Com Sophie e Anne fora mais fácil, pois tinham um padrinho como Paul ao lado delas. Durante dois meses antes que deixassem definitivamente o instituto, Paul − o assistente social que levara Sophie ao orfanato quando ela ainda tinha sete anos − as levava para passar os finais de semana em sua casa, e o período de transição entre os dois mundos fora mais tranquilo.

Anne e Sophie faziam parte de um seleto grupo de jovens assistidos por alguma família fora do instituto. A maioria não tinha nenhum parente ou amigo com quem contar além do programa de estágio, o que ocorria durante o último ano de residência quando o Instituto promovia a integração dos internos com o mercado de trabalho, o que, na maioria das vezes, garantia um emprego futuro. O programa funcionava excepcionalmente bem, tanto profissional quanto socialmente, para noventa por cento dos internos.

Os últimos dias antes da mudança para a casa de Paul foram vividos com ansiedade e tristeza por Anne e Sophie. O Instituto fora a casa delas nos últimos dez anos e seria impossível separar-se de Elena sem sofrimento. Quando o dia chegou, quase trinta residentes deixariam a infância e a adolescência para trás e entrariam em um novo mundo de mais responsabilidades, frustrações, desafios e receios. Cerca de vinte pessoas aguardavam os formandos no hall. Eram colegas de trabalho ou amigos que fizeram nas empresas durante o período de estágio. Alguns, porém, infelizmente, saíam sem qualquer tipo de escolta. Eram apenas jovens órfãos com suas pequenas malas e mochilas cheias de desesperança e temores. Elena sofria por todos, mas se mantinha forte e positiva. Tinha que ser assim. Quando, porém, aproximou-se de Anne, sentiu o coração se partir em minúsculos pedaços.

— Oh, minha querida... — sussurrou Elena para Anne, que não conseguia parar de chorar. — Isso não é uma despedida, minha filha. Paul e eu ainda trabalhamos juntos, ele precisa vir sempre aqui e vocês poderão vir com ele sempre que quiser.

Sophie sentia as lágrimas queimando a garganta, mas apenas sorria para Anne, que estava com a cara enfiada entre os fartos seios de Elena, num abraço desesperado.

— Aqui será sempre a segunda casa de vocês — afirmou Paul, abraçando Sophie, carinhosamente, sabendo da batalha que ela travava por trás daquele sorriso maduro.

Enquanto Elena tentava acalmar Anne, Astrid, uma garota alta e bonita de olhos amendoados, aproximou-se falando com uma voz cheia de excitação.

— Sophie! Sophie! Deixaram um presente pra você! — exclamou, entregando-lhe uma pequena caixa quadrada.

— Para mim? — e olhou para Paul com olhar interrogativo.

Paul encolheu os ombros e sorriu. Não fazia ideia do que se tratava, mas, decerto, admiradores não faltavam. Sophie havia se tornado uma das jovens mais belas do instituto. Alta, com um corpo bem modelado, cabelos negros e fartos, olhos escuros, boca bem desenhada e tudo isso envolvo em uma aura de mistério.

Sophie pegou a caixa nas mãos e balançou-a. Era leve − embora houvesse algo sólido dentro dela que se debatia contra as paredes a cada balançar − e estava totalmente lacrada com uma fita adesiva muito grossa−. Não havia nada escrito do lado de fora; remetente, destinatário, dedicatória, nada. Nenhuma pista.

— Abra, vamos! — incentivou Astrid, quase em coro com Anne que, a esta altura, já estava fora dos braços de Elena, com os olhos brilhando de excitação.

— Quem te entregou isso? — perguntou Sophie, enquanto arrancava a fita adesiva da parte superior da caixa.

— Foi lá fora... — Sophie já havia se livrado da fita e estava abrindo a caixa quando Astrid concluiu. — Me perguntaram se eu sabia quem era a Sophie e eu disse que sim...

Sophie só teve tempo de olhar para Astrid uma última vez quando a tampa da caixa se abriu. Antes que qualquer um pudesse ver o que havia dentro dela, um odor ácido foi liberado das paredes de papelão. Cheirava a ovo podre, um odor quente e sulfuroso. Mas o que tinha dentro da caixa, embora ela estivesse selada internamente com papel alumínio, não era água sulfurosa. O cheiro de enxofre fez os olhos de Sophie arder imediatamente e ela largou a caixa que, ao cair no chão, fez saltar para fora um pequeno animal morto − um rato, talvez – e parcialmente consumido por vermes. Sobre ele, um bilhete cravado com um alfinete:

"A liberdade nem sempre é segura. Seja bem vinda ao meu mundo."

Astrid emitiu um som estridente, como uma protagonista de filme de terror. Anne tampou o rosto com as mãos abafando o seu próprio grito, enquanto Paul e Elena tiravam as meninas dali. Alguém arrastou a caixa pelo chão, enfiando o animal morto de volta para dentro com os pés e lacrou-a novamente, mas o cheiro havia se espalhado, causando náusea aos que estavam por perto.

Não precisou muito para deduzir que o presente horrendo era de Ashley. A encenação, o cheiro e o alvo não deixavam dúvidas. Como ela havia feito para entregar a caixa, é que era a questão. Talvez tivesse levado alguém até a porta do orfanato ou talvez tivesse algum aliado interno, não havia como saber sem interrogar todos os presentes.

A estratégia usada por Ashley nunca fora descoberta, nem mesmo quando ela e Sophie se encontraram pela última vez, alguns meses depois.

Caída no chão da sala, Sophie chorava compulsivamente de ódio, de tristeza e de medo. Sentia os olhos de Ashley sobre ela e o cheiro fétido do animal dentro de sua narina.

— Sophi! — gritou Anne, poucos minutos depois, assim que abriu a porta da casa, com Brandon ao seu lado.

— Espere, não toque nela! — advertiu ele, embora Anne já soubesse como agir naquela situação. Havia cuidado de Sophie durante centenas de transes, antes.

Depois de uma rápida análise, Brandon concluiu que Sophie não estava em um transe, mas em estado de choque. Sua respiração era fraca; os olhos fixos e vazios, com as pupilas muito dilatadas e estava suando. Anne pegou algumas almofadas no sofá e Brandon ergueu as pernas de Sophie, apoiando-as sobre elas. Anne ajoelhou-se ao lado da amiga, alisando-a a testa delicadamente, controlando o próprio pânico.

— Pobre menina, que fardo para ela... — murmurou Brandon.

Não havia muito mais a fazer. Era preciso apenas esperar. E eles esperaram ao lado dela no chão por alguns minutos até que os músculos do seu corpo começaram a relaxar.

— Está tudo bem, querida... — sussurrava Anne em seus ouvidos. — Estou aqui com você, estou bem aqui — repetiu, com a certeza de que aquela cena era mais do que um *dèjá vu*. Brandon foi à cozinha, pegar um copo de água.

— Tome, Sophie. Isso vai ajudar você — afirmou, enquanto ajudava-a a erguer a cabeça. Anne também a ajudou a se sentar e Sophie bebeu a água em pequenos e inseguros goles.

— O que aconteceu, Sophi? — perguntou Anne, em voz baixa. Sophie não lhe respondeu de imediato. Apenas olhou para Anne, com os olhos tristes e vazios e chorou em silêncio.

Brandon conhecia a dinâmica da situação. Como médico, já havia feito a sua parte. Como amigo só poderia fazer uma coisa: deixá-las a sós. Beijou os cabelos de Anne e sussurrou em seu ouvido.

— Me ligue se precisar de alguma coisa. — Anne anuiu e lhe beijou os lábios delicadamente, mantendo Sophie em seus braços, ainda sentada no chão.

Tão logo Brandon saiu, Sophie respirou profundamente, olhou Anne nos olhos e sussurrou.

— Estou ficando louca, Anne.

— Não, não está. Você está apenas com os sentimentos muito, muito feridos — contrapôs, ajudando-a a se levantar, levando-a até o sofá.

— Eu não sei... Talvez você tenha razão... — concordou para evitar o interrogatório.

Sophie queria lhe contar tudo. A sua perda de consciência, o email que enviara ao namorado de Adrian, as lembranças de Ashley, a voz em seu ouvido, o cheiro de enxofre e... era muito para contar. Melhor deixar Anne, em sua inocência, achar que tudo se tratava apenas de um coração partido. Sophie sabia – e sentia – que era muito mais.

Fitou as tulipas vermelhas ainda sobre a mesa de jantar e se lembrou de que ainda era o seu aniversário. Sentiu-se ainda pior. Diante dos seus olhos havia uma porta aberta para os braços de Jesse e, onde quer que ele estivesse, Sophie sabia que ele estava esperando por uma ligação dela. Bastava isso. Bastava estalar os dedos para tê-lo novamente. Por um nano segundo ela se sentiu segura novamente entre os braços dele. Mas, atrás daquela imagem, um fantasma se erguia com covinhas no rosto e uma tatuagem na virilha. Sophie sentiu o gosto de bílis novamente na boca. Fechou os olhos. Ela queria Jesse de volta, mas teria que estar pronta e curada de todas as suas dores antes de deixá-lo entrar em sua vida novamente. Teria que estar livre de Adrian e de Ashley, mas, principalmente, enfrentar algo dentro de si mesma. Era evidente que, não somente o apagão, mas também o que fizera durante o blackout mostrava que Sophie precisava fazer alguma coisa. Anne e nem ninguém, porém, precisava saber. Resolveria tudo sozinha. Lidaria com o problema como sempre fizera: em segredo.

Capítulo 8

A noite transcorreu lenta e pesadamente, envolta em uma estranha bruma de inquietação tanto para Anne quanto para Sophie que, por conta própria, dobrou a dosagem do remédio para dormir. Na manhã seguinte, evitou o assunto quando encontrou Anne na cozinha. As tulipas haviam desaparecido e nem sinal do CD. Sophie nem perguntou por onde andavam.

Anne certificou-se de que Sophie estava bem e saiu para trabalhar. Sophie saiu em seguida, caminhando até a estação do metrô. Tudo parecia estranhamente lento e as ruas vazias. O silêncio matinal era mais intenso do que o normal, ou seria Sophie que sentia a vida à sua volta de maneira diferente? Quando chegou à revista, parecia ter se passado uma eternidade desde que saíra de casa. Sentia-se anestesiada e nem mesmo quando Caroline lhe contou que ouvira seus conselhos e fora ao médico Sophie saiu do seu incomum estado de torpor. Caroline fora diagnosticada com uma hérnia de hiato já em estado avançado e recomendaram-lhe uma cirurgia o que ela, claro, respondeu com garras de fora.

— Nem pensar! Uma coisa é falar com eles, a outra é colocar a minha vida naquelas mãos! — exclamou, tamborilando com as unhas azuis muito compridas sobre o balcão de madeira da recepção.

A teimosia de Caroline, contudo, durou apenas até a hora do almoço daquele mesmo dia quando Sophie desceu e não a viu no saguão. Encontrou-a no banheiro. Ao vê-la se contorcendo de dor encostada à pia ameaçou chamar uma ambulância e a mulher se rendeu. Com lágrimas nos olhos e um medo inconsolável, prometeu que ela mesma faria isso e que talvez aceitasse fazer a cirurgia.

Quando Sophie voltou do almoço, Caroline não estava mais na portaria e nem no banheiro. Em seu lugar havia um jovem − com os cabelos raspados e brincos na orelha − que ela nunca vira antes. Perguntou sobre a recepcionista e o ele lhe disse que Caroline estava de licença por alguns dias por motivo de doença. Sophie esperou que não fosse motivo de doença, mas de cura, e esboçou um sorriso, secretamente.

Quisera ela ter um problema de saúde físico e curável com uma cirurgia. Porém, não havia procedimento cirúrgico que curasse visões, transes e perda de consciência. Um ano antes, estes sintomas levaram Brandon a identificar que, além das visões, ela sofria de derrames múltiplos. Talvez aquele apagão e a confusão mental fossem sequelas daquele período. Sophie resmungou. Ela sabia que tinha que contar tudo ao Brandon o mais rápido possível, o que implicava em contar para Anne e Nancy, também. Talvez não fosse má ideia. Estava mesmo cansada de lutar contra si mesma.

A volta para casa se deu no mesmo ritmo bêbado com o qual passara todo o dia. Seus pensamentos, embora nublados, parecia com aquelas bolinhas de fliperama, ricocheteando no trabalho, depois no email enviado ao namorado de Adrian, no período em que ficou inconsciente e na certeza de que algo muito ruim estava prestes a acontecer. Era muita coisa para se pensar. Assim que colocou os pés em casa, sua mente levou um chacoalhão, dando um *tilt* geral na máquina.

— Sophi, você pode me explicar o que é *isso*? — questionou Anne, com uma inflexão exagerada na última palavra, agitando um pedaço de papel.

— Isso o que? — perguntou de volta sem ter a mínima ideia do que Anne estava falando. Precisou recuar um passo para evitar que o pedaço de papel lhe acertasse o nariz.

— Pelo amor de Deus, me diz que você não fez isso!

Sophie puxou o papel da mão de Anne, leu e releu a mensagem impressa, tentando entender como aquilo havia chegado à Anne.

— Por que você fez isso? E por que colocou isso debaixo da porta do meu quarto? Poderia tê-lo entregue a mim, hoje de manhã. Eu não estou entendendo nada!

Sophie entendia menos ainda

— Anne, eu não fiz isso! — exclamou em sua defesa.

— Como assim? Está querendo me dizer que alguém entrou aqui em casa e enfiou isso embaixo da porta do meu quarto? — indagou num tom de voz que beirava ao pânico.

— Não... Quero dizer, isso é impossível. Eu... Eu fiz este email, mas...

— Você... fez? Você fez isso? Ah, não, Sophie... Então...

— Não, espera! Eu realmente escrevi isso e mandei ou acho que mandei... Eu acho que desmaiei, mas... eu juro, eu não coloquei no seu quarto! — Anne arregalou ainda mais os olhos, com a boca aberta, como se o tempo tivesse congelado a sua expressão de terror.

— Você... desmaiou? Mas... Sophie, que merda está acontecendo aqui? — esbravejou Anne puxando Sophie pelo braço e sentando-a no sofá ao seu lado como fazem as mães com uma criança muito, muito encrencada. — Me explica isso direitinho — falou.

— Foi ontem, pouco antes de você e o Brandon chegarem. Eu fui correr no parque e, de repente, eu estava em frente ao computador e, pelo que parece eu tinha escrito isso — sinalizou com desdém para o papel nas mãos de Anne — e enviado ao tal cara, o Joseph.

— Ao que parece? — perguntou, confusa. — Eu não estou entendendo. Você fez ou não fez?

— Eu acho que sim, mas... Eu não quis contar a você porque... — Sophie bufou, soltando toda a sua frustração. — Anne, eu estou tão cansada de tudo isso e parece que as coisas só pioram.

— Calma, está bem? Vamos começar do começo... Então, você teve um lapso entre a corrida e este email, foi isso? — Sophie assentiu. — Tá. E depois disso...

— Eu desci e... desmaiei... de novo... Pouco antes de vocês chegarem.

— Ok. E você não se lembra de ter colocado o papel embaixo da minha porta?

— Não — respondeu, sentindo-se cansada. Anne leu novamente o email e suspirou.

— Sophi... por que?

— Eu não sei, droga! Eu não me lembro nem de ter escrito essa merda, quanto mais de ter colocado no seu quarto!

— Você tem que ligar para a Nancy, agora! E eu vou falar com o Brad. Tem que ter uma explicação pra tudo isso. E Deus me livre que não seja coisa pior...

— Anne... — interrompeu Sophie, engolindo uma saliva grossa e amarga. — Eu acho que sei o que está acontecendo. — Anne ficou encarando a amiga esperando mais detalhes.

— Estive pensando sobre isso, hoje — continuou Sophie. — Eu acho que parte de mim quer muito ver tudo isso acontecendo, sabe. Que a Adrian pague pelo que fez. E pague muito — enfatizou, sem piedade. — E que o Jesse seja perseguido e ameaçado por um namorado ciumento. Ou coisa pior. Mas outra parte quer simplesmente esquecer e seguir em frente. Só que, quanto mais eu tento seguir em frente, mais alguma toma conta de mim e...

— Sophi...

— Espera, Anne, me deixa terminar — Anne se calou. — Eu conheço isso. Eu já senti isso antes, há muito tempo e eu acho que... acho que fiz algo também inconsciente, naquela época.

De repente, todas as sensações, de ambas as partes, se chocaram dentro de Sophie e ela sentiu o coração entrar em um ritmo frenético. Tentou controlar a respiração para que Anne não notasse o seu nível de estresse aumentando, e gotas de suor começaram a brotar em sua testa. A boca secou imediatamente e Sophie se levantou às pressas, esbarrando-se na pequena mesa da sala, tentando chegar à cozinha, o que ela não conseguiria.

— Sophie, você está bem? — perguntou Anne, levantando-se no seu encalço. Sophie parou de repente, de costas para Anne, e sua mão procurou cega por algum apoio. Anne pressentiu o que estava por vir e gritou. — Oh, Deus, Sophie!!!!

A mão de Sophie bateu com força na bancada de madeira, como uma parte morta de um corpo que começava a se desenrolar, numa sequência de pequenos desencaixes que o levaram ao chão bem diante dos olhos da amiga, como fizera dezenas de vezes antes num passado não muito distante.

Sophie não ouviu os gritos de Anne nem viu o desespero da amiga indecisa entre tentar virar o corpo inerte de Sophie ou pegar o telefone e ligar para Brandon. Sophie entrara, violentamente, em outro mundo. Anne não fazia ideia, mas uma cena pavorosa fizera a consciência de Sophie apagar mais rápido do que o normal. Enquanto Anne virava o corpo dela de lado, temendo que ela entrasse em algum tipo de convulsão e se engasgasse, Sophie − em sua mente confusa − corria por uma trilha estreita entre arbustos e árvores.

O chão era de asfalto, o que lhe dava a impressão de estar em um parque. A corrida, porém, não era como as habituais. Sophie fugia de alguém, desesperadamente. Virou-se para trás e viu dois homens que a seguiam, também correndo e rindo debochadamente, certos de que a agarrariam a qualquer momento. Eles usavam máscaras de esquis e aproximavam-se rapidamente.

Sophie ouviu uma voz aguda gritando por socorro. Vinha de dentro dela, embora não fosse a sua voz. Também sentia o seu corpo diferente, mais volumoso e desajeitado embaixo de calças jeans apertadas, e calçava sapatos desconfortáveis de salto fino. Sua respiração era acelerada e desritmada.

Olhou para trás, novamente, e viu uma mão agarrando-a pelos cabelos. Notou que eram negras e fortes. Como se puxasse a crina de um animal, o homem fez um único e brusco movimento e Sophie foi violentamente arrancada de seu percurso. O couro cabeludo fora tracionado de tal forma para trás que ela teve certeza de que parte do seu cérebro havia sido deslocada junto com ele. Com apenas um golpe, seu pescoço se dobrou para trás levando com ele a cabeça, os ombros e todo o tronco. O salto de um dos sapatos se quebrou e Sophie sentiu o pé direito escorregar, enquanto o peso do corpo era puxado para trás e para baixo.

A queda só não foi mais imediata porque o homem mantinha a cabeça de Sophie ainda erguida pelo couro cabeludo, que doía agudamente. Tentou gritar, mas não conseguiu completar a frase.

— SOCOR... — O outro sujeito avançou sobre ela tampando-lhe a boca e puxando o seu corpo para a mata que ladeava o caminho de asfalto. Sophie chutava em todas as direções, mas parecia que seus pés e pernas atingiam somente o vazio.

— Cala essa boca, piranha — falou uma voz grossa e nervosa, soltando finalmente os cabelos de Sophie para agarrar-lhe a boca e o pescoço. — Segura essa vaca direito, porra! — ordenou ao outro que pressionou os dedos com força nos calcanhares de Sophie, puxando-a para baixo novamente, num movimento sincronizado com o parceiro que a forçou ao chão.

As mãos livres de Sophie socavam o ar, procuravam agarrar, unhar, agredir de alguma forma, mas somente conseguia se machucar nos arbustos. A cabeça doía e os tornozelos também. A pesada mão saiu de sua boca e no segundo seguinte virou um punho fechado e certeiro em seu maxilar e, depois, na lateral da cabeça. Ela sentiu os ossos trincarem dentro da boca, enquanto uma risada frouxa ecoou ao fundo. Os ouvidos zuniam. Sentiu pontapés em sua barriga e não tentou mais gritar. Não havia folga entre um pontapé e outro para que ela conseguisse reagir.

— Agora vê se entende o recado, vadia. Se abrir a boca, morre — o bico duro de uma bota estilo militar acertou as suas costelas enquanto as ameaças continuavam. Sophie mal conseguia ouvi-las direito — Se pular fora do barco, morre — outro chute, e o pé escorregou das costelas acertando-lhe o braço, fazendo Sophie sentir o cotovelo dobrar para o lado oposto do que deveria. A fratura emitiu u choque elétrico em todo o seu braço.

E então, houve um momento em que nada aconteceu, mas nem por isso Sophie se sentiu mais segura. Flashes de uma criança esquivando-se dos abusos de um pai violento tentaram ressurgir por uma fenda aberta em uma de suas feridas que os socos e pontapés acabavam de reabrir.

— Por que a gente não aproveita pra se divertir um pouco, cara? — sugeriu a voz debochada e ofegante do que parecia ser o rapaz mais jovem e Sophie ficou alerta, novamente (ou o quanto poderia sobrar de lucidez sob os ferimentos e dores que sentia por toda parte). Náusea e ferroadas pareciam virar seu corpo do avesso e o gosto metálico de sangue enchia a sua boca.

Sentiu duas mãos de dedos finos e longos abrindo o botão da sua calça jeans com violência enquanto mais uma sequência de chutes e socos era desferida pelo outro homem.

— Dá um tempo, cara, senão vai me acertar, porra — gritou o mais jovem, forçando o jeans dela para baixo.

O corpo todo de Sophie tremia em ondas de dor e pavor. Queria gritar, chorar, implorar para que fossem embora, mas o desejo era desconexo com suas ações, como se a mensagem enviada ao cérebro pegassem um atalho qualquer no meio do caminho e se perdessem em uma confusão mental jamais sentida antes.

Sophie não reagia mais, como se não estivesse mais lá. Parecia inconsciente ou talvez morta. Mas os olhos entreabertos, que a esta altura pareciam um traço entre as pálpebras inchadas pela violência, viram quando o rapaz tirou a máscara.

— Coloca isso de volta, seu idiota! — exclamou uma voz mais rouca.

— Cara, ela tá em outro mundo, não tá vendo mais nada... Não é, boneca? — debochou o homem vindo em cima de Sophie.

Lágrimas lhe escorriam pela face, mas o choro era silencioso, ou Sophie não conseguia ouvi-lo.

Os cabelos castanhos claros do rapaz estavam grudados na testa suada. Ele tinha a pele clara e os olhos também castanhos vidrados que a encaravam com desprezo e fúria. A boca era fina e o sorriso perverso. Sentiu um puxão para trás, quando o homem negro agarrou seus braços para cima e o outro baixou definitivamente seus jeans apertados, fazendo a calcinha descer o suficiente para exibir um púbis de pelos avermelhados e bem aparados. Sophie teve um momento de lucidez.

As mãos do rapaz eram sujas com unhas desiguais. Quando ele puxou a calcinha mais para baixo, ela ergueu a cabeça e encarou suas próprias partes íntimas sentindo as ondas de dor e revolta subirem pelo seu corpo até sua garganta. *Não, por favor não...* Era só o que conseguia pensar. Os olhos ficaram mais úmidos e embaçados pelas lágrimas e ela quis apenas sumir, desaparecer no vazio da sua quase não consciência. Deu uma última olhada naquele rosto magro e cruel vindo sobre ela e invocou alguma coisa, qualquer coisa dentro dela que parasse tudo aquilo. Procurou se agarrar em algo que fizesse sua força ser maior do que aquele corpo sobre ela, então, baixou os olhos novamente para o seu corpo. Viu algo que alterou tudo à sua volta. Viu a serpente tatuada na virilha e a realidade parecia desproporcional à sua dor. Ali, deitada no chão úmido sentindo as pedras fincarem em suas costas não era Sophie.

Foi como um despertar em sua mente. Ela não estava ali, realmente. Era Adrian e, se ela estava dentro da mente de Adrian podia fazer qualquer coisa.

Foi como mover uma montanha, mas Sophie finalmente conseguiu. Empurrou os joelhos de Adrian para cima e gritou. Acertou a parte mais delicada daquele verme sobre ela e, ao mesmo tempo, ergueu a cabeça com força, acertando o nariz do desgraçado. Não havia mais Adrian, apenas Sophie comandando um corpo que não era seu, através de uma mente que não era a sua.

Se alguém tivesse visto a cena, diria apenas uma palavra: possessão.

Um grito jorrou de sua garganta como um rugido; alto, claro e desesperado, e a cena se desfez em uma explosão avermelhada, com gotas grossas de sangue voando pelos ares no mesmo momento em que Sophie se virava no chão da cozinha, arrastando-se como um animal surrado para o canto mais próximo, chorando desesperadamente entre gritos de fúria.

— Sophie, calma, já passou — disse Anne com sua voz chorosa.

Mas os gritos não cessavam nem menos a fúria com que saíam de dentro da alma castigada de Sophie. Anne teve certeza absoluta de que os vizinhos chamariam a polícia e esperava que Brandon chegasse primeiro.

Aproximou-se de Sophie abraçando-a, contra a vontade da amiga que se debatia insanamente, recusando-se a ser tocada. Anne insistiu e insistiu até que Sophie perdeu as forças, entregou-se às lágrimas, exausta, nos seus braços.

Dois minutos depois, quando já recobrara a consciência suficiente, Sophie teve a certeza de que, mais uma vez, vira uma cena real. Adrian, realmente, corria perigo. Agarrou os braços de Anne e falou, com a voz mais firme que podia, fitando profundamente os olhos verdes da amiga.

— Adrian... — disse num fio de voz — ela foi atacada... dois homens... no parque...

— O que?

Sophie fechou os olhos buscando em todo o terror da cena algo que lhe desse alguma pista real. Onde estaria Adrian? Quem seriam aqueles homens?

— Minha culpa — murmurou Sophie, lutando para manter a consciência alerta e sair da dor física e da confusão mental características do pós-transe. Precisava raciocinar. Fora real, ela sabia disso. Podia sentir o hálito daqueles homens, o peso de suas mãos e pés sobre ela.

— Minha culpa — sussurrou, ainda tremendo. — Preciso ajudar...

— Sophi, você não fez nada — disse Anne, sem ter a menor ideia do que Sophie estava dizendo. — É só uma visão, já passou. Não é real...

Sophie nem sequer tentou convencê-la do contrário. Estava ocupada demais tentando domar um mundo inteiro de sensações e filtrar o que realmente importava. Repassava a cena em sua cabeça. *Concentre-se! Concentre-se no local.*

Ouviu o som da campainha tocando. *Merda!* A falta de silêncio não ajudava. Anne soltou a amiga por um instante e correu à porta fazendo Brandon entrar rapidamente.

— Brad, ela está... Eu não estou entendendo...

— Sophie, você está bem? — perguntou ele, com a voz calma e segura.

Sophie continuava sentada, agora abraçada ao próprio corpo, com os olhos cerrados. Ela não respondeu. Estava agarrada aos pequenos fragmentos que vira do parque onde Adrian fora atacada. Poderia ser qualquer lugar na cidade. Parecia-se com qualquer trilha que ligasse uma rua a outra em uma colina nos bairros arborizados ou até mesmo um pequeno parque. Era impossível saber e o tempo estava passando. Adrian poderia estar morta já. Ela tinha que fazer algo, tinha que conseguir pegar aqueles desgraçados. Por uma fração de segundo, Sophie visualizou algo em sua mente.

— Eu já sei! — gritou, fazendo Brandon afastar-se dela rapidamente. Sophie levantou-se rápido demais para quem mal conseguia dominar a dor e o medo. Virou-se para Brandon, pegando-o pelos braços com força e falou-lhe com o máximo de exatidão que conseguiu. — Chame uma ambulância... Folkestone Gardens. Tem uma mulher ferida na mata... na trilha... próximo ao lago. — Brandon ficou com as palavras suspensas em dúvidas. Deu um olhar rápido à Anne que não fez menção alguma em discordar. — Brandon, agora!... Ou vai ser tarde... — Virou-se para Anne, que tinha a mesma expressão confusa do namorado, e disse:

— Ligue pra polícia... diz a mesma coisa... por favor...

Sentindo-se mais consciente, conseguiu andar até o sofá, pegou a bolsa e resmungou algo entre os dentes que Anne não conseguiu ouvir. Estava atônita demais pensando no que Sophie acabara de lhe pedir, mas decidiu obedecer e se deu conta de que Brandon já estava ao telefone chamando a ambulância, conforme fora orientado.

— Rápido... Eles não podem escapar! — exclamou Sophie, com firmeza na voz.

— Sophie, espere — falou Brandon assim que desligou o telefone. — Eu sou o seu médico e preciso que você me diga o que está acontecendo antes de irmos a qualquer lugar.

— Brad, por favor — disse em tom quase desesperado. — Você precisa acreditar em mim! Eu sei do que estou falando — e repetiu com calma, dando ênfase a cada palavra, com todas as forças recuperadas, embora o corpo ainda doesse. — A Adrian acaba de ser atacada por dois homens. Eles a espancaram e, talvez já a tenham violentado. Eu voltei pouco antes de...

— Tudo bem, Sophie — concordou ele. As experiências anteriores não deixavam dúvidas de que ela falava a verdade, ou pelo menos, acreditava que fosse verdade.

— Obrigada, Brad. É melhor irmos com o seu carro — ele não discutiu mais e os três saíram rapidamente. Anne ainda falava com a polícia quando entraram no carro.

— Isso mesmo... Ela foi agredida... Como é que eu sei? É... minha amiga viu. — respondeu, olhando para Sophie sentada no banco de trás. — É... sim... sim... não... sim... — respondia monossilabicamente às perguntas do outro lado da linha.

— Para onde a gente vai? — perguntou Brandon, virando-se para Sophie.

— Para qual hospital vão levá-la?

— Provavelmente ao King's College.

— Então é pra lá que nós vamos. Espera... tem como passar pelo parque primeiro?

— Tem... — respondeu Brandon, confuso.

— Dá pra você explicar toda essa confusão de uma vez? — pediu Anne, irritada, assim que desligou o telefone. — Eles devem achar que eu sou louca ou algo assim.

— O importante é que eles peguem aqueles filhos da puta — respondeu com a mesma irritação de Anne, com a diferença de que tentava, secretamente, combater a dor que sentia por todo o corpo, a náusea e a sensação de que o cérebro iria explodir a qualquer momento. E mais. Estava assustada com o que fizera durante a visão. Será que havia mesmo conseguido forçar o corpo de Adrian a dar aquele chute e a cabeçada?

— Que merda, Sophi, o que está acontecendo?

— Anne, eu não tenho dúvidas do que eu vi — olhou fixamente para os olhos verdes de Anne e afirmou. — Eu vi a Adrian sendo atacada por dois homens naquele parque.

— Você tem certeza? — as palavras mal haviam saído e Anne já se arrependera, como sempre. — Quer dizer... Como você pode ter tanta certeza de que não foi apenas mais uma visão? Como você sabe que foi real?

— Porque foi, droga! Eu não posso explicar isso, Anne, mas foi! — Sophie pôde quase sentir os golpes novamente em seu corpo. A pressão das mãos em seus calcanhares e pulsos, os olhos castanhos do rapaz... — E quer saber mais? — emendou Sophie. — Eles não fizeram isso à toa. Alguém os contratou para fazer aquilo com ela.

— Quem? — perguntou Brandon olhando Sophie pelo retrovisor.

— Acho que foi o namorado dela...

— Depois eu te explico — interveio Anne a Brandon, dando a Sophie um olhar recriminatório.

— Ele deve ter ficado muito puto com o que eu mandei pra ele e...

— Sophi, não pode ser...

— Você não acha muita coincidência, Anne?

— Será que dá pra vocês me contarem que negócio é esse? — interrompeu Brandon, buzinando para o motorista de um ônibus que acabara de invadir a sua pista.

— O Jesse e a Adrian... — começou Anne, meio sem jeito.

Sophie continuou.

— Eu descobri que eles faziam um "sexual virtual" sigiloso com direito a vídeos e fotos eróticas...

— ... da própria Adrian — completou Anne, fazendo de conta que ainda não havia contado tudo a ele. Claro que contara. No mesmo dia. Ele só não sabia ainda do desdobramento.

— E eu mandei tudo, fotos e vídeos, para o namorado dela.

— Mandou o email durante um transe, ou melhor, um "breve período de perda de consciência" — ironizou Anne.

— É. De umas três horas, eu acho — concluiu Sophie.

— O que? — gritou Brandon. — Perda de consciência? Sophie, você fez essas coisas e não se lembra, é isso que vocês estão querendo me dizer? — indagou, encarando Sophie pelo retrovisor e dando olhares recriminatórios para Anne ao seu lado.

Sophie não respondeu. Estava mais preocupada com Adrian e com a sua culpa pesando-lhe sobre os ombros do que com o sermão que Brandon estava prestes a lhe dar. Ao menos a polícia já havia sido avisada e, provavelmente, já estariam por lá.

— Sophie, você não pode esconder uma coisa dessas! Eu sou o seu...

—... médico, eu sei. Desculpe, Brad — murmurou, do banco de trás com o pensamento distante.

— Sophie, Sophie... — resmungou ele, esfregando a mão pelos cabelos claros, visivelmente chateado, preocupado e nervoso.

— *Agora vê se entende o recado... Se abrir a boca, morre... Se pular fora do barco, morre...* — murmurou ela.

— O que foi isso? — indagou Anne, com ar de repúdio.

— Foi o que um dos caras falou enquanto a atacava — respondeu em voz baixa, tentando não deixar evidente a vergonha que sentia por ter desejado, dias atrás, que exatamente aquilo acontecesse a Adrian. Seus desejos de vingança haviam se realizado e isso a deixava profundamente aterrorizada.

— Que horror!

— Alguém já tentou ligar para Adrian, por acaso? — perguntou Brandon com tanta simplicidade que Anne e Sophie se entreolharam.

— Eu não! — responderam em uma só voz. — Tenta você, Anne! — disse Sophie e as mãos pequenas e ágeis da amiga já arrancavam o celular da bolsa, correndo os dedos pela lista de contatos. Levou o aparelho ao ouvido com os olhos fechados rezando para que Adrian atendesse com a sua voz irritantemente fina. Mas nada. Caiu direto na caixa postal.

— Tenta de novo — falou Brandon.

Anne ligou novamente e dessa vez deixou um recado. Não custava tentar.

Eles se aproximavam da entrada principal do Folkestone Gardens a caminho do hospital quando o som estridente da sirene de uma ambulância partiu em algum lugar muito próximo. O veículo apontou na saída do parque e Sophie sentiu o estômago se contrair. Sabia que Adrian estava lá dentro entre a vida e a morte, e não havia nada que ela pudesse fazer para impedir o pior.

Para onde havia ido aquele sentimento de ódio mortal que sentira por ela até horas atrás? Em que se transformara o desejo incontrolável que surrá-la até a morte, de feri-la de todas as maneiras possíveis? Sentiu-se mesquinha e infantil só de pensar naquilo. *Foi tudo culpa minha,* pensou, enquanto Brandon seguia a ambulância até o hospital, próximo dali. Anne e Brandon não comentaram nada, apenas se entreolharam preocupados.

Havia uma única coisa que Sophie poderia fazer. Pegou o celular e ligou para Paul. O chefe do Departamento de Menores não era a pessoa mais adequada a quem reportar uma agressão física ou tentativa de estupro, mas sendo Paul a única pessoa que ouviria o seu relato sem questionar − e sendo ele, também, alguém ligado à polícia −, pareceu-lhe o mais indicado a fazer.

— Isso mesmo, Paul — continuou Sophie, após uma descrição sucinta da agressão. — Um era loiro e o outro, negro. Posso reconhecer o rapaz branco, mas o negro não. Se eles analisarem as câmeras poderão ver os dois juntos e...

— Deixa comigo, querida — interrompeu Paul, sabendo exatamente o que fazer. — Ligo para você daqui a pouco

Sophie desligou o celular sentindo-se um pouco mais aliviada, enquanto Brandon já entrava pelo estacionamento reservado aos médicos, no hospital. Brad tomou a frente da situação enquanto Sophie e Anne ficaram no corredor. Ele entrou por uma sala atrás do balcão de triagem e Sophie sentiu o coração apertar. Suas mãos suavam com os dedos entrelaçados aos de Anne, que tremia igualmente.

— Por que ele está demorando tanto? — resmungou Sophie depois de apenas alguns minutos e Anne não respondeu. Mordia os próprios lábios, aterrorizada, observando a calma das enfermeiras caminhando pelos corredores, acostumadas àquela rotina. Anne sentiu um forte aperto em seus dedos e, imediatamente, olhou para Sophie que encarava Brandon vindo ao encontro delas.

— Oh, meu Deus... — murmurou Sophie. — por favor, me diga que ela está viva... — Anne engoliu com dificuldade.

— Você tinha razão, Sophie. Adrian foi atacada — disso ela já sabia e, mesmo assim, sentiu que parara de respirar. — E ela não está nada bem... Eu sinto muito — o chão acabara de sumir sob os seus pés.

— Nada bem como? — perguntou Anne.

— Estão fazendo os exames preliminares, mas até onde pude saber, já foram constatados traumatismo craniano, frturas múltiplas e possível hemorragia interna — Anne gemeu e Sophie continuou calada, sentindo as lágrimas subir-lhe aos olhos. — Eu já volto — disse, já se virando e seguindo de volta pela mesma porta da qual viera.

O telefone de Sophie vibrou na sua outra mão e ela quase não o atendeu, até ver quem era.

— Paul, eu não sei se ela vai sobreviver... Por favor, Paul, diga que vocês pegaram os filhos da puta... — suplicou, agora soluçando, enquanto Anne a levava para fora do hospital. Paul falou algo do outro lado que Sophie não entendeu. Ela tremia de cabeça aos pés e apenas soluçava.

— Paul, sou eu, Anne. Você tem novidades?

— Olá, querida — disse ele, com uma voz abatida. Suspirou. — Localizaram as imagens de dois homens saindo do parque pouco depois do horário em que Sophie teve a visão. A descrição que ela me deu bate com os sujeitos nas imagens.

— Oh, Paul, isso é ótimo.

— Pode ser, mas precisamos que ela vá à delegacia porque uma viatura já está perseguindo os suspeitos e logo serão encaminhados para lá.

— Mas tão rápido assim? — Anne não sabia se se sentia aliviada ou preocupada. Sophie não poderia depor no estado em que estava. E mais... — Hã... — murmurou — temos um problema, Paul. — antecipou.

— Sim, eu sei. Como ela vai dizer que viu o ataque, certo?

— Exatamente... — concordou Anne. — Ela pode dizer que estava no parque, não pode?

— Não. Eles vão investigar se ela diz a verdade e nenhuma câmera terá captado Sophie entrando ou saindo do parque. Eles vão saber que ela está mentindo e os sujeitos serão liberados imediatamente. Sophie pode ser acusada de falso testemunho.

— O que você acha que devemos fazer, então?

Enquanto Anne e Paul tentavam encontrar um modo de fazer o depoimento de Sophie ser aceito, Sophie sentia a cabeça latejar. Adrian estava entre a vida e a morte a poucos metros dali e a única coisa que ela poderia fazer para apontar os culpados era admitir a sua telepatia. Ela sabia que explicações deste tipo não eram aceitas em tribunais. Portanto, precisava de algo mais. Tinha que encontrar uma brecha, uma única prova que ligasse os sujeitos ao crime.

— Temos algum tempo para pensar nisso. Acho que posso conseguir pelo menos vinte e quatro horas depois que eles forem levados. — disse Paul.

— Tudo bem. Nos falamos daqui a pouco — e Anne desligou o celular se dando conta de que Sophie não estava mais ao seu lado. Entrou correndo de volta à emergência e a viu conversando com Brandon.

— ... não posso dizer, Sophie — continuou ele, dando sequência a uma pergunta que Anne não ouvira, mas pela reação de Sophie, só podia ser algo ruim.

— Dizer o que? — perguntou Anne.

— Adrian está passando por uma cirurgia, agora. Estão tirando um dos seus rins — falou Sophie, com amargura.

— Oh, Deus... — murmurou Anne, sento envolta pelos braços de Brandon.

— Ela é jovem e pode sair dessa.

Nenhuma palavra poderia amenizar a dor que Sophie sentia dos chutes que Adrian levara nas costas. A dor que Adrian sentira enquanto tentava se livrar das mãos pegajosas daqueles sujeitos. Sophie quis vomitar.

— E quanto ao traumatismo craniano? — perguntou Anne.

— Ela está em coma induzido para preservar as funções cerebrais. É muito cedo para dizer qualquer coisa.

— Eu tenho que fazer alguma coisa... — murmurou Sophie num fio de voz.

— Não — falou Brandon, com firmeza. — Você não tem que fazer nada. Os médicos estão cuidando dela e a polícia vai cuidar dos agressores. Você vai cuidar de você! *Eu* vou cuidar de você.

— Brandon...

— Por favor, Sophie. Se você se recusar a ser tratada, definitivamente, vou deixar de ser o seu médico. — Anne olhou para Brandon, atônita, enquanto ele continuava sem hesitação. — Como profissional, não posso ver a sua situação e ficar sem fazer nada. Vamos começar os exames amanhã. Você está de acordo?

Sophie pensou em retrucar, motivada apenas pelo desejo de fazer alguma coisa por Adrian, mas sabia que Brandon tinha razão. Não havia outra coisa a fazer senão recomeçar as torturantes sessões de exames.

— Muito bem. Amanhã, às oito da manhã no consultório. Agora, se quiserem ir tomar um chá, eu acompanho vocês. Não teremos notícias de Adrian nas próximas horas.

Anne convenceu Sophie a irem ao café a duas quadras do hospital. Sophie mal se dera conta do quão quente estava o dia. O ar estava abafado e, embora já se passasse das dez da noite, o calor era insuportável. Mal haviam deixado a sala refrigerada do hospital e o suor já lhe escorria pela nuca.

Anne e Brandon caminhavam à frente e Sophie os observava, com os pensamentos tão longe quanto da última vez em que se sentira realmente feliz. Fora uma estupidez arrastar a situação com Jesse e Adrian até aquele ponto. Nada havia acontecido entre os dois, fisicamente, e ela fora infantil demais para perceber isso e agora Adrian se encontrava entre a vida e a morte. Sentiu a cabeça doer e o estômago apertar.

Brandon pediu um café *espresso,* Anne, um chá gelado e Sophie, um suco tropical. Seguiram com seus pedidos até uma mesa do lado de fora, em uma pequena área descoberta na calçada, e se sentaram. Anne evitou falar do incidente, mas não tinha muito mais sobre o que conversar.

— Sophie, fique calma. Você pode ter salvado a vida da Adrian, já pensou nisso?

— Os médicos disseram que a polícia a encontrou entre uns arbustos. Se não fosse a sua denúncia — emendou Brandon —, ela poderia ter sido encontrada somente horas mais tarde e o quadro dela seria muito pior.

Embora parecesse que Brandon tentasse apenas amenizar a culpa de Sophie, o que dissera era a verdade. Ele somente omitiu os detalhes sórdidos, como o fato de terem encontrado-a com as calças abaixo do joelho, o corpo todo coberto por hematomas, o maxilar fraturado e os olhos como grandes bolas roxas.

Quando o celular de Anne vibrou sobre a mesa, Sophie o agarrou rapidamente.

— Oi Paul, alguma novidade?

— Ah, oi, Sophie. Como você está?

— Estou bem. Novidades da delegacia?

— Sim, pegaram eles Os dois rapazes têm uma longe ficha criminal, mas ainda não temos nada que os ligue ao crime, exceto pelo fato de terem sido filmados saindo do parque.

— Eles saíam correndo ou algo assim?

— Na verdade, sim. Não diria correndo, mas apressados. Tudo indica que foram surpreendidos por alguém e tiveram que mudar os planos na última hora. — Paul esperou por algum comentário, mas como Sophie não fez nenhum, continuou. — Mesmo que você não possa provar que foram eles, pode ter salvado a vida dela. Só Deus sabe quanto tempo mais eles teriam ficado com a pobre menina...

Sophie não concordava com nada daquilo. Não poderia ser vista como uma heroína uma vez que Adrian havia sido atacada por sua causa.

— Tudo bem, Paul. Se tiver mais alguma novidade, por favor, me avise.

— Claro, Sophie. Acabei de chegar à delegacia e vou acompanhar tudo de perto. Se você se lembrar de algum detalhe, qualquer um que possa ligar os dois à vítima, me avise.

— Pode apostar — suspirou. — Pode apostar...

Sophie desligou o telefone com uma sensação de urgência em seu peito. Estava deixando algo lhe escapar e tinha que descobrir o que era, antes que fosse tarde demais. Sabia que se a polícia os libertasse, jamais colocariam as mãos neles novamente.

— Sophie, por favor, tente relaxar um pouco — falou Anne. — O Brad tem razão. Não tem nada que você possa fazer, agora. Você provavelmente já ajudou muito. — Sophie não respondeu. — Você nem sabe se o que houve com a Adrian tem alguma coisa a ver com o email que você mandou. Não daria nem tempo de alguém planejar algo assim em apenas um dia — insistiu Anne.

— Eu tenho certeza do que eu vi e ouvi. Vou repetir pra você: "*Agora vê se entende o recado... Se abrir a boca, morre... Se pular fora do barco, morre...".* Se isso não é uma represália, juro que não sei o que pode ser.

— Ela tem razão, Anne — disse Brandon, seguido por um olhar reprovador de Anne. — Definitivamente, é um recado, mas o que você não pode afirmar é que seja do namorado dela. Pelo que você me disse, ela tem um comportamento sexual um tanto extravagente.

— Pode ter sido a mando de qualquer pessoa, realmente — concordou Anne, após uma breve pausa.

— Inclusive do namorado dela — emendou Sophie.

— Inclusive, mas como o recado se encaixaria na traição de Adrian? “Se pular fora do barco”? Parece meio fora do contexto, não acham? — questionou, levantando-se para ir ao banheiro, deixando Anne e Sophie cada uma com seus pensamentos e hipóteses rodando em suas mentes.

Assim que ele retornou, voltaram ao hospital. Esperaram por mais duas horas e, quando já se passava da meia noite, convenceram Sophie a voltar para casa. O quadro de Adrian continuava estável e os médicos a deixariam em coma induzido por pelo menos mais quarenta e oito horas.

Sophie entrou no carro pensando que tinha que consertar tudo aquilo, só não sabia como.

Capítulo 9

Enquanto Adrian permanecia no escuro de sua consciência, no dia seguinte, Anne ligou para Jesse e contou-lhe o ocorrido. Por um segundo, Jesse não soube o que fazer. Visitar Adrian poderia ser um agravante na relação já desgastada entre ele e Sophie, o que Anne fez questão de comentar com a amiga no final do dia.

— Jesse deve fazer o que achar melhor — falou Sophie. — Ele não me deve satisfação e muito menos temer a minha reação. Isso é ridículo — concluiu, continuando a vasculhar dentro do armário as roupas que levaria à Itália, em poucos dias. Sobre a cama, uma mala de tamanho médio, aberta e vazia. Ao lado da cama, cinco pares de sapatos.

— Sophie, o que está acontecendo?

— Nada, por que?

— Olha pra você! — exclamou. — Essa agitação, fuçando na mesma prateleira pela terceira vez dentro do armário. — Anne desabou o corpo sobre a cama de Sophie. — Você não está, realmente, arrumando a sua mala, está? Agora?

Sophie suspirou. Não havia contado a Anne sobre a interferência na visão de Adrian e achou que deveria fazê-lo. Afinal, mais cedo ou mais tarde teria que contar. Sentou-se ao lado de Anne e contou-lhe tudo. Anne perdeu a fala, o que era difícil, mas por pouco tempo. Levantou-se, pegou o celular e ligou para Nancy.

— Você vai falar com a Dra. Nancy agora! — ordenou, e Sophie não discutiu.

A ligação foi atendida pela costumeira vez rouca da mensagem na caixa postal. Anne deixou recado para que Nancy ligasse imediatamente. Achou que se frisasse o "imediatamente", receberia uma ligação em poucos minutos, mas não aconteceu. Nancy não retornou a ligação no sábado e nem no domingo. Souberam, então, através de John Barkley, que ela havia viajado para a Suécia atrás de uma "informação importante para a sua pesquisa", dissera ele em tom misterioso.

Na segunda feira, dia em que os médicos iriam retirar Adrian do coma induzido, Sophie chegou ao hospital por volta das oito da noite e viu Jesse parado no corredor com as mãos dentro do bolso da calça, conversando com um dos médicos que ela já conhecia. Aliás, Sophie já havia conversado com todos os médicos responsáveis por Adrian.

Sophie parou assim que o viu e recuou, decidida a não deixar que ele notasse a sua presença, mas quando estava para entrar no elevador, ouviu passos apressados atrás dela.

— Sophie, espere — falou uma voz ofegante para a qual ela não respondeu. — Sophie, espere! — insistiu a voz entrando em seus ouvidos, quente e muito próxima.

Ele apoiou uma das mãos sobre o seu ombro direito. Sophie virou-se para ele, sentindo o coração disparar ao vê-lo, com seus cabelos presos em um rabo de cavalo. Não pôde deixar de observar os seus olhos brilhantes castanhos claros e a sua boca contornada por uma barba de poucos dias. Podia sentir os pelos macios da barba na palma de sua mão, como fazia quando se deitavam, um de frente para o outro, depois de fazer amor. Enfiou as mãos no bolso da sua calça branca de linho e deixou-as ali, bem presas.

— Como você está? — perguntou ele.

— Estou bem — respondeu, com frieza.

— Anne me disse que você tem vindo todos os dias...

— É...

— Por que, Sophie? — perguntou, também colocando as mãos de volta nos bolsos laterais da calça marrom. Jesse usava uma camisa cor palha que Sophie reconheceu de imediato. Fora um presente seu, num daqueles dias que não têm nada de especial, apenas o desejo de presentear quem se ama. Desviou os olhos da camisa.

— “Por que”, Jesse? Que pergunta mais besta — respondeu, virando-se de costas e apertando o botão do elevador, novamente.

— Precisamos conversar — afirmou ele, pegando-a delicadamente pelo braço e puxando-a para longe de uma família que se aproximava. Ela não relutou. Caminharam cerca de dez metros e Jesse continuou. — Anne me contou tudo sobre a visão, o seu sentimento de culpa e...

— Você não entende — interrompeu, sentindo uma bola crescer em sua garganta. Sentia-se frágil diante dele como se finalmente pudesse desmoronar e cair nos braços de alguém.

— Então me explique porque realmente eu não entendo. Eu sei do email que você mandou, mas ele não é o cara — Sophie olhou-o, confusa.

— Como assim? — de repente, o mundo parou à sua volta.

— Eu li o email. E antes que você queira executar a Anne por isso, saiba que fui eu, de novo, quem praticamente extraiu tudo dela. E ainda bem que eu fiz isso porque posso te dizer, com toda certeza, de que o tal Joseph pra quem você mandou aquele email, não tem nada a ver com o namorado dela. Ele se chama Joseph sim, mas é dono de uma empresa de transportes em Kent!

— Empresa de transporte em Kent? — repetiu, só para ter certeza.

— Sim. O cara antes dele também se chamava Joseph e era diretor de uma empresa qualquer, mas o lance acabou em pouco tempo. Não me pergunte quanto tempo, só sei que depois surgiu este outro cara que, por coincidência, também se chamava Joseph.

— Então o cara para quem eu mandei o email não é o namorado, mas será que pode ser o ex-namorado?

— Não sei. Mas se for, a única coisa que pode ter acontecido é o cara ter descoberto que a ex dele manda emails e fotos para um sujeito qualquer. Não acho que isso seja motivo para mandar dois caras surrá-la até quase a morte.

— Quem será então e por que?

— Não faço ideia...

— No que será que ela estava envolvida...

— Sinceramente, eu não sei.

— Com o que ela estava trabalhando?

— Acho que com uma amiga, sobre eventos ou algo assim. Eu não sei.

O alívio que sentia em sua culpa libertou Sophie. Agora, poderia sentir aquela raiva avassaladora de Adrian, novamente. Esperou que o sentimento viesse, mas nada aconteceu. Ao menos não imediatamente. Difícil dizer se voltaria já que Adrian continuava em um leito de hospital com várias costelas quebradas, um rim a menos, vários dentes quebrados, além do nariz e do cotovelo fraturados. Por sorte, muita sorte, a violência sexual não fora concretizada. Algo a ver com uma joelhada no saco e uma cabeçada no nariz? Talvez quando Adrian voltasse do coma, pudesse esclarecer por que os agressores fugiram de repente.

— Olha... — murmurou Jesse, passando os dedos pela testa, tenso — eu vim aqui para saber notícias dela porque, de alguma maneira, sinto-a como uma amiga. — Sophie esboçou um sorriso debochado. *Amiga? Depois de tudo o que ela fez?* Pensou Sophie, sem dizer uma só palavra. — E, também, porque Anne me disse que você estaria aqui neste horário. Eu preciso falar com você, Sophie — pediu, segurando-a pelos braços, delicadamente. Sophie apertou os lábios.

— Como ela está? — perguntou Sophie, olhando para o corredor onde Jesse conversava com o médico. Preferia falar sobre a saúde de Adrian do que dar corda no assunto que Jesse queria entrar.

— Estável. Vão tirá-la do coma amanhã, no final da tarde.

— Eu não estarei aqui. Não voltarei mais a vê-la — afirmou, decidida a esquecer daquele episódio. — Por favor, não mencione o meu nome quando a vir, está bem? Não quero que ela saiba de nada do que aconteceu. Do email, eu quero dizer. E da visão... enfim, nada.

— Tudo bem, não vou falar nada. Eu entendo que você não queira mais vê-la, mas você sabe que está ligada a tudo isso, não sabe? Falo da investigação...

— Sim, eu sei. Mas vou falar com o Paul sobre isso. Não quero que o meu nome apareça.

— Eu não conheço nada sobre investigação policial, mas acho que, se tiver um julgamento, você terá que colocar a cara, não acha?

— Não sei... Pode ser que encontrei vestígios de DNA deles nela, sei lá. Tem outras maneiras, eu acho — respondeu, baixando o tom de voz, sentindo um cansaço característico do baixar da adrenalina. — Olha, Jesse, estou mesmo muito cansada. Vou pra casa.

— Posso passar por lá mais tarde?

— Não — respondeu, imediatamente. — Nada mudou, Jesse. Nada — olhou em seus olhos, o que estava evitando desde que o encontrara, e forçou-se a não sentir nada. — A Adrian ter sido atacada não muda o fato de você e ela terem me traído. Simples assim, está bem? Não tente misturar as coisas. Mesmo que eu perdoe as suas imbecilidades, mesmo que no pesar da balança todas as coisas boas que tivemos sejam maiores do que a estupidez da sua relação com ela eu jamais confiarei em você novamente. E pra falar a verdade — encarou-o profundamente —, este nem é o maior dos problemas. A decepção, Jesse, é o pior. É algo corrosivo e à prova de amor — concluiu, deixando-o sozinho, sem palavras para combater as suas.

Ele apenas baixou a cabeça sentindo o coração ser arrancado pela raiz. O mesmo sentia Sophie, mas ela sabia que, uma vez ferida, os sentimentos positivos começavam a escorregar em uma queda livre impossível de ser contida.

Às nove da noite, o trânsito fluía com tranquilidade e Sophie analisava os próprios conflitos no caminho de volta para casa. Por um instante, pensou em se afastar da investigação policial, uma vez que nada daquilo havia acontecido por sua culpa. *Foda-se, não devo nada a ela*, pensou, não reconhecendo a sua própria voz. Que tipo de pessoa viraria as costas à possibilidade de colocar atrás das grades animais como os que atacaram e quase estupraram uma jovem?

Chegando a casa, sentiu-se aliviada ao ver tudo às escuras. Correu para o seu quarto e não respondeu ao chamado de Thomas. Mesmo que ele pudesse lhe dar alguma pista sobre a visão com os médicos, aquilo ficara anos luz de distância dos seus interesses. Naquele momento, ela só pensava em falar com uma pessoa: Nancy. E o fez, imediatamente.

Sophie mal sabia como atualizá-la sobre os últimos acontecimentos. Pouco a pouco, passou-lhe uma descrição de tudo sem poupar nenhum detalhe, inclusive, sobre os primeiros exames médicos que Brandon solicitara, cujos resultados haviam sido normais até o momento. Para a sua surpresa, Nancy não se mostrou tão preocupada com as suas perdas de consciência quanto Brandon.

— Ele está certo em fazer todos os exames, mas eu acredito que, pelo menos fisicamente falando, você não tem qualquer problema. — Nancy deu uma longa pausa, inspirando profundamente e Sophie percebeu aquele momento que antecede a uma notícia ruim. Achou melhor contar-lhe sobre a evolução em suas visões depois que Nancy terminasse. — Isso pode chocar você, minha criança, mas acredito que a sua perda de consciência tenha sido deliberada. — Sophie tentou dizer alguma coisa, mas nada saiu. — Sophie, querida, você está aí?

— Sim — respondeu quase num suspiro.

— Não precisa se preocupar. A amnésia psicogênica é amplamente conhecida. — *Amnésia Psico-o-que? Devo acrescentar mais esta à minha lista de problemas?* Falava consigo mesma. — Normalmente acontece a pessoas que sofreram um grande trauma. Elas se esquecem de fatos antes ou depois do incidente, como forma de proteção. No seu caso, depois da separação com Jesse, você se sentiu dividida entre agir racionalmente e agir emocionalmente. Estou errada? — Sophie não respondeu de imediato, mas reconheceu suas próprias palavras na última conversa que tivera com Anne.

— É, acho que não.

— Pois bem. Em outras palavras, você queria prejudicar Adrian, feri-la, acabar com ela, mas não podia admitir fazê-lo. Então, você o fez, mas apagou da sua mente porque se sentia envergonhada demais.

— E quanto à cópia do email que eu coloquei no quarto da Anne, o que foi aquilo?

— Uma forma de ser descoberta — respondeu Nancy como se fosse de uma obviedade notória. Sophie balançou a cabeça.

— Eu sempre ouvi falar que psicopatas, no fundo, querem ser pegos. É isso que a senhora está me dizendo?

— Bem, tirando o termo psicopata, sim, é mais ou menos isso — Sophie largou o corpo e sentou-se na cama.

— As pessoas comuns não fazem isso, Dra. Nancy. Não cometem loucuras e depois se esquecem de propósito e, por algum motivo ainda mais maluco, denunciam a si mesmas para que sejam descobertas. Não faz sentido algum!

— A maioria realmente não faz isso, mas algumas pessoas sim. Principalmente as que enfrentaram um grande trauma.

— Pelo amor de Deus, foi uma porcaria de uma traição, isso não é um trauma! — exclamou, mais querendo gritar com si mesma do que com Nancy.

— Já falamos sobre isso, Sophie. A decepção pode ser uma ferida muito profunda e perigosa que pode gerar, como você bem está vendo, atitudes drásticas.

— Isso é loucura...

— Eu não colocaria nestas palavras, mas... sim e não. É sério porque a sua mente conseguiu driblar a sua racionalidade e agir sem um julgamento ético do certo e errado. Isso precisa ser analisado com seriedade para detectarmos a sua profundidade. — Sophie, por um segundo pensou em algo e, embora lhe parecesse ainda mais absurdo, arriscou a dizê-lo do mesmo jeito.

— Estamos falando de uma possível dupla personalidade?

— Estamos muito longe de um transtorno dissociativo, mas ouça com atenção. Eu quero que você fique atenta a qualquer lapso de memória, está bem?

— Sim — respondeu, obediente.

— Muito bem. Agora, eu quero que você me diga, sem rodeios, com quais sentimentos você está lidando?

Sophie tentou não pensar na mais nova versão feminina do Dr. Jekyll e Mr. Hyde e procurou ser honesta, não somente com a sua terapeuta, mas consigo mesma. Falou sobre o rancor do início, o desejo de se vingar de ambos e, mais recentemente, da culpa, o que Nancy classificou como um sentimento positivo.

— Demonstra que você está longe de ser uma psicopata — zombou. — Falando sério, Sophie, às vezes, a melhor maneira de sair de um estado de confusão é enfrentar aquilo que se pensa ser o objeto de desejo. Alguns suicidas, por exemplo, se dão conta do quão absurdo era a vontade de se matar quando se veem a minutos de saltar da ponte. No seu caso, você se deu conta de que *não* queria realmente machucar Adrian quando a viu sendo atacada.

— Sim, eu entendo — concordou, sentindo, pela primeira vez em várias semanas, que a espessa névoa à sua frente começava a se dissolver. — Entendo de verdade — finalizou, sem sentir a menor vontade de contar a Nancy sobre o quanto ela interferira, fisicamente, na visão, o que praticamente salvara Adrian de um estupro, ou coisa ainda pior.

— Agora, você precisa descansar — disse Nancy, seguindo por uma lista de conselhos antes que Sophie se despedisse e desligassem o telefone.

Sophie olhou à sua volta e suspirou. Já havia enfrentado tantas coisas e ainda estava de pé. *Vamos lá, menina, você vai superar mais essa.* Falou para si mesma, como imaginava que uma mãe faria. Sorriu. Levantou-se e foi ao banheiro preparar um belo banho de banheira fresco.

Ficou ali deitada, olhando para o teto branco e anônimo, desejando que sua mente fosse igualmente vazia. Fechou os olhos tentando organizar ansiedades, culpas, tristezas, medos, angustias e todas estas merdas que transformam uma vida simples em uma pirâmide de emoções. Ela queria, definitivamente, levar uma vida menos complicada. Aceitar tudo o que havia de bom e ruim sem questionamentos. Simplesmente baixar a guarda, relaxar e deixar que a vida fluísse por ela.

Será que isso é possível? Pensou enquanto passava a esponja sob uma espessa camada de espuma em seu braço sentindo que, possível ou não, ela poderia ao menos tentar. Começando por esvaziar a sua mente. Apertou a esponja entre os dedos fazendo a espuma sair suavemente. Observou as bolhas de sabão multi coloridas pairando sobre a espuma, deixou o cheiro de lavanda invadir os seus sentidos e, fatalmente, o que Sophie menos desejava, aconteceu. Foi levada diretamente a um lugar já conhecido. Estava, novamente, atrás da porta daquele corredor hospitalar. Só que, desta vez, ao tocar a maçaneta, pôde não somente sentir, mas ver o que de tão diferente havia naquela sensação: os dois últimos dedos da mão direita haviam sido amputados ou talvez fosse um defeito de nascença. Esta era a razão de Sophie sentir algo diferente ao tocar a maçaneta. Podia sentir a frieza do metal sobre as duas articulações dos últimos dedos e isso, definitivamente, era inédito para ela. Embora fosse apenas um detalhe, agora havia pelo menos uma breve descrição da pessoa que, aparentemente, ouvira aquela conversa.

Uma fina descarga elétrica percorreu o corpo de Sophie trazendo-a de volta à banheira. Levantou-se, rapidamente, enrolou-se na toalha e chamou por Thomas, mas ele não respondeu. Eram quase meia noite e ela insistiu. Nada. Uma hora depois, quando ela quase pegava no sono, ele a chamou, aflito.

— *Claire, sei que é tarde para você, mas eu acho que sei do que a sua visão se trata — Do que você está falando?* — perguntou Sophie tentando sair da sonolência. — *A mãe de Amy, Claire.* — Sophie demorou a entender. — *A mãe de Amy? Mas ela morreu de câncer, o que isso tem a ver? — Não. Ela morreu de uma complicação em uma cirurgia para a retirada de um tumor no intestino. É bem diferente de morrer de câncer.* — Sophie sentiu-se desperta. — *Ok. Sou toda ouvidos. — Eu não tinha me ligado nisso porque aconteceu tudo tão rápido e eu não tinha todas as informações, mas agora eu tenho. Está preparada? — Fala logo! — Ok. Bom, logo depois que o diagnóstico do tumor foi feito, levaram-na quase em seguida para a sala de cirurgia, lembra? — Sim, eu me lembro... — Depois da cirurgia, os médicos disseram que não tinha muito a fazer e menos de uma semana depois, ela morreu ainda no hospital. Agora é que vem a parte interessante. Depois de passado o choque, o pai da Amy começou a questionar os médicos sobre o que realmente tinha acontecido e eles se comportaram de um modo muito estranho. Nem eu e nem a Amy sabíamos disso, mas dois dias atrás o Sr Abbott falou com a Amy sobre as suspeitas dele e ela me contou ontem. Fui com ela ao hospital e você não vai acreditar. — Fala logo, pelo amor de Deus! — Os médicos que participaram da cirurgia são muito parecidos com a descrição que você me passou.* — A voz de Thomas era angustiada.

Só podia ser isso, pensou Sophie. Ela sabia que tinha que haver alguma ligação entre ela e a visão, só não sabia qual até agora: era Amy. Acomodou-se na cama com as costas totalmente eretas, sentindo como se todos os seus sentidos, de repente, se conectassem. Seu corpo todo vibrava em uma excitação particular.

— Tommy, alguém sabe o que aconteceu com a mãe da Amy e, por algum motivo, está escondendo o jogo, eu tenho certeza disso. Talvez para proteger o médico. — Ou proteger a si mesmo — corrigiu ele. *— Você tem ideia do que é testemunhar contra um médico?* — continuou ele. *— Ainda mais se esta pessoa for outro médico ou, pior, um funcionário comum?* — Só então Sophie se lembrou de contar sobre a descoberta dela. *— Tommy, quase me esqueço de te contar! Tenho uma informação para você, também. A pessoa que viu a conversa não tem os dois dedos da mão direita.* — Thomas se calou e um imenso vazio surgiu na conexão mental entre eles. *— Você conhece alguém assim neste hospital? — Não, mas não deve ser difícil descobrir.* — O silêncio se estendeu por alguns segundos, sendo quebrado por Sophie que explicou a Thomas como chegara àquela conclusão. *— Você é incrível. — Thomas, estamos falando da mãe da sua namorada! Não tem nada de incrível nisso, é terrível! — Eu sei, eu sei... Vou conversar com a Amy e nos falamos depois. — Você vai contar a ela sobre nós? — Acho que não tem outro jeito, tem? — É. Acho que não...* — Embora Thomas e Amy estivessem juntos já há nove meses, Sophie se preocupava até que ponto ela entenderia a telepatia entre eles e até onde a garota estaria disposta a acreditar.

Sophie perdeu o sono e desceu até a cozinha, sentindo-se desperta e inquieta. Encontrou Anne na sala, organizando documentos de viagem e mapas, embora já fosse quase uma da manhã. Estavam há duas semanas da viagem e isso era perto o suficiente para Anne começar a se preocupar, já que os preparativos ainda não estavam prontos.

Os olhos tensos de Sophie não lhe passaram despercebidos e apenas o levantar de sobrancelhas de Anne bastou para Sophie lhe contar sobre a visão com os médicos. Anne ficou irritada ao saber que ela havia ocultado aquilo por tantos dias, mas acabou por perdoá-la, devido a tudo o que acontecera.

Elas passaram duas horas colocando as peças daquela história toda no lugar, sentindo-se tocadas pela dor que seria para Amy e o pai dela caso os médicos, realmente, tivessem causado a morte daquela mulher. Era uma situação totalmente diferente da que tanto Anne quanto Sophie haviam vivido.

Anne perdera os pais em um acidente de carro e Sophie perdera a mãe por um derrame que também a levara a um acidente. Eram fatalidades, ou na perspectiva de Sophie, *merdas da vida*. Com Amy, entretanto, seria diferente. Um erro ou uma negligência teria causado a morte prematura da sua mãe. Como conviver com isso? Tentavam chegar a uma conclusão quando Sophie ergueu a mão calando Anne na mesma hora.

— Claire, estou com a Amy agora — disse Thomas. *— E como ela está? Você contou a ela sobre nós? — Sim —* respondeu ele com uma voz um pouco tensa. *— Bom, foi meio estranho porque eu tive que convencê-la de muitas coisas, em primeiro lugar de que telepatia existe e que existem níveis em que as pessoas podem, realmente, ter uma conversa e tal. — Tipo a gente... — Como ela não estava muito interessada no assunto, tive que forçar um pouco a barra e disse "e se eu te contar que eu e a Claire conversamos por telepatia?" — E aí? — Dá pra imaginar a cara dela, né. Primeiro, achou que eu estava zoando com ela. Depois de eu lhe contar algumas coisas, como por exemplo, como foi que nos encontramos a primeira vez, ela passou a ver que eu estava falando sério. Pra resumir, ela quer que a gente prove a ela, agora. — Provar? — Pois é. Eu sei que é meio chato te pedir isso, mas... Pôxa, acho que dá pra entender, não acha? —* Sophie sentiu-se desconfortável, mas tinha que fazê-lo, por Thomas. *— Ok. Como podemos fazer isso? — Na verdade, ela tem uma pergunta pra você. —* Sophie suspirou. Isso poderia até se tornar divertido. Enquanto conversava com Thomas, atualizava Anne sobre tudo. *— Pode falar. — Ela quer que você me diga sobre o que vocês conversaram quando estavam no carro indo para a casa dela, na noite de Natal. —* Sophie sorriu. Foram dias maravilhosos e não precisou pensar muito para saber do que Amy estava falando. Ela dera muita risada sobre aquilo. *— Conversamos sobre a Xena! —* Sophie riu e depois continuou *— Ela me disse que se eu tivesse olhos azuis, seria igualzinho a ela e começamos a falar sobre as heroínas dos seriados de televisão. — Meu Deus, a Xena? —* indagou Thomas, incrédulo. *— Pois é. — Mas sabe que ela tem razão? Você não é tão grandalhona, mas até que lembra um pouco. — Ah, Thomas, não me irrita, vai. —* Thomas ficou em silêncio por alguns instantes, Anne, que também não sabia sobre a conversa sobre a Xena, também deu risada e logo Thomas voltou. *— Acho que ela acredita, agora. Você tinha que ver a cara dela. — Diz que estou mandando um beijo. — Recado dado. — Me conta como ela está, quero dizer, sobre a visão, os médicos e tudo mais. — Bom, ela ficou bem desconcertada com a possibilidade de a mãe ter sido vítima de um erro médico. — Coitadinha, estava conversando sobre isso com a Anne. — Mas a Amy é forte e agora está decidida a descobrir toda a verdade, com a nossa ajuda.*

Sophie sentiu-se tocada. Se pudesse, teria escolhido não ter visto nada para que Amy nunca tivesse que enfrentar aquilo, mas ela vira e, infelizmente, envolvia Amy.

— *O que eu puder fazer, Tommy. É só me falar e, por favor, peça desculpas a Amy por mim. — Por que? Você não fez nada de errado. — Talvez eu tenha feito. Talvez eu tenha dado a certeza a ela de algo que, no fundo, ninguém quer saber, quer?* — Thomas e Sophie se despediram pouco depois, ao mesmo tempo em que Sophie falava com Anne sobre a reação de Amy à visão.

— Vamos torcer para que eles encontrem esta testemunha e que ela ajude de alguma maneira, mas cá entre nós — murmurou Anne —, acho muito difícil. Se esta pessoa quisesse mesmo falar alguma coisa, já teria procurado a família, não acha? Faz mais de um mês que a mãe dela morreu.

— Pode ser ou, talvez, precise de um empurrãozinho. — Anne ergueu uma sobrancelha. — Esta pode ser a chance para esta pessoa aliviar a própria consciência.

— Você acha que ele ou ela sente algum remorso por nunca ter dito nada?

— Ah, pode apostar — afirmou. — Se não fosse assim, por que, depois de tanto tempo, essa pessoa ainda pensa nisso com tanta intensidade? — Anne estreitou os olhos. — Pense bem. Eu não conheço essa pessoa, certo? — Anne assentiu. — Mas, mesmo assim, tive uma visão com ela. A única ligação entre nós duas é a Amy. Se ela não pensasse tanto nisso, não teria chegado até a mim.

— Eu só espero que tudo isso termine bem.

Sentiram-se impotentes e vazias, enquanto o ponteiro do relógio ia saltando os minutos. Finalmente, pouco depois das três da manhã, decidiram dormir.

No dia seguinte, Anne visitou Adrian no hospital, mas não pôde falar com ela. Adrian ainda estava sob o efeito de fortes analgésicos após uma cirurgia no maxilar e no nariz.

A polícia havia liberado os dois rapazes no dia anterior e esperava que Adrian pudesse lhes dar uma descrição detalhada dos agressores, mas ela não pôde. Além das limitações físicas, Adrian não se lembrava de nada do que havia acontecido.

— Amnésia psicogênica... — murmurou Sophie quando Anne terminou de lhe dar as notícias.

— Amnésia o que?

— Conversei com a Dra. Nancy, ontem no início da noite. Esqueci de te contar — foi o máximo de pedido de desculpas que Sophie lhe deu e, para encurtar a conversa, resumiu rapidamente as explicações que Nancy lhe dissera.

— Você estava certa, então... E não dá pra saber se vai acontecer de novo?

— Acho que não, mas espero que não aconteça — disse Sophie, mexendo distraidamente na pasta de documentos para a viagem que Anne organizara tão bem na noite anterior.

— E quanto a Adrian?

Sophie deu de ombros.

— Ela deve começar a se lembrar logo, espero.

— Você não vai mesmo visitá-la mais?

— Pra que?

— Sophie, ela precisa saber que foi você que...

— Não precisa não. Não tem motivo.

— É... Acho que você tem o direito de decidir isso, mas e quanto àqueles marginais? Era para eles estarem atrás das grades, já. Quando você vai depor? — Sophie esfregou as mãos no rosto.

— Eu esperava que não fosse preciso. Esperava que a polícia pudesse levar a foto deles e simplesmente pedir que Adrian apontasse com o dedo, que os reconhecesse de um jeito simples, mas eu não contava com a amnésia dela. Ou, sei lá, que encontrassem DNA deles no corpo dela. Mas acho que isso acontece só em filme. Que merda.

— A gente não pode se esquecer de que ela foi imediatamente levada para o centro cirúrgico. Sei lá, devem ter limpado ela, vai ver por isso não tem DNA nenhhum. — Anne torceu os lábios. — Então, você vai depor?

— Acho que não tem outro jeito, tem?

— E aí ela vai saber a verdade, que foi você quem...

— Eu sei — concluiu Sophie. Suspirou e mudou de assunto, ainda mexendo nos papéis dentro da pasta. — Pelo jeito está tudo pronto para a viagem, não é? Passagens, mapas, roteiro...

— Acho que sim — respondeu Anne, secamente. — E o Jesse?

— O que tem ele? — foi a vez de Anne dar de ombros.

— Nada, eu só pensei que, sei lá... — Sophie revirou os olhos e virou-se, caminhando em direção à escada, acenando para a amiga. Anne sorriu e balançou a cabeça.

Os dias se arrastavam sem mudanças, para angustia de Sophie. Adrian recuperava-se lentamente e sua memória continuava congelada. Na semana seguinte, Jesse ligou para ela no trabalho, já que não conseguia contato pelo celular.

— Ah, Jesse, é você?

— Sim, desculpe te ligar no trabalho, mas eu queria muito falar com você e já que o meu número está bloqueado no seu aparelho, não tive outra saída.

— E o que você tem de tão importante pra falar?

— Quando vocês viajam?

— Sábado.

— Daqui a quatro dias...

— Isso mesmo. Por que?

— Pensei que pudéssemos almoçar antes disso. Acho que está na hora de definirmos a nossa situação, não acha?

— Já não está definida?

— Está? — Sophie fechou os olhos. Não poderia mais fugir da situação. Sentia falta de Jesse, precisava dele, mas seria capaz de conviver com a falta de confiança?

— Por mim, está. Adeus, Jesse. Seja feliz e me esqueça — e desligou, ficando no vazio da sua teimosia.

O celular de Sophie tocou e ela atendeu, imediatamente, sabendo que não era Jesse, o que não chegou a ser um alívio.

— Oi Paul, algum problema?

— Oi querida. Eu não diria “problema”, mas o pessoal da delegacia quer que você preste um depoimento. Você não é obrigada a ir, embora seja considerada testemunha ocular, mas é você quem decide.

Sophie soltou o corpo na cadeira.

— Paul, você acha que o meu depoimento vai fazer alguma diferença?

— Para ser sincero, não, não acho. É facilmente derrubado num tribunal e a polícia sabe disso.

— Então, o que eles querem comigo?

— Apenas formalizar o ocorrido e ver se você se lembra de mais alguma coisa.

— Eu me lembrar? Quem perdeu a memória foi a Adrian, não eu — disse, esgotada. — Desculpe, Paul, mas se não vai adiantar nada eu prestar este depoimento, eu prefiro não ir. Não vou me expor à toa.

— Tudo bem. Eu já esperava por isso e a polícia também. Avisei a eles que você era durona — Sophie sorriu aliviada. — E, por falar em durona, Anne está programando algo para o aniversário dela? Queria convidar vocês para a festa de um ano da nossa pequena Sophie. Sei que não é o momento certo de falar sobre isso, mas sei também que vou acabar me esquecendo de convidar vocês e nunca me perdoaria por isso.

Fazia tempo que ela e Anne não visitavam Paul e há pelo menos dois meses não viam a neta dele, que também recebera o nome de Sophie em homenagem a ela. A menina nascera no mesmo dia do aniversário de Anne.

— Ah, Paul, eu vou com prazer, mas temo que Anne não possa ir. Nós vamos à Itália no domingo e vamos ficar por lá duas semanas. Depois, Anne segue viagem com Brandon. Vai passar o aniversário no Caribe.

— Ah, será uma pena não termos as duas conosco, mas espero por você então, certo?

— Com certeza — afirmou com um entusiasmo forçado.

Sophie amava Paul e a família dele, mas naquele momento não estava para festas, ainda mais vendo o volume de trabalho se acumulando em sua mesa. Tinha apenas dois dias para fechar a edição da semana e ainda tinha centenas de fotos para revisar.

Na hora do almoço, desceu rapidamente para um lanche e percebeu que o rapaz que substituíra Caroline Johnson já não estava mais na recepção. Em seu lugar estava uma jovem indiana. Sophie a viu de costas e os longos cabelos negros lhe remeteram a lembranças indesejadas. Passou rapidamente pela recepção sem ser notada.

O dia transcorreu rapidamente e Sophie espantou-se com a própria eficiência. Mal pensara em Adrian, em Jesse, na sua perda de memória, em Ashley ou sequer na viagem. Apenas trabalhou e, quando cruzou o saguão no final do dia de trabalho, sentia-se exausta, mas satisfeita consigo mesma. Ao menos, naquela tarde, a vida apenas fluiu, como desejara.

Eram sete da noite, o dia ainda estava claro e o sol mantinha a cidade colorida, viva e quente. Colocou os óculos escuros, trocou os sapatos de salto por uma sapatilha confortável que sempre carregava na bolsa e decidiu pegar a trilha a pé pelo rio Tamisa. A caminhada seria de pouco mais de seis quilômetros, mas sempre valia a pena.

O dia estava luminoso e a vista à beira do rio, em alguns trechos, dava-lhe uma sensação de ser transportada a outro lugar, outro mundo; silencioso e pacífico. Às vezes, ela simplesmente se sentava próximo ao lado norte do Greenwich Foot Tunnel e ficava observando as embarcações indo e vindo, as pessoas caminhando no pequeno parque atrás dela. Naquele dia, porém, seu passeio não chegaria nem até lá. Anne ligou quando Sophie sequer chegara à metade do caminho.

— Você já saiu do trabalho?

— Já. O que houve?

— É a Adrian. Ela começou a se lembrar.

— E do que exatamente ela se lembrou? — Sophie parou de caminhar em frente ao píer Canary Wharf.

— São ainda alguns flashes, mas a polícia está indo para lá com as fotos dos suspeitos para ver se ela consegue reconhecê-los.

— Tomara que sim — suspirou.

— Olha, estou a caminho de casa. Que tal te pegar e a gente vai fazer alguma coisa pra relaxar? O que acha?

— Estava planejando caminhar até em casa, mas... Tudo bem — por alguma razão Sophie perdera a vontade de caminhar. Tinha a sensação de que algo aconteceria em breve e não ia querer estar parada do outro lado do rio quando − o que quer que fosse − acontecesse.

Anne levaria quinze vinte minutos para chegar até ela. Sophie olhou para o rio e teve a sensação de que até mesmo a correnteza havia dado um suspiro antes de retomar o seu curso. Uma pausa para contemplar Sophie pela última vez antes que ela entrasse em mais uma tempestade.

Os "trovões" começaram quando mais tarde, já em casa, o celular de Anne tocou. Era Brandon e ele pedia que Sophie fosse ao hospital o mais rápido possível. Adrian só falaria com ela, e mais ninguém.

— Ela disse que Sophie corre perigo — finalizou Brandon, e os olhos de Anne se viraram para a amiga que acabara de se sentar no sofá, com uma taça de vinho em uma mão e o controle do DVD na outra. Finalmente, estava preparada para assistir ao presente que Jesse lhe enviara uma semana atrás.

Aquilo teria que esperar. De novo.

Capítulo 10

Entrar e sair de hospitais havia se tornado a rotina de Sophie desde que Paul a encontrara com a camisola suja de sangue, uma boneca no braço e o pai morto ao pé da escada. Fosse por ela mesma ou por alguém que ela conhecesse, o ambiente hospitalar − frio, impessoal e estéri − parecia não querer deixá-la do lado de fora por muito tempo. Às dez da noite, Anne e Sophie se encontravam com Brandon próximo ao balcão da enfermaria no andar onde Adrian estava.

— Ainda não entendo essa história — comentou Sophie enquanto Brandon as acompanhava até o quarto. — Será que ela não está delirando ou algo assim? Tem certeza de que a cabeça dela está funcionando direito, Brad?

— Está. E ela está muito aflita desde que recuperou toda a memória.

— Mas como foi isso? Assim, do nada? — perguntou Anne.

— Exatamente. E é absolutamente normal. Ela poderia ter levado dias ou até semanas. Às vezes, basta um gatilho para que tudo venha à tona, o que pode ser até perigoso porque é como um choque de imagens, sons e sensações de uma só vez — explicou Brandon, e Sophie esticou o canto da boca num esboço de sorriso. Ela sabia muito bem como era esta sensação de ter a mente invadida por um tornado. — Tiveram que sedá-la um pouco, mas ela está bem agora. Calma e lúcida. E... Sophie, — Brandon parou diante da porta do quarto de Adrian, olhando diretamente para Sophie — eu não sei o que ela tem a lhe dizer, mas dê-lhe um pouco de crédito, está bem?

— Por que? — perguntou, sentindo a boca secar e mordeu os lábios, tensa. Brandon olhou para Anne, receoso, e continuou.

— Os policiais me contaram que Adrian estava vendo as fotos dos suspeitos quando a coisa toda retornou à sua mente. Ela ficou transtornada, jogou o catálogo no chão e começou a chorar, sem parar. Dizia que não queria saber de nada daquilo e que não era ela quem a polícia deveria proteger, mas você. Ela implorou ao policial que protegessem você e só você. — Anne e Sophie se entreolharam, confusas.

— Uma atitude estranha para quem estava dando em cima do meu namorado, você não acha?

— Isso não faz muito sentido, faz? — perguntou Anne com o cenho franzido.

— Pode não fazer para nós, mas para ela parece que sim. Adrian ficou muito agitada porque o policial queria que ela explicasse aquela declaração e ela se recusou.

— Isso é muito estranho — falou Sophie, olhando a porta do quarto fechada à sua frente, ponderando seriamente se deveria entrar ou não.

— Tem uma coisa que pode ser importante, não sei.

— O que? — perguntou Anne.

— Ela disse um nome várias vezes.

— Qua nome?

— Ashley. Isso lhes diz alguma coisa? — Anne e Sophie ficaram paralisadas, mudas, como estátuas. — Vocês a conhecem?

— Você tem certeza? — indagou Sophie.

— Sim — respondeu Brandon, receoso, e depois, explicou. — Depois que deram o sedativo a ela, Adrian sussurrou um nome que um dos policiais diz ser Ashley.

— Não pode ser... — murmurou Sophie.

— Adrian e Ashley se conheciam? Isso é impossível — afirmou Anne. — Ashley sumiu do mapa há muitos anos.

— Quem é essa Ashley, afinal?

— O demônio em pessoa, Brad, pode acreditar — respondeu Anne, com uma voz profunda, como se temesse despertar um monstro do passado.

Sophie sentiu os olhos umedecerem e a garganta se fechar. Ashley não poderia estar de volta à sua vida, ela não deixaria que isso acontecesse de novo. “Nunca mais”, fora o que dissera a si mesma, quase dez anos atrás quando viu Ashley pela última vez, alguns meses depois de deixar o orfanato.

Depois do episódio do pássaro morto na caixa, Sophie passou várias semanas com medo de dar de cara com Ashley na rua ou, pior. Não somente ela, mas Anne, Paul, a esposa dele, Elizabeth, e até mesmo a filha deles, Christeen − da mesma idade de Anne e Sophie −, estavam apreensivos, mas nada aconteceu. Não naqueles primeiros meses.

Sophie estava com quase dezessete anos e, diferente de muitos jovens da sua idade, baladas, bebidas, drogas e namorados não faziam parte da sua agenda. Aulas de manipulação de imagens digitais, um emprego como atendente no Starbucks e vários bicos extras tomavam praticamente todo o seu tempo. Juntava dinheiro para comprar um Mac e uma Nikon.

Anne também tinha uma rotina de trabalho como caixa de supermercado no Sainsbury's e, nas horas vagas, devorava revistas de decoração e fazia cursos do tema acessíveis ao seu baixo orçamento.

A vida era agitada na casa dos Pengiston. A esposa de Paul, Elizabeth, professora primária, saía cedo de casa e só voltava no final da tarde. O mesmo acontecia a Paul, cujo trabalho no Departamento de Menores lhe tomava o dia e, por vezes, a noite toda. Christeen, assim como Anne e Sophie, também tinha o dia ocupado como vendedora em uma das livrarias Waterstones. A casa voltava a ser habitada somente por volta de sete da noite, quando Elizabeth geralmente era a primeira a chegar.

Em um destes fins de tardes, Elizabeth, ao chegar a casa, encontrou a vizinha, Tara Large, agitada. Sua casa havia sido invadida e alguns objetos de pequeno valor haviam desaparecido, como bijuterias, perfumes e algumas peças de roupas. O bairro de Haringey, ao norte da cidade de Londres, era considerado um local tranquilo e quase não se ouvia falar em arrombamentos, assaltos ou violência de qualquer natureza. A invasão na casa dos Large fora assunto da semana toda.

Duas semanas depois, outra casa, desta vez na esquina da Burghley Road, onde morava Paul, também fora arrombada. Novamente, objetos de pouco valor foram levados.

Quando a terceira casa foi invadida, Elizabeth teve uma desagradável surpresa ao voltar do trabalho. Sua vizinha − a mais recente vítima dos furtos domésticos − estava à sua espera.

— Victoria, como vai? — perguntou Elizabeth, assim que pisou na calçada.

— Ah, Elizabeth, poderia estar melhor. Minha casa foi arrombada hoje e veja o que eu encontrei no quintal — falou a mulher baixa de cabelos curtos pintados de laranja, estendendo um cartão Oyster para Elizabeth com a foto de Sophie estampada nele.

— Mas... É o cartão de transporte da Sophie! — exclamou, pegando o cartão em suas mãos. — Como ele foi parar no seu quintal? Oh, meu Deus... — murmurou pensando exatamente no mesmo que sua vizinha.

— Eu acho que vocês também foram assaltados, querida.

Elizabeth sentiu o coração apertar, receosa do que encontraria na própria casa. Ou do que não encontraria. Victoria se ofereceu para acompanhá-la e, quando entraram, a casa parecia intacta. Nenhuma porta ou janela aberta. Aparentemente, inviolada.

— Mas, então, como isso foi parar no seu jardim? — indagou Elizabeth pensando em voz alta e, quando ouviu as próprias palavras, arrependeu-se. Quando viu os olhos duvidosos de Victoria encarando-a, teve certeza de que dissera uma bobagem.

Assim que a vizinha saiu pela porta da frente, Elizabeth ligou para Paul que a aconselhou a chamar Sophie no celular, mas Sophie não atendeu prontamente. Cerca de uma hora depois, ligou de volta e Elizabeth lhe contou o ocorrido. Sophie ouviu tudo com uma sensação de culpa de algo que não havia feito. Imediatamente, correu à sua bolsa a procura do cartão e não o encontrou. Como seria possível que ele tivesse desaparecido? Havia utilizado-o pegar o ônibus até o curso, naquela mesma manhã, e depois, na hora do almoço, para ir ao trabalho onde estava até aquela hora.

— Isso não faz o menor sentido — falou confusa, ainda ao telefone com Elizabeth, revirando a bolsa de cabeça pra baixo. — Ele tem que estar aqui! Não pode ter evaporado da minha bolsa e caído no jardim da Sra Large!

— Sophie, não se preocupe. Tenho certeza de que há uma explicação para isso. Quando você voltar para casa, vamos pensar juntos a respeito, está bem?

Sophie concordou, com uma sensação horrível no estômago. Fazia quase um ano que morava com a família de Paul e sempre tivera apoio, amor e respeito de todos, mas, no fundo, não sabia quanto uma suspeita como aquela poderia abalar a relação entre eles. Afinal, sejamos realistas. Quem acreditaria que seu Oyster havia sido roubado e deixado, acidentalmente ou não, em uma casa que fora invadida? O mais lógico era crer que Sophie o havia deixado cair quando saía da sua pequena aventura cleptomaníaca.

À noite, Paul e Elizabeth ficaram ao seu lado sem sequer pensar que Sophie tivera algo a ver com os arrombamentos. Para eles, o preocupante não eram as suspeitas sobre a garota, mas a ligação de quem quer que tenha pegado o cartão da sua bolsa com quem estivesse arrombando as casas do bairro.

— Tudo isso é muito estranho — comentou Anne durante o jantar. — Sophie usou o cartão por volta do meio dia há quilômetros de distância daqui quando ia para o café. Alguém a seguiu, pegou o cartão dela e o trouxe pra cá?

Sophie ficou calada, sentindo aquele aperto no estômago, uma sensação de que episódios piores estavam por vir. Era sempre assim em sua vida. Não havia notícia ruim órfã. E Sophie tinha razão. Por dias, ela quebrou a cabeça para entender, primeiro, como alguém teria conseguido pegar o seu cartão de dentro da sua mochila. E, por fim, atribuiu o fato a uma situação tão corriqueira que nem chegara a lhe chamar a atenção. Naquele dia, assim que descera do ônibus, um garoto quase a derrubara ao descer correndo. Ele era como qualquer outro adolescente. Fones de ouvido, calças largas caídas bem na metade dos quadris, casaco com capuz e boné. Ela não se preocupou em olhar na parte lateral da mochila onde normalmente colocava o seu Oyster. Se não fosse pelo telefonema de Elizabeth, só se daria conta de tê-lo perdido quando tentasse voltar para casa.

A segunda coisa em que Sophie se debruçara nos últimos dias era entender o motivo. Por que um rapaz que comete pequenos furtos iria se dar a todo aquele trabalho para incriminá-la? Poderia ter sido apenas uma loteria. O marginalzinho ficou espiando os moradores e escolheu qualquer um para incriminar. Ou havia escolhido Sophie a dedo? E por que? Se fosse este o caso não precisava ser um grande detetive para chegar a um único nome: Ashley. Era a única pessoa que Sophie conhecia com desejo de prejudicá-la e com mentalidade doentia o suficiente àquele ponto. Mas até mesmo para Ashley era um pouco demais arquitetar um plano como aquele.

Duas semanas depois, a polícia bateu à porta da casa dos Pengiston, num domingo de manhã, procurando por Sophie. Eles haviam recebido uma denúncia anônima sobre o paradeiro dos objetos furtados na região e este lugar seria o quarto de Anne e Sophie.

Para o pavor de todos, uma pequena sacola com vários objetos fora encontrada no fundo do armário da adolescente, num lugar tão escondido que nem Sophie encontraria. Estava tudo lá. Pulseiras, brincos, enfeites, cinzeiros; objetos listados pelas vítimas que tiveram as casas invadidas recentemente. Se a relação de Paul e sua família com Sophie não fosse tão sólida, a situação da "adolescente problemática vinda de um orfanato e acusada de furto", poderia colocar muito a perder, inclusive, um lar. Mas isso jamais fora cogitado por Paul ou Elizabeth. Ao contrário, ele deu duro para convencer a todos de que Sophie não tinha nada a ver com os furtos, principalmente a polícia. Fora uma sorte sem precedentes que o responsável pelo caso fosse amigo do chefe de Paul e, em acordo com as famílias, o caso não fora levado adiante, embora Paul ainda quisesse descobrir como alguém havia entrado na sua casa e colocado a sacola no armário de Sophie.

Embora o problema com a polícia tivesse sido resolvido, não podia se dizer o mesmo com relação aos vizinhos. As boas e antigas amizades tornaram-se superficiais e o pouco de entrosamento que Anne e Sophie haviam conseguido até então com os jovens vizinhos, evaporou-se rapidamente. Era tudo o que Sophie não precisava para começar uma vida.

Apesar de Paul ter levantado a suspeita sobre Ashley, a menina não fora localizada pela polícia. Descobriu-se que, logo após ela ter saído do orfanato, Ashley fora transferida para uma instituição para menores em recuperação, de onde teve que sair dois anos depois por agressão física a outra colega de quarto. Fora transferida, novamente, para outra instituição de onde saíra há cerca de três meses, mas ninguém sabia por onde ela andava.

Pouco antes de sair de lá, Ashley teria mudado completamente o comportamento. Tornara-se uma jovem exemplar e, graças a isso, havia deixado os portões do reformatório juvenil sem nenhum assistente social no seu pé. Depois disso, desapareceu do mapa.

O caso sobre os arrombamentos se esgotara em poucas semanas e Sophie, que havia passado vários meses sem ter nenhuma visão, voltou a se sentir peso no estômago e acessos de falta de ar; no fundo, temia tropeçar em Ashley a qualquer momento. Às vezes, tinha a sensação de estar sendo seguida e o coração acelerava enquanto caminhava, olhando para todos os lados enquanto a garganta se fechava. Qualquer um que se sentasse ao seu lado, no ônibus ou no metrô, fazia-a se sentir apreensiva. Todo mundo era suspeito. Pior do que o medo de se deparar com Ashley era não vê-la, mas senti-la, como uma presença silenciosa e invisível. Uma ameaça constante como trovão em dia de tempestade. Pode demorar, mas ele vem.

Dois meses depois, num domingo de primavera, às oito da noite, quando Sophie se preparava para atender os últimos clientes do seu turno e correr para estrear a sua nova máquina fotográfica digital, viu o semblante de alguém conhecido na fila do café. Impossível não vê-la e muito menos não reconhecê-la. Ashley ainda tinha os mesmos cabelos pretos e longos e tinha uma faixa amarela sobre eles, o que acentuava o contraste em sua cabeça. Usava um vestido em tons de azul agarrado ao corpo, valorizando suas curvas não muito intensas, sem deixá-la vulgar. Deveria calçar saltos muito altos, já que os cientes à sua frente não passavam da altura do seu queixo. Aquela menina, que chamava a atenção de todos na fila, deveria ter pouco mais de dezoito anos, mas parecia muito mais velha, com uma maquiagem acentuada, principalmente nos olhos e nos lábios.

Sophie começou a suar frio e sentir as mãos trêmulas. Olhou em volta à procura de alguém que pudesse ficar em seu lugar por alguns minutos, mas não achou ninguém disponível. O mundo ao seu redor parecia ter se resumido a Ashley e uma contagem regressiva começou em seu cérebro para o inevitável encontro. O trovão, por fim, havia chegado e não importava que o sol brilhasse do lado de fora. Ashley tinha o efeito de escurecer até mesmo um dia ensolarado e sem nuvens.

Apenas três clientes separavam as duas antigas conhecidas. Sophie sentia a angustia sufocar-lhe o peito, aterrorizada. Pensou em ligar para a polícia, mas não daria tempo para esperar que eles chegassem. As ideias surgiam e se evaporavam logo em seguida, enquanto os clientes, um a um, iam encurtando a distância entre ela e seu pior pesadelo. Sophie ouvia a voz do cliente à sua frente, o último antes de Ashley, mas não conseguia processar o pedido. Sentia os olhos negros da jovem atrás dele fincados nos seus como lanças de aço atravessando a sua mente, com prazer. Sophie chegou a massagear onde as sobrancelhas se juntam entre os olhos, para amenizar a pressão que sentia naquela região.

— Ei, você está me ouvindo? — perguntou o cliente, um rapaz de estatura média e forte sotaque francês. Tentando domar o pânico, Sophie respondeu alguns segundos depois.

— Desculpe, senhor — e afastando-se do caixa caminhando tropegamente em direção à outra extremidade do balcão.

— Sophie, está tudo bem? — perguntou-lhe o gerente enquanto ela mal conseguia abrir os olhos.

— Desculpe, Andrea, mas preciso sair um pouco. Estou me sentindo muito mal — justificou-se, passando pela porta restrita aos funcionários sem se preocupar em quem ficaria em seu lugar no caixa. O gerente, um rapaz italiano, baixinho e constantemente agitado, correu para dar-lhe cobertura.

Sophie ficou encolhida na minúscula cabine do banheiro por alguns minutos até que o gerente veio atrás dela.

— Sophie? Está tudo bem? — perguntou ele do outro lado da porta fechada.

— Estou sim. Já vou sair, obrigada.

— A sua amiga lhe deixou um recado — Sophie parou de respirar.

— Amiga? Que recado?

Andrea não respondeu, apenas passou um envelope por baixo da porta. Sophie encarou o pequeno papel cor de rosa com seu nome escrito em letra cursiva caprichada. Não queria pegá-lo. Não o pegaria. No máximo, tocaria nele somente para jogá-lo no lixo.

Chorou baixinho por dois minutos, encarando o papel cor de rosa à sua frente sabendo que, apesar do seu pavor, tinha que ver o que havia dentro. Poderia ser uma ameaça à sua família. Ao menos não seria mais um pássaro morto. Ele não caberia em um envelope, felizmente.

Puxou o papel com a ponta do pé, sentindo-se enjoada. Quando ele estava próximo o bastante, baixou os dedos e pegou-o. Cheirava a flores, um odor delicado, suave e ligeiramente adocicado. Puxou a aba do envelope para cima e tirou o pequeno papel de dentro. À medida que ele subia, surgia uma mensagem na mesma caligrafia perfeitamente desenhada.

A qualquer hora

Em qualquer lugar.

Sophie não sentiu medo, mas uma raiva incontrolável. A mesma que a fizera cortar os cabelos de Ashley quando eram ainda crianças e que, agora, fazia-a amassar o papel de gramatura considerável entre os dedos. Sentiu a resistência das bordas do papel em sua pele, mas não se importou se eles cortariam sua mão ou não. Ashley não venceria novamente.

Nunca mais, sua doente mental. Nunca mais! Falou em voz alta, enquanto saía do cubículo onde ficava o vaso sanitário. Atravessou o resto do corredor, esquivando-se dos baldes e vassouras, puxou apenas a sua bolsa de cima de um banco velho de madeira e foi atrás de Andrea, que ainda estava no caixa.

— O que foi que ela disse a você? — perguntou em um tom que o gerente desconhecia.

— Ela disse... Ela perguntou apenas se você estava se sentindo bem e pediu para que eu lhe entregasse o bilhete. Só isso — as pálpebras de Sophie tremiam e a respiração era quente e intensa. — Pelo jeito ela não é uma amiga, é?

— Não — respondeu ainda no mesmo tom áspero. — E se ela aparecer de novo, chame a polícia, Andrea. Eu estou falando sério — disse, saindo do café, já com a bolsa pendurada no ombro, decidida a encontrar Ashley.

Ela tinha que estar por ali, observando-a. E Sophie a encontraria. Pela primeira vez, quis ter uma visão de onde aquela maldita garota pudesse estar. Mas nada disso aconteceu. Sophie ficou apenas parada, sentindo a raiva se diluir em seu sangue e nem sinal de Ashley.

Dez anos haviam se passado sem que Sophie tivesse qualquer notícia de Ashley, mas ela nunca esquecera aquela ameaça. Às vezes, achava que ela estivesse morta ou se mudara para outro país. E, agora, em menos de três semanas, aquele nome voltava à sua vida pela terceira vez. Primeiro, fora Anne a levantar o passado. Depois, fora a própria Sophie que passara a sentir a perversa presença de Ashley à sua volta e agora, do outro lado daquela porta de hospital havia uma mulher gravemente ferida que, ao invés de se preocupar com a própria vida, parecia histérica tentando proteger Sophie de... Ashley? Era surreal demais.

Sophie não permitiria que aquele tormento voltasse.

— Srta. Wellgrave? Srta. Wellgrave? — chamou-a o policial à porta do quarto de Adrian.

— Sophie? — falou Anne, apertando os braços da amiga delicadamente com a ponta dos dedos.

— Sim... me desculpe...

— Então, a senhorita tem alguma ideia do por que a sua amiga não quer prestar queixa contra os homens que a agrediram?

— Como? — perguntou Sophie sentindo-se como se acabasse de entrar numa sala de aula com o professor fazendo uma prova oral de última hora. — Hã... não. Eu não faço ideia — respondeu, tentando se lembrar de onde surgira aquele cara.

Ela nem notara quando Brandon apresentou-as ao detetive Nicholas Harris.

— Alguma ideia do por que ela queira falar somente com a senhorita? — perguntou, inclinando a cabeça um pouco para o lado como se isso fosse ajudá-la a entender melhor. Ela não gostou nada do jeito dele.

— Desculpe, policial...

— Detetive.

— Desculpe, *detetive*, mas não faço ideia de nada e se o senhor não me der licença, acho que nunca saberemos, não é?

— Sophie... — interviu Paul, fazendo um gesto com a mão para ela se acalmar.

Paul? Pensou Sophie. Mas... não se lembrava de ter visto Paul tampouco.

— Ok, me desculpe, acho que estou um pouco nervosa com tudo isso.

— Eu entendo — respondeu o detetive Harris, um rapaz moreno, alto e com tantos músculos por baixo da camiseta preta que pareciam airbags. — Posso pedir-lhe uma coisa, Srta. Welgrave?

— Sophie. Pode me chamar de Sophie, por favor — falou, tentando ser mais amável. Por Paul.

— Sophie. Certo. O depoimento da sua amiga pode tirar os caras que fizeram isso com ela das ruas e evitar que outras garotas venham parar no hospital, ou em lugar pior. — Sophie entendeu o recado.

— Posso tentar, mas... não sei — murmurou.

— Tudo bem. Mas se você puder fazer com que ela preste a queixa... — Sophie concordou com a cabeça. — Vocês podem entrar.

Harris se afastou da porta e Paul abriu-a, deixando Sophie e Anne passar. Adrian, ou o que sobrara da antiga garota que elas conheciam, estava na cama, recostada em pilhas de travesseiros, com um olhar vazio mirando uma janela fechada à sua frente. Parecia dez quilos mais magra e os olhos estavam espremidos entre imensas bolsas roxas. Ou seriam pretas com manchas verdes e sangue pisado? Difícil saber.

Todo o seu rosto ainda trazia as marcas da violência e Sophie viu flahses da agressão em sua mente. Os cabelos, atualmente castanho avermelhados, estavam oleosos e desalinhados, emoldurando um rosto inchado, quase deformado.

Quando elas se aproximaram da cama, Adrian começou a chorar como se uma vida inteira de dor tivesse esperado por aquele momento para ser libertada. Anne acelerou os passos, aproximando-se da cama e pegou em suas mãos, delicadamente. Aparentemente, Adrian poderia sentir dor ao ser tocada em qualquer lugar do seu corpo.

— Shhh... Fique calma, Adrian, está tudo bem.

— Me desculpe, Sophie, me desculpe... — murmurou em um tom sofrido e profundo.

Sophie ficou em dúvida por que Adrian estaria lhe pedindo desculpas. Seria pelo beijo no café, pelo vídeo, pelas fotos ou pela insistência em fazer sexo com o namorado dela? Ou, quem sabe, por ter sugerido um sexo a três? Pensando nisso, e vendo Adrian desfigurada à sua frente, sentiu-se envergonhada. Nada tinha mais importância diante do que havia acontecido àquela jovem, mas não conseguiu dizer nenhuma palavra.

— Me desculpe por tudo o que eu fiz a você — soluçou. — Foi tudo culpa dela — afirmou com dificuldade. Ainda se recuperava da cirurgia no maxilar realizada na semana anterior.

— De quem você está falando? — perguntou Anne.

— De Ashley? — perguntou Sophie, sem rodeios. Adrian chorou ainda mais, meneando a cabeça afirmativamente.

— Mas como? Por que? — perguntou Anne vendo que o maxilar de Sophie estava travado.

Brandon, que entrara logo depois de Anne, saiu do quarto e fechou a porta, deixando as três a sós.

— Ela é um monstro e me usou para atingir você, Sophie, como faz com todos em volta dela. Você não tem ideia do que ela se tornou... Eu sinto muito.

— Usou como? — perguntou Anne.

— E tudo isso — Sophie sinalizou o corpo de Adrian na cama — também foi obra dela?

Adrian anuiu com a cabeça.

— Oh, meu Deus — murmurou Anne, ainda segurando uma das mãos de Adrian entre as suas.

— Você precisa denunciá-la! — exclamou Anne.

— Não, por favor, não... — suplicou,Adrian.

— Por que não?

— Porque eu não quero piorar as coisas. Nem pra mim... nem pra você — respondeu, olhando diretamente para Sophie.

— Por que ela faria isso a você? — perguntou Sophie, só para confirmar uma teoria que vinha se formado em sua cabeça desde que Brandon pronunciara o nome de Ashley do lado de fora do quarto.

— Porque é isso o que ela faz. Vingança — Adrian balançou a cabeça como se fosse difícil encontrar as palavras. — Você não entende — insistiu, com uma expressão de dor. — Ela vive disso e ela... Ela é muito boa no que faz.

Um silêncio perturbador se enfiou entre elas, até que Sophie irrompeu com uma ordem direta.

— Me conte tudo o que você sabe sobre a Ashley.

Adrian fechou os olhos e começou uma narrativa assustadora. Sua voz era tão triste quanto o que, agora, sentia por ter perdido tantos anos ao lado de Ashley. Adrian havia compactuado com ela, fora sua cúmplice em situações inarráveis.

Adrian, naquele momento, revivia sua vida desde quando deixara a Irlanda, há cinco anos, até ser espancada, quase à morte, a mando a mulher que um dia ela amara.

Capítulo 11

Berlin, quatro anos antes.

Adrian equilibrava uma bandeja com taças de Champagne em uma das mãos, caminhando entre os convidados no salão. Era apenas mais uma das dezenas de festas em que trabalhava para pagar seu curso de alemão, o aluguel e as poucas coisas baratas que conseguia comprar. Quando deixara a Irlanda, não era este o futuro brilhante e excitante que procurava, mas era um pouco melhor do que as boates de strip-tease onde começara, um ano antes, quando chegara à Alemanha.

Houve um tempo, poucos meses antes, em que Adrian precisara apelar para a prostituição, mas fora uma fase passageira e ela preferia morrer a voltar àquele estágio. Portanto, carregava bandejas em festas badaladas de granfinos na esperança de, um dia, conhecer alguém importante. Por isso, quando percebeu que a mulher de longos cabelos negros a encarava, sentada em um aconchegante sofá, Adrian não pensou duas vezes para retribuir o flerte. O fato de ser uma mulher não tinha a menor importância.

Aproximou-se da mesa onde a morena estava e sorriu, manuseando a bandeja com graça, movendo os quadris um pouco mais acentuadamente do que o natural.

— Champagne? — ofereceu Adrian, sorrindo.

— Pode ser... — respondeu, pegando a taça com delicadeza. — Mas, na verdade, estava pensando em outra coisa.

— Se eu puder oferecer...

— Hum — murmurou a misteriosa mulher, olhando Adrian de cima a baixo. — Talvez possa.

Meia hora depois, estavam trancadas em uma das cabines do banheiro da luxuosa boate que, por sorte, havia espaço de sobra para os movimentos fogosos de braços e pernas durante o sexo entre elas.

Dois dias depois, Adrian ligava para o número no cartão que a mulher lhe dera. Estranhamente, não havia nome nele, nem cargo profissional, endereço, nada. Apenas um número, e Adrian não sabia nem mesmo a quem deveria chamar.

— Sim — atendeu a voz leitosa do outro lado da linha.

— Oi, eu gostaria de falar com a pessoa que me deu o cartão, por favor?

A mulher sorriu do outro lado.

— Que bom que você ligou.

— É você? — perguntou, com entusiasmo.

— Sim.

— Poderia, ao menos, me dizer o seu nome?

— Pra você? — Deu-se uma longa pausa. — Acho que sim, mas não agora. Quem sabe mais tarde?

Naquele mesmo dia, encontraram-se novamente para mais uma longa e prazerosa sessão de sexo. E, de novo, no dia seguinte e, de novo, na semana seguinte. Adrian ainda tentava descobrir o nome daquela mulher que começava a mexer seriamente com os seus sentimentos.

Um vácuo de duas semanas se passou. Adrian estava aflita, sentindo falta daqueles lábios doces nos seus − daquela que apelidara de "X" −, sem ter a menor ideia da razão do sumiço. Além do número que lhe fora dado, Adrian não sabia nada sobre ela. Haviam se encontrado em hotéis e Adrian bem que tentou tirar alguma informação na recepção, mas nada lhe disseram.

Quando Ashley lhe telefonou, em uma manhã fresca de outono, Adrian a recebeu com um misto de frustração e desejo. Ashley contornou a situação em dois segundos, tão logo se encontraram e ela envolveu o rosto de Adrian em suas mãos quentes e macias, puxando-a para si, dando-lhe um longo e ardente beijo.

Elas passaram cinco horas dentro do quarto do terceiro hotel diferente.

— Você não mora em Berlin, mora? — indagou Adrian, vendo Ashley caminhar nua até o frigobar.

— E isso importa?

— Na verdade, não. Quero dizer, sim. É que eu não sei como vai funcionar esse lance entre nós.

— Não está funcionando bem pra você assim? — perguntou Ashley, puxando uma cadeira, sentando-se com as pernas ligeiramente abertas, levando a lata de Coca-Cola à boca. Adrian suspirou.

— E se eu dissesse que quero mais do que isso?

Ashley deu um longo gole do refrigerante, pousou a latinha na mesa, esfregou os dedos um no outro a fim de enxugar a líquido gelado, levou-os à boca sugando-os sensualmente e olhou para Adrian deitada de lado na cama, também nua. A pele jovem, firme e delicada, as curvas acentuadas, os seios proeminentes e a boca avermelhada lhe convenceram.

— Eu diria que podemos entrar em um acordo.

Ashley ofereceu a Adrian um local para morar. Com a economia do aluguel e mais uma singela mesada que Ashley lhe daria, Adrian poderia trabalhar somente aos finais de semana e dedicar-se ao seu curso de idioma. Desde que ela estivesse sempre disponível à noite durante a semana e nunca, jamais lhe perguntasse sobre a sua vida nem a ela e nem a ninguém, muito menos nos hotéis onde ficaram ou no edifício onde Adrian seria instalada. Adrian aceitou sem pestanejar. Ah, e também lhe dissera o seu nome. O verdadeiro nome, coisa que, futuramente, Adrian descobriria que havia sido um privilégio para poucos. Ashley era muito mais conhecida por um apelido.

O flat era pequeno e moderno, perfeito para uma jovem solteira. A portaria funcionava 24 horas e havia até mesmo uma faxineira todos os dias. Adrian se sentia no paraíso. Finalmente, algo de bom estava acontecendo em sua vida, pensou. Mas quando Ashley chegou ao apartamento tarde da noite, em uma quarta feira, cheirando a bebida e com uma fala agressiva, Adrian estremeceu.

Seu temor mostrou-se real quando Ashley, embora com um físico esguio, agrediu-a com uma força inesperada fazendo-a cair no tapete branco. Adrian permaneceu imóvel, chorando, e Ashley correu até ela, debruçando-se sobre o seu corpo trêmulo, implorando perdão.

Apesar de Adrian ser mais pesada do que Ashley, esta a pegou em seus braços, erguendo-a com facilidade, levando-a à cama. Acomodou-a com delicadeza e beijou-lhe o rosto.

— Me desculpe, me desculpe — repetia em seu ouvido. Adrian apenas chorava. — Por favor, diga alguma coisa — mas Adrian não disse nada. Tinha medo de provocar outra reação. Ashley não insistiu, apenas deitou-se ao lado dela, abraçando-a com ternura e adormeceu.

Adrian não dormira aquela noite, com medo de que pudesse ser atacada novamente, mas, quando o dia amanheceu, Ashley voltou a lhe pedir perdão.

— Nada do que eu disser justificaria o que eu fiz. Eu estava muito puta com um erro terrível que cometeram comigo e acabei por descontar em você, que não tem nada com isso. — Adrian a encarava com um olhar triste e incrédulo. — Como eu posso te recompensar pelo que eu fiz?

— Me conte o que aconteceu.

Ashley levantou-se da cama e caminhou pelo quarto. Não havia sinal da agressividade da noite anterior, apenas um momento de reflexão. Quando chegou em frente à grande janela com vista para um parque, Ashley começou a falar.

— Eu tenho muitos contatos. Pessoas que trabalham para mim realizando tarefas que nem todo mundo pode ou consegue realizar. Estas pessoas, às vezes, falham e, quando isso acontece, eu preciso tomar uma atitude para que ninguém mais erre. Você entende? — perguntou, virando apenas a cabeça para trás, encarando Adrian, que assentiu. — E, ontem, eu tive que agir — voltou a encarar a janela.

— E você não gosta de agir, é isso?

Ashley deu um risinho, puxando a cortina com força. Virou-se para Adrian com um olhar frio e respondeu:

— Não. Eu não gosto de erros.

Adrian sentiu a frieza na voz de Ashley e preferiu não perguntar por que ela, dentre todos, teve que pagar pelo erro de alguém. Ao contrário, ao ver Ashley despindo sua blusa, exibindo o corpo bem desenhado − fruto de horas diária de treinamento em arte marcial −, os seios nus e desfazendo da trança nos cabelos, deixando-os cair sedosamente sobre os ombros, Adrian achou que tudo valia à pena.

À medida que a relação evoluía, Ashley contava um pouco mais sobre a sua vida e, no final de um ano, Adrian sabia praticamente tudo sobre ela. Ou pensava que soubesse.

Ashley contou-lhe sobre a infância no orfanato e uma tal de Sophie − uma menina irritante e manipuladora com ataques de epilepsia, de quem todos tinham pena −; Anne, amiga inseparável de Sophie, que mentia e jogava a culpa em todos só para proteger a amiga, e Elena, a diretora dissimulada que pouco se importava com as crianças, que expulsou Ashley do orfanato porque esta ameaçou a contar aos inspetores o modo como Elena conduzia terrivelmente a instituição.

Adrian soube que, após sair do orfanato, Ashley fora transferida para uma casa de menores em recuperação, um ambiente tenso. Embora as alas fossem separadas por sexo, isso não impedia a violência sexual entre as atendentes e as meninas − que variavam de doze a dezesseis anos − e entre as próprias internas. Mas não era somente isso. Era preciso seguir o código de conduta interna que não tinha nada a ver com as leis. Era mais como um conjunto de regras imposto pela facção mais forte.

No início, Ashley teve que seguir as regras, mas apenas no início. Logo se impôs e passou a fazer parte do grupo mais forte. Pouco depois, quando Ashley causara uma irritação profunda nos olhos de uma das líderes ao trocar o líquido do colírio por água sanitária, Ashley teve que mudar de "casa", novamente.

Na terceira instituição, porém, ela se comportou de maneira bem diferente. Faltavam poucos meses para completar 16 anos e logo seria livre, mas para que esta liberdade fosse definitiva, teria que se comportar. Cortou os cabelos curtos, aceitava as imposições, era dócil e generosa.

O esforço, porém tinha um preço. Ashley não conseguira se esquecer de quem a colocara naquele caminho: a menina cruel e egoísta chamada Sophie. E o seu ódio só aumentava. O preço era sentir toda aquela fúria sem poder fazer nada, vislumbrando um dia, num futuro próximo, quando ela finalmente lhe daria o troco.

Os últimos meses de bom comportamento serviram como um período de encubação para algo maior. Tudo o que Ashley seria fora daqueles portões estava sendo definido, moldado, arquitetado, dentro daquelas paredes. Ao sair de lá, ela sabia muito bem o que queria. E o que ela queria era tirar de Sophie tudo o que ela tinha: a família, os amigos e os amores.

— Mas eu era muito imatura — continuou Ashley, quarenta minutos depois que havia começado a contar a Adrian sobre Sophie, em uma noite fria, quando ambas tomavam vinho deitadas no sofá, sob um cobertor de pele de animal sintética. — Ainda deixava as minhas emoções me dominar. Eu tinha acabado de sair do reformatório e queria destrui-la a todo custo. Eu achava que tinha um ótimo plano, acusando-a dos furtos nas residências do seu bairro, mas não era nada perto do que ela realmente merecia. Era muito amador — disse Ashley, fitando a taça como quem olhasse através de uma janela invisível, encarando imagens do passado, enquanto Adrian fumava o segundo cigarro em apenas uma hora, admirando aquela mulher forte, decidida e inteligente ao seu lado. Admirando-a, amando-a em cada detalhe. — Foi quando eu conheci Mark.

Mark era um traficante de pequeno porte que agia nos arredores de Londres. Um jovem magro cujo rosto lembrava o de um rato. Tinha o nariz pontudo e fino, a boca estreita e os dentes ainda mais esquisitos. Quando ele sorria, os dois dentes da frente eram tão grandes e compridos que mal se via os outros, exatamente como os de um roedor. Foi com ele que Ashley teve contato com a primeira rede de intermediários, pessoas que executam o trabalho sujo.

— Eu odiava aquele lugar. Não era para mim, era de baixo nível, mas não posso negar que aprendi a controlar as minhas emoções por causa disso.

— O que você fazia?

— Eu vendia droga, oras. E posso ter feito um ou dois favores para o Mark fora do expediente — Adrian entendeu, embora não pudesse imaginar Ashley, linda como era, deitando-se com um sujeito como aquele. Mas não teceu comentários.

Quando Ashley disse a Mark que tinha que dar um tempo de Londres, desaparecer por um período, ele não perguntou o motivo. Quando alguém dizia que precisava desaparecer, ninguém queria saber por que. Ele fez algo mais produtivo. Ofereceu um contato em Berlin. O seu nome era Roger.

— "Cara, to te mandando uma das boas" — disse Ashley, imitando a voz com acento gingado do sul de Londres. — E quando eu cheguei aqui, foi fácil encontrar o tal Roger. Na verdade, ele me encontrou.

Ashley fora ao endereço indicado por Mark, uma praça no subúrbio da zona leste de cidade. Quando perguntou por Julian, o nome do contato que lhe fora passado, dois rapazes a cercaram e pediram para revistar a sua bolsa. De lá, mandaram-na dar o fora.

Ashley não sabia para onde ir e não falava alemão. Caminhou algumas quadras e entrou em um bar. Sentou-se, pediu uma cerveja e ficou pensando nos próximos passos. Dez minutos depois, um rapaz educado e até bonito sentou-se ao seu lado. Em inglês, disse-lhe para segui-lo. Ela entrou em um carro e ele a levou para conhecer Roger.

— Roger tinha quase o dobro da minha idade e era considerado um dos traficantes mais "limpos" da cidade. Ele nunca deixava rastros. Tinha uma rede fortíssima de contatos e colaboradores que lhe garantiam todas as facilidades — Ashley ajeitou-se no sofá. — Ele era um cara fabuloso. Bonito, fino, elegante, metódico. Perfeito. Aprendi muito com ele, também. Não só com ele como com as pessoas que trabalhavam para ele. Passei a pensar a dois passos a frente do inimigo e a criar estratégias infalíveis. Roger gostou de mim e começamos a sair juntos — Adrian se ajeitou, também, ao seu lado. — Ele me dava tudo. Dinheiro, conforto, sexo e aprendizado. Ele nunca botou uma carreira no nariz, nem um baseado na boca, acredita nisso?

— Jura?

— Nunca. Ele dizia que a droga é para os imbecis que pagavam pra ele. Se ele começasse a usar, seria a sua ruína.

— E você, usa, ou usava?

— Nunca. Mesmo antes de conhecer o Roger, eu já tinha o mesmo pensamento. Aliás, eu e ele éramos parecidos em muitas coisas.

— O que aconteceu com ele?

— Morreu. Faz dois anos, já.

— Ah...

— Morreu numa merda de pista de esqui. Pode isso? Um cara como o Roger, trincar a cabeça numa pedra enquanto esquiava?

— Que loucura!

— Pois é. Foi na França, em Courchevel, uma das maiores pistas de esquis do mundo. Escorregou errado, caiu, rolou e bateu a cabeça em uma rocha, ficou uma semana em coma no hospital e fim. Acabou. — Ashley suspirou. — A vida é assim, fugaz.

— Você gostava dele.

— É, eu gostava. Mas passou. Ele me deixou uma boa grana, um apartamento e um carro de luxo. Troquei o carro por um menor. Troquei o apartamento por dois pequenos e o dinheiro eu guardei.

Adrian olhou em volta.

— Este aqui é um deles?

— Sim. O meu favorito — disse, fazendo Adrian se sentir especial.

— E você ficou no lugar dele nos negócios? — perguntou Adrian e Ashley deu uma risada divertida.

— As coisas não funcionam assim, garota. Ele tinha um sócio, eu era apenas a amante e aprendiz de gerente.

— E o que você faz hoje, então? — Ashley parou de sorrir. Virou-se para Adrian, olhando-a profundamente e respondeu.

— É melhor você não saber — respondeu e se levantou indo ao banheiro.

Somente alguns meses depois, Ashley lhe contou qual era a sua área de negócios.

— E qual era? — perguntou Anne, sentada na cama do hospital, ao lado de Adrian. Sophie ouvira todo o relato na mesma posição, em pé.

— Ela montou um esquema de planejamento de correção.

— Um o que? — indagou Anne, novamente.

— Era assim que ela costumava chamar, mas é muito mais um esquema de vingança — Anne olhou para Sophie, que mantinha os olhos fixos em Adrian. Anne não conseguiu ler aquele olhar.

Um ano após a morte de Roger, Ashley já havia construído uma rede fortíssima. Hackers, policiais, prostitutas, enfermeiros, médicos, advogados. Ela "conhecia" pelo menos uma pessoa em cada setor da sociedade, antigos clientes de droga. Portanto, o que Ashley precisasse, ela conseguia. E rápido. Ninguém a deixava esperando.

Conhecida como "Pantera", a linda jovem de cabelos negros tinha muitos homens aos seus pés. E mulheres, também, embora poucos a conhecessem pessoalmente (e muito menos sabiam o seu nome). Apenas o mito sobre a Pantera era suficiente para mover muito dinheiro, interesse e pessoas.

— Nossos amigos, Steven, Jesse... Não é coincidência que você tenha se ligado a eles, é? — perguntou Sophie, pela primeira vez desde que Adrian começara a contar toda a história.

— Não — respondeu, baixando a cabeça. — Mas não estou mais no esquema dela. Quando nos mudamos para Londres, alguns meses antes de conhecer Steven, Ashley se tornou outra pessoa. Ela parecia ter perdido o controle. Pegava casos estranhos, chegou até a levar uma menina para casa e...

— Casos? — perguntou Anne, ainda não entendendo qual fosse o trabalho de Ashley, afinal. Sophie lhe deu uma olhada rápida e mal humorada, mas Anne, por sorte, não percebeu.

— Sim. Ashley é contratada por pessoas, instituições, empresas, grandes companhias, políticos, o que for, para elaborar, gerenciar e executar planos para destruir uma pessoa. — Adrian olhou para Anne com seus olhos espremidos entre as pálpebras roxas para ter certeza de que Anne, agora, entendia. A boca entreaberta de Anne lhe disse que sim. E Adrian emendou. — Acreditem. Ela é boa, muito boa no que faz — reforçou.

Adrian lhes contou, rapidamente, alguns casos que Ashley lidara. Uma empresa de cosméticos fora tirada do páreo em um contrato milionário para uma rede de hotelaria e, para dar o troco ao concorrente, Ashley forjou um esquema de intoxicação causada por um dos produtos da empresa concorrente. Em uma disputa judicial, a suposta vítima levou milhões em indenização. Metade disso foi para a conta bancária de Ashley, em um paraíso fiscal.

Em outro caso, um presidente de uma grande companhia de seguros acabou flagrado na cama com uma menor de idade. Fora processado por pedofilia, abandonado pela esposa e pelos filhos e perdera o cargo na empresa. O cliente de Ashley havia sido a própria esposa do sujeito, cansada de sofrer maus tratos do marido em casa.

Uma jornalista também fora vítima de uma das armações de Ashley. Através de fotos e áudios montados, ela foi levada a publicar, em um grande jornal alemão, uma notícia falsa envolvendo um político. Embora ele negasse as denúncias e alertasse para o erro que a jornalista estaria cometendo, ela publicara do mesmo jeito. Afinal, a maioria dos culpados se diz inocente e a sua fonte era confiável, sem contar as provas irrefutáveis. Confirmada a falsidade dos fatos, a jornalista perdeu o emprego e todo o dinheiro que tinha em uma disputa no tribunal por calúnia e difamação, além da reputação de mais de vinte anos de profissão. O trabalho fora encomendado por uma socialite que não gostou de ter sua intimidade invadida ao ver fotos suas publicadas de topless alguns meses antes.

Ashley não se importava com a motivação dos clientes. A motivação dela era o dinheiro. Ela dava o preço, eles pagavam e Ashley colocava a sua rede para funcionar. Apenas três pessoas tinham o contato direto com ela, incluindo Adrian. E, a partir deles, outros três e assim por diante. Desta forma, com exceção dos únicos três que a conheciam, ninguém mais sabia quem ela era, mas todos a temiam. Receavam que pudessem, um dia, se tornarem um de seus alvos. Mas isso, porém, era algo que Ashley raramente fizera. Ela oferecia proteção integral a todos os seus colaboradores e era extremamente leal a eles. Até que deixassem de ser leais a ela. E, quando isso acontecia, ela tinha que agir, como aconteceu com Angelo, o quinto na rede, ligado á área de informática, no dia em que ela agredira Adrian no quarto.

Quando Ashley descobriu que Angelo estava tentando rastrear suas contas bancárias no exterior, esperou o momento certo (na verdade, forçou o momento, uma tensão entre ele e a namorada) e acionou um dos contatos, que acionou o outro, que acionou um funcionário de uma empresa de agentes químicos. Outro agente, funcionário de um restaurante, cumpriria uma função simples de borrifar um líquido em uma salada e um terceiro, invadiria uma casa e colocaria um pequeno frasco no fundo da geladeira. Nenhum deles se conhecia ou conhecia a vítima.

Oito horas depois, no exato momento em que a garota começou a passar mal em casa, a polícia recebeu uma denúncia de um ataque bioterrorista que estava sendo testado em uma jovem. Foi fácil provar que a garota fora infectada com uma bactéria e, mais fácil ainda, encontrar provas na casa de Angelo, mais precisamente no fundo da geladeira. O resultado da operação explodiu nas manchetes dor jornais: “Rapaz é acusado de envenenar namorada com Salmonela”.

Angelo ficou preso por vários meses, até que um juiz o inocentou usando o depoimento da vítima em seu favor e limpando o passado do rapaz. Embora as provas dissessem o contrário, o juiz mostrou-se solidário. Coincidentemente, este juiz fazia parte da rede de Ashley. Ela queria apenas dar um recado a Angelo, não enterrá-lo na prisão. Ela bem sabia o que um confinamento poderia cultivar em uma mente inteligente. Era perigoso demais. Mas, se você apenas dá um susto, oferecendo um vislumbre do que a sua vida pode se tornar, o efeito pode ser positivo. O recado estava dado e Ashley o manteve em vigilância por muito tempo.

— Meu Deus... — murmurou Anne, com o rosto pálido. — E este foi o recado que ela mandou para você? — perguntou.

— Sim.

Sophie se lembrava das palavras ditas pelo rapaz de cabelos claros e tudo fazia sentido. *Agora vê se entende o recado. Se abrir a boca, morre. Se pular fora do barco, morre.* Se Adrian mudasse de lado, ela morreria. Mas não era isso que ela estava fazendo, agora?

— O que aconteceu entre vocês duas? — perguntou Sophie. Adrian deu de ombros, delicadamente.

— Eu não quis mais.

— Por que? — indagou Anne.

— Ashley estava piorando dia a dia. Eu tinha medo de ficar ao lado dela nos últimos meses. Não que ela fosse normal antes. Não era. Eu já a vi mudar o rosto em minutos, completamente, com tatuagens e piercings falsos, lentes de contato, perucas e até roupas com enchimento — Adrian fechou os olhos, com horror. — Ela é muito perigosa e extremamente inteligente, mas nos últimos meses... eu não sei... ela está muito perturbada.

— Espera. Tem algo que eu não estou entendendo — interrompeu Anne. — Você *casou* com o Steven! Fazia tudo parte do plano *dela*? — Adrian baixou os olhos e assentiu. — Jesus! — Adrian ficou em silêncio por alguns segundos e tentou pegar um copo de água na mesinha ao lado da cama. Gemeu. Anne a serviu e, depois, Adrian continuou o assunto que Anne havia começado.

— Pouco antes de virmos para cá, Ashley me disse que era a hora de colocar o seu plano pessoal em ação. Eu já era totalmente leal e dependente dela. Fazia tudo o que ela queria e achava que ela tinha sofrido muito por causa de um passado de violência injusta. — Sophie deixou escapar um suspiro. — Desculpe, Sophie, mas eu só tinha a versão dela dos fatos. Hoje, eu imagino que seja tudo mentira ou uma verdade distorcida, não me importa. Hoje eu conheço você.

— Conhecia antes de beijar o Jesse ou de enviar os vídeos e as fotos, também — Sophie não pôde evitar o comentário e Adrian concordou.

— Sim. E quando nos conhecemos, eu achei que Ashley tinha razão. Você e eu nunca fomos amigas. Você nunca gostou de mim e eu atribuía o seu temperamento à imagem que Ashley me fez acreditar. — Adrian puxou o ar com dificuldade para dentro dos pulmões. Toda aquela conversa estava deixando-a esgotada, mas ela queria ir até o fim. — Arrogância, esnobismo, complexo de superioridade, coisas assim. — Anne murmurou alguma coisa, mas Sophie ergueu a mão para que ela deixasse o comentário pra depois.

— E o Steven? — perguntou Sophie.

— Ashley sabia todos os seus passos, Sophie. Quando você começou a sair com Jesse, ela deu um jeito de me colocar no meio. Eu concordei, mas nunca pensei que fosse dar em casamento. À medida que ele se interessava, mais ela me jogava para cima dele. Era como se ela quisesse se livrar de mim e eu percebi que não significava nada para ela, que eu era apenas mais um peão no seu tabuleiro então, me agarrei à única chance que eu tinha, o Steven.

— E o Jesse?

— Foi tudo parte do jogo dela — murmurou Adrian. — Tudo. Você não entende. Ela está a dois passos a frente de qualquer um! — a sua voz começou a ficar aflita. — Quando ela me fez sentir abandonada, ela sabia que eu me jogaria para o Steven e era exatamente isso que ela queria. Quando marcamos o casamento, ela me procurou de novo. E eu... eu...

— Não resistiu — completou Sophie, com sarcasmo. Anne deu-lhe um olhar de reprovação, mas Sophie nem notou.

— Não resisti... Eu era louca por ela. Apaixonada demais para nunca mais vê-la. Então, aceitei o meu papel no plano dela, que era me infiltrar entre você e o Jesse.

— E o seu namorado? — perguntou Sophie.

— Eu não tenho namorado.

— Mas... os seus emails com o Jesse, você falava muito sobre um namorado. Joseph.

— Tudo mentira. Nunca tive um namorado chamado Joseph — afirmou Adrian, envergonhada. Sophie teve vontade de rir pensando no cara para quem enviara o email. Mas a vontade passou. Era apenas uma daquelas reações constrangedoras causadas pelo nervosismo.

— E tudo isso para arruinar o relacionamento da Sophie com o Jesse?

— Não exatamente. Fazê-la perder o Jesse era um dos passos, mas não o objetivo final. É muito pouco.

— E qual é o objetivo final? — perguntou Anne, aflita.

— Eu não sei... — respondeu Adrian, com uma expressão preocupada. — E é por isso que você tem que tomar cuidado. Quando você e o Jesse romperam por minha causa, eu disse a Ashley que não queria mais fazer parte disso. Ele te ama, Sophie, e eu sei que você não é nada do que ela me fez acreditar. — Sophie não abriu a boca e Adrian continuou. — Ela me ignorou, como eu imaginei que faria. A minha parte já tinha sido feita, ela não precisava mais de mim.

— Então por que ela fez isso com você?

— Porque ninguém toma a decisão por ela. Somente Ashley decide como, onde e quando as coisas vão acontecer — respondeu Sophie.

Adrian encarou-a com curiosidade, assim como Anne. Sophie sabia como a mente de Ashley funcionava por uma simples razão. A sua mente e a dela eram mais parecidas do que ela admitiria e isso a assustava mais do que tudo.

Sophie sentia uma raiva crescente no peito. Um desejo de pegar Ashley com suas próprias mãos e eliminar aquele risco da sociedade. Sim, ela era perigosa, louca, uma psicopata. Uma doente com uma mente brilhante. Sophie tremeu.

Adrian virou-se para ela e procurou a mão de Sophie com a sua. Sophie, relutantemente, entendeu a sua mão, que foi logo agarrada pelos dedos frios e grossos de Adrian.

— Você precisa tomar cuidado, Sophie. Eu não sei o que ela planeja para você, mas sei que vai ser logo. Por favor, fique atenta — e uma lágrima escorreu por entre as imensas bolsas escuras que circundavam os olhos de Adrian.

— Você tem que falar com a polícia — advertiu Anne. — Só eles podem fazer alguma coisa.

— Não! — gritou Adrian, quase imediatamente. — Você ainda não entendeu? Ela tem olhos e ouvidos em todos os lugares. Se falarmos com a polícia, ela vai saber e, sem saber o que ela pretende, não vamos conseguir nada.

— O que você sugere? — perguntou Sophie.

— Eu vou falar com ela. Vou fingir estar do seu lado e vou descobrir qual o plano dela.

— De jeito nenhum! — exclamou Anne. Sophie ficou calada.

— É o único jeito.

— Onde ela está agora? — perguntou Sophie.

— Eu não sei. Depois que eu falei com ela que não queria mais, tentei conversar mais uma vez, mas ela tinha desaparecido. O celular está desligado e ela não está mais no endereço de antes. Até os móveis foram levados e o apartamento foi pintado. Tudo feito em dois dias. Não tem mais nem traço da presença dela. É como se ela nunca tivesse estado lá. Não me admira.

Agora, Sophie entendia porque sentia aquela constante sensação de estar sendo observada. Porque realmente estava. De alguma maneira, Ashley sempre esteve com ela. Fosse vigiando-a a espreita ou dentro da sua mente. Elas estavam ligadas mais do que ela imaginava.

Uma pressão no peito de Sophie a fez puxar o ar com intensidade e Anne olhou-a preocupada. Os dedos dela apertavam a mão de Adrian e esta soltou um gemido.

— Sophie... está me machucando...

Sophie deu um passo para trás, soltando a mão de Adrian.

— Desculpe... eu...

— Tudo bem — disse Adrian, baixinho, tentando se ajeitar no leito do hospital.

— Adrian, você não vai voltar para ela. Vai ficar sob proteção da polícia e vamos caçar essa maluca! — declarou Anne.

— Isso não vai acontecer, Anne. E eu não vou literalmente voltar para ela. Ela é quem vai me encontrar.

— Não! — exclamou Anne, novamente.

— Eu sei como funciona, sou a única que conhece a Ashley. Confie em mim, por favor. Deixe-me fazer a única coisa certa desta vez, ok? — Anne não sabia mais o que dizer e pediu ajuda fitando Sophie, mas ela não lhe retribuiu o olhar.

Uma parte de Sophie sentia pena de Adrian enquanto a outra não sentia absolutamente nada. Adrian tinha tanta culpa por estar naquela situação quanto Ashley e Adrian sabia disso. Neste ponto, Sophie a admirava por assumir a sua parcela de responsabilidade. Mas daí, a aceitar que Adrian se colocasse em risco novamente apenas para tentar descobrir pistas sobre o que Ashley tramava contra ela, era algo que Sophie não iria compactuar. Se era uma decisão de Adrian, que continuasse assim.

— Obrigada por nos contar tudo isso, Adrian, mas acho que você não deveria se preocupar comigo. Eu sei me cuidar. Tudo que você fizer para se aproximar de Ashley novamente e qualquer que seja a consequência disso, será por sua própria conta, não coloque este peso sobre mim. — Adrian esticou os lábios num sorriso trêmulo.

— Sophie, eu não vou fazer isso somente por você. Acredite, eu também quero ver a Ashley pagar por tudo o que ela fez — a voz de Adrian tornou-se grave como nunca fora. — Isso não é uma vingança, ou uma maneira de me redimir com você. É a coisa justa a ser feita.

— Não, não é! — exclamou Anne. — O justo é a justiça cuidar disso.

Ninguém lhe dirigiu a palavra. Adrian e Sophie se entreolhavam, como se fizessem um pacto silencioso, naquele momento. Estavam quites e colocavam um ponto final em toda a história entre elas. Uma amizade que nunca fora verdadeira, que terminava, pela primeira vez, com algo genuíno.

— Adeus, Adrian. Cuide-se bem. E eu farei o mesmo. A Ashley vai ter que pagar a conta dela, mais cedo ou mais tarde — concluiu Sophie, virando-se de costas, sem se certificar se Anne viria com ela ou ficaria no quarto. Adrian a chamou-a pela última vez.

— Sophie, espere — Sophie se voltou para ela, novamente. — Se você pensa que pode encontrar Ashley, não se iluda. Eu já a vi mudar a aparência mil vezes e, com a ajuda de dezenas de documentos falsos, ela passa completamente despercebida — Sophie suspirou, cruzando os braços à frente do corpo sentindo-se estranhamente desprotegida. — Ela encontra você, não o contrário...

Sophie descruzou os braços, aceitando o desafio e, desta vez, não parou quando caminhou até a porta.

Capítulo 12

Sophie e Anne contaram toda a conversa a Paul quando saíram do hospital, mas somente a ele. Detetive Harris, por outro lado − que ficou esperando por elas do fora do quarto todo aquele tempo −, não conseguiu uma única palavra. Nem de Sophie nem de Adrian.

Paul tentou uma investigação paralela, no dia seguinte, mas não havia muito que pudesse ser feito. Primeiro, porque não estava convinto de que a história de Adrian pudesse ser inteiramente verídica. Ashley ter se tornado uma estrategista de tamanho porte lhe parecia um pouco demais, mas para não arriscar um passo em falso, achou melhor não envolver ninguém ofial nem extraoficialmente. Ele também era contra a ideia de Adrian de se aproximar de Ashley, mas não podia fazer nada tampouco a não ser ficar próximo a ela. Fosse para vigiar os seus passos ou evitar um futuro atentado. Por sorte, a estadia dela no hospital seria longa e pelo menos enquanto ela estivesse lá, seria menos trabalho para ele.

O ceticismo de Paul começou a se abalar no dia seguinte, quando se reuniram na casa de Sophie.

— Eu não tenho dúvidas de que se Ashley quisesse realmente eliminar Adrian, ela já o teria feito — afirmou Nancy, enquanto Anne lhe servia um chá.

Brandon e Paul também estavam sentados à mesa em silêncio. Sophie estava inquieta. Já tinha mudado de lugar várias vezes e, agora, estava sentada no sofá. Eram quase onze da noite e todos ainda estavam em estado de choque com as revelações que Adrian fizera no dia anterior.

— Tem uma coisa que não sai da minha cabeça — começou, Anne. — Será possível que Ashley não saiba que Adrian iria nos contar tudo?

— Acho que era exatamente isso que ela queria. O risco foi muito bem calculada — murmurou Nancy. — Vejam bem. Ela conseguiu assustar Adrian ao ponto de ela não querer prestar queixa e, ao mesmo tempo, mostrou o poder dela a você, Sophie.

— Mas isso seria muito arriscado. Adrian poderia, neste momento, estar contando tudo à polícia e começar uma caçada humana contra ela, não? — perguntou Brandon.

— Ao contrário. Se a mente da Ashley funciona como eu imagino que seja, ela sabe que a Adrian não teria estrutura emocional para enfrentar todo o processo: investigação, denúncia, julgamento e ser testemunha em um tribunal. O que ela imagina que a Adrian vá fazer é sumir do mapa. Enquanto isso, o recado já foi dado, principalmente a Sophie. — Nancy virou-se para Sophie no sofá, mas ela não estava mais lá. Estava encostada no balcão da cozinha, com os braços cruzados. — Ela quer desestabilizar você, deixá-la vulnerável, frustrada e irritada.

— Não posso dizer que ela não tenha conseguido — murmurou Sophie.

— E se Adrian tivesse inventado tudo isso? — perguntou Paul.

— Sobre Ashley? — perguntou Anne. Paul anuiu. — Impossível. Além de você, ninguém mais sabia sobre a existência de Ashley.

— E você se lembra bem do que ela fez no passado, não? — indagou Sophie. Paul suspirou. Ele se lembrava. Só não queria acreditar que um ser humano, uma jovem, pudesse chegar a este nível por tão pouco.

— Eu conheço este olhar, Paul — comentou Nancy. — De todos nesta sala, você seria a pessoa que deveria acreditar facilmente no que um ser humano é capaz de fazer. Todos estes anos lidando com diferentes tipos de problemas sociais deveriam ter lhe dado um pouco mais de dureza. Mas vejo que não foi assim, não é?

— Estou apenas pensando em... Estou tentando entender a razão de tudo isso. Adrian poderia estar morta!

Nancy poderia discorrer um longo discurso sobre transtornos de personalidade, mas preferiu não entrar em detalhes para não despertar ainda mais pânico. Sabendo do que uma mente como a de Ashley seria capaz, Nancy se sentiu no dever apenas de alertar.

— Existem muitas razões, Paul, mas o importante não é entender Ashley neste momento e sim aprender a evitá-la.

— Como? Não sabemos quais os planos dela, seus próximos passos, onde mora, nada — observou Paul, frustrado.

— Por isso mesmo, acho que temos que tentar levar a vida normalmente — disse Sophie, finalmente, dando um longo suspiro.

— Como é? Pelo menos pra mim parece meio difícil não olhar embaixo da cama antes de dormir, ultimamente... — replicou Anne — Não exatamente isso, eu quero dizer, mas... Parece que qualquer coisa pode acontecer a qualquer um de nós neste momento. — Nancy assentiu levemente. — Ela é louca, sempre foi, desde quando éramos pequenas.

— Bom, eu não posso fazer nada, oficialmente. Não posso pedir proteção policial para você ou para ninguém se não tiver um motivo concreto o que, neste caso, não temos. Então, só posso pedir para que você tome cuidado, Sophie. — afirmou Paul.

— Todos nós, inclusive você, Paul — corrigiu Anne e Paul balançou a cabeça, concordando.

Depois que todos saíram da casa, Sophie subiu para o quarto sentindo um peso insuportável sobre os ombros. Largou a roupa que usara o dia todo no chão do banheiro, enfiou um pijama leve de malha e se deitou. Achou que não fosse conseguir dormir, mas aconteceu o contrário. A mente dela se apagou como uma vela ao vento.

No dia seguinte, acordou com a cabeça explodindo de dor. Sentia uma vertigem insuportável e mal encontrou o celular que tocava muito antes do horário aceitável para receber chamadas. Isso não podia ser bom sinal.

— Desculpe se te acordei, minha querida — lamentou Nancy. — Mas eu não ligaria a esta hora se não fosse urgente. Sophie checou as horas. Seis e quinze da manhã. A palavra urgente, porém, eliminou qualquer possibilidade de voltar a dormir. Apesar da tontura, sentou-se na cama, quase em alerta.

— O que houve?

— Eu falaria pessoalmente se tivéssemos tempo, mas visto que você viaja em poucos dias, vou adiantar o assunto por telefone mesmo. É sobre a sua interferência na visão de Adrian — Sophie, finalmente, havia lhe contado tudo na noite anterior, logo que Nancy chegara e ainda estavam a sós. — Enviei alguns emails ontem à noite mesmo e acabei de receber notícias dos colegas que estudam o assunto. Alguns especialistas acreditam ser realmente possível.

— Claro que é. Eu fiz, lembra?

— Sim, eu sei, e do mesmo modo como você fez, outras pessoas podem estar fazendo. Nenhuma capacidade é única no mundo. Mas... Você imagina este tipo de dom em mãos erradas? — Sophie sentiu o coração apertar. Pensou em Ashley. Imaginou uma pessoa como ela com a capacidade de controlar fisicamente uma pessoa apenas com a mente. Gemeu. — Pois é querida. Por isso não se encontram informações sobre o assunto com tanta facilidade. Estou em contato com um colega que tem um grupo de estudo direcionado ao que eles chamam de Phisical Minds, Mentes Físicas. Pessoas que conseguem influenciar ações em outras pessoas.

— Mas Dra Nancy, isso aconteceu comigo somente uma vez. Pode ser que nunca mais aconteça.

— Sim, querida, eu sei. É possível que não aconteça mesmo, mas as suas visões têm mudado drasticamente. Elas estão evoluindo para algo mais consciente e objetivo. — Sophie concordou sem relutar. Suas visões não eram mais algo a ser analisadas ou decodificadas. Eram nítidas e, como no caso de Adrian, uma telepatia, em tempo real, não mais somente com o seu irmão. — Existem vários níveis deste fenômeno — continuou Nancy. — Os primeiros níveis são os mais comuns e superficiais como linguagem subliminar e direcionamento mental, comumente usados em técnicas de vendas e persuasão, mas não se esbarra em níveis como o seu, por aí. — Sophie manteve o silêncio. — Estou indo me encontrar com este meu colega, na Genebra, ainda hoje. Por isso tive que chamá-la tão cedo.

— Está de partida? Agora?

— Exatamente. Prometo manter você informada, está bem?

— Tudo bem. Espero receber boas notícias.

— Fique tranquila, minha querida e faça uma ótima viagem.

— Obrigada, Dra Nancy. — agredeceu, temendo o futuro pela enésima vez.

— Sophie?

— Sim.

— Seria bom se você ligasse para o Jesse, também — Sophie não disse nada. — Você pode precisar de reforço emocional — novamente, o silêncio. — Você sabe do que estou falando. Se cuide, minha querida.

— Vou pensar. Obrigada Dra Nancy. Boa viagem.

Sophie sentia a cabeça no limite e decidiu jogar tudo para o alto, só para variar. Perder o controle, deixar a vida fluir. Se Ashley quisesse encontrá-la, ela iria fazê-lo. Levantou-se da cama, sentido o chão sumir sob seus pés. *Que se dane.* Pegou o telefone e ligou para Jesse, como sugerira Nancy. E, para ser sincera, como quisera desde que terminara a conversa com Adrian há dois dias.

Jesse atendeu imediatamente. Sophie sabia que ele já estaria de pé. Talvez chegando da academia, onde ia quase todos os dias antes do trabalho. Podia sentir a sua voz vibrante do outro lado da linha. Apesar de estranhar o telefonema dela tão cedo, não fez muitas perguntas. Aceitou de ótimo grado o convite para o almoço e deixou os detalhes do motivo da ligação para quando estivessem pessoalmente.

Sophie desligou o telefone e digitou um email para a editora chefe da revista dizendo que estava doente e que não iria trabalhar naquele dia. Apagou a linha e corrigiu. Não iria trabalhar nos próximos dias e, com as suas férias iniciando na semana seguinte, temia que a veria novamente somente dali a vinte dias. Antes de apertar o "enviar", pensou se Ashley não estaria vigiando o seu computador. Pensou em cancelar o envio e telefonar para a revista, mas era cedo demais para encontrar aalguém por lá. *Foda-se você, Ashley*, praguejou e enviou o email. Não mudaria a sua vida, nem um milímetro que fosse, por causa daquela cobra. Suas ações não poderiam ser controladas por um fantasma, uma sombra, uma ameaça invisível. *Nunca mais.*

Sophie ouviu um gemido vindo do quarto de Anne e foi até lá. Colocou o ouvido na porta e ouviu-o novamente. Não tinha certeza se Brandon havia passado a noite na casa e aquele som também não era *aquele* tipo de som entre um casal. Era na verdade meio raivoso, daqueles que Anne emitia sempre que estava para ter um de seus ataques histéricos.

— Anne, posso entrar?

— Urrrghhh — gemeu novamente do outro lado da porta.

— Anne!

— Pode! — exclamou quase como uma libertação, e Sophie abriu a porta, imediatamente.

— Essa... coisa... não... quer ... fechaaar! — gemeu novamente, puxando o zíper da mala com muita dificuldade, sobre a cama. Sophie sorriu, aliviada, indo ao socorro da amiga. Assim que a batalha contra o zíper da mala terminou, Anne indagou:

— O que você faz de pé tão cedo?

Sophie lhe contou sobre o telefonema de Nancy minutos atrás, entre outras coisas.

— E eu acabei de combinar um almoço com o Jesse, hoje — emendou logo, evitando que Anne se apegasse aos detalhes sobre a conversa com Nancy. E, claro, funcionou.

— Você vai ter que me explicar direitinho essa coisa de mexer com a cabeça dos outros, mas, por hora, me conte do Jesse — falou empolgada, sentando-se, exausta na cama.

— Não se anime muito. Já estou arrependida.

— Como você é chata!

— Mas Anne, eu não estou em condições de...

— Por isso mesmo. Você precisa dele AGORA, não depois — bufou, partindo para uma nova missão: levar a mala da cama ao chão. — Argh... — gemeu novamente, fazendo Sophie correr para ajudá-la. De novo.

— Não é possível que isso aí esteja tão pesada — falou Sophie, puxando a mala pela alça. — Credo, o que você está levando aqui dentro, pedra?

— Você quer mesmo que eu diga? — respondeu Anne, com aquele olhar de "tá falando sério?" e Sophie sorriu. — Olha, eu sei que você está cansada. Não sei como você conseguiu passar por estes últimos dias, mas, de verdade, conversar com o Jesse, sabendo que no fundo tudo não passou de uma armadilha que, aliás, ele não caiu totalmente — enfatizou, só por garantia —, pode ser bom pra você. Acredite.

Com o número de telefone de Jesse desbloqueado há cerca de dez minutos, "*Bring me to life*" voltaria a tocar quando Jesse ligasse em seu celular e, naquele momento, a música gritava no quarto de Sophie. Ele só queria confirmar se ela havia mesmo desbloqueado o número como dissera que faria e, também, ter certeza de que a mudança repentina era real.

Sophie sorriu ao telefone e confirmou o almoço, sem sentir aquele frio na barriga que tanto esperava sentir. Os últimos dias haviam tornado seus dias muito nublados, pesados e praticamente insustentáveis. Especialmente uma ideia que se tornava quase fixa em sua mente, machucando como uma unha encravada em um sapato apertado depois de horas em pé. O que aconteceria se ela entrasse em contato com a mente de Ashley? Veria quais eram os seus planos contra ela? Veria a si mesma sendo morta a facadas, ou surrada em um beco, enforcada, queimada? O que rondaria a cabeça de Ashley? Acabou desistindo por uma simples questão. Se ela pudesse entrar na cabeça de Ashley, já o teria feito mesmo sem querer. Elas nunca estiveram tão próximas e, normalmente, isso a colocaria em contato com a mente da outra pessoa, mesmo não desejando. Não seria nada difícil para o seu lado estúpidamente sensível captar os pensamentos de Ashley. E se não o fizera até agora, é porque não deveria fazê-lo. Portanto, preferiu a segunda hipótese. Ficar o mais longe possível dela. Mesmo que tivesse que sair com Jesse.

Pare com isso, você está louca para vê-lo.

Cale a boca.

Para esquecer um pouco do seu pesadelo pessoal, depois de tomar um bom café da manhã e se despedir de Anne, que saira correndo para trabalhar, Sophie chamou Thomas e conversaram longamente. Ela não lhe contou sobre a conversa com Adrian e muito menos sobre as descobertas de Nancy. Thomas já estava enrolado demais para ter que se preocupar com ela. Ao invés disso, falaram sobre Amy, o pai dela e os avanços nas pesquisas sobre os médicos da visão de Sophie.

— *Nada ainda, mana* — respondeu desanimado. — *Calma, Tommy, você vai encontrar alguma coisa, eu tenho certeza. E como está Amy e o pai dela? — Em pedaços. Cada dia que passa ele tem mais certeza de que a esposa foi assassinada pelos médicos. — "Assassinada" é um termo pesado, não acha? — Para mim e para você pode ser, mas para ele, que suspeita de alguma coisa e não tem nenhuma resposta dos médicos, como você acha que ele lida com isso? — Eles ainda o evitam? — Mais do que isso. Conseguiram um mandato que impede o pai da Amy de se aproximar do hospital. — Por que? — Da última vez que ele foi lá para pedir o prontuário da esposa, o médico disse que ele estava alterado e chamou o segurança. Ele ficou muito puto e acabou se excedendo, realmente. Com tantas testemunhas, foi fácil conseguir que ele ficasse longe do hospital. — Meu Deus... — Eu tenho que encontrar aquela pessoa, mana. Talvez ela nos ajude a esclarecer tudo. Seja como for, se a mãe de Amy foi vítima de erro médico, negligência ou o que for, eu tenho que ajudá-los a descobrir a verdade.*

Sophie fechou os olhos, deitada na espreguiçadeira do jardim, pensando em como a vida é complicada, cada um com os seus nós para desatar, uns mais apertados do que outros; alguns, com uma rede inteira. Assim que se despediu de Thomas, ficou fitando o céu cinza claro há milhares de quilômetros de distância. Desejou alguma coisa, mas não sabia o que. Talvez algo simples, como um vazio ou o silêncio. Algo chamado paz. Mas ela não a veria tão cedo e Sophie sabia disso. E pior, estava acostumada a ausência daquela sensação prazerosa de não haver pendências ou expectativas sombrias, apenas a deliciosa sensação de sentir a vida como um córrego seguindo seu curso sem intempéries. Suspirou e tentou invocar esta sensação delicada por apenas um momento que fosse. Não conseguiu. Esvaziar a mente era um exercício impossível para ela naqueles dias. Pensou em ligar para Brandon. Não havia mais exames a ser feitos nem resultados a caminho. Queria apenas saber de Adrian. Era estranho pensar que ainda se importava com ela e em como o sentimento de raiva havia se transformado em... Em o que, afinal? Piedade? Solidariedade? A imagem de Adrian em sua mente não lhe causava mais repulsa ou ódio. Vê-la em seu estado frágil e vítima da violência teria mesmo mexido com alguma coisa dentro dela ou, por algum código moral interno, estava se forçando a transformar pedra em água? Sophie havia deixado o hospital sentindo indiferença pela história que Adrian lhe contara. Azar o dela se, no passado, havia decidido se envolver com uma doente mental. Colhemos os frutos das nossas próprias sementes, pensou Sophie. Então, por que diabos estava pensando em Adrian com tanta condescendência?

Não estava gostando disso.

Quando a hora do almoço chegou, Sophie começou a sentir aquela onda estranha subir e descer na barriga. Olhou-se no espelho e reconheceu que havia se produzido exclusivamente para aquele momento, ou melhor, para Jesse. Rolou os olhos para cima. O caimento da seda em tom cinza claro sobre o seu corpo era perfeito. Na cintura, o franzido do elástico era disfarçado por um cinto grosso azul escuro, combinando com o sapato de salto no mesmo tom. A bolsa, também em tom de azul e seus detalhes em prateado, se encaixava com os acessórios igualmente brilhantes e delicados no pescoço e no brinco que lhe adornava as orelhas quase ocultas pelos cachos negros ladeando seu rosto ligeiramente maquiado.

Quando o som da campainha irrompeu pela casa, sentiu o coração ligeiramente mais vivo. Quando abriu a porta e viu Jesse encostado na sua SUV X5 cor de café, com as mãos nos bolsos da calça do terno cinza escuro, óculos pretos e os cabelos dourados caídos nas laterais do rosto, quase permitiu sentir-se extasiada.

Ele a cumprimentou com um beijo leve no rosto e, como sempre, próximo demais dos seus lábios, o que Sophie não retribuiu, apenas sorriu e entrou no carro. Seguiram a um restaurante italiano a duas milhas dali que Sophie adorava. Ela pediu um ravióli de espinafre e ricota e Jesse, rondelli de abobrinha ao molho branco; tudo regado a um suave vinho tinto.

As trivialidades já haviam se esgotado no carro a caminho do restaurante. Agora, entravam no assunto tenebroso sobre Ashley e Adrian. Jesse ficou atônito com o que ouvira. Tentou se aprofundar sobre o plano de Adrian, mas Sophie interrompeu o assunto. Sentia-se esgotada daquilo tudo. Explicou-lhe que não decidira faltar ao trabalho para se dedicar ao círculo doentio que Ashley criara. Não permitiria que ela destruísse a sua vida e Jesse concordou, sentindo um fio de esperança. Falaram sobre os planos para a viagem, mas logo o assunto também se esgotara. Restava apenas o óbvio.

— Que tal a gente falar logo sobre o que temos que conversar? — sugeriu Sophie, depois de duas taças de vinho.

— Fique á vontade — respondeu ele, pousando o talher sobre o prato e olhando-a profundamente com seus olhos caramelados. De repente, Sophie não sabia mais o que realmente queria dizer.

— Olha, eu... O que eu posso dizer, Jesse? Que tudo mudou depois da conversa com Adrian? Não sei. O fato de ter havido alguém por trás dela, empurrando-a a agir como uma vagabunda descarada, não muda o fato de você ter me traído. Você, Jesse, não ela — afirrmou, sentindo o efeito do vinho sobressair em suas palavras. Nem mesmo ela acreditava mais no que dizia.

— Sophie, eu já te pedi perdão por ter sido um idiota. Além disso, não posso fazer mais nada. Eu amo você — disse, pegando suavemente em sua mão. — Eu sei que eu fiz uma merda gigantesca e que magoei você. Sei também o que você faz com as pessoas que te magoam. Você as afasta e cria uma barreira ao seu redor que é quase impossível irromper. Mas por favor, não faça isso comigo. Não faça isso com a gente.

Sophie olhou profundamente naqueles olhos doces e sinceros. Ela sabia que ele a amava. Sempre soube. O problema não era ele, mas ela. Havia algo dentro dela que, uma vez ferido, era difícil de cicatrizar. E ela sabia, também, o quanto precisava dele. Principalmente agora, cercada de tantas ameaças, dúvidas, angustias e receios. Sophie continuava a encará-lo com seu olhar distante e duvidoso.

Jesse estava próximo demais, lindo demais, doce demais, irresistivelmente sedutor e... ele, num impulso, aproveitando aquela ligeira chama no olhar de Sophie, a beijou. Ele passou sua mão pela nuca de Sophie envolvendo seu pescoço com seus longos e fortes dedos e massageou seus cabelos. O beijo conciliador durou o suficiente para fazer Sophie sentir-se flutuar. Além de mil ondas subindo e descendo por todo o corpo.

Maldito vinho! Maldito Jesse! Oh... droga...

Nenhuma outra palavra foi preciso para selar o sentimento entre eles. Dentro do carro, na volta para a casa dela, os dedos se entrelaçavam e brincavam entre si enquanto Caleb Followill fechava − com chave de ouro − o almoço, com *Sex on Fire*. Nada mais seria dito sobre Adrian ou Ashley, o que não implicava que elas estivessem esquecidas dentro da mente de Sophie, mas isso ficaria para depois.

Quando chegaram à casa de Sophie, ela encarou Jesse novamente e soube que seria difícil tirar aquele peso dentro do seu peito. Sempre que olhasse para ele sentiria a mesma dor que sentira quando vira as respostas dele para Adrian. Sentindo aquele peso puxar o seu coração para uma cratera enorme dentro do seu peito, ela deu a Jesse um sorriso triste.

— Nos vemos á noite? — perguntou ele.

— Pode ser. Nos falamos mais tarde, ok?

— Claro — concordou ele, dando-lhe um beijo de despedida. Sophie sentiu o estômago tremer novamente.

Assim que ela entrou em casa, o celular tocou e Sophie não reconheceu o toque.

— Alô?

— Sophie Wellgrave?

— Sim, quem fala?

— Olá — respondeu uma voz carregada de energia. — Sou Caroline Johnson, da recepção — Sophie parou no meio da sala. Era uma chamada inusitada.

— Sra. Johnson! Como vai? Voltando hoje ao trabalho?

— Sim, sim. Estou bem e você?

— Hã... Sim, estou bem também.

— Olha, desculpe ligar no seu celular, mas eu perguntei aos seus colegas e me disseram que você estava doente e que não voltaria até o final das suas férias. Então... bem... Eu só queria agradecer...

— Agradecer?

— Sim. Se não fosse por você, eu ainda estaria me escondendo no banheiro, morrendo de dor ou... talvez tivesse acontecido coisa pior.

— Não tem que me agradecer, Sra. Jonhson. Como foi a cirurgia?

— Muito bem. Eu deveria ter ouvido você há mais tempo. Estou realmente bem melhor, muito obrigada — respondeu, com entusiasmo.

— Então, fez as pazes com a medicina? — perguntou, sentando-se no sofá.

— Digamos que dei uma trégua — respondeu, soltando uma risada rouca que Sophie retribuiu sem esforço. — Bom, não quero atrapalhar. Espero que você se sinta melhor logo.

— Ah, sim, estarei bem quando puder sair um pouco desta cidade, acredite.

— Então aproveite bem e cuide-se — aconselhou Caroline, despedindo-se.

Sophie ficou pensativa. A vida, talvez, fluisse somente quando paramos de colocar impedimentos em nosso próprio caminho e aceitamos os desafios como oportunidade de superação. Sorriu pensando em Caroline e na batalha pessoal dela. Vencer um obstáculo não é fácil. Não importa o quanto ele seja pequeno aos olhos dos outros, quando você o encara de frente e pensa “Eu nunca vou conseguir superar isso”, cada vez mais, aquilo se torna intransponível.

Virar a direção, ousar uma manobra diferente. Decidir enfrentar, só por um instante pode abrir os caminhos que levam sabe-se lá onde, mas ao menos levam a algum lugar. Melhor do que ficar encalhada sentindo apenas a pressão daquele obstáculo à sua frente. Sophi sorriu por Caroline, mas logo o sorriso desapareceu, pensando em Ashley. Como seria viver com uma mente como a dela, sempre planejando, seguindo estratégias como se estivesse sempre em guerra com alguém? Conspirar, planejar e executar planos impensáveis de vingança... Será que isso, para ela, é que fazia a sua vida fazer algum sentido? Sophie balançou a cabeça e, para espantar um pouco aqueles pensamentos, ligou para Anne e ficaram longos minutos conversando sobre o almoço com Jesse.

Nada mais aconteceu naquele dia, com exceção de que Sophie, realmente, não se sentia bem. Adormeceu algumas vezes, deitada no sofá e, sempre que acordava, seu primeiro pensamento era Ashley. A sua presença muda e invisível era como uma sombra sem matéria, um som sem instrumento; transparente como o ar, mas, definitivamente, real. Ashley era como o seu reflexo, seu inverso, seu complemento. Ela era a coragem, a maldade, a intensidade e a energia, enquanto Sophie era o que? O equilíbrio conturbado de uma relação que se iniciara há muito tempo e que precisaria ter um final? Mas onde estaria Ashley? Qual seria o seu próximo passo? Onde, quando e como? Talvez se esquecesse de Sophie e fosse viver a própria vida bem longe dali? *Duvido*.

Estas perguntas ficaram martelando a mente de Sophie até que, finalmente, criou coragem para fazer as malas para a viagem. Jesse ligou no início da noite tentando levá-la para jantar em sua casa, mas Sophie não aceitou. Se ela fosse, sabia o que aconteceria e, definitivamente, ela precisava ter certeza de que poderia lidar com o que acontecera antes de ir para cama com ele.

Ouviu Anne chegar a casa por volta das onze da noite, mas não a chamou. Fingiu dormir e, na verdade, isso não tardou a acontecer. Durante a noite, não chegara a sonhar, mas imagens dos médicos sussurrando enquanto alguém os vigiava por trás de uma porta dançavam em sua mente, assim como Adrian, Ashley e algo mais, algo a ver com sangue, muito sangue que, na manhã seguinte, parecia ter-se evaporado de sua mente.

Sophie acordou desgastada e jurou que se daria uma folga, que iria para a Itália rir, se divertir, comer muito e relaxar. Apenas mais um dia e estaria embarcando. Virou para o lado e começou a cochilar quando o celular tocou. Era Jesse e ele estava na porta. Sophie desceu, ainda de pijamas e, no caminho, olhou o relógio pregado à parede da cozinha. *Mas que diabos Jesse faz aqui as oito da manhã?* Abriu a porta e ele irrompeu sem pedir licença.

— Desculpe, Sophie, mas acho que temos que conversar e não queria que fosse pelo telefone — disse ele, já no meio da sala.

— Bom dia pra você também... — ironizou ela, indo à cozinha. Precisava de um café fresco.

Jesse olhou-a e, por um momento, ficou maravilhado com o que viu. Jamais conheceria alguém que se levantasse de manhã, com os cabelos desalinhados e olhos inchados e, mesmo assim, fosse tão bonita.

— Eu estava pensando em tudo o que você me contou sobre a Ashley e acho que vocês deveriam mudar o destino da viagem.

— O que? Nem pensar. A Anne me mata!

— É sério, Sophie. Se a Ashley realmente vigia você como a Adrian falou, ela já sabe que você está de partida para a Itália amanhã. Provavelmente sabe qual cidade vocês vão ficar e até o endereço, e...

— Jesse, que paranoia — interrompeu, Sophie.

— Não, não é não.

— Foi por isso que você veio me acordar a essa hora da manhã?

— E você acha pouco? Estamos falando da sua vida. Da sua e da Anne — Sophie se servia de uma xícara de café e bolachas com uma expressão pouco convincente. — Você pode me dar um poouco também?

— Bolacha?

— Não, café. Forte, por favor.

Ela lhe serviu duas colheres cheias de café solúvel em uma xícara grande e derramou a água fervendo dentro dela. Sem açúcar, como ele gostava. O cheiro do café aguçou os seus sentidos.

— Olha, eu entendo a sua preocupação e, acredite, não estou nada confortável sabendo que a Ashley está por aí. Acredite, ela é mesmo maluca, eu sei disso melhor do que você — tomou outro gole do café, indo até a sala —, mas isso não pode me impedir de viver a minha vida.

Jesse foi atrás dela e sentou-se ao seu lado, à pequena mesa redonda.

— Não é impedir, Sophie, apenas alterar. Existem milhares de lugares diferentes para onde vocês poderiam ir.

Sophie suspirou.

— Eu vou falar com a Anne sobre isso e...

Naquela mesma hora, Anne descia as escadas, pronta para ir trabalhar.

— Eu ouvi vozes e... O que você faz aqui, Jesse?

— Ele veio me dizer para desistir de irmos à Itália — respondeu Sophie, com descaso, ajeitando os cabelos em um coque improvisado com os dedos.

— O que?

— Não é isso — defendeu-se. — Acho que seria prudente se vocês pensassem na possibilidade de mudar o destino das suas férias. Posso apostar minha vida que Ashley sabe muito bem para onde vocês estão indo. Você não acha isso um perigo desnecessário? — indagou, olhando para Anne que lhe retribuiu o olhar, mordendo os lábios.

— Não responda, Anne. Nós vamos à Itália e pronto.

Anne não disse nada. Deixou a bolsa com o laptop ao pé da escada, foi à cozinha e também se serviu de um café. Quando se sentou à mesa com eles, suspirou.

— Acho que você tem razão, Jesse — seu ar não poderia ser mais triste. — Emails, telefonemas, aquela psicopata deve monitorar tudo e você não estará segura lá, Sophie.

— Vocês estão ficando malucos em achar que vou pautar minha vida no que a Ashley pode ou não estar fazendo ou tramando — levantou-se. — E quem garante que ela, agora, não está ouvindo esta conversa? Quem garante que ela não vai ter acesso ao nosso próximo roteiro de viagem? Nós não sabemos! — exclamou ela, colocando a xícara dentro da pia. — E acho que nunca vamos saber. Ela pode estar longe daqui a essa hora, esperando a poeira baixar e nós vamos fazer o que? Mudar nossos planos por causa dela, até quando? Nem pensar!

Anne e Jesse se entreolharam, tomaram mais um gole de café cada um em silêncio e, pouco depois, saíram para o trabalho. Anne pegou uma carona com ele e Sophie ficou em casa sentindo a dor de cabeça infernal voltar. *Droga!*

Mais tarde, ficou quase uma hora conversando com Thomas. Finalmente, decidiu lhe contar tudo. Ele era um excelente psicólogo e, talvez, pudesse ajudar a entender a mente de Ashley, embora Sophie achasse que ela mesma entendia o suficiente.

Thomas concordava com Nancy. Embora fosse impossível saber quais seriam os passos de Ashley, ela queria que Adrian contasse tudo a Sophie. Queria que Sophie a temesse; queria vê-la desestabilizada e, quem sabe, até mesmo que Sophie mudasse o roteiro da viagem. Talvez, até, manipulasse a nova escolha de alguma maneira. Estavam lidando com uma estrategista profissional e criminosa. Não havia limites para ela e não havia saída para Sophie. Somente ficar alerta e redobrar os cuidados. Se alguém não é um enxadrista, não jogue com quem seja ou você vai ser trucidado em dois movimentos. Houve um tempo em que Sophie havia se entusiasmado pelo jogo e vira um enxadrista dar um xeque mate em dois lances, o Mate do Louco. Uma vitória que se dá muito mais pelo erro do adversário do que pela sua própria estratégia, mas Sophie nunca fora a fundo nas técnicas do jogo. Agora, se arrependia disso.

Jesse voltou naquele final de tarde e quis levá-la para jantar. Sophie se recusou. Havia passado o dia todo em casa e, embora não contasse a ninguém, sentiu-se angustiada na maior parte do tempo. E isso era odioso.

Quando Anne e Brandon chegaram, pediram pizza e jantaram todos juntos como nos velhos tempos. Bem, não exatamente assim porque Sophie ainda mantinha uma distância de Jesse que − ele achava − já haviam superado no dia anterior. Somente quando ele insistiu para que ela fosse à sua casa para uma despedida apropriada e Sophie se recusou, novamente, Jesse viu suas esperanças virando fumaça.

Quase à meia noite, Jesse e Brandon foram embora. Brandon voltaria no dia seguinte para levá-las ao aeroporto, mas Jesse não poderia. Tinha uma reunião com um cliente importante logo cedo. Sophie tentou esvaziar a mente antes de dormir. Teve que explusar muitos maus pensamentos, mas adormeceu, finalmente.

Às oito da manhã daquele sábado chuvoso, Anne e Sophie já estavam de pé e, meia hora depois, Brandon batia à porta. Tomaram café da manhã juntos e, a caminho para o aeroporto, quando começaram a falar sobre Adrian, Ashley e Jesse, Sophie mudou de assunto. Começou contando-lhes sobre Caroline Johnson e a relutância dela em ir ao médico por causa da morte do marido. Na opinião de Brandon, situações como aquela eram comuns. As famílias muitas vezes não aceitam a morte da pessoa próxima e precisam encontrar um culpado. Normalmente, o médico. A discussão tomou corpo durante os quarenta minutos até o aeroporto.

— Médicos também erram, não acha? — indagou Sophie.

— Claro que sim — respondeu ele, vagamente, prestando mais atenção ao trânsito.

— O problema é que o erro de um médico nem sempre se pode consertar — insistiu ela.

— Na maioria das vezes pode — corrigiu Brandon — e aí entra a índole do profissional. Ou ele assume o erro e tem uma chance de reparar o problema ou espera que outro colega descubra.

— Quando, às vezes, pode ser tarde demais. — comentou Sophie e Brandon assumiu uma expressão distante, encarando-a pelo retrovisor.

— Nem todos os médicos se acham deuses... — disse ele.

— Sria mesmo muita petulância achar que uma faculdade de Medicina garantirá a alguém a *divindade*... — enfatizou Sophie e Anne lhe lançou um olhar pelo canto dos olhos. — Você já passou por alguma situação difícil como médico, Brad?

Brandon encarou o reflexo de Sophie novamente. Às vezes ela lhe dava arrepios. Embora gostasse muito dela, o seu dom o deixava desconfortável, como se ela pudesse vê-lo por dentro.

— Se eu dissesse que não, seria mentira — respondeu, secamente.

— O que houve? — perguntou Sophie.

— Uma criança morreu.

Um silêncio pesado e constrangedor pairou sobre eles. Anne pousou a mão sobre o joelho de Brandon que esticou um sorriso triste para ela.

— Desculpe, eu não queria...

— Tudo bem, não foi culpa minha — suspirou, dolorosamente. — Ele foi atropelado e ficou em coma. Depois, o estado dele piorou e eu tive que dizer à família que, embora eles vissem um garotinho de quatro anos aparentemente vivo, eram os aparelhos que o mantinham respirando — as pálpebras caíram sobre seus olhos, denunciando a tristeza e impotência que ainda sentia. — Levou quase um mês para que a família decidisse desligar os aparelhos.

— Você não se pergunta se ele poderia ter acordado de uma hora pra outra? — indagou Sophie.

— Procuro não pensar assim — respondeu reticente. — É que... — estalou os lábios, como se não quisesse admitir algo nem a si mesmo. — Eu posso ter todas as informações técnicas para dizer se um cérebro está totalmente comprometido ou não. Posso ter certeza de que o paciente nunca mais vai abrir os olhos e viver novamente. Mas... — pisou no freio rapidamente evitando uma colisão com o carro à sua frente e continuou. — Acredito que o corpo humano, principalmente o cérebro, seja uma máquina, mas bem diferente das outras criadas pelo Homem. Ele ainda tem segredos que nós temos que ter a humildade de admitir que desconhecemos.

— Se você tinha dúvidas, por que disse à família que o garotinho não tinha mais chance de vida? — questionou Anne.

— Porque, hoje em dia, não temos como alterar um estado como o dele. Com o que tínhamos e ainda temos em mãos, não conseguiríamos reverter uma situação como aquela. É inútil que a família alimente esperanças, assim como é inútil manter o corpo de um garotinho vivo somente para que a família possa chorar sobre ele, dia após dia — desabafou sua angustia e pesar.

— Wow... Não é bem assim. Não me parece que seja isso o que a família quer quando impede que desliguem os aparelhos que mantém o coração de uma criança batendo — rebateu Anne, com rispidez. —. Acho que o fazem porque esperam e acreditam que ele possa viver novamente.

— Na verdade, a família não quer tomar a decisão de dar um fim à ilusão, então, deixa para nós, médicos, fazermos isso — contrapôs, amargamente, quase com raiva da própria impotência.

— Infelizmente, esta é a função de vocês, Brad. Dizer quando e porque. Você escolheu esta profissão — retrucou Sophie, e Brandon se manteve em silêncio por alguns segundos para depois, continuar.

— Seis meses depois eu soube que a mãe do menino havia se matado e o pai tinha se tornado um alcoólatra — disse em um tom baixo e sufocado. — Uma família inteira destruída...

— Não por sua causa — falou Anne.

— Eu sei disso, mas não posso dizer que não me sinto tocado quando coisas assim acontecem... É uma sequência infeliz de acontecimentos em uma só família. Meu Deus...

— Merdas da vida... — murmurou Sophie no banco de trás, pensativa. Uma criança, uma mãe e um pai. Todos mortos, de alguma maneira. A vida consegue ser uma verdadeira merda mesmo.

— E o motorista do carro? — perguntou Anne.

Brandon deu um sorriso amargo.

— A motorista, uma jovem de vinte e poucos anos — corrigiu. — A mãe do garotinho disse que ela veio em zig zague pela rua, como se estivesse embriagada. Hoje em dia, ela deve estar bem, andando livre por aí.

— Como? — perguntou Anne.

— Falta de provas. Inquérito fechado, morte por acidente. Fim da história.

— Tá brincando? — indagou Anne, indignada.

— É a mais pura e dura verdade. A mãe viu o atropelamento e uma vizinha anotou a placa. A motorista fugiu, mas como não havia câmeras de segurança na rua era a palavra delas contra a da moça.

— Poderia realmente ter sido outro carro?

— Poderia, e foi isso o que declararam. Que a mãe estava alterada pela situação e a vizinha, uma velha de quase oitenta anos, vendo tudo através da cortina da sala, não poderia ter certeza absoluta do que vira.

— Não fizeram perícia no carro?

— Ah, fizeram. E aí é que está o grande X da questão: não encontraram nada — respondeu ele, em tom suspeitoso.

— Meu Deus...

— Me parece uma família com muito poder, a da motorista — supôs Sophie.

— Subornaram os peritos e adulteraram provas? — perguntou Anne, ingenuamente, e Brandon lhe deu um olhar desesperançoso. — Ah, não. Como pode alguém se vender para livrar uma pessoa de um crime como este? Era uma criança, que horror! — exclamou Anne e o assunto terminara. Sophie, decididamente, não queria mais falar sobre nada daquilo. Não teve forças nem mesmo para falar sobre o que realmente queria que era o caso de Amy. Esperava que Brandon pudesse ajudá-la de alguma maneira. Mas ficou calada. Não queria iniciar outro assunto tão pesado quanto. Chegaram ao aeroporto tentando sentir ainda alguma empolgação pelas férias que mal começara, mas naquele momento estavam apenas calados e vazios.

Durante as duas horas de voo, os pensamentos de Sophie iam da família daquele garotinho à família de Amy, voltando para o garotinho e, depois, Amy, como uma bola de ping pong num jogo entre zumbis. Para onde olhava via apenas dor, tristeza, morte, desesperança. Era diferente apenas quando pensava em seus momentos com Jesse e, claro, com Anne. Sorriu com ternura. Infelizmente, a imagem dele trazia consigo todo o resto, principalmente Ashley e ela tinha que dar um jeito de acabar com aquela associação se quisesse dar ao relacionamento uma segunda chance.

Assim que desceram do avião, em Bologna, um bafo quente se chocou contra os seus rostos ardendo em suas narinas durante todo o trajeto que fizeram a pé pela pista até o terminal.

— Meu Deus... Acho que fizemos escala no inferno! — exclamou Sophie.

— E eu aposto que você preferiria estar na chuva que deixamos para trás — zombou Anne.

Apesar de o termômetro passar dos trinta graus, Sophie estava começando a se sentir estranhamente feliz. Eram duas jovens amigas, sozinhas pela Itália. Uma Itália quente e úmida, mas que diabos, estavam de férias e deveriam relaxar e aproveitar a ausência total de horários, de compromissos e, principalmente, de problemas! Antes de tudo, porém, deveriam pegar um ônibus e um trem até Reggio Emilia, a pequena cidade a noventa quilômetros dali. *Oh...* Sophie sentiu preguiça e cansaço, já.

Às cinco da tarde chegavam a Reggio e pegaram um taxi até o apartamento. Não havia uma só nuvem para contrastar com cerúleo do céu e muito menos para esconder um pouco aquele sol intenso e radiante. A cidade era limpa e charmosa. Havia árvores altas e cheias em praticamente todas as ruas por onde passaram. Além disso, chamou-lhes a atenção o fato de as ruas estarem estranhamente vazias. Acostumadas a uma cidade que não para nunca, aquela tarde silenciosa pareceu-lhes um estranho presente e Anne lançou a Sophie um olhar de criança feliz. Sophie virou os olhos para cima.

Dez minutos depois, já estavam diante de um prédio de esquina onde passariam as próximas duas semanas. Era um pequeno edifício quadrado de tijolos à vista de três andares com amplas varandas em cada canto, circundado por um caminho de pedra e um jardim bem cuidado. O apartamento ficava no segundo andar e não havia elevador. Anne sofreu para subir a mala escadaria acima.

Assim que abriram a porta se depararam com um largo ingresso mobiliado apenas com um aparador junto à parede direita e, acima dele, um espetacular espelho em largas molduras douradas. Logo à esquerda, quase colada à porta de entrada, havia uma pequena sala de jantar conjugada a uma cozinha igualmente pequena, mas funcional. Seguindo pelo corredor, ainda à esquerda, havia outra sala bem maior − de três ambientes − e, ao fundo do hall, uma porta de madeira e vidro fosco que preservava a zona íntima da casa, um espaço finamente decorado com dois quartos e dois banheiros. Em ambos os quartos havia uma cama de casal em ferro ornamental. Os armários e as cômodas eram laqueados em cores claras com detalhes que remetiam ao século XV. Os banheiros eram em mármore e os detalhes em dourado, com banheira, ducha e um imponente vaso de plantas no canto. Anne adorou.

— Eu não sei se quero sair para conhecer a cidade ou ficar aqui, desfrutando de todo este espaço — suspirou, e Sophie achou graça.

— Eu prefiro um enorme sorvete, o que você acha?

— Adorei! — exclamou, mudando de ideia rapidamente. — Quase ia me esquecendo. Temos duas bicicletas à nossa disposição na garagem. Que tal um passeio e depois um sorvete? — E tinha como dizer não? — Espera aí — falou, abrindo o zíper da parte exterior da mala sobre uma das camas, tirando uma pasta vermelha. Abriu-a sobre a cama e manuseou vários papéis que Sophie viu serem mapas. — Nós estamos aqui — apontou para um ponto em vermelho — e o centro é aqui — escorregou o dedo em linha reta para o interior de algo como um hexágono irregular. — Fácil, não? — disse, com um sorriso satisfeito.

Sophie pensou que não poderia haver outra pessoa no mundo tão neuroticamente organizada quanto Anne. E agradeceu por isso.

Vestiram roupas leves, boné e tênis, e desceram as escadas. As garagens ficavam na parte de trás do edifício. Subiram em suas bicicletas e seguiram a orientação do mapa de Anne. Entraram em uma rua estreita e arborizada. As copas das árvores se encontravam no topo transformando-se em enormes cúpulas de vários tons de verde. As cores das folhas eram tão intensas que foi a vez de Sophie sentir-se excitada. Aquilo daria uma foto indescentemente maravilhosa!

— Anne! Vou te agradecer pelo resto da vida por isso! — gritou para ela e Anne deu uma gargalhada orgulhosa, pedalando como se dançasse sobre a bicicleta. Sophie riu mais ainda.

A rua desembocava em uma avenida grande e deserta. Havia largas ciclovias em ambos os lados e Anne comentou.

— Esta cidade tem mais de cem quilômetros de ciclovia, dá pra acreditar nisso?

Sophie assobiou e a amiga lhe fez um sinal para segui-la. Sophie não ousaria fazer diferente. Continuou a pedalar, embora já sentisse uma dor aguda na bunda. Há anos havia substituído a bicicleta pelo tênis de corrida. As pernas podiam estar em forma, mas o traseiro nem tanto. Pelo menos não aquela parte interna que ligava às coxas. Naquele momento, queimavam por dentro.

Seguiram ainda em linha reta, atravessando a larga avenida e entrando por uma rua estreita e sem árvores, ladeada por lojas fechadas. Cruzaram outra avenida com uma imponente catedral à direita e foram pela rua principal do comércio. No mapa, a Via Emilia se estendia em uma linha reta que dividia o centro histórico em duas partes quase simétricas.

Anne ficou chateada ao ver que todas as lojas estavam fechadas, apesar de ser sábado. Descobriram que, aparentemente, metade da cidade tinha saído de férias, pois várias lojas exibiam avisos de fechamento até o início de setembro. Anne torceu o nariz, mas tudo bem, por hora, ficaria satisfeita se encontrasse uma sorveteria aberta.

Pedalaram até quase a metade do centro sem dificuldade em desviar das poucas pessoas que passeavam também em duas rodas ou a pé. Os carros eram proibidos naquela área, exceto veículos de emergência e miniônibus.

Entraram em uma pequena passagem de acesso a uma praça que, na verdade, parecia um enorme pátio circundado por algumas lojas, o Duomo da cidade e a prefeitura; mas nada de sorveteria. Apenas um charmoso café com espaçosas cadeiras e mesas de vime dispostas em um ângulo do pátio. Algumas mesas estavam ocupadas por famílias com crianças; outras por pessoas sozinhas que liam jornal e ainda grupos que conversavam animadamente.

— Piazza Prampolini — anunciou Anne, como uma boa guia que era.

Sophie ergueu as sombrancelhas e pensou em fazer uma pausa ali mesmo, onde certamente poderiam pedir um sorvete, mas Anne queria uma sorveteria típica. *Os sorvetes italianos são os melhores!* Dissera, animada, antes de saírem de casa. Portanto, a caçada à sorveteria continuava.

Seguiram por outras ruas apertadas e claustrofóbicas com casas altas e antigas que pareciam espremer o estreito caminho de pedra, até que viram um pequeno grupo de pessoas à frente de uma sorveteria. Anne lançou um sorriso satisfeito e Sophie respondeu igualmente. Desceram das bicicletas e entraram. Era tão pequeno lá dentro que Anne entendeu porque os clientes tinham que ficar do lado de fora ao invés de aproveitar o ar condicionado.

Anne usou o seu melhor e delicado italiano pedindo um sorvete de pistache e chocolate para ela e, para Sophie, morango com Giovanna, um tipo de creme com caramelo crocante. Os sabores eram intensos ao mesmo tempo em que a massa tinha uma consistência homogênea e substancial, derretendo na boca inundando docemente o corpo. Anne parecia estar tendo um orgasmo e Sophie quase soltou sorvete pelo nariz numa gargalhada incontrolável ao vê-la encenando um êxtase infinito. As pessoas sentadas às pequenas mesas de ferro olharam-nas como se fossem alienígenas, e Anne desatou a rir. Ainda mais.

Decidiram caminhar por aquele labirinto de pedras antigo encontrando, vez ou outra, imensos vãos com ângulos fantásticos, como a praça da Igreja de San Prospero, vigiada por dois leões em mármore vermelho. Ali ficaram por cerca de dez minutos apreciando a arquitetura, a calmaria e, claro, o sorvete.

Pegaram novamente as bicicletas e seguiram até a Piazza della Vittoria, um gigantesco espaço aberto com um magnífico espelho d'agua (onde algumas crianças brincavam e se desviavam dos jatos de água que subiam pelo solo), dois teatros e um jardim público paradisíaco. A cidade era encantadora e Sophie aproveitou para colocar o seu hobby de fotografia em dia. Cenários não faltavam.

Às oito da noite, o sol ainda estava alto e decidiram comer uma pizza. Outra delícia que fez Anne quase entrar em delírio, mas não só ela. Sophie devorou uma pizza inteira sem sacrifícios e fora a sua vez de gemer a cada garfada. A massa fina, o sabor adocicado do tomate com a mozzarela derretida salpicada por folhas verdes de manjericão. Nada se igualava àquele sabor.

De volta a casa, exaustas do passeio, mas ao mesmo tempo felizes e tranquilas, olharam as fotos do dia e se divertiram com Anne lambuzada de sorvete e Sophie quase caindo da bicicleta e também do balanço no parque. Estavam encantadas com a luminosidade das ruas sob o sol intenso e a riqueza arquitetônica do lugar. E haviam visitado apenas o centro histórico. Em outros mil cantos da cidade haveria mais tesouros a ser explorados e Anne não via a hora de se aventurar por cada um deles.

A presença da arquitetura italiana fez com que a pequena e charmosa cidade de Bath voltasse à mente de Sophie. Ela sorriu, lembrando-se de Jesse e de seu presságio sobre filhos. Nada estava tão longe de ser verdade. A lembrança e o dia leve e divertido estavam fazendo efeito positivo em sua mente. Sophie sentia-se como há muito não se sentia. Talvez aquilo fosse paz, afinal. Uma paz que durou pouco quando as revelações de Adrian sobre Ashley praticamente arrombaram a as suas férias. Ou as de Anne.

Acordaram cedo no dia seguinte e Anne sentiu os ombros arderem. O sol castigara a pele ao redor da alça da camiseta, que deixara marcas brancas como listras que cortavam a vermelhidão em seus ombros. Reforçou o hidratante e o protetor solar, vestiu uma suave bata de mangas leves e ambas saíram de bicicleta novamente, sentindo uma dor ainda mais aguda na bunda, mas valia a pena repetir o passeio.

A cidade continuava vazia e silenciosa. Passearam por outros locais, repetiram a rotina gastronômica do dia anterior − comeram mais pasta e sorvetes −, tiraram mais fotos e, no finalziho da tarde, descansaram em suas banheiras mergulhadas em uma convidativa água morna cheia de espuma com fragrância de flor de laranja. Um dos deliciosos mimos que a Sra. Thompson deixara para elas. Sophie lembrou-se de perguntar a Anne sobre aquela santa cliente. Elas deveriam ser bem próximas para que Anne conseguisse tanta regalia. A conversa ficaria para depois Caiu na cama, relaxada e logo adormeceu profundamente.

A segunda feira revelou uma cidade um pouco mais viva, embora a sensação de que metade da população tivesse fugido para outro lugar ainda continuasse. Encontraram novos pontos para desbravar, tomaram mais sorvete, sucos e litros e litros de água. Mais um dia sem nuvens no céu com os termômetros exibindo, impiedosamente, trinta e seis graus. Sophie sentia o cérebro derreter. O clima na região era extremamente úmido. *E eu que achava que Londres fosse úmido*, comentou Anne certa vez, enxugando os braços em um lenço de papel sob uma singela sombra.

No almoço, comeram massa em um restaurantezinho familiar mobiliado finamente e Anne insistiu para irem a um grande supermercado. Somente Anne achava que supermercados eram pontos turísticos, pensou Sophie, cedendo ao pedido. Era sempre divertido vê-la vasculhar as prateleiras em busca de novas iguarias, apenas por curiosidade.

Passaram o dia todo na rua e finalmente, ao entardecer, pararam em um café ao lado de um hotel que, apesar de ser mês de férias, estava fechado "por motivo de férias". Do lado de fora do café, ocupando parte da rua de pedras, havia várias mesas em vime preto, rodeadas por largas poltronas igualmente escuras com almofadas em courvim branco, sob enormes guarda-sóis enfiados em pesadas bolas de ferro. O atendimento não fora dos melhores, mas o café era perfeito. Anne saiu para olhar as vitrines e Sophie decidiu ficar sentada ali mesmo, cansada de tanto sol, na certeza de que Anne voltaria com algumas sacolas na mão.

Embora Sophie parecesse relaxada e despreocupada, não era de todo verdade. Pensava em Adrian, Ashley e Amy o tempo todo, em um carrossel de imagens. Não conseguira contato com Thomas no dia anterior e acabara por enviar-lhe um email de noite, pouco antes de dormir. Pela manhã, olhou suas mensagens e não havia resposta. Preocupava-se se ele não estaria passando dos limites na sua "investigação" e se estaria correndo algum perigo, embora tivesse certeza de que se algo acontecesse, ela saberia. De um jeito ou de outro, ela saberia.

Sem perceber, seus pensamentos passaram de Thomas a Jesse. Pediu outro café e um *erbazzone* − um salgado típico da região recheado com espinafre e queijo parmesão ralado −, imaginando se Jesse aprovaria a receita. Como acontecia, ultimamente, Jesse lhe trouxe Ashley à mente. Tentava não dar importância ao fato de uma psicopata estar tramando uma vingança há mais de uma década contra ela e, muito menos, imaginar que uma mente diabólica como aquela vivia livre em algum lugar. Mesmo assim, sentiu um arrepio varrer-lhe o corpo trazendo uma sensação de impotência e frustração. *Mas que droga!* Virou o café em um só gole, queimando a garganta dolorosamente.

Fechou os olhos úmidos de dor, ficando assim por alguns segundos esperando o calor esfriar vagarosamente em sua boca, mas a temperatura não baixava e sentiu como se estivesse sufocando. Quando abriu os olhos, a rua de pedras largas à sua frente não tinham mais a mesma luminosidade. Escurecia rápido demais, como se uma imensa nuvem cobrisse todo o sol que há pouco brilhava na imensidão azul sobre a sua cabeça.

Sophie sentiu as mudanças no batimento cardíaco e na respiração. Os órgãos internos se encolheram e as narinas ardiam, mas o pior foi a sensação de raiva que se instalou em seu peito. Era mais do que isso, era um ódio faminto; voraz. Foi como se todas as cores fossem sugadas e sua mente transformada em um imenso e monótono tom único de cinza chumbo. Um peso de toneladas desceu pelo estômago, afundando-a ainda mais no escuro da sua alma e uma ideia se fixou em sua mente como um parasita. Sentia um desejo incontrolável de... matar...?

Não, por favor...

Fechou os dedos tão forte que as unhas formaram meias-luas na palma da mão. Um tremor violento agitava todas as suas emoções e podia jurar que estava perdendo a cor do rosto. Sentiu-se fria e havia apenas uma ira obstinada no controle.

A rua se desfez e tudo ficou assustadoramente negro, um pano de fundo para uma grande tela e Sophie ansiava − e ao mesmo tempo temia − ver o que surgiria à sua frente. Era como assistir a um filme e a cena, que lentamente se desenrolava, estava em plano fechado. Um antebraço feminino com o pulso preso por uma algema. A mão frouxa pendia ligeiramente com a palma virada para baixo, exibindo em seus dedos, longas unhas pintadas de vermelho sangue profundo. O braço estava inerte e a pele era de um dourado intenso com pelos finos e loiros.

O plano foi se abrindo, mostrando uma mulher deitada em uma cama, com os braços abertos tendo o outro pulso também atado à cama por uma algema. Longos e espessos cabelos dourado escuros, quase cobre, cobriam o seu rosto virado para o lado.

Sophie sentia-se inundada de um prazer antecipado, desfrutando a imagem da sua presa indefesa. Uma saliva quente e ácida invadiu a sua boca com um gosto metálico de sangue e, ao invés de se sentir enojada, ela o saboreou, gota por gota. Sentia sede de algo ainda intenso, profundo e tão antigo quanto a sua própria existência. Um desejo de vingança e dor.

Um longo vazio pairou em sua mente quando a imagem da jovem sumiu, de um segundo ao outro. Com o vazio, veio uma angustia inquietante. Sophie voltava às próprias emoções. Medo e tristeza coloriram de vermelho a tela a sua frente que, aos poucos, tornou-se alaranjada, amarelo claro e finalmente foi sumindo, exibindo novamente lojas e pessoas caminhando num mundo sem som. Somente a voz de Anne fora capaz de penetrar aquela bolha que a envolvia.

— Sophi... Sophi... — sussurrava Anne, massageando as mãos de Sophie ainda com os dedos fechados duros como mármore. — Fale comigo.

Sophie conseguiu apenas piscar e Anne suspirou aliviada, deixando a cabeça pender para frente, fechando os olhos e murmurando alguma coisa que pareceu uma prece ou um agradecimento. Sophie saía de um mundo repleto de ódio para ser abraçada pela compaixão de Anne e, mais do que nunca, sentiu como era quente e prazeroso o amor.

— Meu Deus... — murmurou Sophie, com um olhar apavorado.

— O que houve?

— Anne... — sibilou — estou com medo... — as palavras saíam com tanta dificuldade que Anne pensou não ter ouvido bem. — tanto ódio... — pronunciou Sophie, formando uma ruga imensa entre os olhos — tanto prazer...

— Shhh... Espere aqui, vou pegar um copo d'água pra você — sussurrou, já saindo em busca da garçonete, uma jovem de cabelos muito curtos e negros, com ar arrogante.

Sophie permaneceu imóvel, ainda sentindo vestígios da acidez em sua boca. Seja o que for, era mal, era cruel e desesperadamente perigoso. Se fosse uma visão, fora ainda mais diferente das anteriores. Mas e se... Sophie temeu pela sua própria sanidade... E se aquilo fosse resultado de suas emoções? Ou pior... Se aquilo fosse quem ela estava pensando?

Não, melhor não pensar.

Quando recuperou as forças e a lucidez, contou tudo a Anne. Principalmente o que havia sentido ao ter a visão, embora fosse difícil colocar em palavras. Como descrever um desejo tão desprovido de qualquer outro sentimento que não fossem ódio e prazer? Não havia remorso ou piedade. Medo ou dúvida. Apenas o amargo sabor de... Vingança?

— Anne, será que isso tem a ver com a Ashley?

— Você quer dizer... Os planos da Ashley? Oh meu Deus... seria... você, na cama? — perguntou, aterrorizada.

— Não! Eu não sei... — o rancor, a mágoa e ira chegavam a doer. Seria isso que ela sentia por Sophie? Seria mesmo ela atada à cama na mente de Ashley?

Sophie fechou os olhos sentindo um vazio imenso na alma. Fizeram um longo silêncio e, por fim, partiu de Sophie fazer com que ambas esquecessem o acontecido. Não havia nada a ser feito, embora as imagens e as sensações estivessem bem vivas em sua mente. Decidiram fazer um lanche por ali mesmo e Sophie ficou muito quieta até voltarem a casa, quase às dez horas da noite, com o céu ainda azul. Havia mais do que aquela visão com que se preocupar. Desde que toda a história com Adrian começara, Sophie sabia que havia aberto as portas de um porão habitado por uma parte sua que até mesmo ela temia. Esperava que o amor de Jesse o fechasse novamente, mas, agora, achava que nem isso seria suficiente. Temia que o retorno de Ashley estivesse puxando alguns monstros internos indesejáveis. E é como se eles estivessem atrelados a Ashley. Toda vez que Sophie se lembrava dela, era como se um puxão extra fosse dado e a besta dentro dela estivesse um puxão mais próximo da superfície.

Thomas, finalmente, entrou em contato na manhã seguinte. Disse que suas tentativas de encontrar a pessoa misteriosa sem os dedos na mão foram frustradas. No hospital onde Ester ficara internada não havia ninguém com aquela descrição e o pai de Amy estava ficando indomável. Enquanto o irmão lhe falava sobre as suspeitas cada vez maiores do pai de Amy, Sophie não pôde deixar de pensar no que Brandon lhes dissera. E se Sophie tivesse se precipitado ao contar a Thomas sobre a visão? E se nada daquilo tivesse a ver com Amy? E se o pai dela estivesse apenas tentando encontrar um culpado para a perda de esposa?

— Claire, duvido muito. O Sr. Abbot é um homem muito lúcido. Ele não tiraria uma suspeita da cartola só para culpar os médicos porque a esposa morreu. Além do mais, tem a sua visão, lembra? — Sophie precisava ter certeza de que os médicos que vira eram os mesmos que haviam cuidado da mãe de Amy. *— Tommy, você acha que eu encontro fotos desses médicos no site do corpo docente do hospital? — Duvido muito. Por que? — Vcoê me disse que a descrição deles bate com os médicos que atenderam a Sra Abbott. Mas eu preciso ter certeza.* — Thomas ficou em silêncio e sugeriu. *— Fica tranquila. Vou te mandar uma foto de cada um deles por email assim que eu conseguir tirá-las. — Tirá-las?* — Sophie suspirou. Sempre que tentava consertar alguma coisa, só piorava. *— Tommy, tenha cuidado, está bem? — Tudo bem, maninha. Sei tirar umas fotos sem levantar suspeitas* — zombou e Sophie sorriu delicadamente.

— Você está muito quieta — comentou Anne, enquanto espalhava mapas e folhas com sugestões de passeios sobre a mesa.

— Estava falando com Thomas — respondeu pensativa.

— Novidades?

— Não, nenhuma.

— Que tal Firenze? — perguntou Anne, empolgada, dando sequencia a uma conversa que Sophie estava totalmente por fora.

— Firenze... hã, claro.

— Ótimo. Vou ver os horários dos trens — afirmou Anne, desaparecendo no corredor e voltando minutos depois com o Mac embaixo do braço.

Sophie já tinha se perdido em pensamentos novamente.

Uma hora depois, pegavam um taxi até a estação ferroviária, depois dois trens até Firenze e um ônibus até o centro da cidade. Quando chegaram, Sophie já se sentia esgotada e ensopada de suor. Havia perdido grande parte da sua energia desde que tivera aquela visão angustiante, no café. Esforçava-se, realmente, para aproveitar a viagem, mesmo que o calor em Firenze fosse ainda mais sufocante do que em Reggio Emilia.

Depois de ir à Ponte Vecchio, à Galleria Dell'Academia − onde Anne ficou boquiaberta com a escultura original di Davi di Michelangelo −, à Galleria degli Uffizi (um profundo corredor em forma de U com maravilhas de artistas como Rafaello, da Vinci e Boticelli) e à uma dúzia de monumentos como o Duomo, o Campanile di Giotto e o Battistero di Giovanni – obras de um branco magnífico que mesclam formas arredondadas e retilíneas harmoniosamente −, Sophie estava destruída e Anne, incrivelmente, também se sentia esgotada, embora estivessem igualmente fascinadas com a cidade e sua riqueza cultural.

— Que tal Bologna, amanhã? — sugeriu Anne em uma pergunta para a qual Sophie apenas assentiu com a cabeça sem muito entusiasmo.

De noite, Sophie verificou seu email com ansiedade, mas Thomas não lhe mandara nenhuma foto. Ela estava de mãos e pés atados. Seus recentes dias estavam se tornando uma pilha de obras inacabadas. Os médicos, a visão da garota amarrada, Jesse, Nancy, Ashley, Adrian... E, pra piorar, sentia um calor infernal.

A ampla janela do seu quarto estava escancarada e, embora já fosse noite profunda, a lua muito cheia dispersava um brilho prateado que escorria das copas das árvores à altura da sua janela. A luz se arrastava para dentro do quarto dando-lhe a impressão de estar em uma pintura de Caravaggio. Levantou-se e foi se sentar na varanda da sala de estar. A noite estava silenciosa e o ar pesado e sufocante, mesmo do lado de fora.

Sophie esticou os pés sobre o vidro de uma pequena mesa redonda de ferro pintado de branco e ficou ali desejando ter um cigarro entre os dedos. Há quase um ano não fumava, mas a vontade, vez ou outra, era uma tentadora sedução. Ah, a sedução. É tão fácil jogar-se em sua teia somente para poder sentir aquele ínfimo momento de prazer. Fechou os olhos e desejou, além do cigarro, estar nos braços de Jesse. Ele fora seu único homem nos últimos dez meses. Antes disso, por um ano, tivera apenas uma noite desastrosa com um antigo conhecido e, antes dele, novamente Jesse, por mais dois anos. Fazendo as contas, ele tinha sido praticamente seu único amante por quase quatro anos. Talvez fosse mesmo hora de mudar de ares.

Eram duas da manhã, Sophie sentia o corpo despedaçado pela caminhada por Firenze e, mesmo assim, não conseguia dormir. Algo estava muito ligado em sua mente. Havia uma energia acumulada em algum lugar que lhe desregulava a respiração e as batidas em seu peito. Temeu ser outra visão. Correu ao banheiro e lavou o rosto. Foi à cozinha, bebeu água, comeu uma fruta; fez tudo para não ser pega por um transe, mas conseguiu apenas se agitar ainda mais. Não tinha nada a ver com visões, mas com suas emoções, sentimentos e – principalmente − desejos. Sophie estava estranhamente agitada e, por algum motivo que ela precisava descobrir, fugia de si mesma. Finalmente, conseguiu dormir quando já eram quase quatro da manhã.

Anne não ficou chateada quando, na manhã seguinte, Sophie lhe contou sobre sua insônia e pediu para que adiasse a viagem a Bologna. Sentia um mal estar de um possível resfriado se aproximando.

— Muito sol e sorvete, com certeza — palpitou Anne, procurando um anti-inflamatório na sua caixa de remédios branca com uma imensa cruz vermelha na tampa.

Sophie nem argumentou. Estava jogada no sofá, assistindo a um programa de auditório na televisão sem entender noventa por cento das palavras. Mudou para a MTV e deixou as músicas invadirem o ambiente. Aumentou o volume mais do que deveria e Anne veio lhe entregar um comprimido de Paracetamol e um copo d'água, com uma expressão de desagravo por causa da altura do som da televisão. Sophie tomou o remédio e baixou o volume. Anne sentou-se à mesa de jantar em um dos três ambientes da ampla sala e se distraiu vendo as fotos do dia anterior.

Sophie parecia prestar atenção a um clip de uma música italiana, mas na verdade estava fuçando em sua mente novamente. Havia algo que a incomodava. Uma sensação de prazer que a visão repugnante lhe causava. Uma atração mórbida e perigosa. Era como se quisesse se atirar em fogo. Isso não podia estar certo.

Anne a observava de longe e percebeu um brilho estranho em seus olhos. Viu quando a amiga deu um sorriso malicioso de lado. Anne sentiu os pelos se eriçarem no mesmo instante em que Sophie se imaginou frente a frente com Ashley, vendo toda a sua crueldade latente. Não era possível que pessoas como ela ou como a motorista que atropelara aquele menininho ou como tantas milhares de pessoas perversas pudessem viver entre pessoas normais. Ela nada podia fazer para combater toda a maldade no mundo. Podia, apenas, ajudar a eliminar somente uma. E se ela pudesse realmente estar diante de Ashley... Ah, se ela ao menos pudesse...

E Sophie deixou-se levar por desejos obscuros, escondidos em sua alma há muitos anos.

Se ao menos ela pudesse... Talvez apertasse com força o seu pescoço até sentir as suas veias estufando entre os seus dedos impedindo o sangue de circular. Apertaria com força até o sorriso desaparecer de seus lábios e os olhos negros dela se encherem de terror. A sensação era divinamente prazerosa, como se uma descarga intensa de emoções passasse pelo seu corpo e se esvaísse como aquela vida em suas mãos; todos os seus medos e angustias sumiriam, sem se importar se aquilo era mal ou errado. Sentia apenas prazer.

— Sophie! — exclamou Anne, batendo com os punhos na mesa.

Sophie deu um pulo no sofá.

— Hã...? — murmurou, virando-se para Anne.

— Você está bem? — indagou, preocupada, tentando enxergar através da máscara que se instalara nos olhos da amiga. Anne sentiu, mesmo à distância, a frieza que rastejava flutuante como uma névoa em sua direção. — Credo, você está com uma cara estranha... Você está bem mesmo? — insistiu, arrastando a cadeira para trás, andando com passos largos em direção ao sofá.

Sophie ergueu as sobrancelhas não conseguindo dizer a Anne o estranho sentimento que a invadira minutos antes quando sentiu sua alma sendo engolida, novamente. Estava cansada, sentindo-se febril, com uma dor de cabeça cavalar e, ainda por cima, dominada por pensamentos de alguma criatura vil que poderia ser ela mesma.

Caiu num choro desolado e envergonhado. Como poderia dizer a Anne o que a atormentava? O seu pranto era doloroso, mergulhado em soluços assustados. Anne abraçou-a com força e Sophie sentiu-se envolta por uma energia que temia tornar-se incapaz de produzir novamente.

— Sophi fale comigo, por favor — murmurava Anne, com o coração apertado e sofrido, pela enésima vez.

— Eu não aguento mais... — sussurrou de volta.

— Calma...

Sophie chorava, com o rosto escondido nas mãos, encostado no peito de Anne que acariciava seus cabelos escuros e macios, sentindo-a quente e ligeiramente trêmula.

— Isso está acabando comigo... — murmurou — Está trazendo tudo à tona e eu... — interrompeu o que fosse dizer para dar vazão ao pranto em sua garganta.

Sophie não queria, não podia contar a Anne toda verdade que escondia até de si mesma, então, contou-lhe apenas uma parte. Aquela em que fora levada a desejar juntar seus dedos no pescoço da Ashley.

— Só pode ser ela, Sophie. Ashley. Ela está brincando com a sua mente, só pode ser.

— Não, Anne... Eu sinto quando é algo externo e não é... — Anne interrompeu-a, não podia deixá-la pensar que Sophie tivesse algo a ver com aquelas horríveis emoções.

— Sophie, pense bem. Você passou por situações muito mais revoltantes com o seu pai do que com a Ashley e nem assim você sonhou ou teve visões matando o seu pai, teve?

Sophie permaneceu em silêncio, mas, depois, fez uma pergunta a Anne que ela não esperava.

— Você tem certeza de que eu nunca quis realmente ferir o meu pai?

Sophie encarou-a profundamente e, depois, fechou os olhos. Não podia mais negar a si mesma e muito menos a Anne. Então, finalmente, depois de vinte anos evitando aquele olhar, encarou a si mesma através dos olhos verdes e brilhantes de Anne e confessou algo que nunca dissera a ninguém. Algo que, desde que Adrian havia cutucado aquela ferida, Sophie não conseguia dormir em paz.

— Quando ele caiu da escada... quando ele rolou aqueles degraus e eu ouvi o barulho dos seus ossos batendo na madeira e se partindo eu... — Sophie quase desviou os olhos, mas não o fez desta vez. Ela tinha que encarar a verdade. — Eu gostei, Anne. Eu GOSTEI, você entende? Eu não senti nem um pouco de culpa ou remorso — os olhos de Sophie imploravam por algo que Anne não sabia se poderia lhe dar. Compreensão? Perdão? Então, Anne ficou apenas encarando a amiga, tentando decifrar aquele brilho sumindo dos olhos dela, como se uma escuridão ainda mais profunda estivesse sugando-a para um lugar traiçoeiro.

— Eu também teria sentido a mesma coisa e, se você estiver pedindo perdão por isso, pode ter certeza que já está perdoada há muito tempo.

— Oh, Anne... — gemeu, sem chorar — Você não sabe... ninguém sabe.

Sophie revia a cena do pai rolando as escadas de novo, de novo e de novo. E a verdade daquele acidente estava em um pequeno detalhe, escondido em dois segundos de cena que ela, naquele momento, começava a narrar para a amiga. O momento em que a garotinha assustada caída ao chão − com sangue saindo pelo nariz, com dores no rosto das agressões sofridas e com a lateral do pequeno corpo latejando da batida que dera no assoalho ao ser jogada violentamente ao chão − tentava agarrar a sua boneca, fugindo dos abusos do pai, arrastando-se entre as pernas daquele sujeito bêbado que corria em zig zague passando por ela desastradamente. Foi apenas um segundo que fizera toda a diferença em sua vida. O segundo em que a pequena Sophie erguera uma das pequenas e sujas mãos e agarrara o tornozelo daquele homem, fazendo-o perder o equilíbrio. Ele ainda teve tempo de se virar de frente para ela, para a garotinha que um dia ele amara, mas que se tornara símbolo da sua tristeza; a garotinha que conseguira chegar à boneca antes dele e que o fitava com terror e ódio nos olhos. E ele sorriu para ela com escárnio. Cambaleando, o homem deixou o corpo cair para trás num espaço vazio até se chocar contra os primeiros degraus. À medida que o corpo dava cambalhotas sobre si mesmo, Sophie sentia uma satisfação enorme misturada a algo que ela não sabia reconhecer ainda. Algo chamado prazer. O prazer da vingança. O prazer de condenar quem havia lhe causado tanta dor e humilhação. Um prazer diferente de qualquer outro que já havia experimentado.

Aqueles poucos segundos haviam ficado ocultos em sua memória, tão bem guardados, que nem mesmo Sophie se lembrava, até que Ashley, ainda no orfanato, com sua maldade gratuita, arranhou a superfície frágil que encobria a verdade e abrira uma pequena fenda nos segredos que a mente de Sophie tentava ocultar. A sua mente, porém, conseguiu obstruir a verdade de si mesma, novamente, até que Adrian fizera o mesmo e até que sua última visão repetira o feito. Agora, a verdade estava ali diante dos seus olhos, em sua boca, em suas palavras, contando tudo a Anne que chorava com ela.

— Sophi, eu sinto tanto... — choravam as duas, abraçadas. — Você era uma criança assustada.

— Eu o matei — sussurrava Sophie, em prantos, com a cabeça afundada nos braços de Anne.

— Não, você não o matou. Foi um acidente, foi autodefesa. Você era uma criança que sofria maus tratos, você não pode se culpar.

— Ele sabia, Anne. Ele sabia que eu o queria morto e ele... — desabou num pranto ainda mais profundo. — Ele quis morrer. Ele abriu os braços e largou o corpo para trás — gritou, soluçando. — Ele piscou para mim, sorriu com aqueles olhos satisfeitos e aliviados e me abandonou! Depois de tudo o que ele fez comigo, ele quis me deixar sozinha, sem ninguém, como se me disesse "agora é com você, sua vadia infeliz". — Anne fechou os olhos — Porque era assim que ele me chamva. De vaca, merdinha, eu... eu nem sabia o meu nome e... — Sophie soluçou mais uma vez — E eu o odeio por isso, o odeio por tudo o que ele fez. Não importa que ele tenha sido um bom pai antes de me levar da minha mãe, eu só me lembro que ele me odiava e me surrava e me deixava com fome, sem banho e com sede e... — Anne soluçava — Eu queria que ele morresse sim! E ainda quero! De novo e de novo! Eu o odeio! — gritou ainda mais alto.

— Shh... — sussurrou Anne, abraçando-a, sentindo a febre queimar Sophie de dentro pra fora, fazendo sua pele arder.

Ficaram abraçadas por vários minutos no sofá até Sophie se acalmar e conseguir falar sobre o assunto, novamente.

— Você acha que a visão no bar tem alguma coisa a ver com o que eu vivi? — perguntou Sophie enquanto Anne ia até a mesa, abria a bolsa e pegava um lenço de papel. — Eu sei que tudo isso está voltando. E eu tenho medo de não conseguir me controlar... — Sophie assoou o nariz no lenço que Anne lhe dera.

— Acho que não tem nada a ver. Suas visões nunca foram sobre você ou os seus sentimentos. Sempre foram retratos de outras mentes, outras dores. — afirmou, sentando-se ao lado dela novamente.

— Mas elas estão mudando. Veja o que aconteceu com Adrian. Eu estava lá, na mente dela, em tempo real. Isso nunca havia acontecido antes.

— Eu sei — suspirou. — Eu já pensei nisso. O seu dom está mudando, não é?

— Sim. E eu não sei onde isso vai dar.

— A Nancy falou mais alguma coisa sobre aquele negócio de Mentes Físicas ou seja lá como se chama?

— Não... — Sophie fez menção de dizer alguma coisa, e parou.

— Mas... — instigou Anne.

Sophie balançou a cabeça.

— Não é nada. — Anne manteve o ponto de interrogação no rosto e Sophie foi forçada a falar. — Eu não sei mais quem eu sou, o que eu desejo e... do que eu sou capaz. Não sei mais o que é real ou não.

Anne não sabia mais o que dizer ou pensar. Ficaram apenas em silêncio, olhando para a televisão e a voz de Lorenzo Jovanotti devolvia um pouco de normalidade aos seus corações.

Capítulo 13

Mais tarde, Anne preparava um lanche e pensava a Sophie que dormia um sono flutuante, embalado pelo anti-inflamatório. Quando retornou à sala com uma bandeja bem arrumada nas mãos e a viu encolhida no sofá, comoveu-se. A sua amiga, a sua irmã, a pessoa que ela mais amava parecia pequena em seus shorts jeans desfiados e uma camiseta cor de coral. Tinha o braço direito agarrado aos joelhos dobrados quase até o peito e a mão esquerda enfiada sob uma almofada. Os cabelos escuros repousavam volumosamente sobre o seu ombro.

Anne apoiou a bandeja na mesa de centro e sentou-se entre a bandeja e o controle remoto da TV. Observou Sophie afetuosamente com os olhos úmidos de compaixão. *Oh, minha irmãzinha...*

Sophie abriu os olhos lentamente e sorriu para Anne, ainda sentada sobre a mesa de madeira.

— Ei, está me vigiando? — ronronou.

— Mais ou menos... — respondeu, sorrindo. — Fiz um lanchinho para nós. Acho melhor você comer alguma coisa — sugeriu, virando o tronco para o lado, pegando o sanduíche de frango com salada, exibindo a sua obra de arte erguendo uma sobrancelha jocosamente. Sophie sorriu.

Mesmo não sentindo fome, sentou-se, pegou o sanduiche entre os dedos e deu uma mordida. Estava delicioso, como tudo o que Anne fazia. A carne macia e morna, ligeiramente temperada, ressaltava o sabor da alface fresca e crocante. Imediatamente, o apetite de Sophie ressuscitou. Anne sentou-se ao lado dela e almoçaram em silêncio por um tempo, assistindo a uma novela brasileira na TV, *Terra Nostra*.

— Eles gostam mesmo desta novela — comentou Sophie, com as palavras brigando com os pedaços de frango em sua boca. — Quando estive em Milão... quanto tempo faz? ... Mm... há quase quatro anos, eles já passavam essa novela.

— Mas dá pra entender, não é? — falou Anne, antes de beber um gole da coca-cola gelada.

— Por que? — perguntou, curiosa. Desde quando Anne conhecia alguma coisa sobre novelas brasileiras?

— Eles mostram como era a vida dos imigrantes italianos, no Brasil. Acho que no final do século dezenove — Sophie a encarou com curiosidade. — O que foi? Eu fiquei assistindo enquanto você dormia — justificou-se, e a amiga deu uma risadinha, voltando-se para a televisão novamente, mas o capítulo terminara.

Ao final do almoço, Anne recolheu a louça, mas Sophie se levantou e tomou-a de suas mãos, indo à cozinha. Anne não reclamou e se esticou em uma bela poltrona com um descanso de pés à frente. Não era como a sua *chaise*, era muito melhor, pensou. Sophie não levou nem dez minutos para lavar os pratos e copos e logo voltou á sala, segurando o seu laptop.

— Então, qual a programação para hoje? — perguntou à Anne, ainda esticada preguiçosamente.

— Eu não sei... — deu de ombros. — Pensei que poderíamos ficar em casa hoje. Você precisa descansar. Amanhã poderíamos ir à Roma, o que você acha?

— Roma? Acho ótimo — concordou —, mas não queria ficar em casa aquele dia — por alguma estranha razão, Sophie achava que se saísse de casa, deixaria a conversa que tivera para trás, presa àquelas paredes. — Que tal um sorvete ou um *caffè macchiato* mais tarde?

— Se você estiver se sentindo melhor...

— Estou ótima, Anne — afirmou, sentando-se com o computador no colo. Precisava se focar em outra coisa e lembrou-se de Thomas. Esperava que ele tivesse lhe enviado as fotos dos médicos. Tentara contato com ele antes, mas não houve resposta. Sophie esperava com ansiedade que a conexão da internet fosse mais rápida do que nos dias anteriores. A espera, porém, não lhe rendera bons resultados. Thomas ainda se mantinha em silêncio. Sophie enrugou a testa e Anne percebeu.

— Problemas?

— Pode ser... Thomas está muito calado.

— Ocupado dando um de fotógrafo, talvez?

— Mas isso não o impediria de me mandar notícias. Não dependemos de telefones, se é que me entende... — zombou, e Anne sorriu de volta.

Duas horas depois, sem nenhum rastro da febre e o estômago cheio, Sophie não aguentava mais o tédio de estar em casa, com uma cidade linda do lado de fora esperando por elas. Anne estava perdida entre as páginas de um livro e não dava sinais de vida, enquanto Sophie já havia passado por todos os canais de televisão três vezes.

— Sorvete? — insistiu, sem muita esperança.

— Eu se fosse você, ficaria longe de sorvete por hoje — disse Anne, sem tirar os olhos do livro. — Mas um café seria ótimo — falou com mais entusiasmo, desviando finalmente o olhar para Sophie.

Meia hora depois, estavam pedalando pelo centro da cidade. Sophie ainda sentia o corpo desencaixado e pesado, mas não diria uma palavra. As últimas horas a fizeram pensar e repensar e havia chegado a uma conclusão. Se nada acontecia por acaso, não adiantava fugir do inevitável. Algo estava acontecendo dentro da sua mente. Fosse uma visão ou fosse Ashley (ou até ela mesma), Sophie iria descobrir. E, para isso, precisava voltar àquele café.

— Quer parar aqui? — convidou Sophie, passando em frente ao mesmo café onde a visão aconteceu. Anne lhe lançou um olhar reprovador e ela fingiu não notar.

— Sophi... — chamou Anne, vendo que ela já descia da bicicleta. — Tem certeza?

Sophie lhe acenou com a cabeça chamando-a. Não havia mesas livres e Sophie sentiu uma ligeira inquietação. Anne pensou em convencê-la a ir a outro bar no mesmo instante em que um casal se levantava deixando uma mesa livre. Sophie, mais que depressa, aproximou-se e o casal a olhou em reprovação. Mal haviam pegado suas coisas e ela já puxava a cadeira para se sentar.

Anne sentou-se ao seu lado, batendo com os dedos na mesa, nervosa. A mesma garota de cabelos negros e curtos circulava pelas mesas, mas não demonstrou interesse em vir atendê-las. Sophie não se importou. Não estava ali pelo café. Olhava impaciente ao redor, procurando por algum rosto que lhe chamasse a atenção de alguma maneira, e nada. Eram apenas pessoas desfrutando de um fim de tarde quente sob as prazerosas sombras dos guarda-sóis lendo jornais, tomando vinho, conversando, fumando. O que esperava, afinal? *Alguém com uma placa dizendo "psicopata bolando um momento de tortura"?* Perguntou-se, com sarcasmo. Anne precisou se levantar, entrar no café para fazer o pedido e voltou resmungando.

Sophie se esforçava para não transparecer a ansiedade que mantinha o seu coração pulsando como uma locomotiva a vapor, mas Anne podia sentir a sua vibração e começou a ficar inquieta, também. Sophie passou a remexer em sua bolsa e Anne estreitou os olhos. Ela tirou a sua Nikon digital e sorriu para Anne que se aproximou dela, colando os rostos e sorrindo para a lente virada para elas. Sophie conferiu o resultado da foto e Anne franziu a testa em reprovação. Ela nunca gostava. Sophie levantou-se e começou a clicar Anne de todos os ângulos. Ela detestava isso! Sentia-se ridícula, mas fez poses engraçadas e Sophie ria para ela, incentivando-a. Tirou várias fotos em plano fechado até que se afastou suficiente para enquadrar várias mesas, mostrando um pouco do ambiente.

A garçonete mal humorada pousou as xícaras na mesa, olhou para Sophie, que ainda fazia o papel de fotógrafa oficial das férias de verão, e virou-se. Sophie achou que, embora ela não tivesse nenhum crachá de maluca, era uma séria candidata ao cargo. Sentou-se e apreciou o café, delicioso como sempre.

Ficaram ali um bom tempo até que Sophie desistiu. Não aconteceria nada naquele dia. Levantou-se para pagar a conta e, tão logo girou o tronco em direção à porta do café, sentiu o estômago revirar. Fagulhas queimavam seu cérebro e estreitou os olhos de dor. Anne estava distraída olhando uma dupla de policiais de bicicleta. Ela pegou a máquina para fotografá-los quando sua visão periférica captou a mão de Sophie cair cega sobre o seu ombro. Virou-se tão rápido quanto pôde e percebeu que ela estava lutando para não perder os sentidos. Levantou-se e segurou-a, segundos antes que ela dobrasse os joelhos e fosse parar no chão. Conseguiu colocá-la sentada novamente e sentou-se ao seu lado. Procurava a expressão em seus olhos, mas Sophie os mantinha fechados com força, como se uma dor dilacerante estivesse cortando seus órgãos internos.

A mão de Sophie começou a tremer e saltar freneticamente sobre a mesa. Todo o seu corpo entrava em uma convulsão que só ela sentia no seu desesperado mundo solitário. Em sua mente, lá estava o pulso novamente, algemado ao ferro forjado de uma cama muito antiga.

O mesmo gosto ácido explodiu em sua garganta, a mesma necessidade latente de despejar sobre aquele corpo a sua ira. O rosto virado de lado, escondido sob uma cabeleira cobre escuro cacheado tão vivo que tornava a pele do braço nu ainda mais aveludada, como uma pintura. Era quase um sacrilégio terminar com a vida daquela jovem, mas naquela alma compacta e enegrecida pela dor não havia piedade, apenas o desejo incontrolável de vingança.

Sophie sentia o sangue esfriar em suas veias, transformando-a, lenta e profundamente, em uma máquina de matar. Só havia este único desejo e mais nada. *É o certo, é o que ela merece, é o que deve ser feito.* E, novamente, não haveria piedade nem misericórdia para aquela pobre criatura, apenas o seu planejado fim, como deveria ter sido desde o início.

Sophie estava completamente dominada pela certeza e determinação quando sentiu o cérebro se agitar, batendo contra a caixa craniana, desfazendo a imagem em milhares de pedaços que se estilhaçavam no ar, flutuando, para depois desaparecer como fagulhas.

As convulsões se atenuaram abandonando o seu corpo destruído pela intensidade da visão, como se cada gota do seu sangue tivesse sido sugado e, lenta e dolorosamente, estivesse voltando ao seu lugar. Podia sentir as moléculas se formando, reagrupando-se, transformando-se em vida, finalmente. As labaredas em seus olhos se extinguiram, mas o ardor ainda lhe impedia de abri-los.

Sophie sentiu os dedos de Anne apertando sua mão e quis lhe dizer que estava bem, mas ela ainda não se movia. Tentou emitir algum som, mas a garganta doía tanto que apenas gemeu e Anne apertou-lhe a mão com mais força. Sophie transpirava por baixo da camiseta azul marinho colada ao corpo e gotas de suor escorriam pela lateral do seu rosto.

Fazia calor, mas no inferno era ainda mais quente.

O retorno à normalidade demorou mais do que ela poderia suportar e foi com alívio e satisfação que abriu os olhos e viu o rosto de Anne e seus olhos verdes que invadiam os seus com tamanha intensidade que Sophie quis beijá-los. *As grandes pedras de esmeralda de Anne,* pensou Sophie sorrindo para ela. Anne abriu um sorriso meigo e preocupado como resposta.

— Estou... bem... — balbuciou.

— Espero que sim, Sophi... espero que sim... — sussurrou Anne.

Ela sabia que Sophie precisaria de vários minutos para se recompor da última visão e não lhe fez nenhuma pergunta até que ela se sentisse forte o bastante para lhe contar, o que só aconteceu cerca de quinze minutos depois; não antes de beber três copos de água e, mesmo assim, ainda se sentir desidratada.

— Acho que podemos descartar a possibilidade de ser um desejo meu — começou Sophie.

— Disso eu não tinha dúvidas, mas de onde vem a *sua* certeza?

— Ainda não sei como, mas estou me dando uma chance — justificou e Anne gostou da resposta.

— Concordo. Então, a pergunta seguite é: O que moveria uma pessoa a ter este desejo tão grande de matar?

— A questão, agora, é saber se isso é um desejo ou uma lembrança — falou Sophie, com os pensamentos se virando para todos os lados, buscando respostas. Anne ainda não tinha pensado que as visões poderiam sugerir que uma jovem realmente teria sido amarrada e torturada em uma cama, em algum lugar real.

— E tem mais — continuou Sophie. — É a segunda vez que tenho a mesma visão aqui neste bar. Tem que ter alguma ligação.

E como sempre acontecia quando Sophie estava na pista certa, sentiu aquela ansiedade misturada à adrenalina fazer o coração acelerar. E, logo, outro sentiento veio à tona.

— Quem, aqui neste bar, ou bem próximo daqui, teria estes pensamentos? — dirigiu a pergunta a Anne com um olhar de uma escuridão tão profunda que Anne pensou que Sophie ainda estivesse imersa naquele pesadelo, mas logo percebeu que a intensidade dos seus olhos era de preocupação, senão de medo.

Anne olhou por cima dos ombros de Sophie e perguntou:

— Você acha que uma pessoa como esta tem uma aparência... normal? — Sophie sorriu para aquela pergunta retórica.

Tentaram localizar alguma pista por cerca de meia hora e, no fim, Sophie sugeriu que fossem embora. Estava exausta, mental e fisicamente.

Chegando a casa, por volta das oito da noite, tomaram um banho e Sophie não conseguia parar de pensar na jovem atada à cama. A sensação de impotência era arrasadora. Ela só tinha duas opões. Esquecer ou ficar plantada naquele café, dia e noite, até que as visões lhe dessem mais pistas.

Havia perdido a conta de quanto tempo estava sob a água morna do chuveiro e a pele estava enrugada na ponta dos dedos. Deixou a apatia de lado, desligou o chuveiro e pôs-se em movimento. Anne estava deitada na cama com o seu inseparável livro nas mãos quando Sophie se deitou ao lado dela, virada para Anne concentrada em sua leitura. Anne sempre usava um tipo de capa de tecido impermeável para proteger os livros enquanto os lia. Ao menos dizia que era para protegê-los, mas Sophie suspeitava que fosse por causa do efeito romântico que a capa causava com aquele tecido floreal *vintage*.

— O que você está lendo?

— Te digo se você prometer não rir — respondeu, fechando rapidamente as páginas. Sophie cruzou os dedos sobre os lábios duas vezes, beijando-os, em sinal de juramento. Anne riu.

— Delta de Vênus... — respondeu, corando. Sophie fez uma cara de interrogação e Anne exclamou.

— Anais Nïn! — falou como se fosse impossível que alguém não soubesse quem fosse a ousada ao mesmo tempo delicada escritora francesa de romances eróticos.

— Oh... — Sophie abriu os lábios e ergueu as pálpebras. Não tinha vontade de rir, não entendia porque Anne a havia advertido, achou apenas uma literatura diferente do que pensava que a agradasse. — E é quente como dizem? — perguntou por perguntar.

— Mmm... Depende.

— Do que?

— Do que uma pessoa entende por "quente". Este é um livro de contos e alguns são mesmo bons, mas outros, com temas de pedofilia e incesto eu detesto — Sophie fez uma cara de repulsa. — Mas outros contos são excitantes, sim — reafirmou, querendo tirar a má impressão.

Sophie quis fazer um comentário maldoso sobre a vida sexual de Anne com Brandon, mas achou que não deveria. Embora Anne lhe desse sinal de ser bem mais aberta do que imaginava, Sophie não se sentia à vontade para invadir a sua intimidade. Mordeu os lábios pensando a Jesse, nas fantasias dele e nas suas próprias. Suspirou, virando-se rapidamente na cama agitando os pensamentos, na tentativa de desfazê-los rapidamente.

— Em que você está pensando, Sophi? — perguntou Anne, apoiando o livro na mesinha de cabeceira e virando-se para ela que, agora, fitava o teto.

— Em Jesse — respondeu, com nostalgia.

— Você gosta dele. Admite, vai!

Sophie não disse nada e seu silêncio valia mais do que qualquer palavra.

— Ele é doido por você — continuou Anne. Sophie manteve o silêncio, limitando-se a fechar os olhos. Anne lhe acariciou os cabelos e apagou a luz do abajur.

— Talvez eu o perdoe um dia... — balbuciou minutos depois, e Anne pensou que Sophie já estivesse passando da vigília ao sono.

— Tá demorando demais... — sussurrou, pouco antes de também cair no sono.

O quarto de Sophie ficou vazio naquela noite. Não disse nada a Anne, mas estava apavorada com a possibilidade de ser arrebatada novamente por aquelas emoções devastadoras. Anne não precisava que Sophie lhe dissesse, ela sabia e, por isso, não questionou nada e a noite se fez e desfez silenciosamente, com as duas dividindo a mesma cama como fizeram centenas de vezes antes.

Pouco depois das cinco da manhã, o sol invadiu o quarto colorindo-o com sua luz brilhante. Sophie pensou que fora o sol a despertá-la, mas logo ouviu a voz de Thomas chamando-a com uma inquietação anormal.

Tommy? — Claire, graças a Deus... — O que houve? — mesmo mentalmente, ele percebeu que a voz dela estava ainda entorpecida pelo sono. — *Consegui as fotos, já as enviei por email. — Perfeito... Vou conferir. — E, Claire? — Mmmm — Tem mais uma coisinha... — O que houve? — Os médicos da mãe da Amy estão querendo processar o pai dela. — Processar? Mas com base em que? — Ameaça de morte* — respondeu Thomas, encabulado. — *O que? — O Sr. Abbot, ele... bem, ele ficou meio fora de si esses dias e voltou ao hospital. Ele disse coisas que podem soar como ameaças. — Podem soar como ameaças? — Mas que diabos! Ele ameaçou-os, com todas as letras do alfabeto! — Por que?* — indagou, exasperada. — *Porque ele diz que tem certeza de que os médicos mataram a mulher dele, oras! — Mas ele não tem prova alguma, Tommy. — Eu sei! Mas o modo como os médicos o trataram até agora parece que lhe deu a certeza de que ele precisava. Acho que ele está precisando de ajuda psicológica, mas, no momento, não quer nem ouvir falar disso.* — Sophie já havia saído da cama e estava com o computador na mesa, tentando uma conexão decente para poder ver as fotos que Thomas lhe mandara — *E como está a Amy? — Está em pé. É forte como um touro aquela baixinha* — disse, sem esconder o orgulho da namorada enquanto Sophie ainda aguardava o computador acordar — *Tommy, eu te chamo daqui a pouco. — Ok, mana*.

Sophie mordia os lábios de ansiedade enquanto esperava que o programa carregasse os emails recebidos. Tão logo viu a mensagem de Thomas abriu-a, clicando nas fotos, com o coração apertado. Não sabia se queria reconhecê-los ou não. Poderia aliviar ou piorar ainda mais a mente do pobre Sr Abbot. Agitava nervosamente os joelhos sob a mesa.

Anne entrou na sala com os olhos apertados, incomodados com a claridade já tão cedo, piscando com dificuldade.

— Sophi? Tudo bem?

— Thomas me mandou as fotos. Merda, Anne, o pai da Amy tá pirando. Ameaçou os médicos, está um caos por lá! — exclamou, sem dar tempo para Anne acordar o cérebro.

Anne se aproximou dela exatamente na mesma hora em que Sophie levou as mãos à cabeça, afastando o corpo até encostar as costas na cadeira, com uma expressão pétrea, encarando as fotos à sua frente.

— Sãos eles, Anne, são eles! — Anne debruçou-se sobre o computador.

— Você tem certeza?

— Absoluta.

— O que te faz ter tanta certeza? Você viu esses caras apenas uma vez e por pouco tempo.

— Eu tenho certeza, Anne. Para mim é o suficiente — afirmou, fitando as três fotos, ora uma, ora outra e depois, colocou-as lado a lado.

Em uma das fotos, o médico negro aparecia na porta do hospital. O rosto estava bem definido e Sophie não havia dúvidas. Ele tinha as mesmas profundas marcas conhecidas como bigode chinês ladeando a boca. Na segunda foto, o outro médico, baixo e claro, estava entrando em um carro. O rosto estava ligeiramente abaixado, mas se Sophie tivesse qualquer dúvida, a terceira foto a eliminara. O médico conversava com outra pessoa, ao lado do mesmo carro, e seu rosto estava virado de frente para a lente da câmera. Este tinha as pálpebras caídas e as sombrancelhas bem grossas exatamente como se lembrava do médico da sua visão.

Onde diabos Thomas havia se escondido para tirar aquelas fotos? Pensou Sophie, supresa com a eficiência investigativa do irmão.

Thomas? — chamou Sophie, e ele não demorou a responder. — *Diz...* — *São eles.* — *Ótimo!* — exclamou, sem pestanejar. — *O que vamos fazer, meu irmão?* — *Desmascarar esses bastardos.* — *Mas o que você vai dizer? Que tem uma irmã maluca que vê coisas em sua mente e os viu planejando fraudar provas de um assassinato?* — Thomas ficou calado reavaliando seus planos e Sophie fez um sinal para Anne que ainda tentava se desculpar por duvidar de Sophie, segundos antes. — *Não. Vou atrás da nossa testemunha. Nem que eu tenha que revirar todos os hospitais de Pretoria, eu vou encontrá-la.* — *Tenha cuidado...* — *Tudo bem, mana, a Amy vai me ajudar. Não estou sozinho, você sabe.*

Anne continuava a se desculpar, achando que o semblante distante de Sophie fosse por causa dela.

— Anne, tá tudo bem! — exclamou Sophie pela segunda vez e Anne se calou por um instante apenas, enquanto esfregava as unhas no couro cabeludo.

— Bom, é agora? — perguntou, sentando-se com Sophie à mesa.

— Thomas está furioso, quer revirar a cidade atrás da pessoa que pode ser a nossa única chance de provar que estes caras fizeram realmente alguma merda.

— E como ele já sabe que você os reconheceu? Ah, entendi, você contou a ele, agora, enquanto... — gesticulou, nervosamente. — Ok, Ok... Eu preciso beber alguma coisa. Você quer? Suco, café, água?

— Vou com você à cozinha... — murmurou.

Precisava se movimentar, fazer o sangue circular. Sentiu vontade de vestir sua roupa de ginástica e sair correndo pela cidade. Ajudava-a pensar. Anne preparou uma vitamina de frutas enquanto Sophie esvaziava um saco de biscoitos pela metade em uma vasilha de plástico florida, mordendo o lábio inferior. Estava ansiosa e agitada, tinha que encontrar um modo de ajudar Thomas. Anne estava igualmente calada até que algo estalou em sua mente.

— Sophie, esta pessoa, a testemunha. Thomas disse que não há nenhum médico ou enfermeiro com esta descrição naquele hospital, certo?

— Certo — respondeu, dando uma pequena mordida na borda de um biscoito de chocolate.

— E quanto ao pessoal da administração e da limpeza? Será que ele verificou todos mesmo?

Sophie parou com os lábios no biscoito e um brilho diferente surgiu em seus olhos. Ficou assim por alguns segundos encarando Anne como se visse através dela e Anne sabia que Sophie não estava realmente ali, mais. Virou um gole da vitamina sentindo o grosso líquido refrescar-lhe a garganta caindo denso no estômago vazio.

— Pronto. Fallei com Thomas sobre a sua ideia. Ele disse que vai começar a busca hoje mesmo — falou Sophie, dando-lhe um sorriso. — Grande ideia, Anne — e esta lhe sorriu timidamente.

— Como ele tem feito isso? Investigar essas pessoas?

— Contatos — respondeu Sophie, encolhendo os ombros. — Você sabe como ele é misterioso. Aposto que andou jogando aquele olhar leitoso sobre alguém.

— Você fala como se ele fosse um galanteador.

— Não é isso. Ele tem um charme natural, mesmo. Sei lá. Eu tenho a impressão de que Thomas pode conseguir qualquer coisa com aqueles olhos verdes e o sorriso radiante — afirmou Sophie. — Quem me dera ter o mínimo daquele potencial... — murmurou, terminando o biscoito.

— Ah, deixa de ser besta. Você não tem mesmo ideia, tem?

— De que?

— Do seu potencial! O olhar, o corpo, os cabelos, os lábios... — emendou, revirando os olhos para cima.

— O que? Você só pode estar de brincadeira.

— Ah, tá bom... Deixa pra lá, vai — concluiu Anne rendida. — E aí, quer arriscar o passeio a Roma hoje?

— Claro. Acho que a gente deveria ir o quanto antes para você poder ir a todos os monumentos da cidade — caçoou, enfatizando o "todos os monumentos" e Anne estreitou os olhos em resposta.

Assim que terminaram o café da manhã, foram à sala onde Anne abriu três folhetos informativos; puxou o computador de Sophie, acessou o site dos horários ferroviários, desdobrou mais dois mapas, olhou as horas (eram quase sete da manhã) e chegou a um veredito.

— Se pegarmos o trem das nove chegaremos ao meio dia. Podemos passar a tarde lá e voltarmos de noite, o que você acha?

— Fechado.

Anne anotou os horários dos trens de retorno a Reggio Emilia enquanto Sophie tomava banho e trocava de roupa, optando por um ligeiro vestido indiano de seda rosa antigo bordado no peito e na barra com pequenas pedras em tons de cinza, preto e verde; pegou alguns assessórios úteis como carteira de dinheiro e documento e a máquina fotográfica. Voltou à sala, pegou o notebook e colocou tudo em uma delicada mochila. Foi ao banheiro, escovou os dentes, penteou os cabelos em um rabo de cavalo alto, passou protetor solar e um batom suave nos lábios. Sentiu-se ativa e renovada, quase bonita, com as maçãs do rosto vermelhas e cheias. Fizera bem em tirar aqueles dias de folga, pensou. Em meia hora, estava pronta, sentada à cama de Anne vendo-a terminar de se arrumar.

Anne irradiava luz com seus olhos claros sob os cílios longos, a pele ligeiramente avermelhada do sol, um macacão curto em malha fria cinza claro, sandálias rasteiras, um belo colar de contas grossas coloridas que lhe caiam sobre o peito e um chapéu de abas largas cinza chumbo.

Anne terminou os preparativos e às nove horas em ponto, estavam dentro do trem. Uma hora depois, desciam para uma rápida escala em Bolgona, mas souberam que o trem se atrasaria em meia hora. Anne bufou e Sophie tentou acalmá-la. Afinal, estavam de férias e os monumentos romanos estavam lá havia mais de dois mil anos, não seria aquele dia que eles iriam a algum lugar.

O tempo se arrastava e Sophie lutou para não achar muito tedioso. Na pequena sala de espera, caminhava olhando as fotos do atentado a bomba sofrido naquela estação há pouco mais de 30 anos. Fora na década de 1980, quando a Itália enfrentava sérios conflitos políticos e sociais. O atentado deixara 85 mortos e mais de 200 feridos. Talvez fossem as fotos − ou não – que estavam deixando Sophie inquieta, como se estivesse no lugar errado. Também, pudera, havia Thomas e Amy em sua mente, as visões estarrecedoras, sem contar Ashley e o seu próprio passado. Pensou em Nancy, em quando ela lhe daria notícias sobre os tais estudos. Seria mesmo possível que pessoas influenciassem deliberadamente e com frequência a mente de outras pessoas? Isso não podia ser permitido por lei! Riu de si mesma, imaginando uma lei que dissesse "É expressamente proibido manipular mentalmente as ações físicas e emocionais alheias com pena de...". Qual seria a pena para um crime assim? *Meu Deus, devo estar maluca mesmo.*

Passados os trinta minutos, embarcavam novamente. Os vagões não eram luxuosos, mas pelo menos havia ar condicionado, para o prazer de Sophie que estava derretendo sua estreita camada de gordura no calor de trinta e oito graus.

— Como pode alguém gostar disso? — se perguntou em voz alta, jogando o corpo no assento.

— Do mesmo jeito que alguns gostam de chuva e outros de neve, oras — respondeu em provocação. Sophie adorava os dois.

A viagem duraria ainda pouco mais de duas horas. Depois de se refrescar um pouco, Sophie tirou o seu Mac da mochila, apoiou-o sobre a estreita mesa à sua frente e ligou-o, enfiando o chip da máquina fotográfica para descarregar as fotos tiradas no dia anterior a fim de liberar espaço para as centenas de fotos que Anne, com toda a certeza do mundo, faria em Roma.

Anne puxou uma barra de cereal da bolsa e ofereceu a Sophie que aceitou, dando-se conta de que sentia o estômago ligeiramente de mal humor. Anne olhava a paisagem pela janela, admirando os campos incrivelmente verdes com seus fenos enrolados, como se fossem enormes obstáculos em pistas de corrida. Depois, tirou da bolsa um pequeno livro turístico sobre Roma, folheou-o com interesse, dedicando-se por mais tempo à Fontana di Trevi e ao Coliseu.

Sophie terminara de passar as fotos para o computador e as estava organizando em pastas, juntamente com as outras que já havia tirado. Sophie podia ser confusa em muitas coisas, mas em se tratando de organização de trabalho, ficava quase à altura de Anne.

Ela observava atentamente as fotos que haviam tirado no café, com um sorriso no rosto. Anne de cabeça de lado com sorriso maroto, Anne séria, rabugenta ou escandalosamente alegre. Sophie sorriu com o canto direito dos lábios. Olhou as fotos que tirara em plano aberto e a luz estava maravilhosa. Quente e pontual. Não havia luz mais bela do que a natural, pensou. Correu os olhos pelas mesas e sentiu uma pontada atrás da orelha e aquela indesejada fisgada no estômago; o mal estar que antecipava algo ruim, muito ruim. Esquadrinhou a fotografia procurando por algo sem saber ao certo o que seria, suspeitando que veria alguém ou algo revelador. Todos eram suspeitos ao mesmo tempo em que ninguém lhe fazia sentir nada em especial. Mas a fisgada estava lá, incomodando, cutucando como uma agulha enervante e persistente.

Sophie ampliou a foto em duzentos por cento, aprofundou-se em cada detalhe e em cada rosto, mas não foi uma fisionomia ou um par de olhos que lhe chamou a atenção fazendo aquele gosto amargo retornar à sua boca. Ao fundo da foto, atrás de Anne − que descansava a cabeça sobre a palma da mão −, havia apenas o topo de uma cabeça. Os cabelos eram de um dourado-escuro quase ruivo.

Sophie estreitou os olhos ainda mais, duplicou o zoom e, imediatamente, uma cabeça pequena e redonda, com os cabelos jogados de lado, enchiam o seu monitor. Uma forte pressão empurrou Sophie contra o acento da poltrona. Suas mãos suavam e o gosto amargo queimava sua garganta.

— Anne... — gemeu.

— Mmm...

— Anne... — insistiu, sem conseguir pronunciar nada mais. Tinha medo de se mexer e fazer as imagens voltar como um boomerang em sua mente.

Anne virou-se e seus olhos desviaram do rosto de Sophie para a tela do computador: franziu a testa diante da sua própria imagem cortada à altura do nariz e uma cabeleira ruiva escura atrás dela.

— O que... — engoliu as próprias palavras. Lembrou-se dos cabelos dourado-escuros das visões de Sophie. A lembrança morreu quase imediatamente diante de um pensamento puramente lógico. — Sophi, milhares de garotas têm cabelos coloridos assim... Você não acha que...

— Anne, não é o que eu acho, mas o que eu sinto. Eu sinto que é ela, sinto minhas mãos tremerem com uma necessidade que eu não compreendo. Eu não sei mesmo explicar e isso é horrível! — exclamou, sentindo a ansiedade tomar-lhe o ar dos pulmões.

— Tem certeza? — perguntou.

— Mais que certeza, Anne. É ela. Oh-meu-Deus...

— Se é ela a moça atada à cama, a pessoa que quer fazer mal a ela deve estar...

— ...em algum lugar não muito longe dali — completou, agitada, diminuindo o zoom na tela, correndo os olhos novamente pelas mesas e pessoas.

Não encontrou nada.

— Vai ver é a garçonete mal humorada — sugeriu Anne em tom de brincadeira, mas Sophie não achou graça. Estava frustrada por saber que ele estava ali, em algum lugar, e ela simplesmente não conseguia encontrá-lo. — Vai ver ele não estava no bar, mas do outro lado da rua.

Sophie moveu tão rápido os dedos no pequeno teclado que Anne mal entendeu como a foto desaparecera e, em seu lugar, surgira a pasta com todas as fotos do café. Dois segundo depois, Sophie já estava rolando a tela para cima e para baixo, procurando por algo que, aparentemente não estava encontrando.

— Merda! — exclamou em bom tom, batendo o punho fechado na mesa, fazendo o homem à sua frente dar um salto no assento.

— *Mi scusi*... — desculpou-se Anne sem jeito e o homem não sorriu, apenas baixou os olhos para o seu jornal.

— Eu não tirei nenhuma foto da rua ontem, só do café.

— Tente as outras fotos do primeiro dia. Antes de você ter a visão, eu peguei a máquina. Não sei se cheguei a tirar alguma foto, mas estávamos bem de frente para a rua e...

Não precisou dizer mais nada. Sophie já saltava os dedos pelo teclado, abrindo a pasta do primeiro dia e aumentou a visualização das miniaturas. Corria novamente a barra de rolagem murmurando algo indecente entre os dentes.

— Calma... — disse Anne, pousando sua mão sobre o braço da amiga fazendo correr uma energia em todo o corpo de Sophie, que a olhou como se despertasse de um sonho. — Você vai encontrá-lo — sorriu para ela com os olhos brandos. — E veja por outro lado. Você encontrou a jovem. Pior seria se tivesse encontrado *ele* e não soubesse quem era a vítima, não acha?

Sophie piscou e os olhos escuros voltaram a se acalmar, assim como a respiração, embora ainda pudesse sentir o coração pulsando pouco abaixo da garganta.

— Você tem razão... — conseguiu sorrir, ligeiramente aliviada.

Voltou-se para a tela, puxou a foto de Anne com aquela cúpula ruiva atrás dela, cortou-a e salvou em uma pasta diferente. Hesitou ao lhe dar um nome, engoliu em seco e digitou "alvo.jpg". Apertou o *Enter* e a foto desapareceu da sua frente, deixando-lhe um vazio incômodo dentro do peito. Fechou o computador e encarou o homem à sua frente, que ainda lia o jornal, e o analisou com inveja. *Uma vida simples e sem problemas*, pensou ela. *Era tudo o que eu queria.* Suspirou sem poder evitar pensar nos próximos passos. *O que eu faço com isso, agora?* Perguntou-se, alisando mecanicamente a tampa do computador. Lembrou-se da determinação de Thomas. Ele varreria todos os hospitais da cidade atrás de alguém que pudesse lhe dar informações, certezas ou até mesmo mais dúvidas. Ela precisava se focar, traçar meta e passos a serem dados. É isso, ela precisava apenas se organizar.

Fechou os olhos e sabia o que fazer. Teria que esperar apenas passar aquele dia. Só mais um dia e, por um instante, receou que os oito dias restantes naquela cidade não fossem suficientes para fazer alguma coisa. Conseguiria voltar à Londres com aquele amargo na boca? Conseguiria voltar para casa sem saber quanto tempo aquela jovem ainda tinha de vida?

Oh céus...

— Sophie, qual seria a ligação dessa história com você? Tem que ter alguma, não tem? — perguntou Anne, pensativa.

— Não sei. Pode ser apenas uma sintonia de pensamentos — respondeu, pensando nos seus próprios desejos obscuros; pensando em Ashley. Sentiu, novamente, o gosto metálico na boca.

Anne tentou distraí-la, mostrando-lhe fotos dos monumentos e praças de Roma no livreto, mas Sophie não se empolgou. Conhecia-os já. Estivera em Roma de passagem três anos antes e fizera os passeios obrigatórios durante uma tarde, tal como faria dali a pouco novamente. Esperava que, com Anne, pudesse se divertir e esquecer um pouco as visões, o desejo de vingança e o medo do fracasso.

Capítulo 14

Passava das duas da tarde quando elas chegaram ao centro da cidade. A excitação de Anne era quase infantil e Sophie fez o seu melhor papel de companheira de viagem. Ajudou a encontrar os principais pontos turísticos e se emocionou ao ver os olhos de Anne cheios de lágrimas ao virar a esquina de uma ruazinha apertada e entrar em um pequeno espaço aberto com uma piscina de água transparente ao seu lado. Anne perdera a cor ligeiramente bronzeada do rosto ao perceber que estavam na lateral da Fontana di Trevi.

Caminhou tão lentamente que Sophie pensou que Anne estivesse para desmaiar. Admirava, boquiaberta, as imensas colunas de mármore sob o som contínuo das águas. Foram precisos muitos minutos para que Anne absorvesse todos os detalhes dos cavalos que pareciam sair de dentro das rochas, representando os humores do mar e o deus Netuno em uma carruagem em forma de concha. Não resistiu a cumprir o ritual de todos os visitantes: posicionar-se de costas para o monumento e arremessar uma moeda para trás, para dentro da piscina artificial. Dizem que faz a pessoa voltar à cidade um dia. Sophie se divertia com o romantismo e o deslumbramento de Anne.

Ao final de três horas haviam percorrido os principais locais e Anne parecia não se cansar, mesmo sob um calor infernal. Não era raro ver turistas banhando suas nucas sob as torneiras públicas espalhadas em vários pontos da cidade ou virando suas pequenas garrafas de água mineral sobre a cabeça. Sophie temeu uma insolação, de verdade, e, embora todo o cansaço e calor, Anne não abria mão de visitar ainda a Piazza San Pietro e o Castelo di San'Angelo. Sophie rolou os olhos, mas não reclamou. Roma era Roma, afinal! E Anne... bem, Anne era Anne. Dava pra lhe dizer não?

Já passavam das sete da noite e ambas comiam uma macarronada em um dos muitos restaurantes localizados nas estreitas ruas centrais da cidade, quando Anne cogitou a possibilidade de dormirem por ali, naquela noite. Poderiam procurar um hotel, tomar um banho, descansar e voltar para casa na manhã seguinte. Apesar de a ideia obrigá-la a mudar os planos que tinha em mente, Sophie sentia-se realmente cansada de todo aquele calor. Seria ótimo poder se enfiar em um banho, deitar-se e se preparar para o dia seguinte. Então, concordou. Não contavam, porém, com os hotéis lotados. Estavam em pleno período de férias, afinal.

Demorou mais do que haviam planejado, mas finalmente encontraram um hotel pequeno a cerca de quinhentos metros do centro. Anne disparou suas palavras com tal excitação que Sophie não ousou dizer não.

— Não vejo a hora de ver a Fontana di Trevi à noite!

Sophie lhe deu um sorriso condescendente.

Tal como planejaram, depois de um banho relaxante de banheira, Anne e Sophie, com vestidos novos que compraram durante o passeio, saíram para dar uma volta sob um céu azul escuro. Havia ainda tanto para ser visto na cidade que Anne quase sentiu pena por ir embora no dia seguinte. Que diabos, estavam de férias, poderiam passar ainda o dia seguinte inteiro em Roma, se quisessem, mas auando verbalizou sua ideia, Sophie não escondeu a frustração. Estava obcecada pelo desejo de encontrar a garota, e propôs um acordo.

— Que tal passarmos a manhã aqui e irmos para casa depois do almoço?

— Tudo bem, e, se você quiser, pode ficar descansando no hotel. Eu me viro sozinha — respondeu Anne, com genuína boa vontade.

Sophie virou-se para a fonte iluminada. As águas eram transparentes e, com a iluminação, tornavam-se esverdeadas assim como toda a obra de Salvi que, se durante o dia reluzia em sua quase total brancura, de noite adquiria um tom rosado. Impossível não se preder diante de tamanha beleza e perfeição. Infelizmente, o cansaço do dia chegava ao limite. Era deitar ali mesmo, diante de Netuno ou voltar ao hotel.

Pouco depois a uma da manhã, caíram no sono em suas camas macias e frescas. Dormiram com o ar condicionado ligado, o que fez Anne puxar um lençol grosso de algodão egípcio sobre o corpo durante a madrugada. Sophie lutou para não perder o sono quando a imagem do alto de uma cabeça com cabelos dourado-escuros e brilhantes começou a saltitar em algum lugar do seu cérebro. *Feche a sua mente*. E dormiu de novo.

Na manhã seguinte, depois de um reforçado café da manhã, Anne estava com a disposição renovada. Cumpriu o combinado, deixando Sophie livre para passar a parte da manhã no hotel enquanto faria mais um longo giro pela cidade. Faltava-lhe ainda meia dúzia de locais para conhecer.

Sophie voltou ao quarto pensando se Thomas tivera sorte em encontrar a misteriosa pessoa atrás da porta. Pensou, também, em Adrian. Queria sentir raiva, desprezo ou piedade por ela, mas na verdade, não sentia nada mais. Pensou em Ashley e passou a sentir o que não queria. Achou melhor se concentrar em outra coisa.

Sentou-se na cama, abriu novamente as fotos do café e analisou-as com mais atenção. Embora tivesse feito várias fotos de Anne, somente em uma delas era possível ver aquela jovem de cabelos acobreados. Tinha que encontrá-la.

Enquanto pensava nas maneiras para identificá-la, Sophie sentia uma crescente inquietação. Precisava ir embora dali. Pensou em ligar para Nancy para que ela lhe dissesse que era tudo parte de sua mente muito fértil, que não passava da sua imaginação, fuga, ou projeção de alguma merda escondida e enterrada sob os milhares de tijolos que usava para sepultar seus sentimentos, mas não o fez.

Sophie nem percebeu o voar do tempo e Anne já entrava no quarto novamente. Agitada, feliz, encantada e... suada. As bochechas estavam vermelhas como os lábios. Jogou o chapéu na cama e deixou o corpo cair de costas, abrindo os braços, com os olhos ainda mais verdes e brilhantes.

— Eu amo Roma. Amo, amo e amo! — exclamou com veemência. — Brad vai ter que aceitar passar a nossa lua de mel aqui. Ah se vai!

— Lua de mel? — perguntou Sophie em zombaria, mas Anne não a corrigiu. Virou-se de lado, apoiou a cabeça sobre a palma da mão, com o cotovelo afundado no colchão, e sorriu para ela. — Vocês... Jura? — indagou e Anne piscou.

— Não marcamos data nem nada, mas ele me perguntou se eu penso nisso.

— E...?

— Não sei. — Anne deu de ombros e pensou. — De verdade, não sei. Acho muito cedo. Vamos completar um ano ainda em setembro. Sei lá... — Anne corou. — Por enquanto, estamos bem. Mas... Eu não me acostumo com a ideia de me separar de você — confessou já com os olhos úmidos, como se fosse um pensamento recorrente.

— Oh, Anne... — suspirou Sophie, jogando o computador para o lado, atirando-se à cama de Anne e abraçando-a com carinho. — Nunca vamos nos separar. Nunca! Seremos sempre nós. O Brad é um homem maravilhoso pra você — falou, enxugando as lágrimas que escorriam dos olhos de Anne. — Você tem que pensar em você, no seu futuro, na sua família! Pensar em se casar e ter filhos, que vão me chamar de tia, que vão escrever pelas paredes, jogar comida no chão e deixar você maluca! — provocou, fazendo Anne rir entre lágrimas. — Vamos lá... me promete que você vai pensar no assunto, pensar somente em você e na sua felicidade? Eu estarei sempre ao seu lado. Sempre!

Anne e Sophie se abraçaram novamente. Anne controlava os soluços e Sophie controlava a dor que dilacerava o seu coração. Dor de tanto amor. Um amor que lhe transbordava no peito. Amor por Anne e medo de perdê-la. Não dormiriam mais na mesma cama quando uma ou a outra se sentisse frágil ou amedrontada. Não teriam conversas de madrugada nem lamberiam juntas a colher de chocolate da massa do bolo. Não assistiriam a filmes enroladas em suas mantas no sofá. Não fariam mais muitas coisas. Porém, Anne seria feliz. Teria a chance de formar uma família, como sempre quis. Uma família que nunca tivera, diferente de Sophie que tinha um meio irmão e tivera uma mãe por alguns minutos. Anne, nem isso.

As emoções arranhavam o coração de Sophie, mas ela não cederia. Anne precisava disso e ela seria a sua força. Sempre faria tudo por ela.

— Eu amo você, Sophi... — murmurou com a voz abafada e os lábios afundados nos ombros da amiga.

— Eu também, Anne. Muito, muito e pra sempre.

Ficaram ali, deitadas, lado a lado, conversando, relembrando momentos da infância e da adolescência, mergulhadas em memórias intensas, divertidas, tensas, tiveram de tudo um pouco em seus vinte e oito anos de vida, dos quais, estiveram juntas, como irmãs, por mais de vinte.

Anne estava pronta para dar mais um passo, enquanto Sophie permanecia enroscada em seus dilemas, e ela se sentiu a mil milhas de distância da vida normal e perfeita que esperava por Anne. Mas Sophie não era Anne. Sempre fora o seu oposto e, magicamente, se completavam. Um laço que, certamente, jamais seria destruído.

Deixaram o hotel e foram almoçar no mesmo restaurante do dia anterior e Sophie se lambuzou em mais um prato de massa, com direito à passada de pão no prato sujo de molho, e um café espresso. Seguiram até a estação e conseguiram embarcar no primeiro trem para Reggio Emilia. Fizeram novamente a escala em Bologna e pouco antes das seis da tarde entravam no refinado apartamento da Sra. Thompson.

Parecia que passara uma semana desde que haviam pegado o trem para Roma e Sophie se sentiu ansiosa em ir ao café novamente. Havia conversado com Anne sobre a sua intenção de procurar pela garota e Anne prometeu ajudá-la até o ponto em que o seu sinal de alarme soasse, frisou. Sophie riu da preocupação exagerada, mas concordou só para não criar confusão.

Pegaram as bicicletas e em quinze minutos estavam, novamente, procurando uma mesa livre no café. Sophie correu o local com os olhos em busca dos cabelos particularmente ruivos, mas não os encontrou. Reconheceu apenas a garçonete que parecia não descansar nunca. *Talvez por isso o mau humor*, pensou. Tão logo conseguiram uma mesa, Anne fez um sinal para a garota de cara fechada e pediu um sorvete para ambas. Assim que ela lhes trouxe o pedido, Anne perguntou-lhe o que Sophie não podia, dada a limitação do idioma.

— Você conhece uma garota ruiva que sempre vem aqui? — a pergunta pareceu tão vaga que a garota se limitou a estalar a língua em descaso. — É uma antiga conhecida... — mentiu tão naturalmente que a moça lhe respondeu.

— Talvez seja a garota britânica — respondeu, demonstrando, pela primeira vez uma possível forma de vida sob aquela cara fechada. Ela não sorria nunca?

— Deve ser ela! — exclamou Anne, empolgada. — Oh, queríamos tanto vê-la novamente. Você sabe como podemos encontrá-la?

— Ela normalmente vem no finalzinho da tarde — respondeu, olhando ao redor. — Não vem todos os dias. Pode ser que a encontrem hoje, não sei — finalizou, meneando com a cabeça para alguém em uma mesa do outro lado. Saiu sem se desculpar ou dizer nada.

— Britânica? — falaram Anne e Sophie em uníssono

— É sem dúvida uma coincidência, mas não quer dizer muita coisa... — ponderou Anne.

Sophie tirou o biscoito enfiado no sorvete e o mordeu ferozmente, olhando em volta, inquieta. Anne fez o mesmo e começou a se sentir agitada também. Faltava-lhe o ar e o coração palpitava mais do que o normal. Ela sabia que não era nem um décimo do que sentia Sophie em suas visões e pensou em como a amiga suportava a avalanche de sensações que a arrebatavam durante cada um dos seus transes. E quantos já havia tido durante a sua vida? Enfiou a colher no sorvete de morango tirando um gordo pedaço e enfiando-o na boca. Sophie ainda alisava o sorvete com a pequena colher pensando no que faria caso se deparasse com a garota.

— Sophi... — sussurrou Anne e Sophie virou-se para ela. Anne ergueu as sobrancelhas apontando com os olhos para algo atrás da amiga.

Sophie virou-se rapidamente. Seus olhos pousaram sobre uma figura pequena, de pele clara e traços delicados, que caminhava na calçada entre as mesas e o café. Ela mantinha a cabeça ligeiramente abaixada, enquanto mexia no celular. Acompanhou-a com o olhar e, para a sua total frustração, a jovem de cabelos ruivos cacheados não se sentou, seguindo em frente. Usava grandes óculos escuros que lhe caiam pesadamente sobre o pequeno, mas bem feito nariz. Os lábios tinham uma suave cor de coral. Anne perdeu a fala e Sophie se levantou da cadeira sem dizer nada, assim que a jovem passou por trás dela, e seguiu em frente.

— Sophi! — exclamou, sem receber respostas.

Anne queria ir atrás dela, mas não havia nem pagado a conta. Procurou pela garçonete, mas obviamente ela não estava à vista. Viu Sophie a poucos passos atrás da garota. A jovem caminhava ligeiramente apressada. Teria um encontro com alguém? Sophie a seguia tentando não ser vista. Entraram no largo pátio do Duomo, onde várias cadeiras haviam sido colocadas em frente a um grande palco.

Anne perdeu-as de vista.

Por sorte, as cadeiras ainda estavam vazias e não fora difícil para Sophie acompanhar os passos da garota sem chamar atenção. Ela foi até uma banca de jornal localizada na lateral do pátio e Sophie parou, fingiu alimentar as pombas com o pouco que restara do bisoito do sorvete em sua mão, vigiando a garota pelo canto dos olhos. A jovem saiu em seguida segurando uma revista e pegou o caminho de volta ao café. Sophie rezou para que ela se sentasse para que lhe desse tempo de pensar em algo. Anne passava a mãos nos cabelos, nervosa, quando Sophie entrou em seu campo de visão novamente. Fechou os olhos, aliviada, e enfiou mais uma colherada de sorvete na boca. O de Sophie já começava a derreter.

A misteriosa garota, finalmente, sentou-se em uma mesa e Sophie voltou à mesa onde estava Anne.

— Você quer me matar? — falou Anne, entre os dentes.

— Desculpe. Eu não podia perdê-la de vista. Eu tenho que falar com ela.

— E o que vai dizer? “Oi, me chamo Sophie e alguém quer te matar?” — perguntou com sarcasmo. Sophie nem deu bola. Havia mudado a cadeira de posição, ficando de frente para a garota que sentara a três mesas atrás delas, de costas para Anne.

— Eu não sei. Mas tenho que pensar em algo. E rápido.

Antes que Anne lhe disesse qualquer coisa, Sophie arrastou a cadeira para trás e levantou-se novamente.

— Oh meu Deus... — gemeu Anne.

Embora Sophie tivesse pensado muito naquele momento, as palavras evaporaram de sua mente. O coração batia tão forte que doía no peito. Tentou enfiar um pedaço do sorvete na boca, mas acabou por deixá-lo cair no vestido verde água.

— S*hit...!* — praguejou em voz alta, passando ao lado da mesa da jovem.

Mesmo que não fosse a sua intenção, o mau jeito e a boca nervosa, por fim, ajudaram-na. A jovem se virou, rindo para ela. Sophie aproveitou e lhe dirigiu a palavra, ainda em inglês.

— Desculpe.

— Tudo bem — respondeu-lhe, também em inglês, elevando os óculos sobre os cabelos, exibindo um par de olhos azuis intensos.

— Ah! Você também é britânica? — perguntou, Sophie, inocentemente.

— Sim, dos arredores de Londres — respondeu, ainda sorrindo, jogando os cabelos que lhe caiam sobre o peito, para trás dos ombros.

— Eu também! — exclamou Sophie, realmente surpresa. — Uau, que coincidência... Estou com uma amiga, e você?

— Sozinha, mas não estou a passeio. Eu moro aqui.

— Mora? Hã... Aquela ali é a Anne, minha amiga — falou, apontando para Anne com a colher do sorvete. — Mmm... Quer vir se sentar conosco?

— Aqui tem mais espaço, por que não chama a sua amiga pra vir para cá?

— Claro!

A garota se virou, olhando para Anne, fazendo ela mesma um gesto com a mão convidando-a a se juntar a elas. Anne se levantou e Sophie podia jurar que ela não respirava.

— Sente-se — convidou, apontando para a cadeira ao seu lado e Sophie se esforçou para controlar os movimentos. Ainda tremia. E não era de nervoso.

— Obrigada — falou, descendo o degrau da calçada, puxando a cadeira e sentando-se, enquanto Anne se aproximava. — Anne esta é a...

— Kristen — completou a garota. — Muito prazer — disse, estendendo a mão para Anne que a segurou, sorrindo.

— Anne.

— E eu sou Sophie. Ela mora aqui, Anne.

— Ah... — gemeu Anne, sentando-se na cadeira em frente à garota, deixando cair um pouco do sorvete na mesa. — Ops, me desculpe — e a menina riu.

— Chegaram há pouco tempo?

— Há quase uma semana — respondeu Anne, vendo que Sophie não desgrudava os olhos da garota. — E você?

— Mais de um ano, já — respondeu, desviando o olhar.

Percebendo que Kristen fazia sinal para a garçonete. Sophie quase entrou em pânico. E se a garçonete desse com a língua nos dentes sobre elas terem lhe perguntado pela garota? Tinha que pensar em algo, e rápido. Olhou para Anne e ela lhe deu uma piscada marota.

— Ah, vejo que vocês se encontraram! — exclamou, para o desespero de Sophie. Por que, justo agora, ela tinha que dar uma de simpática?

Kristen deixou cair um pouco o sorriso, franzindo ligeiramente a sobrancelha, mas Anne reagiu rapidamente.

— Não, não. Esta não é a nossa amiga. Estamos esperando por ela, ainda — explicou e a garçonete nem deu importância. Kristen pediu um café e tão logo a moça saiu, perguntou:

— Vocês estão esperando alguém?

— Na verdade, não sabemos — disse Anne. — Encontramos uma conhecida, aqui dois dias atrás. Ela nos disse que talvez fosse a Milão hoje, mas não tinha certeza. Como fomos a Roma ontem, não temos notícias dela.

— Perguntei à garçonete se ela a vira, mas ela deve ter imaginado que falávamos de você, visto que você também é inglesa... enfim... — Sophie deu de ombros, como se o assunto não fosse importante e Kristen suavizou o olhar. — Você fala muito bem em italiano — comentou, tentando desviar a atenção. — Eu não consigo. Aliás, sou péssima — enfatizou, fazendo Kristen rir.

Sophie reparou que ela sorria com facilidade, era simpática e meiga, o que tornava ainda mais difícil entender por que alguém queria lhe fazer tão mal.

Kristen contou que viera à Itália para fazer um curso de enfermagem por seis meses, em um intercâmbio entre as universidades europeias, mas, depois do curso, decidira ficar.

— Encontrou um italiano charmoso? — perguntou Sophie, jocosamente.

Kristen sorriu, mas negou. Nada de namorados. Não era de ter namorados com facilidade. Aos vinte e um anos, achava que não era hora. Gostava da cidade, do sol e do calor, embora o inverno fosse bem mais úmido e rigoroso do que em Londres, ponderou. Sophie e Anne contaram sobre suas profissões e, respondendo à inevitável pergunta "como vocês se conheceram?", Anne acabou lhe contando sobre o orfanato e algumas aventuras da infância. Logo as três estavam conversando como se fossem velhas amigas.

A noite começava a cair quando Kristen disse que tinha que ir embora. Sophie tinha muito ainda a investigar, por isso, especulou sobre os planos para a noite adentro, mas Kristen esvaziou o assunto dizendo que não era de sair muito à noite. Falou apenas sobre alguns bares mais frequentados e Anne, por fim, convidou-a para um almoço no dia seguinte, no apartamento delas. Kristen disse que pensaria a respeito. Pegou o número do telefone de ambas, despediu-se e foi embora, deixando Sophie com uma série de perguntas travadas na garganta, vendo-a caminhar para um destino desconhecido.

— E agora? O que vamos fazer? Você tem alguma ideia sobre ela ou sobre a sua visão? — perguntou Anne, esperando que Sophie lhe desse alguma resposta mágica, tirada de um esconderijo secreto, mas Sophie apenas torceu os lábios.

— Nada. Ao contrário. Não posso imaginar no que uma menina como ela pode estar envolvida.

— Ela é tão meiga...

— Pois é... — murmurou Sophie. — O jeito é esperarmos que ela aceite o seu convite para amanhã. Aliás, ótima ideia, Anne — falou sorrindo.

Anne ficou pensativa e Sophie juntou os cabelos atrás da nuca, segurando-os com as duas mãos em um grosso maço, para depois soltá-los e massagear a parte de trás da cabeça com os dedos.

— É melhor irmos para casa, não acha? — Anne concordou, chamando a garçonete para pagar a conta.

Quando chegaram a casa, Sophie estava calada. Tomou um banho e tentou pensar, enquanto a água caía sobre seus cabelos, mas sentia apenas uma sensação de vazio e impotência. Teria que esperar até o dia seguinte.

Quando foi se deitar, Anne já estava dormindo e Sophie foi para o seu quarto temendo passar a noite em claro com tantas perguntas rodando em sua mente. Deitou-se de lado na cama, abraçada a um travesseiro, e ficou olhando a janela e as luzes azuladas do lado de fora. O som chiado das folhas se esfregando e as sombras que dançavam embaladas por uma ligeira brisa morna fizeram Sophie sentir a agradável sensação de leveza que antecede ao sono. Fechou os olhos e torceu para que a noite fosse longa e silenciosa.

Mas é à noite quando os piores pensamentos surgem. Assim como monstros no armário − embaixo da cama ou atrás da porta − e sons estranhos pela casa, totalmente inexistentes durante o dia, quando a noite cai, é como se algo mágico e sinistro lhes desse vida. Tudo é possível na escuridão. Mas Sophie não tinha medo de monstros nem de rangidos. Seus temores eram outros e quando os olhos se fechavam, era quando eles se tornavam mais reais. Ela podia senti-los emergindo com suas garras afiadas de dentro da sua alma, com o seu cheiro forte de morte e dor. Era neste poço de perversidade que Sophie sentia seu coração mergulhar, tornando-se negro e frio. E quando ele parasse de pulsar, a magia aconteceria. Uma estranha vida surgiria, capaz de impulsionar a pessoa a cometer atos cruéis e isanos aos olhos daqueles que nunca sobreviveram à verdadeira tortura. O ódio é algo realmente sobrenatural. *Por favor, faça-me apenas dormir*. Rezou, com poucas palavras, a única oração que conhecia.

O sábado amanheceu chuvoso e sem brisa. Sophie pulou da cama pouco depois das nove da manhã ansiosa pelo telefonema de Kristen, embora algo lhe dissesse que ela não ligaria. Anne, ainda de pijama cor de rosa curto (escrito "Eu sou ótima na cama, posso dormir o dia todo"), sentada com as pernas cruzadas na cama, aparentemente enviava um email a Brandon, com um sorriso abobalhado no rosto. Sophie encostou-se à entrada do quarto e ficou observando-a, com curiosidade. Nem mesmo no auge do seu namoro com Jesse, sorria daquela maneira. Baixou os olhos. Algum dia seria capaz de amar daquele jeito? Algum dia já havia amado, realmente?

Foi à varanda da sala de estar, sentou-se na mesma cadeira de ferro branca e ficou a observar a rua molhada. As chuvas de verão são iguais em qualquer lugar do mundo. Vem e vão como um sonho, deixando para trás apenas uma lembrança. No caso, o cheiro da terra molhada, das folhas e do eucalipto que circundavam o jardim. Fechou os olhos a fim de absorver a natureza ao seu redor, tentando apreciar a simplicidade do momento. Ela tinha que conseguir isso, um dia.

O céu começava a exibir um tímido azul por trás das nuvens densas atravessadas por escassos raios de sol. O dia logo se tornaria escaldante como os anteriores e Sophie começava a ficar impaciente. Não queria passar a manhã toda à espera de um telefonema, mas não sentia vontade de ir a lugar algum tampouco. *Muitas coisas pendentes*, pensou. As pontas dos dedos batucavam freneticamente a mesa com tampo de vidro ao seu lado. Mordia os lábios e respirava irregularmente.

Flashes começaram a piscar em sua mente. Imagens da garota presa à cama de ferro, os pulsos marcados pelas algemas, o braço pálido e esticado e um silêncio mortal. *Pobre Kristen. Quem poderia odiá-la tanto assim?* Sophie esperava que suas visões fossem de um passado distante. Não era um bom pensamento, mas ao menos ela teria sobrevivido e Sophie não precisaria se preocupar em salvá-la de nada. Era, também, um pensamento egoísta, mas o que ela não daria para elimitar ao menos uma das suas pendências mentais? Suspirou e voltou a pensar na visão. Desde quando parara de pensar nela, aliás?

Havia dois tipos de visões, para as quais, Sophie criara, com o tempo, uma lógica própria. Quando vistas através dos olhos de alguém, eram normalmente sobre o passado, como no caso da testemunha da conversa com os médicos. Quando Sophie estava fora da cena, observando como uma terceira pessoa invisível no cenário, era como uma representação de um sentimento em imagens; uma projeção de um desejo, medo ou trauma de alguém. Nada disso fazia sentido, porém, no caso da visão de Adrian no parque que fora mais uma conexão direta, provavelmente, pela ligação entre elas naqueles dias. No caso de Kristen, Sophie tinha certeza de estar em contato com a mente do agressor, vendo através dos seus olhos, embora a conexão fosse com vítima, o que era estranho. Mas "estranho" era a sua marca mais frequente.

Qual a minha ligação com tudo isso? Continuou em sua sondagem. O sentimento de raiva que Ashley instigara dentro dela? Será que a sua certeza, agora, de que havia mesmo causado a morte de seu pai tantos anos antes... *Autodefesa*! Gritou uma voz bem lá do fundo. *Que seja...* Será que esta constatação havia trazido de volta toda a raiva que sentia naquele período? Ou seria outra coisa que Sophie não conseguia enxergar?

— Volto logo! — gritou Anne, batendo a porta de entrada e Sophie saltou da cadeira de susto e surpresa. Aonde Anne estaria indo?

— Anne! — gritou da varanda, enquanto a amiga corria e acenava para ela com um sorriso de travessura antecipada. — Onde... — era inútil. Ela desaparecera de vista. — Mas que... — Sophie levantou-se, indo direto ao quarto de Anne ver se havia acontecido alguma coisa que ela não soubesse. Encontrou apenas o computador desligado sobre a cômoda. *O que está acontecendo?* Franziu a testa e voltou à varanda. Anne não poderia demorar.

Claire...? — Chamou Thomas, sério e ansioso. — *Estou aqui — Encontramos ela...* — Sophie levou alguns segundos para trazer de volta Thomas e toda a história com os médicos. A testemunha! Gritou em sua mente. — *Não acredito, Tommy! Onde? Como?* — Sophie sentiu-se viva novamente e, mais do que nunca, desejava aquele maldito cigarro. — *É uma mulher. Ela se chama Lauren Helleman e trabalha na limpeza do hospital.* — Sophie deu um sorriso orgulhoso de Anne e suas ideias. — *É funcionária da empresa que presta serviços para o hospital por isso foi mais complicado encontrá-la, mas a Amy conseguiu se aproximar de uma garota da administração que lhe passou a dica. Enfim, depois eu te explico melhor. Estamos com o endereço dela... — E agora? Vocês vão a casa dela? — Claro que vamos! Daqui a pouco. Eu só queria testar uma coisa com você, antes. — Ok, o doutor maluco e a sua cobaia...* — zombou, sentindo-se estranhamente eufórica e Thomas emitiu um breve riso. — *É sério, Claire. — Tudo bem, o que é? — Eu quero que você feche os olhos e se concentre somente na minha voz. — Você vai me hipnotizar, por acaso? — Não, vou apenas tentar uma coisa em que tenho pensado há algum tempo. — Por que você não me diz logo o que é? — Não posso. Feche os olhos* — ordenou, e Sophie percebeu que era realmente sério. — *Tudo bem. — Agora, feche-o de verdade. — Como é que é? — Você fechou apenas as pálpebras, não os olhos. Feche-o pra valer.*

Aquilo não fazia o menor sentido, mas Thomas nunca dizia nada sem sentido. Sophie, então, tentou interpretar a ordem do irmão. Alguns segundos depois ela percebeu que Thomas estava certo. Por alguma estranha razão, era como se ela ainda pudesse "enxergar" ao seu redor, mesmo de olhos fechados. Era como uma visão da memória, das imagens que ficam cravadas no cérebro, mesmo que os olhos estivessem fechados. Ela podia ver à sua volta, o que, na verdade, eram apenas imagens registradas do que ela sabia existir ao seu redor. Podia "ver" a rua, as árvores, a grade baixa de proteção da varanda, até os raios do sol perfurando as nuvens. Mas como apagar aquelas imagens da memória?

Esvaziou a mente e deixou que as cortinas se fechassem sobre seus olhos em algum lugar entre eles e as pálpebras. Sophie sorriu, maravilhada. Depois de tantos anos tendo visões e tentando entender a sua mente, nunca havia realmente tentado *fechar* os olhos. Tão simplesmente fechá-los!

Uau... — É incrível, não? — sussurrou Thomas. *— Eu nunca... — Eu sei... —*

Sophie queria apenas ficar ali, naquela escuridão tranquilizadora, mas Thomas tinha outra coisa em mente.

Agora, pense no quarto da mamãe — Thomas, eu... — Você vai entender, Claire.

Sophie suspirou profundamente e lembrou-se das vezes em que esteve no quarto dela, no final do ano passado, durante as férias em Pretoria. Pensou no quarto aconchegante de Emilie e Peter, nas paredes forradas de um papel de parede delicado amarelo claro com pequenas flores esparsas; nos batentes das janelas e portas pintados de branco, assim como a cama, o criado mudo, a cômoda e o armário. Havia pouco espaço entre a cama e os outros móveis, o que tornava o quarto aconchegante. Viu a colcha florida sobre a cama, os travesseiros altos vestidos com capas finamente acabadas com abas em renda e o quadro grande de uma paisagem à beira de um lago pendurado sobre a cama. Podia sentir a presença de Emilie sentada à beira da cama do casal, sorrindo para ela, ou na poltrona de leitura, concentrada nas páginas de algum livro de romance histórico. Sophie desejou que aquilo fosse real.

Pronto — falou, sentindo uma falta incrível da mãe. *— O que você vê?* — perguntou Thomas e ela lhe descreveu cada detalhe. *— Perfeito!* — exclamou, eufórico. *— Agora, sabe aquela delicada membrana que você acabou de fechar? Abra-a. — Cortina, Thomas. — Cortina? — Acho que vou chamá-la de cortina.* — Thomas riu mais relaxado. *— Como quiser, mana. Então, "descortine-se"* — pronunciou em zombaria.

Sophie não sabia bem como fazê-lo. Era mais fácil fechar tudo do que abrir apenas uma camada, mas o fez, desajeitadamente, e as cores no quarto de Emilie se intensificaram. Havia o brilho do sol entrando pela janela e muitos detalhes foram se acrescentando: um vaso de flor sobre a cômoda, uma calça jogada sobre a pequena poltrona entre o criado mudo e a parede onde ficava a janela; um par de sapatos masculinos ao lado da cama, um livro sobre o criado mudo e, ao lado dele, óculos de leitura. A porta do armário entreaberta e, então, algo aconteceu. Sophie sentiu que caminhava até o armário, esticando o braço e tocando a porta, empurrando-a e fechando-a corretamente. Mas não era realmente a sua mão que ela via. Era a mão de... Impossível...

Thomas! — Me diz o que você viu, Claire.. — Eu vi o quarto, mas com muito mais nitidez. Eu não percebia antes, mas na minha memória, tudo era mais distante e apagado. Agora, sinto-me realmente dentro do quarto. — E o que mais? — Eu caminhei por ele e vi uma mão fechando a porta do guarda roupas. — Sophie parou de falar e pensou, sentindo um frio no estômago. *— Era a sua mão, Thomas? — Fantástico, Claire, isso é fantástico! — Thomas... o que...?*

Ele suspirou e Sophie sentiu o acelerar do batimento cardíaco. Então, Thomas falou, em tom calmo ao mesmo tempo firme e satisfeito.

Você está vendo através dos meus olhos, Claire, em tempo real. Sem visões, sem traumas, você e eu, compartilhando a mesma imagem, não uma lembrança, mas o aqui e agora. — Sua voz ficou trêmula *— Você entende o que isso significa? —* Sophie permaneceu calada. *— Não só podemos nos comunicar em som, mas também em imagens, Claire. Por que eu não pensei nisso antes? — Thomas! — Eu apenas suspeitava disso, quando algumas vezes você me mandava imagens das suas visões, mas assim, compartilhar uma visão real é simplesmente... — O máximo! —* completou Sophie ainda abismada.

Caminhou com Thomas pelo quarto e ele aprontou mais uma. Posicionou-se diante do espelho e Sophie viu o irmão que sorria para ela. Sorria para si mesmo, ou seria a mesma coisa? Sophie não conseguia dizer nada. Sentia os olhos úmidos. Thomas estava iluminado de alegria. Sorria com seus dentes perfeitos e brancos, sua pele bronzeada, seus cabelos escuros como os dela, mas lisos e desgrenhados como sempre. Os olhos verdes iguais aos da mãe lhe sorriam e Sophie gemeu. O amor às vezes doía.

Oh, Thomas! ... — emitiu um choro abafado, levando a mão à boca. — *Obrigada por isso, meu irmão. Obrigada por você existir* — e caiu em um pranto verdadeiro, deixando que toda a tensão dos dias e das semanas anteriores se esvaísse.

Viu Thomas se aproximar do espelho tão perto que, instintivamente, levou a mão à frente para tocá-lo.

Eu imagino que seja como um filme em 3D, não? Aposto que você tentou me pegar à sua frente... — provocou, dando uma risada divertida e Sophie riu com ele, riu dele e da sua estúpida reação. Ela queria abraçá-lo. — *Claire, tem ideia de como isso é...* — *Surpreendente?* — completou Sophie. — *Não. É muito mais do que isso. É... acho que ainda não existe uma palavra para isso.* — Sophie lembrou-se de Nancy e seus amigos, dos estudos que eles faziam. Será que incluía visões compartilhadas, telepatia visual, ou que raio de nome aquilo tivesse? — *Será que conseguiremos fazer o contrário?* — perguntou Sophie. — *Você enxergar o que eu vejo?* — Thomas ficou em silêncio, duvidando que ele teria a mesma capacidade telepática que Sophie, mas não custava tentar.

Bip-bip! Bip-bip! Soava, insistentemente, uma buzina à frente do prédio.

— Sophi! — gritava Anne, impaciente, e a imagem de Thomas desapareceu, assim como o quarto da mãe.

Sophie abriu os olhos, assustada, cega com a luz do dia claro e iluminado pelo sol que já saíra por completo detrás das nuvens.

— Anne? — indagou, espantada, levantando-se ainda meio zonza e piscando, com dificuldade em manter os olhos abertos.

Aos poucos, eles foram se acostumando às formas, cores e luz à sua frente. Caminhou até a grade da varanda e, com esforço, viu Anne pulando ao lado de um carro prateado, parecendo novinho em folha.

— Tá pronta pra passear? — gritou ela da rua.

Sophie abriu-lhe um sorriso.

— Você é maluca?

— Ah, só um pouquinho! — exclamou, praticamente saltitando até o portão.

Claire, eu preciso ir agora. — Tommy, não — Eu preciso ir com a Amy à casa da senhora Helleman. Te chamo de lá. — Claro... A senhora Helleman... Nossa, tenham cuidado — alertou, mas Thomas já não estava mais lá.

Sophie estava prestes a descer as escadas quando ouviu Anne subindo os degraus de dois em dois.

— Anne, você é mesmo doida — afirmou, esperando a amiga chegar ao segundo andar. Anne era pura energia.

— Estava pensando em irmos à Veneza, o que você acha? — perguntou, quando já entravam na cozinha.

— Veneza? Mas você sabe chegar até lá?

— Já ouviu falar em GPS? — Sophie sorriu e Anne começou a fazer a sua mágica com as panelas, na cozinha. — Quer esperar a Kristen ligar? — perguntou, e Sophie, olhando o relógio, balançou a cabeça.

— Não, acho que não. Vamos comer só nós duas mesmo. Quer que eu te ajude?

Anne, como sempre, recusou, mas Sophie ficou ao lado dela assim mesmo, embora se sentisse uma intrusa na cozinha. A todo momento, Anne passava por ela pedindo licença, passando de um lado ao outro pelo corredor estreito. De um lado ficava o fogão e a pia e, do outro, uma bancada de pedra com armários imbutidos. Sophie, por fim, ficou junto à porta, enquanto contava a Anne a sua experiência com Thomas.

Anne ficou perplexa com a ligação cada vez mais profunda – e bizarra − que se formava entre os dois. Quem diria que os pesadelos de infância se transformariam naquela conexão tão intensa. Anne sorria enquanto Sophie tentava lhe explicar qual fora a sua sensação, mas nem de longe ela poderia entender. Ninguém conseguiria. Era algo que fazia parte apenas do mundo de Sophie e Thomas, ou melhor, de Claire e Thomas.

Um cheiro de peixe e pimentão começou a subir pelas laterais do forno e o estômago de Sophie roncou alto ao mesmo tempo em que o celular tocou.

— Ah, olá, Kristen, como vai? — perguntou, fingindo-se surpresa. — Sim, sim, eu entendo. Sem problemas — disse, encolhendo os ombros para Anne. — Claro. Vamos sim. Até lá, então. — Sophie desligou o celular, pensativa.

— E então?

— Ela disse que não vem. Parece que foi chamada para trabalhar fora de hora e estará livre apenas no final de tarde. Ela nos convidou para um café, por volta das sete.

— Será que dá tempo? — perguntou Anne, olhando o relógio de pulso. Era quase meio dia. — Daqui a Veneza são duas horas...

— Então dá. Vamos almoçar e fazer o nosso passeio. Qualquer coisa eu ligo de volta. — Sophie agora tinha o número de telefone de Kristen e isso já lhe garantia um acesso fácil. Estava satisfeita, por enquanto.

— Em que será que ela trabalha? — perguntou Anne e Sophie deu de ombros. Não fazia a menor ideia. Aliás, não sabia quase nada sobre ela, ainda.

O peixe assado com legumes lhes caiu bem e logo estavam se arrumando para a viagem. Sophie vestiu o seu short jeans desfiado e uma camiseta branca com apliques em pedras ao redor do profundo decote. Passou o cinto de corda marrom com uma delicada fivela redonda pelo cós e calçou um par de sapatilhas confortável. Prendeu os cabelos num rabo de cavalo displicente, passou uma camada de rímel nos cílios, um delicado batom e estava pronta.

Anne a observava, sorrindo e, quando Sophie percebeu, virou os olhos para o alto e, ao passar por Anne, deu-lhe com a bolsa no traseiro.

Assim que entraram no carro, um Corsa Vauxhall, Anne advertiu.

— Você vai ter que me ajudar somente com uma coisa. — Sophie olhou-a, curiosa. — A não entrar na contramão. Eu quase bati duas vezes vindo da locadora até aqui. Essa coisa do volante ao contrário é terrível! Sophie caiu na gargalhada, enquanto Anne ligava o carro e o punha em movimento.

Realmente, por duas ou três vezes Sophie teve que chamar a atenção de Anne que entrara pelo lado oposto depois de virar em algumas esquinas, mas, pouco a pouco, ela se acostumou.

— Basta que o lado do motorista fique sempre no meio da rua. Não é simples? — sugeriu Sophie, provocando-a e Anne lhe deu aquele seu olhar "estou pra te esganar". Sophie riu mais ainda.

Em poucos minutos, pegavam a rodovia A1 sentido norte, ouvindo um CD da cantora Adele. Quem ainda levava CDs em viagens ao invés de iPod? Anne. Provavelmente, já tinha ideia de alugar um carro desde quando saíram de Londres, vai saber! Cantavam em voz alta, curtindo aquele momento de pura aventura. Sophie sentia-se leve, o que era raro. O peso da sua vida lhe dava a sensação de ter séculos de idade, esquecendo-se de que não chegara ainda aos trinta.

Uau, pensou. *Estou quase nos trinta.* E lembrou que Anne poderia se casar em breve. Do casamento, partiu para uma pergunta não totalmente intencional, embora tivesse pegado de surpresa até a si mesma.

— Como é o sexo entre você e Brad?

— Ah, sei lá... O que exatamente você quer saber? — indagou, olhando Sophie pelo canto dos olhos. — Sei que você não faz uma pergunta do nada. É por causa do Jesse, não é?

— Talvez... — respondeu, vagamente. Desde que Anne se mostrara solidária a Jesse nas suas fantasias com Adrian, Sophie teve a impressão de que não conhecia a amiga tão bem. Pelo menos, não neste aspecto.

— Bem. Se você quer saber se eu colocaria outra mulher na nossa cama, poupe os seus neurônios. A resposta é NÃO, mas também não condeno quem o faça. — Sophie suspirou, olhando para a paisagem fora da janela, e Anne continuou. — Sexualmente falando, não posso reclamar do Brad. Ele é um homem experiente. Já foi casado, sabe como fazer a coisa. Ele já viveu muito, se é que você me entende.

— Qual homem não viveu? — perguntou, com sarcasmo.

— Não só os homens, mas muitas mulheres também. Tem pessoas que lidam melhor com sexo do que outras.

Sophie pensou em todos os seus parceiros e sentiu-se frustrada. Estaria pronta para passar o resto da vida com apenas uma pessoa? Dormindo e acordando, todos os dias, com o mesmo homem? O sexo, com o passar do tempo, não se tornaria tão tedioso que arriscaria a vida a dois? E quanto às suas próprias fantasias?

— Sabe onde ele e a ex dele se conheceram? — Sophie lançou-lhe um olhar de dúvida. — Em uma festa de swing — afirmou Anne, espantando-se com a própria sinceridade. Embora ela e Sophie fossem mais do que amigas, mais do que irmãs, aquilo se referia à intimidadede Brandon, talvez não fosse justo ser compartilhada.

Sophie ficou com os olhos arregalados e as sobrancelhas tão erguidas que causaram dobras profundas na testa. Anne desatou a rir.

— Você tem que ver a sua cara!

— Anne! — e Sophie riu também. — Eu nunca imaginei! O Brandon?

— Pois é. Confesso que também fiquei um pouco assim — deixou o queixo cair, exageradamente. — Mas, ele fez parecer algo tão natural que não foi difícil entender.

— Não me diga que você já esteve em uma festa como esta e nunca me contou? — Anne permaneceu em silêncio. — Você já esteve! Meu Deus! *Há há há* — gargalhou. Anne riu nervosa, mas logo se recompôs.

— Bem...

— Anne... Eu não acredito... Você já foi mesmo? — Anne apertou os olhos com força. — Você foi! — exclamou Sophie incrédula. — E não me contou? — Sophie parecia mesmo chocada.

— Eu queria contar, mas aconteceu alguns dias antes de você descobrir os emails do Jesse e... bem, achei que não ia ser uma boa hora e...

— Anne, você FOI! Estou chocada! — exclamou, soltando outra gargallhada.— Ah, para com isso! Tô ficando com vergonha! — Sophie não conseguia parar de rir. — Mas foi só uma vez — tratou logo de explicar.

— Anne!!! — Sophie gargalhou, compulsivamente. De novo. — Eu não estou te julgando, sua boba. Estou achando engraçado, só isso... — e continuou a rir. — Como? Onde? — perguntou, enxugando algumas lágrimas que brotavam, com os nós dos dedos.

— Eu não tinha como te contar antes, com tudo o que estava acontecendo entre você, o Jesse e a Adrian... — Sophie se lembrou de uma noite em que Anne e Brandon chegaram em casa sussurrando. Foi no dia em que tivera o primeiro ataque de pânico, na estação de metrô. — Foi por isso eu me senti tão dividida quanto ao Jesse. Eu queria te dar razão. Eu te dou razão! Mas ao mesmo tempo, eu o entendo hoje mais do que eu poderia entender antes.

Sophie parou de rir, lentamente, mergulhando em um silêncio meditativo. Observava Anne com atenção, talvez até com um pouco de admiração e inveja. Sophie tinha fantasias, como qualquer outra pessoa, mas daí a ter coragem de enfrentar os próprios desejos... Ah, tinha que ter coragem. Será que ela teria? Será que fora tão simples para Anne porque estava dividindo o momento com a pessoa que ela amava? Seria diferente ir sozinha a um lugar como este e simplesmente se entregar ao desejo físico, quase carnal? *Oh*... Gemeu alguém, despertando das sombras no seu interior. Como ela gostaria...

— Anne, você me surpreende a cada dia... — Anne riu alto. — Já que estamos em um momento verdade, confesso que uma das minhas fantasias é ir a uma festa assim. — Foi a vez de Anne dirigir-lhe um olhar surpreso, mas não muito. Sophie tinha um quê de sensualidade tão natural que seria difícil não acreditar que, lá no fundo, habitasse uma predadora. — Sei lá — continuou Sophie — um sexo desprovido de compromisso ou relacionamento, uma coisa livre e selvagem. — Sophie suspirou. — Mas quando eu li a resposta do Jesse para Adrian eu fiquei tão furiosa que tudo relacionado ao sexo me dava... nojo, eu acho.

— Até eu ficaria. Olha, ter uma fantasia sexual é uma coisa. Colocar outra pessoa na cama de um casal é outra história. É um passo a frente.

— Sabe, a Nancy me fez pensar em uma coisa e acho que ela tinha razão. Talvez, parte da minha fúria tenha sido sentir que eu era incapaz de oferecer ao Jesse o que ele queria. — Sophie franziu as sombrancelhas. — Ou algo assim.

— Calma lá! — disse Anne, quase batendo o retrovisor em um carro estacionado do lado esquerdo. — Ops... Então... é... Olha, eu não sei o que te irritou mais naquela história toda, mas se fosse comigo, eu teria feito o mesmo escarcéu que você. Ou até pior. Mas passada a fúria, é hora de pensar. Jesse errou. Pronto. Não se discute. Ele não tinha nada que ficar de sexo virtual com a Adrian, ou naquela masturbação mental. O lance agora é pensar outra coisa. Você tem fantasias, ele também. Será que a relação de vocês está madura para viver estas fantasias a dois?

Sophie sentiu um frio no estômago. Poderia muito bem ver a si mesma em uma orgia sexual. Ah, e como. Mas ver Jesse fazendo sexo com outra, ou Jesse participando desta festa com ela, era estranho. O que isso lhe dizia? Que era mais ciumenta do que imaginava? Que era egoísta ou insegura?

O silêncio no carro ficou tão profundo que a voz de Adele em “One and Only” pareceu gritar, até que Sophie retomou o assunto.

— E então, como foi?

— Como foi o que? — perguntou, enquanto os pensamentos davam reviravoltas.

— A festa da suruba — zombou.

— Ei, não é assim como você pensa. Pelo menos não no lugar onde nós fomos — suspirou e continuou. — Bem, era como um bar, com uma pista de dança pequena e pouco iluminada. Aparentemente, são pessoas comuns, bebendo e comendo, nada demais. Só que... — Sophie se mexeu no banco, curiosa. — as pessoas estão ali procurando parceiros para incrementar a sua vida sexual. Na maioria das vezes são casais em busca de outros casais, em busca de uma terceira pessoa ou até mesmo para observar.

— E vocês procuravam o que? — questionou, enquanto Anne corava ao seu lado.

— Nada. Eu queria apenas ver como era. Eu tinha ficado curiosa desde que o Brad me contou sobre como ele conheceu a Bety. Aí, me veio aquela sensação de inferioridade, de não ser como ela era, essas merdas que a gente põe na cabeça. — Sophie riu para si mesma. Sabia bem como era. — Eu nunca tinha pensado nisso antes, em fantasias, quero dizer. Muito menos em ir a uma casa de swing... meu Deus, jamais! Mas aquilo mexeu comigo, sabe. Eu queria ver como era aquele mundo, ver como as pessoas se comportavam. Pura curiosidade.

— E como é?

— É excitante — riu. — É muito excitante. Embora eu não deixasse que ninguém tocasse no meu Brad, ah, mas não mesmo — afirmou, veementemente e Sophie riu alto. Ambas riram. — E ele sabia disso. Eu falei "Brad, nem pensar em fazer graça e se alguém se engraçar pro seu lado, vamos embora na mesma hora". — Sophie deu gargalhadas. — Claro que, em um ambiente assim, as pessoas pensam que você também é liberal então, tem que ter certa distância. Mas eu não estava a fim de participar de nada, era voyeurismo puro. — Sophie desligou o ar condicionado e abriu um pouco a janela. Precisa de ar puro. — Bom, primeiro, foi interessante ver a dinâmica do ambiente. Comecei a perceber que as pessoas olhavam em volta, procurando alguma coisa.

— E estavam mesmo, oras!

— Pois é, estavam, eu sabia, mas quando um casal se aproximou de nós, eu gelei. Eles se aproximaram e ela sorriu pra mim, enquanto ele cumprimentou o Brad com a cabeça. Eu só dei um apertão no braço do Brad e ele fez um sinal para o cara, que pegou a mulher pelo braço, delicadamente, e os dois saíram para o outro lado.

— Só isso? — indagou Sophie, curiosa.

— O que você queria? Que um dos dois tivesse me dado um beijo na boca? — zombou.

— Não, claro que não. Que tivesse enfiado a mão por baixo do seu vestido, talvez — respondeu em risos e Anne ficou ainda mais ruborizada.

— Mas a melhor parte vem agora. — Sophie parou de rir e olhou para ela com os olhos brilhantes. — No fundo do bar, ao lado da pista de dança, tinha um corredor — continuou, entusiasmada. Era ótimo poder falar sobre isso com a sua melhor amiga, afinal. — As paredes, tanto do bar quanto do corredor, eram forradas de um vermelho escuro. Parecia o inferno mesmo — riram as duas, nervosamente — e, neste corredor, havia várias portas com pequenas janelas.

— Como celas em presídios?

— Não, eram janelas maiores e não tinha vidro. Era um buraco que se podia fechar por dentro com uma placa de madeira deslizante — respondeu. — Algumas janelas estavam abertas outras não. Elas davam para dentro de umas cabines onde havia apenas um sofá encostado em uma parede espelhada. Eram salas tão estreitas que, quem quisesse, poderia enfiar a mão e tocar nas pessoas lá dentro! — Sophie soltou um gritinho e Anne riu. — Ou então, as pessoas podiam só assistir.

— E você viu alguém lá dentro? O que você fez? — perguntou, sentindo que a conversa estava lhe deixando excitada.

— Eu fiquei olhando — gargalhou histericamente e Sophie cruzou as pernas e depois as encolheu sobre o banco. — É muito estranho, divertido e excitante ver um casal transando, sabia?

— Ai, meu Deus... Não acredito que você está me falando isso! E o Brad?

— Quer saber mesmo? — Sophie fechou os olhos, divertidamente. — Ficou me esfregando por trás, o maluco — falou entre uma gargalhada e outra. Sophie soltou um grito de espanto.

— Anne, como eu vou olhar pra ele agora? Sempre que eu vir o Brad, vou imaginá-lo como um cachorrinho agarrado à sua perna... — gargalhou, perdendo o fôlego — enquanto você baba num casal transando em uma cabine!

Claire? — Oh, não, Thomas, agora não! Pensou, temendo que ele a ouvisse. — *Claire?* — insistiu ele e Sophie respondeu. — *Oi* — disse, contendo o riso. — *Nada feito.* — *Nada feito o que?* — *A testemunha.* — Sophie precisou de um tempo para se recompor. — *Ah, ela não quer falar?* — *Não, ela não estava em casa. Perguntamos aos vizinhos e ela só vem pra casa à noite. Vamos tentar mais tarde.* — *Certo, então* — respondeu depressa demais. — *Você está bem?* — *Hã, claro! Tudo bem. Estou com a Anne a caminho de Veneza.* — *Legal. Depois nos falamos, então.* — *Ok.*

Sophie sentiu-se aliviada por não ter que dar atenção a Thomas e entrar com ele na casa de uma testemunha de erro médico, justo agora. Não poderia ser menos excitante.

— E quer saber mais? — perguntou Anne, enxugando o canto dos olhos de tanto rir.

— Tem mais? — questionou, gemendo.

— Fomos a uma daquelas cabines e transamos. Duas vezes!

— Anne! — gritou. — Com a tal janelinha aberta? — perguntou, gargalhando.

— Não, de jeito nenhum!

— Sua pervertida! Eu nunca poderia imaginar! — exclamou, tentando recuperar o fôlego que havia fugido pela janela.

— Ahh... — gemeu Anne, recompondo-se. — Foi a noite mais excitante em toda a minha vida — confessou.

— E vocês não voltaram mais lá?

— Não — respondeu, em um tom mais baixo.

— Por que?

— Ah, sei lá — recompô-se. — Acho que quando se parte para uma coisa assim, é difícil voltar ao "normal". São passos que você dá em direção a um mundo onde não há limites — respondeu, compenetrada. — E eu gosto dos meus limites — concluiu, erguendo as sobrancelhas. Sophie suspirou.

— De limites eu entendo... — murmurou. — Eu acho que jamais iria a um lugar assim com o Jesse... — murmurou.

— Será? Olha, Sophi. Eu diria a mesma coisa um ano atrás, mas eu acho que é falta de oportunidade. Se Jesse te chamasse para fazer algo assim, tem certeza que você não iria? Estou falando de irem juntos, para sentir o clima, não como se fosse uma caçada. Aliás, acho que nada acontece assim, de uma hora pra outra na vida de um casal. Veja eu e o Brad, por exemplo. Fomos lá, nos divertimos, muito, aliás, e parou por aí. Talvez a gente volte, como observadores, de novo, porque este é o meu limite. Mas tem casais cujos limites são mais amplos e eles são felizes assim. Ou não, sei lá, não me interessa. O fato é que quando a coisa acontece em comum acordo, nada pode dar errado.

Sophie abriu a boca para comentar e fechou os lábios, lentamente. Não estava certa. Se lhe perguntassem a mesma coisa dois meses atrás, diria que não, mas agora, já não sabia de mais nada. Sem dúvida, Anne lhe havia aberto os olhos para algumas possibilidades. Sentiu ondas subirem e descerem pelo estômago e os seios pareciam estar mais intumescidos. Ergueu os joellhos, novamente, e apoiou os pés descalços no banco, sentindo o vento morno lamber-lhe as pernas nuas.

— Sophi?

— Mmm...

— Em que você está pensando? — perguntou Anne, depois de longos minutos de silêncio entre as duas, levando uma garrafa de água á boca, enquanto Adele ainda cantava nos alto-falantes.

— Que eu preciso de sexo urgente!

Anne cuspiu a água, tossindo e engasgando violentamente, sem saber se ria ou respirava. Sophe lhe deu tapas nas costas rindo, mas era a pura verdade. Precisava liberar aquela energia acumulada. Caso contrário, estrangularia Kristen ela mesma!

Anne quase perdeu a entrada da rodovia A22 em direção a Verona, mas o GPS fora tão insistente que ela percebeu antes de cometer o erro. Uma hora e meia depois, estava estacionando o carro à beira da lagoa, de onde pegaram uma balsa até a Piazza San Marco.

Sophie ficou particularmente encantada. Tudo lhe pareceu exótico e sensual. Cento e setenta metros de caminhada por entre os palácios mais ricos e belos da história italiana, embora deixasse a admiração arquitetônica para Anne. Pensava nos bailes de máscaras venezianos e na corte que os homens faziam às mulheres naquela época. Viajou em pensamentos pelas ruas de Veneza, imaginando as mulheres em seus longos e pesados vestidos sendo beijadas e tocadas por homens mascarados, usando longas túnicas negras que lhe escondiam a identidade. Rico, pobre, médico, gondoleiro, até mesmo mulheres se travestiam de homens e se mascaravam, sentindo-se livres para ser e viver o que quisessem. Todos nus sob o manto do anonimato.

Sophie imaginou-se uma daquelas mulheres, sendo possuída nos escuros e úmidos corredores murados da cidade. Estava desesperadamente excitada. Sentia-se atraída por qualquer coisa.

Anne aproveitou os devaneios sexuais de Sophie e roubou-lhe a câmera das mãos, tirando dezenas de fotos dela, que tinha as pupilas brilhantemente dilatadas e os cabelos soltos sob o sol do Veneto, parecendo ela mesma uma das inúmeras modelos que tanto via nas fotos na redação da revista onde trabalhava.

Ainda levada por seus pensamentos eróticos e libertinos, Sophie comprou duas máscaras, uma de Colombina, em metal preto com pedras de Swarovski que lhe cobria apenas em volta dos olhos e ligeiramente o nariz, e outra de meio rosto, em gesso delicado, com detalhes em pérolas e dourado, em forma de gato − conhecida como Gnaga − vestindo-lhe desde o topo da cabeça até a altura da boca, com direito a duas orelhas pontudas delicadamente trabalhadas.

— Sabia que tiveram que fazer uma lei que limitava o uso das máscaras para somente durante o Carnaval, aqui em Veneza? — indagou Sophie, olhando-se em um pequeno espelho pendurado na lateral de um quiosque em meio à Piazza San Marco.

— Quer dizer que eles usavam máscaras nas ruas, normalmente, antes dessa tal lei?

— Ãhã... — afirmou, sentindo uma estranha excitação ondular em seu corpo quando viu, pelo espelho, um homem alto, moreno e com traços fortes encarando-a.

Sentiu um calafrio e, como um sopro de inverno, sua alma se encolheu. Tirou a máscara rapidamente enquanto Anne pagava pelos souvenires. Comprara também uma máscara e algumas gôndolas em metal fundido em miniaturas.

Mais tarde, estavam em um charmoso café em uma ruazinha estreita e entulhada de gente, quando Anne olhou o relógio e gemeu. Eram já quase seis da tarde.

— O encontro com a Kristen! — saíram correndo, carregando sacolas e tropeçando em mesas, rindo e se desculpando.

Pegaram a balsa de volta e Anne ficou em dúvida se queria passar a lua de mel em Roma ou em Veneza. Para Sophie, nada se comparava àquela cidade. Fosse por seu estado de espírito elétrico e desejoso ou pelas mais estranhas fantasias sexuais que insistiam em surgir em sua mente, Sophie sentia que poderia se perder em Veneza. Perder-se em tudo e de todas as maneiras. Queria apenas sentir, viver e explorar.

Chegando a Reggio Emilia, a pequena cidade de pouco mais de cento e cinquenta mil habitantes, restava-lhe apenas Kristen, ou melhor, salvar Kristen do que quer que a aguardasse. Nunca se sentira tão longe do erótico. Rezou, profunda e desesperadamente, para que tudo não passasse de uma lembrança do passado para que ela pudesse voltar para casa e para Jesse. Para os braços e os beijos de Jesse. Que se danassem os emails e os vídeos de Adrian. E que se danasse Ashley e suas ameaças tenebrosas. Sophie queria viver, deixar que a sua energia explodisse em êxtase e, depois, lidaria com Ashley ela mesma quando a sociopata decidisse ser menos covarde e desse as caras.

Ligou para Kristen duas vezes, mas ela não respondera a nenhuma das duas tentativas. Mesmo assim, foram ao café. Sophie sentiu-se frustrada e irritada. Seus olhares não buscavam mais a garota jovem de cabelos quase ruivos, mas olhares masculinos e desesperados como os dela. Pela primeira vez, percebeu o quanto os italianos eram bonitos com seus narizes proeminentes e maxilares bem feitos. Corpos bem cuidados e bronzeados.

Estou enlouquecendo, surtando como uma ninfomaníaca.

— Ah, vocês estão aí! — exclamou Kristen, pousando uma das mãos no ombro de Sophie, vindo por trás. Sophie pulou na cadeira, assustada.

— Kristen! — exclamou, encarando os olhos azuis infantis de Kristen que sorria com os lábios brilhantes num batom luminoso e muito vermelho. Os cabelos estavam soltos e volumosos. Usava um vestido curto muito estampado, com decote de um ombro só, colado ao corpo. Estava diferente da menina ingênua e desprotegida, mas não chegava a ser vulgar.

— Estávamos pensando em comer alguma coisa, você quer? — perguntou Anne enquanto Kristen puxava uma cadeira e se sentava ao lado dela.

— Ah, seria ótimo, mas tenho um compromisso daqui a pouco.

Sophie queria lhe perguntar aonde iria, mas não se sentiu à vontade. De um minuto ao outro a sua inquietação se transformara em angustia.

— Podemos esperar por você, se quiser — insistiu Anne, e Sophie ficou aliviada por não ter que falar nada.

A fisgada atrás da orelha retornara e ela olhou rapidamente para os lados. Procurou por olhares que exalassem desejo de vingança, mas só encontrou olhares curiosos e admirados sobre três mulheres bonitas, jovens e desacompanhadas.

— Não precisa, vou demorar. Vou com uma amiga à casa dos pais dela, nas montanhas. Vocês já conhecem as montanhas aqui perto?

O estômago de Sophie se contraiu e algumas imagens piscaram em sua mente. As mesmas de sempre, com exceção a uma: um punhal que roçava sobre a pele do braço nu de Kristen amarrada à cama. Sophie tremeu por dentro. *Um punhal!* Pôde ver também detalhes do ambiente. A cama era dossel, com tecidos pretos transparentes presos aos longos braços de madeira que subiam ao topo da armação, como cortinas abertas, e as paredes eram listradas de preto e verde escuro.

— Não, ainda não — respondeu Anne, enquanto Sophie lutava para sorrir, sentindo um suor frio escorrer-lhe das axilas.

Kristen começou a enumerar cidades e mais cidades vizinhas, todas com vistas lindíssimas dos apeninos regianos, e Sophie parou de ouvir. Havia algo diferente naquela visão. Embora a cena fosse a mesma, as sensações eram outras. Não havia o desejo insano de matar, apenas uma curiosidade latente, como se o agressor estivesse analisando as possibilidades. *Furar ou rasgar? Abrir a carne e observar o sangue fluir ou cortar em pedacinhos?* Não podia ouvir os pensamentos, mas podia senti-los. *Enforcar, sentir a vida se desfazer em minhas mãos. Definitivamente!* Decidiu-se e Sophie entrou em convulsão interna.

— Com certeza precisamos conhecer. Hoje alugamos um carro e fomos a Veneza... — comentava Anne, observando os dedos de Sophie que começavam a tremer sobre a mesa.

Kristen não percebera, estava atenta à conversa com Anne, como se Sophie nem estivesse ali, mas Anne sabia que algo ruim poderia acontecer de um momento ao outro. Quis chamá-la, tirá-la daquele transe que mal iniciara, mas isso poderia despertar a atenção de Kristen. E o que aconteceria depois? *Oh, Sophie, volte!* Sophie, entretanto, estava mais presa do que nunca a uma mente diabólica e pôde ver o quarto onde estavam. Era grande, as paredes pintadas de verde escuro com listras pretas e painéis de madeira formando desenhos geométricos em alguns cantos; uma grande poltrona antiga forrada com um tecido mesclado de cinza e marrom, ligeiramente mais escuro do que o carpete do chão. Era um quarto sóbrio, cuidadosamente decorado como se cada detalhe fosse planejado atentamente para lhe render quente, harmonioso, ao mesmo tempo sensual e acolhedor.

— Sophie, você está bem? — perguntou Kristen, e Sophie não respondeu. — Sophie? — chamou novamente, buscando respostas nos olhos de Anne que encarava Sophie implorando para que ela estivesse bem e pudesse responder.

— Sophie? — chamou Anne, com uma voz firme e as imagens desapareceram da sua mente. Sophie estava desesperada para respirar. Inalou o mais profundo que pôde e piscou várias vezes.

— Desculpe... Eu estava distraída... — respondeu, ainda meio sem fôlego.

— Nossa, você me assustou — disse Kristen, com a testa franzida.

— Ah, não liga não. Ela ficou assim o dia todo. Suspirando e sonhando... — comentou Anne, tentando parecer divertida.

— Pensando no namorado? — perguntou Kristen, sorrindo descontraída, colocando os cotovelos na mesa e apoiando o queixo entre as mãos.

Tão linda e tão meiga... Sophie quis protegê-la das suas visões, protegê-la do seu futuro. Ela não tinha mais dúvidas. O que via não era sobre o passado, mas sobre algo que estava prestes a acontecer. A menos que ela fizesse alguma coisa.

— Não exatamente. Nós terminamos há um mês — respondeu, mecanicamente.

— Oh, eu sinto muito — falou Kristen.

— Tudo bem... — disse mais para si mesma.

— Sophie, você não quer comer alguma coisa? Está pálida como cera! — exclamou Anne, e Sophie sorriu. Kristen olhou o relógio e deu um salto para trás.

— Nossa! Tenho que ir — pegou a bolsa da cadeira, sorriu e prometeu ligar no dia seguinte.

— Kristen, tenha cuidado! — exclamou Sophie sem querer, e ela lhe deu um sorriso intrigado, voltando às costas para elas e saindo apressada, desaparecendo na esquina onde ficava uma joalheria.

Sophie se debruçou pesadamente sobre a mesa e Anne lhe agarrou a mão.

— O que aconteceu? — ela lhe contou o que vira e o que sentira e Anne mordeu o lábio inferior, balançando a cabeça. — Isso não está certo... — murmurou. — Não mesmo!

— Eu preciso saber mais sobre ela, Anne. Ou isso vai me torturar a vida inteira.

— Não, Sophi. Quando formos embora, tudo vai passar, você vai ver.

Sophie percebeu uma verdade aterradora. Ela não poderia ir embora sem descobrir o que estava acontecendo. Sophie não voltaria com Anne para casa dali a poucos dias, a menos que corresse contra o tempo e usasse todas as possibilidades para conhecer Kristen, desvendar Kristen. Salvar Kristen.

Capítulo 15

Sophie ficou calada praticamente todo o jantar, limitando-se a concordar com Anne sobre alguma coisa que ela comentara sobre a viagem do dia. Ainda tinham o domingo para usufruir do carro e Anne sugeriu que fossem, no dia seguinte, conhecer as montanhas das quais Kristen havia falado. Sophie concordou, mecanicamente, sentindo dores de cabeça fortíssimas. Estava enjoada demais para fazer planos que fossem além de um banho refrescante e uma boa noite de sono.

Tão logo chegaram a casa, Sophie foi ao banheiro e, enquanto a banheira se enchia de uma água morna e convidativa, vomitou, colocando para fora a repulsa de tudo o que sentia e via na visão com Kristen. Ficou sentada no chão por alguns minutos vendo a torneira escorrer a água transparente para dentro da banheira. Queria apenas se esconder lá dentro e esquecer que o mundo existia.

Deixou-se mergulhar naquele líquido perfumado com essências que encontrara em um dos armários do banheiro. Cheirava a rosas e jasmim. A tensão dos seus músculos começou a se dissolver e Sophie sentiu-se envolvida por uma calma que, lentamente, se apoderava de seu corpo. Fechou os olhos e temeu dormir ali mesmo. Desejava isso, na verdade. Desejava muitas coisas que temia; ou temia exatamente porque as desejava? Andava muito confusa, ultimamente.

Sentia-se partida ao meio, a começar por Kristen. Temia por ela, mas não negava que a sensação de poder que sentia durante a visão era intensa. Segundo item da lista: Jesse. Condenava a atitude dele, mas sentiu-se extremamente excitada e curiosa com a experiência de Anne. Seguindo, havia Adrian, um misto de piedade e desprezo, embora ultimamente não tivesse sentido nada. Por fim, Ashley, uma coisa incômoda, ainda indecifrável em sua mente. Uma personalidade cruel, mesquinha e perigosa. O coração de Sophie encolheu.

Enquanto as peças do seu drama pessoal tentavam se encaixar em sua cabeça, Sophie teve um insight. O que sentia durante as visões era visceral, era vingativo, era feminino. *Um crime passional e idealizado por uma mulher!* Remexeu-se na banheira com violência e ondas de água se ergueram e caíram sobre o chão de mármore bege escuro.

Em suas visões, nunca vira Kristen sendo realmente assassinada ou torturada. Havia um plano, apenas. Um plano que ainda estava sendo elaborado. Um plano que parecia vir de uma mente obstinada, ao mesmo tempo delicada. Sophie se identificava com ela, era íntimo demais para ser pensado por um homem. A voz que ouvira durante a visão naquele dia também era feminina, embora nem sempre isso refletisse a realidade. Não havia violência sexual, fossem nas visões quanto nas intenções. Definitivamente, Kristen estava no caminho de outra mulher. No caminho, ou já passara por ele tão intensamente ao ponto de fazer a outra mulher pensar e repensar em um plano para pegá-la, amarrá-la a uma cama e... ainda não sabia. Estava indecisa entre furar, rasgar ou estrangular. Atualmente, a última opção parecia ser a mais tentadora. Agora, Sophie tinha pelo menos uma certeza: a outra pessoa era uma mulher. Qual seria o motivo? Sexo, dinheiro ou vingança?

Sentiu uma ansiedade prazerosa percorrer-lhe o corpo. Estava chegando mais perto das respostas e isso a excitava. Ondas subiam e desciam como correntes de energia e, mesmo imersa, sentiu a pele se eriçar. A água da banheira esfriou e Sophie nem percebeu. Sua mente passeava por dezenas de teorias, enquanto suas mãos massageavam seu corpo em áreas delicidas e desejosas pelo toque de seus dedos.

Na manhã seguinte, achou que sonhara com Thomas. Ainda ouvia a sua voz chamando-a em desespero: *Claire, Claire!* Com um pouco mais de atenção, deu-se conta de que não era sonho, era mesmo Thomas a chamá-la.

Thomas? O que foi? Que horas são? — Desculpe, mana. É cedo ainda, mas é difícil pegar essa mulher em casa. — Ah, tá... A senhora Helleman, é claro. — Claire, você está bem desperta? — Estou tentando... — respondeu, esforçando-se para se sentar na cama. — *Preciso que você entre comigo, está bem? — Entrar? — Sim, na casa dela. — Hã... claro, posso tentar* — disse, piscando freneticamente os olhos e vendo a claridade do amanhecer começando a entrar pela janela.

Sophie inspirou profundamente e achou melhor se sentar para não correr o risco de cair no sono. Posicionou-se confortavelmente com as pernas cruzadas na cama e fechou os olhos. De repente, pareceu-lhe absurdo e bizarro "entrar" com Thomas na casa da mulher. Não fazia o menor sentido. Ou fazia? Estava sonolenta demais para pensar muito sobre isso e apenas obedeceu.

O que você vê? — perguntou Thomas, impaciente.

Ele sabia que seria uma prova dura. Diferente do quarto da mãe − que tinha como pontapé inicial uma lembrança gravada na mente de Sophie −, aquele bairro pobre de chão de terra batida, cujas casas eram mal acabadas e davam uma impressão de que quase tudo ali era marrom, era outra história. Ou ela via através dos olhos dele, ou não via nada. Não havia o que a levasse a criar quele cenário.

Sophie ficou em silêncio por alguns segundos, controlando seu próprio corpo, tentando entrar na mente de Thomas. *Vamos, garota*. Pensava ele ao mesmo tempo em que se concentrava em cada detalhe da rua e em sua ligação com a irmã. Por uma fração de segundo Thomas arriscaria dizer que sentira a energia da mãe fluindo por ele e unindo os dois irmãos, sabe-se lá como. Seria tão difícil para Sophie quanto estava sendo para ele, naquele momento?

Vejo uma rua de terra — começou Sophie — *carros velhos estacionados, casas mal acabadas, cercas de madeira e telas de arame entre as casas. Poucas e ralas arvores...* — fez uma pausa e continuou. — *Ouço cachorros latindo e parece que não tem ninguém na rua...*

Thomas ficou maravilhado... e emocionado. Sophie estava ali com ele. Ela podia sentir o que ele sentia e ele sentia a sua presença com ele, dentro dele, por todo o seu corpo. Eram apenas um.

Oh meu Deus, Claire, conseguimos de novo! — e Sophie riu emitindo apenas um som nasal. Estava muito concentrada para arriscar a perder o foco em risinhos. — *E agora?* — perguntou, vendo Amy se colocar à frente de Thomas, sorrindo. Sophie ficou feliz ao vê-la. Pobre Amy. Tão jovem e bonita, enfrentando uma história tão triste. — *Diz olá a Amy, por mim e pode falar que os brincos ficaram ótimos.*

Thomas deu-lhe o recado e Sophie viu quando Amy levou as mãos às orelhas, atônita. Fora um presente que ela lhe dera de Natal e, pelo que Sophie sabia, Thomas não havia nem notado os brincos de pedras pendurados nos lóbulos finos e delicados de Amy. Sophie queria que Amy acreditasse que ela estava realmente ali. Tinha que lhe dar uma prova e, aparentemente, funcionara. Os olhos de Amy vasculhavam as pupilas de Thomas, como se pudesse ver Sophie dentro dele. Thomas riu.

Que história é essa dos brincos? Amy parece querer me dissecar, como eu fiz quando era criança. Destruí um rádio a pilhas pra encontrar o locutor dentro dele.

Sophie riu, mas se manteve concentrada. Ela via uma casa simples se aproximando dos olhos de Thomas. Era a casa da Sra. Helleman, deduziu. Thomas começou a ficar tenso. Ela podia sentir isso nele. Sentir nela.

Sophie viu o portão de madeira se abrir. A porta da frente, com a pintura verde claro descascada, aproximava-se no seu campo de visão e a mão de Thomas bateu três vezes nela. A espera foi angustiante. Ele bateu novamente e, ao fundo, ouviu-se uma tosse rouca. Chinelos se arrastaram e, ao lado da porta, uma cortina de rendas se afastou, mostrando o rosto cansado de uma mulher olhando-os com indiferença.

— Sra. Helleman? Desculpe acordá-la — disse Amy com uma voz fina e insegura —, mas precisamos muito falar com a senhora. Só a senhora pode nos ajudar. — Sophie podia sentir a tensão na voz de Amy.

A mulher franziu as sobrancelhas e a cortina se fechou. Sophie sentiu a ansiedade de Thomas aumentar, principalmente quando ouviu o baruho da chave virando na fechadura e, segundos depois, a porta se abria. Lauren Helleman parecia mais do que cansada. Parecia doente. Tinha aspecto febril, as pálpebras estavam caídas, a pele muito pálida, a boca seca e os cabelos pretos muito finos e ralos estavam ensebados, colados à cabeça.

— Pois não? — perguntou, com dificuldade.

— Me desculpe, não sabíamos que a senhora estava doente, mas é mesmo caso de vida ou morte — justificou-se Amy.

Os olhos negros da mulher à sua frente demonstraram uma preocupação superficial. Vida ou morte não era uma situação incomum por aquelas bandas. A mulher olhou Amy de cima a baixo e estalou a língua com descaso.

— Por favor! — Insistiu. A menina parecia mesmo desesperada.

Lauren se afastou, deixando-os passar e Sophie sentiu uma estranha tolerância vinda daquela mulher, como se estivesse sempre esperando que alguém lhe batesse à porta e lhe pedisse ajuda. Não era raro que algum morador do bairro viesse lhe pedir um conselho médico, embora fosse apenas uma faxineira de um hospital. Mas todos sabiam que Lauren Helleman era melhor do que muitos médicos que havia na cidade, sentiu Sophie, através da mulher que, agora, fechava a porta atrás deles.

Thomas, ela não é só uma faxineira ela... Ainda não sei. — alertou Sophie, vendo quando Lauren os convidou a sentar em cadeiras forradas com fórmicas vermelhas, abandonadas em um canto da sala, ligeiramente rachadas em volta dos pegos que as mantinham atacadas à armação de ferro. O gesto deixou evidente a mão direita com os dedos amputados. Não havia mais dúvida de que estavam no lugar certo e, muito menos, de que a visão de Sophie fosse verdadeira.

— Sra. Helleman, meu nome é Thomas Groen e esta é a minha namorada Amy. — Os olhos cansados da mulher os encararam com curiosidade.

— A minha mãe... — interrompeu Amy, tendo que engolir uma saliva involuntária. — Ela morreu no West Hospital, onde a senhora trabalha, e temos certeza de que não foi uma morte natural.

— Acreditamos que tenha sido um erro médico — continuou Thomas, e Helleman ajeitou seu pesado corpo na cadeira.

— Na verdade, acho que os médicos, ao invés de tentar salvá-la, deixaram-na morrer — afirmou Amy, dolorosamente.

— E, depois, encobriram as pistas — concluiu Thomas.

Lauren se levantou com dificuldade. Além de doente, estava muito acima do peso. Usava um vestido simples à altura dos joelhos e viam-se grossas varizes em suas pernas. Ela parecia ter quase sessenta anos, embora tivesse apenas quarenta.

— E em que eu posso ajudar vocês? — perguntou, virando-se de costas para eles, como se não os quisesse encarar. Como se soubesse que não teria coragem de mentir se estivesse olhando diretamente para os olhos azuis e tristes daquela menina frágil a sua frente.

— Achamos que a senhora pode ter visto ou ouvido alguma coisa — sugeriu Thomas, tentando demonstrar uma segurança que poderia se tornar um grande tiro no pé. Sophie se encolheu na cama a milhares de milhas de distância.

— E por que vocês acham isso? — perguntou a mulher corpulenta que, agora, tirava uma jarra de água de dentro de uma geladeira que pendia para o lado direito.

Apesar de viver em extrema simplicidade, a casa de Lauren era limpa e cheirava a cera de chão. Vasos de flores de plásticos se misturavam às flores colhidas de um jardim qualquer. Enfeites e fotografias enchiam prateleiras de uma estante de madeira junto à parede da entrada. Fotografias antigas, de uma juventude há muito tempo deixada para trás. Sophie começou a sentir o peso da vida de Lauren em seus próprios ombros. A casa tinha um ar triste e nostálgico de um passado feliz que não voltaria mais.

A cozinha ficava a poucos passos, separada por uma cortina que pendia em finas tiras de plástico, dando a Lauren um aspecto caleidoscópico para quem a visse de um determinado ângulo da sala, como Thomas.

— Uma pessoa me disse que a senhora fez perguntas sobre alguns documentos clínicos da minha mãe. Não é verdade? — questionou Amy, pegando Sophie e Lauren de surpresa. Lauren voltou da cozinha com um pouco mais de destreza, sem oferecer-lhes nada para beber. Não tinha intenção de prolongar a conversa que a tirara do seu cochilo febril.

— Eu sempre me preocupo com os pacientes do meu andar — justificou-se e Thomas percebeu que Lauren falava como uma profissional de saúde, não como uma pessoa simples da limpeza. Sophie tinha razão, então, ele arriscou, acreditando ter desvendado a tristeza por trás daqueles olhos negros e pequenos.

— Foi uma pena a senhora não ter sido médica. Aposto que seria uma excelente profissional. Até mesmo uma enfermeira excepcional — falou, dando-lhe um sorriso sincero, esperando a sua reação.

Lauren se sentou, soltando o ar pesadamente dos pulmões, e depois reagiu ao comentário de Thomas sem muito entusiasmo.

— O pior de se ter um sonho é vê-lo se tornar real para depois ser destruído, meu jovem — murmurou. Thomas percebeu a vontade dela de esconder as mãos ou, talvez, mudar o passado.

— A minha mãe se chamava Ester Abbot. A senhora se lembra dela, não? — perguntou Amy, ansiosamente, e Lauren apenas baixou os olhos, como se estivesse cansada de fugir da própria consciência. Suspirou.

— Sim, eu me lembro dela.

— O que houve com ela, senhora Helleman? Por favor. Por favor... — implorou Amy e Thomas segurou as mãos da namorada com ternura.

A imagem de Lauren sentada à frente de Thomas e Amy, com olhos cansados e interrogativos, perdia o foco na mente de Sophie. *Tommy? O que está acontecendo?* — mas Thomas não respondia e Sophie passou a sentir que se afastava dele, lentamente, entrando em uma sucessão de imagens confusas, carregadas de tristeza.

Thomas! — exclamou, mas sentiu apenas uma brisa fria passando pelas frestas abertas entre a sua mente e a de Lauren.

— Vivemos tempos estranhos, sabe... — divagou Lauren para uma plateia de jovens ansiosos, enquanto Sophie via outra Lauren à sua frente, caminhando por um corredor de hospital. Um pouco mais nova, mais bem cuidada e, indiscutivelmente, mais feliz.

Desta vez, ela era uma enfermeira e todos sorriam para ela. Colegas, pacientes, médicos. Lauren passou por Sophie sem vê-la, vestida com um longo jaleco branco, postura ereta e cabelos ocultos em uma touca maculada. Dava para perceber que até os cabelos eram mais volumosos e cheiravam melhor. O sorriso era leve e radiante. Diferente da Lauren, que olhava Thomas e Amy, e que não conseguia nem mesmo sorrir.

— Desculpe, garotos, mas acho que não posso ajudá-los — pronunciou, levantando-se da cadeira. Thomas movimentou-se também e parou diante dela.

— Por favor, senhora Helleman. A senhora pode ajudar esta família a fazer justiça e eu sei que isso é importante para a senhora. Fazer a coisa certa.

Ela foi uma enfermeira, Thomas. Era feliz e todos gostavam dela, mas algo deu errado. Não sei bem o que — sussurrou Sophie sem saber se Thomas a ouviria. Sophie era bombardeada por uma tensão vinda de Lauren. Uma tensão que apenas quem viveu o fim do Apartheid saberia entender. Os conflitos raciais dos quais Sophie somente ouvira falar, não chegariam aos pés do que fora em Pretoria durante o regime de segregação racial e muito menos do que veio depois. Thomas, porém, sabia, nascera naquele país e conhecia a sua história. Pôde deduzir − com grande margem de acerto − o que passava pela mente de Lauren e o que ela sofrera.

— Senhora Hellmen, se a senhora nos ajudar, eu prometo tentar ajudá-la também. Eu imagino o que a senhora tenha passado. A injustiça não se limita aos negros, indianos ou chineses, neste país. Não é mesmo? Muita gente foi deixada de lado para o benefício de outros, não é verdade? — Lauren olhou Thomas com uma expressão conformada nos olhos de quem já se cansou de lutar. — Eu sei, Sra Helleman. — disse Thomas, desviando os olhos para a mão dela, balançando a cabeça em desagravo. — A senhora deve ter sido uma das primeiras, não foi?

Lauren desviou o olhar. Olhava para a porta, pensando se deveria mandá-los embora com seus desejos infantis de justiça ou ajudá-los. Havia perdido a força há muitos anos, mas Ester Abbott, ela gostava dela. Gostava da mulher que lhe sorria, mesmo deitada e cheia de dores, ela sempre lhe fora gentil. Elas conversaram um dia e Lauren soube da filha Amy, que agora estava diante dela, suplicando pela sua ajuda. Elas conversaram e Ester tinha tantos planos. Lauren olhara o seu prontuário, discretamente e vira que os prognósticos não eram tão ruins. Por isso, quando Ester voltou da cirurgia com tremores e febre alta, Lauren teve certeza do que lhe haviam feito. Esperou por providências, mas ninguém fez nada.

Sophie sentia a angustia crescente dentro daquela mente cansada, triste e doente, mas não sabia o motivo. Ainda. Thomas sentiu a tensão e o conflito crescerem nos olhos daquela mulher.

— Eu não quero comprar a sua lealdade, senhora Hellmen, mas eu prometo fazer o que eu puder para mudar a sua situação, mesmo que a senhora decida que não quer ou não pode nos ajudar. Vejo injustiças todos os dias e estou ficando cansado disso, também.

Sophie conectou-se novamente às lembranças de Lauren que, naquele momento, chorava sozinha, sentada em uma casa praticamente sem móveis, sentindo-se despedaçada e sem perspectiva.

As imagens, de repente, sumiram, deixando Sophie perdida em um mundo entre um passado muito distante e outro mais recente. Lauren, empurrando um pesado carrinho de limpeza pelos corredores de outro hospital; Lauren limpando o chão de um quarto, observando com o canto dos olhos as plaquetas penduradas nos leitos hospitalares; Lauren lendo as plaquetas, rapidamente, temendo ser flagrada por alguém; Ester sorrindo gentilmente para ela; Lauren atrás da porta, ouvindo os dois médicos elaborando a ocultação dos erros cometidos em uma cirurgia desastrosa; Lauren engolindo a sua revolta; Lauren triste, frustrada, amedrontada, enfraquecida. E, finalmente, Lauren doente que caminhava até a porta da sua casa, pedindo que aquele casal de jovens à sua frente a deixasse em paz.

Thomas deixe-a pensar. Deixe-a em paz por enquanto — sugeriu Sophie, de volta a Thomas e Amy.

— Senhora Helleman, obrigada por ter-nos recebido em sua casa. Por favor, se quiser nos falar, ligue-me a qualquer hora — disse Thomas, entregando-lhe o seu cartão de visitas.

Lauren baixou os olhos, analisando aquele pequeno pedaço de papel nas mãos do jovem educado e sensível à sua frente. Fitou a garota ao lado dele, pálida e arrasada em sua perda; estendeu a mão e pegou o cartão entre os dedos, com hesitação. Ela queria ajudá-los. Mas achava que não o faria. Não teria como.

— Senhora Helleman... — murmurou Amy. — Não tenho como trazer minha mãe de volta, mas posso fazer justiça em nome dela. Posso ajudar meu pai a superar a perda da mulher que ele amava, mas eu preciso da senhora para isso. Por favor... Minha mãe... ela não merecia morrer assim.

Seus olhos ficaram brilhantes e marejados e Lauren esticou os lábios finos em um sorriso trêmulo e sem vida. Afastou-se da porta e convidou-os a sair. Assim que entraram no carro, Amy caiu em um choro profundo e inconsolável. Nada traria, realmente, a mãe de volta. Ela morrera. Nunca mais a veria, nunca mais sentiria o seu abraço delicado ou o seu cheiro. Nunca mais ouviria a sua gargalhada quando Amy lhe contava uma piada infame e muito menos, comeria da sua comida ou deitaria ao seu lado no sofá, de noite. Sua mãe estava morta. Sua mãe fora vítima de um ato horrendo e seu pai estava sendo massacrado pela falta de ferramentas para fazer-lhe justiça.

— Amy, tenha calma. Sabíamos que ela poderia reagir dessa forma — dizia Thomas, calmamente. — Não é fácil para uma pessoa como ela se levantar e ir contra uma equipe médica. Demos um tempo a ela, está bem? — sugeriu, afastou os cabelos louros e finos que cobriam a lateral do rosto de Amy, envolvendo-a em seus braços e puxando-a para o seu peito. — Fique calma... Nós vamos conseguir — beijou-lhe a cabeça.

Sophie sentiu o coração diminuir de tamanho enquanto uma dor perfurou a sua alma. A dor da perda. Ela sabia o que era isso e Thomas também. Não teve tanta certeza de que Lauren fosse realmente ajudá-los. Havia muita tristeza dentro dela. Mais do que isso, havia pouca esperança. Antes de se despedir de Thomas, disse-lhe o que havia visto e caberia a ele ligar os pontos. Descortinou seus olhos uma vez e, depois, abriu-os para a sua realidade. Estava em seu quarto e a luminosidade a cegou novamente. Ouviu apenas a voz de Anne chamando-a ao longe.

— Sophi...? — ela estreitou os olhos e viu o vulto de Anne à porta.

— Oi... — murmurou.

— Você está bem? Eu te chamei três vezes, mas você estava tão imóvel que parecia uma estátua em posição de Buda!

— Estou bem... era o... Thomas... — quis lhe explicar mais, mas as agulhadas que sentia atrás dos olhos a faziam perder o domínio da fala.

— Tá tudo bem? — perguntou, sentando-se ao seu lado. — Era a Amy?

— Sim. Mais ou menos... merda, que dor! — exclamou Sophie, levando as mãos ao rosto, pressionando as pálpebras fechadas com os punhos cerrados. Anne correu ao banheiro e molhou a toalha de rosto na água fria, voltando apressada ao quarto de Sophie.

— Deite-se — falou e Sophie obedeceu.

Ela apoiou a toalha dobrada sobre os olhos da amiga fazendo Sophie se encolher para depois se relaxar novamente.

— Hm... Obrigada, Anne — Sophie não viu, mas Anne lhe deu o seu melhor sorriso tenro.

Anne não lhe perguntou mais nada, apenas deitou-se ao lado dela, observando-a. Como ficariam quando Anne aceitasse se casar com Brandon? Como poderia ficar longe de Sophie? E como Sophie ficaria sem ela, ainda mais agora, que estava também sem Jesse? “Juntas para sempre”. As últimas palavras de Elena não lhe saíam da cabeça desde que Brandon começou a falar em casamento. Elena, a pessoa que lhes ensinou mais sobre amor do que ela jamais poderia imaginar, havia lhe pedido para que nunca se separassem.

Sophie tateou em busca da mão de Anne ao seu lado e, quando a encontrou, apertou-a delicadamente.

— Nós vamos ficar bem, Anne... vamos ficar bem. Não quero que se preocupe com isso.

Anne esboçou uma reação, mas apenas balançou a cabeça em resignação, retribuindo o carinho de Sophie em sua mão, puxando-a em seus lábios e beijando-a com carinho, enquanto os olhos lacrimejavam.

— Ei, esse dom é meu, sabia? Sou eu que sei como você está sentindo, não o contrário — protestou Anne.

— Não é difícil saber o que você está pensando, deitada ao meu lado, me olhando, enquanto estou com os olhos cobertos por uma toalha para evitar que eles saltem pra fora. Você sempre cuidou de mim, Anne. Eu conheço você, também, lembra?

Anne não queria se emocionar, não o faria, iria à cozinha preparar o café da manhã, isso sim. Deu um beijo no rosto de Sophie e se levantou. Andava muito sentimental, ultimamente.

— Quando o café ficar pronto eu te chamo. Descanse — disse e Sophie lhe deu um sorriso rendido. Não pensava mesmo em ir a lugar algum naquele momento.

Alguns minutos depois, sentindo-se já bem melhor graças à compressa fresca em seus olhos, Sophie recapitulava as imagens que Lauren, mesmo sem querer, jogara em sua mente, e tentou contato com Thomas. Tinha que saber como estavam Amy e o pai dela depois do encontro com Lauren, mas Thomas não respondeu e ela não insistiu. Era o código de privacidade entre eles. Quando pudesse, ele a chamaria.

Anne chamou-a quinze minutos mais tarde. Sophie já não usava mais a toalha sobre os olhos. Tinha-os bem abertos, fitando o teto do quarto, observando o lustre trabalhado que pedia como se rodeado de pequenas gotas de cristal, sentindo-se perdida no tempo. Levantou-se e sentiu a perna esquerda abobada. *Oh, não*. Desde que terminara a fisioterapia não tinha tido nenhum problema com o seu lado esquerdo do corpo (a parte afetada pelos últimos derrames), a não ser pequenos formigamentos na mão vez ou outra. Brandon lhe dissera que era normal e que a tendência era diminuir. Teve um pressentimento de que o compartilhamento da visão de Thomas fosse demasiado estressante para o seu cérebro, mas não tinha como saber. Dificilmente encontraria algum estudo intitulado "Irmãos que compartilham visões e telepatia têm mais chances de derrame do que irmãos normais". A ironia a fez rir, enquanto caminhava até a cozinha. Pouco a pouco, a perna foi voltando ao normal.

Anne havia preparado uma mesa caprichada na grande varanda da sala de jantar ao lado da cozinha. Um espaço que pouco usavam. Enquanto Sophie se servia do leite no chá, Anne lhe perguntou sobre Thomas e ela lhe contou sobre Lauren e a sua impressão sobre ela. Uma mulher triste e amargurada, embora fosse preocupada com os vizinhos ao ponto de atendê-los em sua casa como se fosse uma enfermeira de bairro. Sophie, porém, não tinha certeza do que vira. Não sabia se eram imagens de um sonho que nunca se realizara ou se, realmente, ela fora uma profissional da saúde, um dia e, por algum motivo, tudo havia mudado em sua vida.

Contou-lhe sobre como vira Lauren bisbilhotar as cartelas clínicas dos pacientes durante seu turno de faxina, a imagem da mãe de Amy sorrindo e a resistência de Lauren em contar a Amy sobre o que ouvira dos médicos. Anne ouvia tudo com atenção, enquanto mordiscava algumas torradas com geleia de morango. Ao final do relato, estava pensativa e o chá de Sophie havia esfriado.

— Bom, eu acho que essa Lauren não quer contar o que sabe porque será a sua palavra contra a dos médicos. A sua classe social não é favorável e, provavelmente, ela não tem provas materiais.

As palavras de Anne lhe soaram como uma sentença. Quase pôde ouvir o malhete batendo seco sobre a mesa de um juiz, absolvendo os médicos e condenando Lauren e todos eles a um futuro desacreditado. Sophie sentiu que talvez não devesse ter dito nada a Thomas sobre a sua visão. Do que adiantaria se Lauren não falasse, ou se eles não tivessem prova alguma além do seu testemunho? Sentiu-se mais que frustrada, sentiu-se arrependida.

— Por outro lado — continuou Anne —, se ela foi uma enfermeira e, por algum motivo tenha perdido o emprego, ela conhece sobre evolução de pacientes e todos aqueles rabiscos médicos, sem contar que ela pode saber como encontrar as provas do que ouviu. Se ela puder, ao menos, dar-lhes alguma pista... — suspirou.

Sophie inspirou profundamente inquieta e Anne lembrou-lhe de que ainda tinham o domingo para usarem o carro alugado. Analisaram as opções e decidiram conhecer as montanhas. Sophie suspeitava que Anne, além de querer aproveitar o carro, queria distanciá-la da cidade, de Kristen e dos problemas. Como se fosse possível. Seria mais eficiente dopá-la por algumas horas.

Anne sugeriu um ponto turístico da região chamado Pietra di Bismantova, uma incrível pedra cuja origem se estima em quinze milhões de anos atrás. Anne, decididamente, precisava ver aquilo. Sophie concordou. Não fazia diferença ficar ou não, então, que mal faria dar umas voltas pela redondeza?

Já haviam rodado cerca de cinquenta quilômetros e, por mais que Sophie tentasse, não conseguia ficar à vontade ou sentir o mesmo entusiasmo que Anne. Sentia-se tensa e cansada. Talvez a nova técnica entre ela e Thomas fosse desgastante demais, talvez fossem todas aquelas confusões em sua mente, talvez fosse apenas sono, já que Thomas a acordara antes das sete da manhã. O serpentear do carro nas curvas da montanha estavam deixando-a ainda mais tonta.

— Paul me mandou um email — disse Anne.

— E...?

— Adrian deve ter alta do hospital nos próximos dias.

— Que bom — afirmou, sem muito entusiasmo. Não tinha pensado em Adrian, realmente, nos últimos dias.

— Ele também disse que não têm nenhuma informação sobre o paradeiro de Ashley e como Adrian não vai mesmo dar queixa, não há nada que ele possa fazer.

— Já sabíamos disso... — murmurou Sophie.

— Fico pensando se o plano da Adrian vai dar certo. Se a Ashley vai mesmo procurá-la e se ela vai conseguir uma reaproximação.

Sophie emitiu um som debochado.

— Você ainda tem dúvidas? É claro que isso não vai dar certo. É claro que a Ashley não vai mais dar as caras. Por que ela iria atrás da Adrian? Ela não é mais útil pra Ashley. Ponto final.

— E o que a Adrian vai fazer da vida, agora?

Sophie deu de ombros. Não lhe interessava. Com tudo o que tinha em mente, a última de suas preocupações era com o que Adrian faria da vida. Ela podia voltar para a Irlanda, se transformar em dançarina de boate ou treinadora de minhocas que não faria a menor diferença. Ela tentava pensar o mínimo possível em Adrian e Ashley. Esta última, aliás, menos ainda. Anne permaneceu em silêncio, também avaliando a situação, embora por um ângulo menos distante.

A preocupação com Adrian, porém, caira no esquecimento quando no horizonte, à esquerca, erguia-se uma imensa estutura natural como uma enorme montanha branca com um corte quase preciso no topo, como se uma mão gigante tivesse podado a ponta da montanha com um machado ainda maior. À medida que se aproximavam, tanto Sophie quanto Anne ficaram surpresas. A pedra era monstruosa e emanava uma energia particularmente densa.

Estacionaram o carro em um pátio ao pé da rocha e subiram a pé por uma escadaria e depois por uma trilha ao lado da pedra. Havia um restaurante rústico onde Anne pegou um folheto com informações turísticas, e, mais acima, uma casa de um eremita beneditino construída no século XV com uma pequena igreja em anexo. Parecia que tanto a casa quanto a igreja saíam de dentro da gigantesca pedra, como órgãos petrificados daquela imensa e misteriosa criatura.

— A pedra está a um quilômetro acima do nível do mar — disse Anne lendo o folheto com olhos curiosos enquanto Sophie mantinha a cabeça tombada para trás, tentando olhar até o topo da pedra. — Duzentos e quarenta metros de largura e trezentos metros de altura... meu Deus, Sophi, não é fantástica? — exclamou Anne, excitada, e Sophie concordou com um gemido. — Subimos? — desafiou Anne, mas Sophie lhe deu um olhar desencorajador.

— Sinceramente, não acho uma boa. Não sei... — olhou novamente para o alto. — Não me sinto à vontade. E você?

Anne torceu o nariz.

— É... Acho que não... — voltou os olhos para o restaurante sentindo o suor escorrer entre as pernas. O calor era opressor. — Sorvete, então?

— Muito melhor — falou, com um sorriso visivelmente aliviado.

No café, aos pés da Bismantova, enquanto tomavam sorvete e comentavam sobre a beleza do lugar, uma garçonete jovem de cabelos cacheados, morena e simpática sorria para elas do outro lado do balcão.

— Sophi, é impressão minha ou este lugar tem algo estranho? Você que é a vidente, aqui, o que me diz? — Sophie, primeiro, lançou-lhe um olhar reprovador. Depois, deu-lhe uma dura.

— Vidente? — torceu a boca de lado e emitiu um som mais parecido com uma trombeta desafinada. — Bom, já me chamara de coisa pior. — Anne riu. E Sophie fingiu estar tendo uma revelação, colocando os dedos sobre a testa e dizendo, teatralmente — Eu vejo alguma coisa. Vejo uma nave alienígena pousando sobre a pedra, abrindo seus tentáculos sobre nós e sugando todos por um tubo sanfonado até uma piscina de gosma verde cheia de parasitas que vão sugar a nossa memória e...

— Que nojo! — exclamou Anne.

— Provoca mesmo! — sorriu Sophie — Falando sério, eu acho que todo lugar como este, tem algo de diferente. É uma coisa que esfrega na cara da gente o quanto a natureza, o planeta... o quanto tudo pode ser...

— Enorme?

— Não... Na verdade, eu diria o quanto *nós* somos pequenos. É diferente. — Levou a pequena colher recheada de sorvete à boca e, depois, acrescentou, sentindo o líquido gelado dissolver-se em uma deliciosa e refrescante calda de chocolate em sua boca. — E não precisa ser vidente pra sentir isso, precisa?

O sorvete de Anne começava a escorrer casquinha abaixo.

— Mas você sente algo diferente aqui, não sente? — Sophie a olhou com curiosidade, franziu a testa e balançou a cabeça, endurecendo os lábios. A garçonete limpava pela quinta vez o mesmo lugar no balcão, atenta à conversa.

— Na verdade, não. Sinto o que todo mundo deve sentir, uma "força", só isso. Acho que deve ser pelo tamanho da pedra, ela deve exercer mesmo uma força física sobre as pessoas, como se fosse maior do que mostra ser. Não sei explicar. O que você sente?

Antes que Anne respondesse, a jovem de cabelos cacheados disse, em um inglês bem articulado:

— Você está certa — olhou para Anne. — Tem mesmo alguma coisa estranha aqui sim.

Anne e Sophie olharam juntas para a garota e Anne sentiu-se mal por ter chamado Sophie de vidente, achando que a garçonete não a entenderia.

— Como é? — perguntou Anne.

— Acontecem coisas estranhas, por aqui — afirmou a garota.

— Como o que, por exemplo? — continuou Anne, e a jovem encolheu os ombros.

— Suicídios, luzes misteriosas sobre a pedra... — ela olhou para Anne e Sophie para ver o efeito que suas palavras haviam causado. Nem uma nem a outra se mexeu. Então, ela continuou. — Eu trabalho aqui há três anos, mas nasci na região e já perdi as contas de quantas pessoas se jogaram lá de cima.

— Que horror! — exclamou Anne, finalmente, percebendo que o sorvete lhe caía sobre os dedos.

— Nem me fale — murmurou a garçonete. — Homens, mulheres, jovens, solteiros, casados... Quantas vidas já se foram aos pés desta pedra — murmurou ainda mais baixo, em tom de pesar. Sophie sabia que aquela conversa não era em vão.

— Alguém em especial? — perguntou, já se arrependendo. O que ela tinha com isso? A garota se encolheu, discretamente.

— Na verdade, sim — suspirou. — Ele tinha vinte e um anos. — Chiara sentou-se em uma banqueta do outro lado do balcão, jogando o pano sobre os ombros, como se preparasse a si e à plateia para uma longa história. — Faz mais ou menos oito anos... ou melhor, faz exatamente oito anos, foi em julho de 2006, quando a Itália foi campeã da Copa do Mundo. Ele estava com oito amigos em um pub, na cidade. Dizem que beberam demais, eu não sei, eu não estava lá.

Anne lambia o sorvete, nervosa, e Sophie apoiou o cotovelo no balcão e a mão na cabeça, sentindo a tão conhecida pontada atrás da orelha. Implorou para que a sua mente não saísse voando até oito anos atrás. Não queria ver nada.

— A comemoração deles terminou em uma sala fechada com o rapaz sendo abusado pelos amigos. O corpo dele foi pintado, ele foi humilhado e... bom, é o que dizem.

A brusca conclusão da história fez Anne arregalar os olhos e Sophie fechar os seus lentamente, vendo em sua mente a imagem de um jovem de cabelos escuros, de óculos e lábios grossos. Abriu-os imediatamente, concentrando-se em qualquer coisa, menos na jovem à sua frente. *Não, por favor, não me faça ver uma coisa dessas, por favor!*

— Um mês depois, ele subiu na pedra e se jogou de lá de cima — concluiu com uma voz triste e apagada. — Sophie cerrou os olhos, sentindo uma tristeza infinita em sua alma, enquanto Anne gemia. Um silêncio fúnebre desceu sobre elas até que Anne perguntou:

— Ele era seu amigo? — A jovem desviou o olhar.

— Não — murmurou laconicamente, mas Sophie sentiu uma dor tão grande que poderia jurar que ela não falava a verdade.

— Que história triste... — lamentou-se Anne.

— Eles foram condenados, quase todos, a dois anos de prisão, eu acho. Não pela morte, mas pela violência. — Chiara desviou o olhar, novamente, fitando o balcão. — Hoje eles chamam aquilo de *bullying*, uma brincadeira que fugiu do controle. Pra mim tem outro nome.

Sophie não disse nada. Não tinha condições de falar, apenas sentia uma onda de revolta tomando todo o seu corpo. Havia duas coisas que Sophie condenava veementemente: violência infantil e abuso sexual. Reviravam-lhe o estômago, seria capaz de matar com as próprias mãos quem cometesse um crime como estes. Era o sumo da covardia, da maldade humana. Não havia justificativa. Não havia perdão. Não dela.

— No ano passado, a justiça disse que o suicídio não teve nada a ver com a violência de um mês antes. Imaginem só! É um absurdo... — murmurou, com os dentes cerrados.

Os olhos da jovem lampejavam de fúria. Sophie se perguntou por que ela ainda trabalhava no local onde aquele jovem tinha tirado a própria vida. E depois, percebeu que, talvez, a vida daquele garoto tivesse já sido arrancada na noite em que foi traído pelos próprios amigos e o salto para a morte fosse apenas o último capítulo daquela trágica história, como o fim da dor e não da vida já inexistente.

— Mas é tão evidente que ele se matou por causa do que houve antes, não? — perguntou Anne, amargamente.

— Não para a justiça — respondeu Chiara, no mesmo tom.

Sophie sentiu-se enojada. Nada fazia sentido, como se o certo e o errado flutuassem fora de órbita em um caos generalizado. Pobre rapaz, pobre família. E, ao pensar na família, sentiu um ímpeto de vingança. Subitamente, imagens de corpos apareceram em sua mente. Oito corpos masculinos, jovens, caídos com seus membros quebrados e destroçados, após um voo de trezentos metros de altura, daquela mesma pedra. Fitou os olhos castanhos da jovem à sua frente e viu-os faiscar. Era isso que Chiara desejava. Desejava, mais do que tudo, que a justiça fosse feita, na mesma sentença que tivera o pobre rapaz. Ele era importante para ela. Havia uma ligação fraternal, talvez fossem primos ou amigos de infância, o tipo de amigo que a gente cuida e protege da própria fragilidade. Um tipo de cuidado como Anne sempre tivera por ela desde a tenra idade.

Sophie sentiu compaixão e solidariedade para com ela. Mais do que isso, uma cumplicidade em seu desejo brutal. Se pudesse, empurraria ela mesma os oito desgraçados de lá de cima e, depois, desceria até eles só para ter certeza que o estrago havia sido pra valer.

A sua respiração estava tão irregular quanto os batimentos cardíacos, e Sophie puxou os braços para baixo, apoiando as mãos sobre as pernas, apertando os joelhos com força entre os dedos. Talvez a sua própria dor a tirasse daquele desejo obscuro.

— E as luzes que você falou? — perguntou Anne, tentando salvar a todos de um abismo de horror, sem saber o quão profundo era o abismo de Sophie.

— Ah... — suspirou Chiara esboçando um sorriso. — Vez ou outra aparecem luzes flutuantes sobre a pedra e até mesmo ali — apontou para fora do café, em direção à casa entalhada na pedra. — Aos pés da Madonna, como dizem. Aquela figura pintada em uma das paredes laterais, sabe? — Anne virou a cabeça para o lado, estreitando os olhos em direção à estranha construção do lado de fora e murmurou em assentimento. — Alguns cientistas estudam o fenômeno há mais de oito anos e já fotografaram o evento tanto de dia quanto de noite. Eles mantém equipamentos montados em um laboratório a cinco quilômetros daqui, sempre direcionados a esta montanha.

— E que luzes são essas? — indagou Anne, enquanto Sophie ainda tentava sair do turbilhão de emoções que sentia com a história do rapaz. A imagem dele piscava em sua mente intercalando com flashes dos oito amigos, mortos, destroçados aos pés da pedra, como um globo estroboscópico assustador.

— Ninguém sabe. Às vezes, elas são vistas a olhos nus, outras vezes, apenas com os equipamentos profissionais. Eles mantêm lentes apontadas para cá o tempo todo! — exclamou, rolando os olhos para cima, com ceticismo.

— E o que você acha que é? — insistiu Anne.

— Sei lá. Só sei que aqui tem algo muito estranho. — A garota riu de alguma piada particular que, depois, decidiu compartilhar com as visitantes. — Querem saber mais? — Anne balançou a cabeça como uma fiel expectadora. — Até mesmo Dante Alighieri se referiu a esta pedra como o Purgatório.

— Ah, não acredito...

— Com certeza! É só ler a Divina Comédia pra ver. Tá lá, em Purgatório, Canto IV, ele diz — e começou a recitar em italiano —:

“Vassi in Sanleo e discendesi in Noli,

montasi su Bismantova in cacume

con esso i piè; ma qui convien ch'om voli;
dico con l'ale snelle e con le piume
del gran disio, di retro a quel condotto
che speranza mi dava e facea lume" [1]

Anne olhou para Sophie intrigada, mas percebeu que ela estava há mihas de distância dali. Ao menos sua mente estava. A garçonete também percebeu.

— Que tal um café para fechar a visita? — ofereceu, e Anne lhe respondeu com um sorriso. A moça, então, se virou para a máquina de café *espresso* atrás dela. — O que não faltam são histórias, por aqui — continuou. — O *Eremo della Madonna*, aquele santuário ali. Os mais fanáticos dizem que é um lugar sagrado e até milagroso. Estes juram de pé junto que as luzes são coisa da santa mesmo — virou-se com as xícaras de café nas mãos.

— Você não acredita muito nisso, não é? — perguntou Sophie, finalmente, e Chiara se virou para ela com olhar curioso.

— E você, acredita?

— Acho que não — respondeu, com um sorriso quase debochado sentindo-se mais relaxada.

— Nem eu — concordou. Depois, se debruçou ligeiramente sobre o balcão, sussurrando. — Mas não posso dizer isso pra todo mundo. Afinal, os peregrinos são nossos maiores clientes — e começaram a rir, inclusive Sophie.

Chiara lhes contou ainda que no alto da pedra são realizados shows, eventos e até casamentos. Ela mesma já fora em vários e a vista é "algo simplesmente indescritível! Vocês precisam subir para ver!". Mas nem Anne nem Sophie quiseram arriscar.

— E você? Eu ouvi vocês falando sobre ser vidente, ou algo assim.

Sophie não respondeu.

— Ah, não é nada! — exclamou Anne, em seu lugar. — É só uma brincadeira entre nós — respondeu, forçando um sorriso.

Sophie baixou os olhos sentindo um misto de ansiedade e angustia.

— Você está bem? — indagou Chiara, franzindo as sobrancelhas.

— Claro — sorriu.

1- A Noli e a San-Leo por árdua via, com pés se vai, Bismântua assim se alcança; Ter asas de ave aqui mister seria; Ou asas de um desejo, que não

cansa, Para o vate seguir que, desvelado, Me sirva de luz, me dava esp’erança.

Despediram-se da garçonete e desceram até o estacionamento. Não puderam deixar de olhar para o topo da pedra, admirando-a e temendo-a. Parecia que ela se erguia sobre a cidade apenas para observá-la − e a todos − como um vigilante. Sophie sentiu um arrepio e, quando já estavam a algumas curvas abaixo da serra, ainda não conseguia se esquecer do que ouvira ou, o que era mais importante, do que vira.

— Anne... o que tem de errado com as pessoas? — indagou, pensativa, enquanto entravam no carro.

— O que você quer dizer?

— Os amigos do rapaz, os próprios amigos dele. É tão absurdo isso tudo.

— Nem me fale. A maldade humana é uma coisa que eu jamais vou entender. O mal tem muitas faces. Amigos, pai, um colega...

— Era exatamente nisso em que eu pensava enquanto ela nos contava a história dele. Aliás... — virou o olhar para fora da janela, observando as montanhas ao seu lado, cheias de grossas árvores, menos assustadoras. — A garota ficou bem carregada de ódio depois que nos contou.

— Você viu alguma coisa? — perguntou, voltando-se rapidamente para Sophie ao seu lado.

— Vi apenas o rosto do garoto, mas senti muito bem o que ela sentiu — inspirou profundamente. — Era intenso e pesado. Um desejo quase incontrolável de vingança, eu acho.

— Então ela o conhecia!

— Pode apostar...

— Por que será que ela disse que não?

Sophie suspirou.

— Porque se ela admitisse, não seria capaz de controlar a si mesma.

— Como assim?

— Ela precisa controlar as próprias emoções e sabe por que? — fitou Anne com firmeza. — Porque ela não pode fazer nada contra oito pessoas em uma cidade pequena como aquela. Se ela alimentar este demônio dentro dela, vai acabar pulando daquela pedra, como o amigo fez.

As palavras de Sophie foram tão duras e diretas que Anne apertou o volante com os dedos, com medo de que o carro derrapasse e caísse barranco abaixo. De repente, sentiu-se insegura. Sophie percebeu.

— Ei, relaxa — falou, coçando, jocosamente, o couro cabeludo de Anne.

— Eu não sei o que é isso, Sophi. Sentir essas emoções, controlá-las, evitá-las, conviver com elas. Eu não conheço nada disso. Eu não sei como seria se um dia eu passasse por algo assim. Quero dizer, por uma situação de... injustiça...

— Imagine como sentem os pais deste garoto.

— É exatamente isso que estou dizendo. Acho que eu enlouqueceria...

— Acho que é o que acontece com todos. De uma maneira ou de outra, todos enlouquecem. O rapaz, coitado, se matou. Aquela garota, um dia, vai explodir, também. Os pais, talvez já estejam loucos ou mortos por dentro, vai saber... — e Sophie se lembrou do caso que Brandon lhes contou a caminho do aeroporto, sobre a mãe do garotinho atropelado que tirou a própria vida e o pai que se tornado alcoólatra.

— Eu espero que você esteja errada, Sophi. Espero que, de alguma maneira, as pessoas encontrem uma maneira de... sei lá... de viver com algo assim.

Anne queria acreditar, precisava acreditar. Já Sophie não tinha muita esperança. Não com os sentimentos que invadiam a sua mente e o seu corpo. A perda é algo cuja dor não se descreve. Pior ainda quando não há uma explicação ou um desfecho. Pensou em Amy e no pai dela. Pensou em todas as pessoas que, naquele exato momento, pediam apenas por respostas. Sentiu o peso de todas aquelas dores como abutres que pousavam sobre seus ombros, atravessando suas garras até seus tendões, a espera que ela cometesse um deslize.

Haveria um par de abutres sobre os ombos de outras pessoas, afinal, à espera de que, naquela fração de segundo, quando a sua falta de esperança abrisse as comportas do mal que reside no interior, eles pudessem penetrar suas garras dolorosamente na sua carne, fazendo-o urrar sua dor, abrir sua carne e, em instantes, seria a sua ruina? Sophie sabia que não eram todas as pessoas que teriam abutres como ocultos animais de estimação. Somente aqueles cuja face do mal já havia encarado, um dia. Fosse ela qual fosse. Sophie, entretanto, já havia visto várias.

Suspirou. O que não daria por um instante de futlidade. Um cigarro, um sexo selvagem. Aumentou o som do rádio e a voz de Carly Rae Jepsen, contando alegremente Call Me Maybe, inundou os seus sentidos, expulsando os demônios de suas mentes.

Capítulo 16

De volta à cidade, Sophie sentia-se revigorada, magicamente distante dos sentimentos pesados que a arrastavam constantemente para os confines mais escuros de sua alma. Faltavam apenas cinco dias para voltar para casa e Sophie sentiu um misto de ansiedade e alívio. Precisava aliviar a tensão e, já que sexo estava fora e cogitação, tinha que se exercitar. Então, assim que Anne estacionou o carro em frente ao prédio da Sra. Thompson, Sophie sugeriu:

— Que tal uma volta de bicicleta?

Anne olhou-a com um sorriso largo e luminoso nos lábios e logo pegavam as bicicletas, pedalando sem rumo pela cidade afora. Sophie evitou o centro da cidade. Não queria, nem em pensamento, encontrar Kristen e voltar a se sentir prisioneira das ameaças que a circundavam. Pegaram a larga via que rodeava o centro histórico e andaram por toda ela. Passaram por áreas arborizadas e frescas, entraram por vias estreitas e vazias, desviaram por outras ruas largas de bairros residenciais e embora não tivessem a menor ideia de onde aquele passeio iria levá-las, não estavam nem um pouco preocupadas.

Encontraram um restaurante pequeno de onde saía um aroma delicioso de comida fresca. Pararam e almoçaram uma grelhada de carnes variadas com salada e massa, quando já eram três da tarde. Conversaram sobre tudo, menos sobre as tristezas do mundo e suas crueldades. Falaram sobre quando eram crianças e se escondiam no bosque atrás do orfanato; lembraram de quando alugaram a primeira casa com os próprios rendimentos e sentiram saudades de quando eram ainda adolescentes, quando Anne resumia os livros para Sophie, que sempre tinha preguiça de encarar todas aquelas páginas para chegar ao final da história. Para Anne, ler não se limitava à história, mas o modo como esta era contada e era isso que Sophie mais se fascinava quando Anne lhe recontava o que lia. As impressões pessoais de Anne jamais seriam as mesmas se Sophie as lesse. As dela eram muito melhores e mais profundas.

A tarde fluiu levemente como há muito tempo não acontecia e eram já quase seis da tarde quando ambas se encontravam encostadas a um grande pé de cedro, em um parque de algum lugar da cidade. Crianças brincavam em brinquedos feitos de grossos troncos de madeira enquanto alguns pais as observavam ao longe; outros os vigiavam de perto, quase sufocando os filhos.

Sophie não tivera notícias de Thomas ou Amy e não queria nem pensar nisso. Envergonhava-se de não sentir nem mesmo culpa pela falta de interesse, mas a verdade era que estava cansada. Queria ao menos fazer de conta que a vida era leve e tranquila como aquela tarde em uma cidade do interior e, vendo a dinâmica no parque, parecia tudo tão correto e feliz que quase sentiu vontade de constituir uma família, também. Quase.

Pegaram a bicicleta e voltaram ao apartamento, ou ao menos tentaram voltar. Não faziam ideia de onde estavam e a única referência era o centro histórico. De lá, talvez, encontrassem algum caminho conhecido. Trinta minutos depois − e muitas pedaladas − chegaram à rua principal do comércio. O centro estava mais movimentado que o normal e elas passavam exatamente onde ficava o café em que haviam encontrado Kristen. Sophie sentiu um ligeiro tremor no estômago e pedalou rápido, desviando com destreza das pessoas na rua, temendo que alguma mão invisível a puxasse para aquelas mesas novamente. Acabou deixando Anne para trás.

— Espera! Ei! — gritava Anne com sua voz ficando cada vez mais longe. — Sophi!

Sophie finalmente parou, ofegante. Ficou olhando para frente, esperando que Anne a alcançasse, com receio de olhar para trás e sentir a fisgada atrás da orelha. O coração se contraiu violentamente.

— O que deu em você?

— Desculpe, eu... só queria correr um pouco.

Anne franziu a testa, mas não disse mais nada. Voltaram em silêncio para casa. Por volta das dez da noite, Sophie foi acordada com o toque do seu celular. Era Kristen e Sophie hesitou antes de atender. Parte dela dava razão a Anne. Não tinha nada a ver com a vida de Kristen, com o seu passado ou o seu futuro. Mas outra parte, e era esta que sempre a colocava em apuros, queria ir até o fim, descobrir quem e por que. Esta outra sempre vencia.

— Oi Kristen, tudo bem? — perguntou, com a voz ainda sonolenta.

— Ah, eu te acordei? Desculpe — falou, constrangida.

— Não, tudo bem. Estava só tirando um cochilo. Pode falar.

— Estou com uma amiga na Praça Prampolini e pensei que talvez você quisesse se divertir um pouco. Quer vir?

Sophie pensou que talvez fosse uma boa oportunidade para saber mais sobre Kristen e conhecer alguém do seu convívio.

— Claro, chego em meia hora — desligou o telefone e correu para o quarto de Anne que lia Anais Nïn, sob a luz do abajur. — Quer dar uma volta? — perguntou. Anne a fitou com curiosidade.

O verão era implacável até mesmo de noite. Além de quentes, as ruas estavam abafadas e cheias de gente. Apesar dos inúmeros cartazes espalhados pela cidade, Sophie e Anne não sabiam que havia um festival cultural em Reggio Emilia. Uma maratona de concertos e filmes que enchera as ruas de pessoas bonitas, bronzeadas e, principalmente, determinadas. O mínimo espaço livre nas ruas estreitas que entrecortavam o centro era disputado a cotoveladas. Passar de bicicleta por ali era impossível. Tiveram que desviar o caminho duas vezes, evitando a aglomeração, até chegar à praça, o mesmo local onde Sophie seguira Kristen até à banca de revistas.

Dezenas de pessoas estavam sentadas nas cadeiras espalhadas no centro do pátio assistindo a uma exibição gratuita de cinema. Sophie não identificou o filme, embora Anne tivesse lhe dado um cutucão entusiasmado, apontando para a tela e dizendo algo indecifrável. Sophie só percebeu que era um filme antigo.

Amarraram as bicicletas em um canto da praça e começaram a busca por Kristen. Sophie ligou para o celular dela, que tocou sem resposta. Foram até o bar onde ela disse que estaria e, tão logo entrou, Sophie a viu apoiada no balcão redondo bem no meio do bar. Seus volumosos cabelos cor de cobre estavam soltos e, na testa, uma grossa faixa de tecido estampado dava ao seu rosto um toque ainda mais jovial.

Quando Kristen as viu se aproximando, abriu um largo sorriso e seus delicados lábios vermelhos se esticaram, erguendo as bochechas douradas de sol. Acenou freneticamente com as mãos e olhou para o lado, procurando por alguém. Havia muitas pessoas no bar e quando se aproximaram de Kristen, ela as abraçou em grupo, causando um estranho impacto entre os seus corpos. Anne franziu as sobrancelhas para Sophie que lhe retribuiu com um sorriso confuso.

— Que bom que vocês vieram! Venham, quero lhes apresentar alguém.

Kristen puxou-as pelas mãos e foi abrindo espaço entre as pessoas em pé até chegar ao canto do salão, bem mais vazio, onde uma garota estava sentada, digitando com urgência nas teclas do celular.

— Alice, estas são as minhas amigas de quem lhe falei — disse, com um tom orgulhoso na voz. Só então, a jovem sentada ergueu a cabeça e as encarou.

Seus olhos eram frios e arrogantes e Sophie sentiu como se um raio passasse pelo seu corpo. Ficou petrificada. Alice não sorriu, apenas passou o olhar de Anne para Sophie com pouco interesse. Murmurou um "olá" e voltou a castigar o celular. Aparentemente, a mensagem era infinitamente mais importante do que as novas amigas de Kristen. Anne a detestou.

— Muito prazer, me chamo Anne e você? — perguntou, esticando a mão, quase enfiando-a no nariz de Alice que desviou a cabeça, erguendo um olhar desafiador que encontrou os olhos de Anne igualmente duros. Alice apoiou o celular na mesa, levantou-se e apertou a mão de Anne.

— Me chamo Alice — respondeu em um tom alto e firme, esboçando um sorriso forçado.

Ela deveria ter pouco mais de 1,70 de altura e usava saltos altíssimos. Naquele canto do bar, com uma iluminação direta sobre a mesa, Alice parecia erguer-se sobre um palco, pronta a dominar o público.

— E você deve ser a Sophie, certo? — perguntou, esticando a mão para Sophie, num gesto mais amigável e o sorriso ligeiramente mais aberto.

— Isso mesmo. Muito prazer — respondeu sem sorrir. Ainda não se livrara da sensação fulminante de choque em suas veias.

— Venham, sentem-se conosco! — exclamou Kristen, com empolgação, puxando algumas cadeiras de uma mesa vazia ao lado.

Sophie não conseguia desgrudar os olhos de Alice. Havia algo mais que arrogância. Pretensão, presunção, não encontrava a palavra certa e achou que Alice era tudo aquilo somado e mais um pouco.

— Então, você é de Londres, também? — perguntou Anne sentindo a tensão inquietante vindo de Sophie.

— Sim — respondeu, percebendo o celular vibrando sobre a mesa com a tela iluminada virada para cima.

Alice pegou-o rapidamente e Sophie a observava com precisão cirúrgica. Assim que leu a mensagem, Alice abriu as narinas e endureceu os lábios. Voltou a digitar nervosamente mordendo o interior da boca.

— A cidade está uma loucura hoje! — exclamou Anne, em voz alta, a fim de superar o burburinho de vozes.

— É quase sempre, em agosto, quando acontecem os festivais — comentou Kristen no mesmo tom alto e um pouco estridente. — Se não fossem estes eventos, a cidade ficaria às moscas — disse, enquanto Sophie tentava decifrar aquela pessoa à sua frente.

Alice tinha os cabelos loiros lisos e compridos e algo em seu rosto lembrava Paris Hilton, pensou. Esnobismo, desdém, definitivamente Alice era o oposto de Kristen com sua meiguice e a beleza tão natural.

— Vocês precisam conhecer a Notte Rosa, é um evento que acontece todas as quartas feiras e tudo fica aberto até à meia noite — continou Kristen. — Eu gosto. — encolheu os ombros.

Alice finalmente largou o celular na mesa e dignou-se a participar da conversa. Sophie ainda estava calada e Kristen percebeu.

— Aconteceu alguma coisa, Sophie?

— Não é nada. Estou apenas... observando — respondeu, sorrindo para ela. Kristen estava diferente, radiante, e Sophie notou que, normalmente, Kristen tinha uma sombra no olhar, uma tristeza oculta que, naquela noite, não havia.

— Quando vocês voltam a Londres? — perguntou Alice com uma voz um pouco mais morna do que antes. E ela nem precisava aumentar o volume da voz para ser ouvida. Era como se, magicamente, quando Alice falava, todos se calassem.

— Sexta feira — respondeu Anne e Sophie quis dizer que ela não voltaria. Ainda mais agora. Alice a fascinava de um jeito conflitante.

— Que pena. Achei que vocês fossem ficar para a festa.

— Que festa? — perguntou Sophie.

— A festa da Alice! — respondeu Kristen, demonstrando quase devoção em suas palavras. — Ela tem um clube e faz uma festa por mês.

— Na verdade, serão duas seguidas, este mês — corrigiu Alice, fitando Sophie com curiosidade. — Um presente para o final das férias.

Seus olhos passaram da indiferença à sedução. Havia um brilho quente e Sophie sentiu-se imediatamente desconfortável.

— É uma pena mesmo... — murmurou Anne.

— A Anne tem que ir, mas talvez eu fique. Ainda não me decidi — disse Sophie, para o espanto de Anne que a encarou abismada.

— Então fique — instigou Alice.

— Você pode ficar na minha casa, se quiser — disse Kristen. — Eu moro sozinha. É um apartamento pequeno, mas se você não se importar...

— Obrigada, Kristen. Vou pensar no assunto — disse Sophie, sorrindo para a hospitalidade de Kristen. Anne mordia os lábios.

A conversa passou para assuntos triviais. Alice falava pouco. Encarava ora Anne, ora Sophie, que podia jurar que, em alguns momentos, Alice observava o seu pescoço, fazendo os pelos do braço se eriçar. Sophie se perguntou milhares de vezes se Alice seria a pessoa que intencionava matar Kristen. Pelo menos, se encaixava no perfil. Era arrogante e às vezes demonstrava até desprezo por Kristen, tal qual se sentia quando tinha as visões. Mas faltava alguma coisa.

Desde que se sentara à sua frente, Sophie tentou sentir o ódio vindo dela, mas havia apenas indiferença. Não somente para com Kristen, mas para com todos. Alice destilava superioridade e tédio. Como se o mundo fosse uma mesmice sem fim, onde nada e nem ninguém conseguisse surpreendê-la.

O clima do bar, as bebidas, a música e as dezenas de pessoas à sua volta interferiam em seu julgamento. Havia mil coisas que distraíam Sophie e ela não conseguia decifrar Alice. Deixou, por fim, que a energia apenas fluísse. Descontraiu-se, bebeu um pouco mais, comeu alguns pedaços de queijo e começou a se sentir realmente leve. Até Anne também parecia se divertir.

— Vamos dançar? — perguntou Anne, lançando o convite para ninguém em particular.

Kristen e Alice ficaram na mesa e Sophie se levantou, indo com ela a uma pequena pista de dança atrás no fundo do bar. Caminharam desviando-se dos grupos de pessoas e mesas. Anne tropeçou em algumas delas e Sophie riu alto, seguindo-a.

Chegando á pista de dança, Sophie sentiu a música invadir o seu corpo e deixou-se levar pelas ondas ritmadas daquele som envolvente e excitante. Há meses não dançava e Anne a olhava surpresa.

— Ei, o que deu em você? Está pensando mesmo em ficar ou aquilo foi um truque? — perguntou praticamente gritando ao pé do ouvido.

— Eu não sei! — gritou de volta, dando de ombros.

— Eu acho que sabe sim. Acho que você quer ficar, não quer?

— Pode ser — respondeu, sorrindo.

Anne não sabia se gostava daquilo, mas, não disse nada. Ao final da música, voltaram à mesa rindo de um sujeito qualquer.

— O que houve? — perguntou Alice.

— Ah, o de sempre. Por onde Sophie vai os homens se arrastam atrás dela. Tive que livrá-la de uns três gorilas ali atrás... — respondeu Anne

— Não foi nada disso! — exclamou Sophie, rindo. — A culpa é sua. Você que me empurrou pra cima dele.

— Empurrei nada! Foi só um passo em falso — defendeu-se, Anne.

— Vocês são amigas há muito tempo? — perguntou Alice, acendendo um cigarro e Sophie sentiu a boca secar. Podia sentir o gosto da fumaça e o volume daquele pequeno objeto cilíndrico entre os dedos tornando-se mais quente a medida que a brasa avançava.

— Desde sempre. Crescemos juntas — respondeu Anne enquanto Sophie ainda se sentia hipnotizada pela boca de Alice envolvendo o filtro do cigarro e puxando a fumaça com força.

— Elas se conheceram em um orfanato — explicou Kristen, mas Alice pareceu não ouvir. Ela e Sophie se encaravam profundamente. Na verdade, Sophie encarava a boca de Alice tragando e expelindo a fumaça e Alice fitava os olhos escuros de Sophie devorando-a.

— Ah, Sophi, pelo amor de Deus. Se é assim tão difícil, pega um de uma vez! — exclamou Anne. — Ela parou de fumar há um ano, mas não tem um dia que ela não fale que daria tudo por um cigarro.

— Você quer um? — perguntou Alice, empurrando com a ponta dos dedos a sua cigarreira de prata, sobre a mesa. Suas mãos eram femininas e bem cuidadas. O tom do esmalte era bordeaux, da mesma cor do batom, contrastando com a blusa preta com franjas prateadas que lhe caiam em um profundo decote em V. Sophie levou o copo com um coquetel colorido à boca e fechou os olhos bebendo até o último gole. Quando colocou o copo de volta à mesa, sorriu para Alice e empurrou a cigarreira de volta.

— Hoje, não. Obrigada.

Anne sorriu, com satisfação.

— Quando será a sua festa? — perguntou Sophie.

— Sábado à meia-noite.

— Fica, Sophie, fica! — implorou Kristen. — Eu tenho certeza de que você vai a-do-rar!

— Isto é, caso você goste de festas privadas, claro — emendou Alice, jogando um sorriso sedutor e malicioso ao seu público. Anne juntou as sobrancelhas e olhou para Sophie. Sabia que ela não havia entendido a mensagem.

— Festas privadas, Sophi... — murmurou Anne entre os dentes e Sophie olhou-a com um grande ponto de interrogação no meio da testa.

Anne virou os olhos para o alto e caiu na risada.

— São festas livres... de sexo livre — explicou Kristen, sorrindo timidamente.

Sophie abriu os lábios, mas não falou, caiu na risada, pensando em Anne e as cabines com as janelinhas nas portas. Pensou em traseiros nus se movendo de um lado para o outro e sentiu uma estranha vibração. Naquele momento, com tanta vodka na cabeça, ela iria para qualquer lugar. Diria sim a tudo e a todos. Que perigo!

— Como são estas festas, exatamente? — perguntou Anne, preocupada.

— São festas finas, com pessoas selecionadas — respondeu Kristen em um tom solene.

— Sócios do clube — corrigiu Alice.

— Sim, sócios. Ninguém é obrigado a fazer sexo com ninguém e os homens só podem se aproximar de uma mulher se ela permitir — explicou Kristen, tentando não gritar para ser ouvida. O tom alto da sua voz atraiu a atenção de alguns rapazes que passavam pela mesa. Kristen olhou para eles e sorriu.

— É uma festa dedicada às mulheres — comentou Alice, aproximando-se da mesa, debruçando-se ligeiramente sobre ela para que fosse ouvida, fazendo o decote da blusa abaixar-se um pouco mais, exibindo volumosos seios nus sob a blusa. — Lá elas podem exprimir os seus desejos, seduzir e deixar-se seduzir, sem críticas ou julgamentos. Ao contrário — concluiu.

— Faz tempo que você faz essas festas? — perguntou Sophie.

— Praticamente desde que cheguei aqui. Há quase três anos.

— E você vai em todas? — perguntou Anne à Kristen que sorriu, timidamente.

— Não em todas, vou sempre que posso — olhou para Sophie e continuou. — É legal, acredite em mim. No mínimo, a gente se diverte só de olhar.

Sophie começou a sentir a cabeça girar e, de repente, a música ficou alta demais e o ar escasso. Apoiou a testa entre as mãos tentando conter um vulcão que estava prestes a explodir dentro dela.

— Será que a gente podia sair um pouco daqui? — perguntou, olhando para Anne que se levantou em um salto.

— Vamos — exclamou, pegando Sophie pelo braço.

Sophie se levantou e as pernas tremeram um pouco, quase fazendo-a cair de volta na cadeira.

— Está tudo bem? — perguntou Kristen, levantando-se para ajudar.

— Estou bem. Fiquei apenas tonta e com falta de ar.

— Por que a gente não vai lá fora um pouco? — perguntou Alice, levantando-se também.

Kristen já estava à frente, abrindo espaço entre as pessoas enquanto Ane vinha logo atrás trazendo Sophie pela mão. Alice saiu por último, fazendo um sinal para alguém no bar que acenou de volta. Do lado de fora, o filme havia terminado e as cadeiras estavam quase vazias, embora muitas pessoas ainda circulassem pela praça. O ar estava menos denso e a noite ligeiramente mais fresca. Sophie inalou o quanto pôde e sentiu a cabeça girar ainda mais.

— Acho que você bebeu demais, isso sim — falou Anne, ajudando-a a se sentar em uma das cadeiras.

— Eu também acho... — murmurou Sophie, baixando a cabeça até os joelhos, ficando nesta posição por alguns segundos.

— Vocês querem uma carona para casa? — perguntou Alice.

— A conta! — exclamou Anne.

— Tudo bem, já está paga — respondeu Alice, com um leve sorriso.

— As bicicletas... — balbuciou Sophie. — Não sei se consigo ir pra casa pedalando...

— Eu posso levar a sua e a Alice te leva de carro — sugeriu Kristen. — O que você acha? — perguntou para Anne.

— Por mim, tudo bem — respondeu. — E pra você, Sophi? — perguntou, abaixando-se à altura de Sophie que ergueu a cabeça debilmente.

— Talvez se eu esperasse um pouco e tomasse um café, eu consiga ir de bicicleta mais tarde.

— Não, de jeito nenhum — falou Alice. — Você pode cair da bicicleta, desse jeito.

— É verdade — concordou Anne. — Melhor ir de carro.

Anne e Kristen foram pegar as bicicletas enquanto Sophie foi com Alice até o estacionamento. Seguiram á pé por uma rua estreita onde havia uma biblioteca. Ao fim dela, atravessaram uma rua larga e, finalmente, chegaram ao local onde estava o carro de Alice, um Audi preto, com bancos de couro e perfumado com um aroma ligeiramente adocicado. Sophie receou vomitar.

Por sorte, o apartamento era perto e em menos de dez minutos estavam estacionando em frente ao grande portão de ferro. Sophie tinha a cabeça apoiada no encosto do banco. Manteve o vidro aberto o tempo todo e podia jurar que o carro ainda se mexia.

— Você está melhor? — perguntou Alice.

— Acho que não... — respondeu, num sussurro.

— Quer descer do carro? — perguntou, levando a mão sobre a coxa de Sophie que sentiu um início de arrepio, mas que se dissolveu provavelmente embriagado em suas veias cheias de álcool.

— Nem sei se consigo sair daqui — murmurou, caindo na risada. — Acho que estou bêbada.

— Acha? Eu tenho certeza! — exclamou Alice, aproximando-se de Sophie, ajeitando-lhe os cabelos caídos em seu rosto. — E então, você vai ficar para a festa? — Sophie moveu a cabeça para frente, ergueu uma sobrancelha com dificuldade e se virou para Alice, que a olhava com uma atenção intencional.

— Acho que sim... — piscou demoradamente. — Na verdade, neste exato momento, eu acho que... vou... vomitar! — gritou, abrindo a porta do carro e girando o corpo para fora. Segurou-se no carro e conseguiu sair.

Amparou-se nas bordas do veículo e caminhou, com dificuldade, até a calçada, vomitando sobre o meio fio. Alice veio ao seu encontro e afastou-lhe os cabelos com uma das mãos e apoiou a testa de Sophie sobre a outra.

— Oh deus... — murmurou Sophie, ainda sentindo o estômago rejeitar a si mesmo.

— Calma, acontece com todo mundo — falou Alice num tom baixo e cordial.

— É por isso que eu bebo tão pouco — resmungou.

— E é por beber pouco que você passou mal — Alice riu. — Acho que você deveria beber, pelo menos, dois copo de vodka por dia, assim vai se acostumar. O que me diz? — zombou.

— Nem pensar — respondeu, ainda com a cabeça baixa. Anne e Kristen chegavam de bicicleta.

— O que aconteceu? — perguntou Anne, aproximando-se.

— Oh... Estou botando o fígado pra fora — lamentou-se, encostando-se no carro, e Anne sorriu, debochadamente.

— Vocês querem entrar um pouco? — perguntou Sophie, por gentileza, mas esperando que elas não aceitassem. Queria se deitar e esperar que a sua cabeça parasse de brincar de carrossel.

— Acho que não... — respondeu Kristen, indecisa, olhando para Alice.

— Hoje não. Acho que você precisa ir pra cama — disse Alice, olhando o relógio. — Tenho um compromisso, agora. Vamos, Kris? — e Kristen concordou com a cabeça.

Tão logo o carro de Alice virou a esquina, Sophie ajudou Anne com as bicicletas e subiram as escadas em silêncio. Somente quando Sophie já havia tomado banho e recuperado a cor no rosto, Anne, deitada ao seu lado, perguntou-lhe:

— O que você achou dessa tal Alice? — Sophie piscou e olhou para o teto, acomodando a cabeça sobre o macio travesseiro de pluma de ganso. Procurou a palavra certa, mas era difícil defini-la, então, usou a única expressão que lhe cabia melhor.

— Intensa.

— Pois eu a achei insuportável — pronunciou com sinceridade visceral e Sophie riu.

— Ah, com certeza ela percebeu. Mas, não culpo você. No começo eu também a achei arrogante e insuportável — virou-se para Anne e continuou. — Ainda acho, mas ela tem alguma coisa a mais. Ela não é apenas displicente com as pessoas ao seu redor. Ela realmente se acha superior, imbatível, dona do mundo.

— Em resumo: insuportável.

— Sim, mas... eu quero dizer... Ela tem um segredo ou algo assim. Eu cheguei a pensar que ela... bem... que ela fosse a pessoa das visões.

— Ela quer matar a Kristen? — pergunto, exasperada.

— Sei lá, pode não ser nada disso. Só acho que o que ela sente pela Kristen é tão pequeno e desprezível que poderia ser ela, sim.

— Hmm... — murmurou, pensativa. — E quanto à tal festa? Você está mesmo pensando em ficar, não está?

— Não sei. De verdade, não sei. Queria me encontrar novamente com essa Alice num local mais neutro para ver se consigo sentir alguma coisa.

— Pra falar a verdade, eu acho que você está usando essa história toda com a Kristen para ficar mais tempo na cidade e, de quebra, viver uma experiência louca, sexy e excitante. — Anne achou ter visto as bochechas de Sophie corarem, o que era raro. — Estou errada?

Sophie virou-se para o teto, novamente. Passou as mãos pelos cabelos, puxando uma ponta sobre o peito. Ficou enrolando-a no dedo e respondeu:

— Acho que você está errada. E certa. Eu não estou usando Kristen. Eu já tinha pensado em ficar, antes dessa festa surgir — virou-se para Anne, novamente. — Eu não quero ficar sozinha em Londres quando você viajar. Pensei que seria bom eu ficar aqui e, enquanto isso, aproveitar para tentar entender melhor essa coisa toda com a Kristen. O ódio, a vingança e... — baixou os olhos, mexendo nos próprios dedos.

— E...? — sussurrou Anne.

— E... eu queria pensar mais sobre mim e o Jesse antes de voltar. Preciso entender algumas coisas dentro da minha cabeça antes de tomar alguma decisão. Quando eu voltar, Anne, vai ser pra valer. Ou deixo Jesse no passado ou vou atrás dele.

Anne lhe deu um sorriso esperançoso.

— Você disse que eu também estou certa. Em que sentido?

— Está certa porque estou morrendo de vontade de ir a esta festa! — exclamou com força nos pulmões e Anne virou-se na cama, batendo os pés no colchão numa estranha comemoração. O colchão ondulava e Sophie gargalhou.

— Eu sabia! Eu sabia! Ah... como eu queria ir junto só pra ver a sua cara! — provocou Anne rindo, e Sophie tampou o rosto com as mãos. Depois de retomar o controle, Anne suspirou e emendou. — Mas, olha, se você ficar mesmo, tenha cuidado, ok? Eu não confio nessa Alice. Nem um pouco.

— O que você acha que pode me acontecer? Fica tranquila, tá bom? — Anne deu de ombros. — Agora, que tal a gente dormir, hein?

— Quer que eu durma com você aqui hoje?

— Não, tudo bem. Já passou. O que eu quero mesmo é acordar amanhã bem tarde.

Anne levantou-se e fechou a persiana, pela primeira vez desde que haviam chegado.

— Assim, a claridade não te acorda — inclinou-se sobre Sophie e lhe deu um beijo na testa. — Boa noite, Sophi.

— Boa noite, Anne — retribuiu sorrindo.

Capítulo 17

No meio da noite, enquanto a cidade dormia sob uma imensa lua cheia, parecendo um grande holofote prateado atravessando um manto negro, Sophie era bombardeada por imagens e sons. Lauren Helleman chorava, sentada em uma escada de incêndio. Em suas mãos havia uma bolsa quadrada e grande. Enquanto as lágrimas rolavam em seu rosto, Lauren lutava contra uma dor delicerante que começava no peito e se espalhava por todo o corpo. Uma dor na alma, profunda e esmagadora. Olhava para a bolsa como se temesse que, ao abri-la, fosse forçada a fazer algo que não quisesse ou não estivesse pronta a enfrentar. Enxugou as lágrimas com os dedos e fungou.

Lauren fora abatida por um sentimento que Sophie conhecia muito bem: a perda de alguém. A impotência, a revolta, a falta de perspectiva. A dor de ter algo arrancado de dentro dela. A enfermeira abriu a bolsa e tirou uma pasta azul clara com uma etiqueta branca sobre ela escrito Ester Abbott. Imediatamente, a imagem da mãe de Amy veio em sua mente, recostada nos travesseiros da cama hospitalar, sorrindo e conversando amigavelmente com Lauren. Havia uma doce ligação entre elas, uma cumplicidade delicada. Ester era a única paciente, há muito tempo, para quem Lauren contara a sua história, de como havia perdido o emprego de enfermeira após o regime do Apartheid, quando surgiram as cotas para negros e empresas tiveram que demitir milhares de pessoas em todo o país para preencher as necessidades raciais. Ester tinha amigas que viveram a mesma coisa na escola onde lecionava.

Lauren abriu a pasta e acariciou o que parecia uma radiografia. Para Sophie, aquelas manchas não significavam nada, mas para Lauren sim. Era algo que poderia provar que a mãe de Amy havia sido vítima de um grave erro médico durante a cirurgia para a retirada do tumor. Uma perfuração no intestino. Era tão evidente que qualquer pessoa treinada poderia ver. Um exame que sumiria do seu prontuário caso Lauren não tivesse conseguido pegá-lo primeiro. Na época, não sabia o que faria com aquilo. Quis devolvê-lo à pasta clínica da paciente e levá-lo à direção do hospital, mas seria tudo inútil. Ester Abbott havia morrido naquela manhã. E Lauren não era mais uma enfermeira respeitada, era apenas uma faxineira. As lágrimas voltaram a rolar e a pasta retornou para dentro da bolsa quadrada. Lauren desapareceu da sua mente, evaporando-se em uma nuvem negra.

Sophie se debatia na cama, buscando agarrar-se em algo enquanto seu corpo caía vertiginosamente. *Aaaaahhhh!* Gritava, inutilmente. Ninguém poderia ouvi-la. Ninguém poderia ajudá-la. Estava em queda livre na escuridão de sua mente e, de repente, seu corpo foi amparado por alguma coisa macia e quente como braços calorosos envolvendo-a e protegendo-a de um futuro incerto. Mas o que quer que a estivesse amparando se transformara em um aperto forte e descontrolado, sufocando-a, imobilizando-a. Sophie não conseguia respirar e suas pernas se agitavam no colchão.

O abraço pareceu contaminar o seu corpo com algo maléfico e uma sensação de fúria a dominou exercendo uma pressão tão grande que pensou que seus órgãos internos fossem explodir. Uma corrente fria percorreu-lhe as veias e o seu sangue se transformou em rios de uma violenta torrente. Sentiu cada veia do seu corpo estufar e enrijecer e não havia mais sentimentos bons ou lembranças agradáveis, apenas uma ausência de calor e de afeto. Viu o rosto de Thomas sendo levado pela correnteza. Viu o rosto de sua mãe e de Anne sendo arrastados para um buraco negro e com eles tudo o que havia de mais generoso.

E tudo ficou em silêncio.

Uma solidão avassaladora tomou conta de Sophie. Alguma parte dentro dela se sentia como uma criança abandonada, outra parte, queria que esta menina fosse destruída.

Aos poucos foram se formando imagens de duas mulheres vestidas com grandes túnicas negras e volumosos capuzes sobre seus cabelos. Elas vinham em sua direção e não havia expressão em seus olhares, era como se fossem feitas de cera, como se usassem mascaras. Caminhavam com passos idênticos e ritmados, quase em câmera lenta. O som agudo do chiado das capas esfoliando nas pernas das duas jovens causava-lhe fisgadas no ouvido. Sophie estreitou os olhos, levando as mãos às orelhas. Nenhuma das duas se importava com a sua presença e quando passaram por ela, Sophie sentiu um arrepio. Virou-se para acompanhá-las, mas haviam desaparecido.

Sophie olhou à sua volta e se deu conta de que estava em uma casa grande e vazia. O piso era tão limpo que poderia ver o seu próprio reflexo nele, se não fosse de mármore branco. Estava em um hall e havia uma única porta aberta. Seguiu por ela, um pouco receosa. Entrou em um corredor sem portas. Caminhou, ouvindo seus passos ecoando ritmados como batidas de um relógio. *Toc, toc, toc, toc*. O corredor virava à direita e outra longa passagem até uma nova virada à esquerda. O frio era quase glacial e Sophie se sentiu em um labirinto polar. Começou a correr, tentando encontrar alguma saída, mas algo lhe dizia que estava indo a lugar algum.

Um cheiro estéril de éter ardeu as suas narinas. Ela parou e tampou o nariz com as mãos, olhando em volta. Avistou uma única porta ao fundo, do lado esquerdo do corredor. Correu até ela e parou, vendo uma névoa branca e fina passar por baixo da porta vindo em sua direção, tocando-lhe os pés e escalando delicadamente suas pernas. A porta se abriu violentamente para fora, liberando uma golfada de ar frio e enevoado. Tão logo a bruma se dissipou, viu uma sala pequena com paredes brancas e, no teto, dois conjuntos imensos de luzes fluorescentes emitiam um zunido enervante. No centro da sala havia duas macas e, sobre elas, dois corpos cobertos por lençóis igualmente brancos. A ausência de cores lha dava uma sensação de impessoalidade que não combinava com os sentimentos que começavam a invadi-la.

Caminhou lentamente em direção aos corpos sentindo o gelo dentro do peito se rachar. Podia ouvir o barulho dos pedaços se desfazendo em uma dor insuportavelmente aguda. Quando chegou perto o suficiente para tocá-los, não havia mais medo nem ansiedade, apenas um desejo de juntar-se a eles, de estar-lhes acanto, protegê-los como se algo ainda pudesse lhes fazer mal. Estavam mortos, nada poderia atingi-los mais, mas, no fundo, sentia como se ainda houvesse alguma ameaça.

As pontas de seus dedos tocaram no tecido frio e liso do lençol. Queria puxá-la apenas um pouco e ver os rostos daqueles que − ela presumia − tanto amava e tanto lhe faziam falta. O toque, porém, desencadeou uma reação imediata. Ela fora sugada para fora, como se uma imensa mão a puxasse violentamente pelas costas. Seu corpo ficou envergado com as pernas e os braços para frente e, enquanto tudo foi ficando mais longe, a sensação de união se dissolvia e, embora não houvesse mais o mesmo sentimento de apego, Sophie quase sentiu falta deles.

Subitamente, suas costas se chocaram contra a parede do corredor e os pulmões foram projetados contra as costelas. Faltou-lhe o ar. Sophie foi chicoteada para frente caindo com o rosto no chão e a dor a fez recuperar um pouco da consciência. Estava caída, sentindo os joelhos doer e a cabeça latejar. Ouviu passos. Abriu os olhos lenta e dolorosamente e viu, ao longe, saltos femininos marchando em sua direção. Estava petrificada demais para se levantar. Viu apenas os pés de uma mulher caminhando até ela, graciosamente, sem pressa nem ansiedade. O caminhar era elegante e seguro. Parou ao seu lado e Sophie fechou os olhos. Temeu o que aconteceria caso encarasse àquela mulher, como se fosse ver serpentes agitadas sobre a sua cabeça e o olhar dela a fosse transfomar em pedra.

Você não quer estragar tudo, quer? — perguntou-lhe uma voz austera. Sophie não conseguiu responder. E a voz continuou, depois de um longo inspiro. *— Não se pode mudar o passado, pode-se apenas vingá-lo. Não se esqueça disso. Não estrague tudo. Você está quase lá.*

Sophie sentiu um gosto de sangue em sua boca. Ouviu os passos tiquetaquear lentamente, perdendo a intensidade, desaparecendo da sua mente.

E fez-se silêncio, novamente.

Seu corpo todo doía, principalmente a boca, que devia ter se chocado contra o piso na queda. Ouviu os próprios gemidos e sentiu o chão frio em seu rosto. Percebeu que o calor voltava a circular em suas veias e um toque macio acariciou seus cabelos. Uma mão agarrou-lhe o braço e Sophie tremeu.

Ao fundo, ouviu a voz de Anne.

— Sophie! Sophie! O que aconteceu? Fale comigo, por favor!

Anne tentava levantá-la do chão e, lentamente, Sophie tomou consciência do próprio corpo e de seus movimentos. Com a ajuda de Anne, conseguiu voltar à cama e se deitar, sentindo o corpo moído, como se tivesse sido atropelado por um tanque de guerra.

— Oh... — gemeu.

— Meu Deus, o seu rosto! Está coberto de sangue! — exclamou Anne. — O que houve?

— Acho que caí... — murmurou enquanto Anne desaparecia pela porta do quarto. — Eu sonhei... as visões... Lauren... — Anne voltava com uma toalha molhada e cubos de gelo em um saco plástico e começou a limpá-la.

— Meu Deus, Sophie, temos que ir ao hospital!

— Não... estou bem... — sussurrou, sentindo o lábio inchando. Abriu os olhos, piscando com dificuldade, vendo Anne com o semblante mortificado. — Estou bem.

— Não está não! Acho que você bateu o rosto ou a boca na mesinha ao lado da cama. Meu Deus, Sophi... o que houve?

— Eu estava dormindo e acho que sonhei...

— Foram as visões, não foram? — perguntou, nervosa, apoiando o saco de gelo nos lábios já inchados de Sophie que fechou os olhos dolorosamente.

— Sim. Várias... — balbuciou.

— Vou trazer um pouco de água. — falou, já se levantando, mas Sophie agarrou-a pelo braço e Anne a olhou assustada.

— Não me deixe sozinha — sussurrou. — Por favor...? — sua voz era tão frágil quanto de uma criança assustada, recém-acordada de um pesadelo terrível.

— Claro, claro... — disse Anne, sentando-se novamente, colocando de novo a pequena bolsa de gelo sobre os lábios dela. — Você quer me contar o que houve?

Sophie engoliu em seco e fechou os olhos, lentamente, enquanto uma lágrima escorria, morrendo solitária sobre o travesseiro.

— Primeiro, eu vi a Sra Helleman — começou, com dificuldade. —, depois foram Kristen e Alice, eu acho, e... eu estava em um necrotério e tinham... Havia duas pessoas mortas... e... — a medida que falava, as sensações voltavam, apoderando-se do seu espírito novamente. Sophie parou.

— Shhh... está tudo bem, agora.

— Era tão triste... Tão solitário... e frio! — Tentou puxar o ar, mas este veio aos trancos, como um soluço seco. — E a senhora Helleman... Eu preciso falar com Thomas. Ela tem... Ela tem provas... — mal conseguia coordenar a fala.

— Você não vai fazer nada, agora. Você vai ficar quieta. Eu vou te trazer um chá — falou, levantando-se, novamente. — E, Sophie? — Sophie virou-se para ela. — Não durma! Não sonhe! Não pense! — ordenou e Sophie sorriu timidamente, segurando o plástico gelado sobre a boca.

Anne saiu do quarto e Sophie se esforçou para não correr atrás dela. Nem conseguiria. Suas pernas ainda estavam trêmulas e o seu corpo dolorido. Sua boca parecia ter uma almofada no lugar dos lábios e as mãos formigavam. As duas. Ela temeu se teria tido outro derrame. Repassou em sua mente se andava tomando o remédio para a pressão todos os dias e alegrou-se por tê-los colocado ao lado da escova de dente, assim nunca se esqueceria de tomá-los. *Estou bem, estou bem.* Confortava-se a si mesma.

Não tinha ideia de quanto tempo haviam durado aquelas visões. Pareceu-lhe que fora uma vida inteira. Ou duas, talvez até mais. Havia Lauren, Kristen, Alice, a última mulher caminhando e as duas pessoas nas macas.

Abandonou o saco de gelo enrolado na toalha sobre a mesa, acomodou-se melhor na cama, movimentando-se com cuidado, fragilmente e quando Anne voltou, ela estava sentada, com dois travesseiros às suas costas.

— Tome, isso vai lhe fazer bem — disse, apoiando a bandeja sobre as pernas de Sophie.

Havia chá de Melissa e bolachas. Sophie levou a xícara à boca e os lábios reclamaram ao contato com a xícara quente. Sophie estreitou os olhos, mas apreciava o líquido quente que lhe enchia a boca, descendo delicadamente pela garganta.

— Como eu caí da cama? — perguntou após alguns minutos de silêncio.

— Foi horrível — respondeu Anne em tom apavorado. — Eu estava no banheiro e ouvi você gemer. Te chamei, mas você não respondeu. Vim até o seu quarto e você estava... bem... estava se debatendo na cama, como se quisesse se libertar de alguma coisa e... de repente, o seu corpo ... — Anne não conseguia encontrar um modo diferente de dizer o que vira. — você pulou!

— Como assim, pulei?

— Pulou! Como se tivesse uma mola no colchão... você tremeu e o seu corpo se ergueu, talvez uns dez centímetros do colchão e depois, rodopiou pra fora. Eu tentei te segurar, mas foi muito rápido...

— Anne... eu... sinto muito.

— Pelo amor de Deus, pare com isso!

Sophie engoliu o resto do chá lentamente e colocou a bandeja ao lado do corpo, na cama. Passou a mão pelos cabelos e inspirou profundamente.

— Eu não entendo...

— O que você não entende?

— A primeira visão foi muito clara. — E Sophie contou, com detalhes, como viu Lauren Helleman em conflito com as provas na mão. — Eu acredito que ela vá ceder. Acho que ela vai ajudar o Thomas e a Amy.

— Isso seria ótimo... — falou sem muito entusiasmo.

— Mas depois que a Sra. Helleman desapareceu, começou um verdadeiro pesadelo. Foi como se eu tivesse sido tomada por algo que me sugou a vida. Eu senti como se a minha alma não existisse. Como se eu fosse alguma coisa viva e ao mesmo tempo sem vida. — Sophie agitou a cabeça, era inexplicável o que sentira. — Depois, vieram duas mulheres em túnicas, acho que era Kristen e Alice, e eu as perdi. Fiquei perdida naquele lugar e, na busca por uma saíde, encontrei esta sala — falava percorrendo o teto do quarto com os olhos, buscando em sua memória as imagens e as palavras certas. — Havia duas macas e quando eu cheguei perto delas, quando eu pensei em descobrir os corpos, fui puxada para fora, caí com o rosto no chão e... — olhou para baixo no chão onde havia caído, ao lado do criado mudo. Depois, olhou para a porta do quarto ao lado da cama, como se visse os pés vindo em sua direção, novamente. — Uma mulher veio até a mim e me disse algumas coisas.

— O que ela te falou? — a voz de Anne a trouxe de volta.

Sophie fitou os olhos verdes curiosos e preocupados de Anne, que agora se sentava ao seu lado, e continuou.

— Ela me disse que o passado não pode ser mudado, apenas... vingado. — esperou a reação de Anne, que arregalou os olhos, amedrontada.

— Vingado?

— Sim...

— Por que...?

— Eu não sei. E, depois, me disse para não estragar tudo, que eu, ou a pessoa da visão, estava quase conseguindo o que queria.

— Que estranho...

— Como sempre... — suspirou, fechando os olhos. — Só pode ter algo a ver com a Kristen e a Alice.

— E as duas pessoas na maca?

— Não faço ideia. Pessoas ligadas ao passado de alguém, eu acho. — abriu os olhos, voltando a fitar o branco à sua frente. — Será que alguém quer vingar os mortos do passado? — perguntou esperando que Anne lhe desse alguma das suas respostas inteligentes, mas ela apenas balançou a cabeça.

— Sophi. Você precisa tomar cuidado, não temos ideia de com quem você está lidando. Quais as motivações e até onde isso vai chegar. — Sophie escorregou o corpo pelo colchão, deitando-se novamente.

— Você tem razão, Anne. Isso pode ficar mesmo muito perigoso. Eu também sinto.

Sophie ouviu a inspiração pesada de Anne ainda sentada ao seu lado na cama. Passaram as últimas horas da madrugada sentadas, tentando desvendar aquele enigma. A conexão com Kristen era a única coisa que Sophie podia afirmar, com certeza. O resto era uma incógnita que, à medida que conversavam, Sophie sentia-se mais e mais envolvida.

Às oito da manhã, saíram para devolver o carro na locadora e voltaram de ônibus para o apartamento. Embora sentisse o corpo todo dolorido e a boca estivesse ainda um pouco inchada, não queria deixar Anne ir sozinha. Mas não era só isso. Quanto mais se sentia assustada, mais Sophie se forçava e seguia em frente. Nada nem ninguém haviam conseguido pará-la. E, por isso, decidira que não voltaria mesmo com Anne para Londres. Ficaria na cidade, iria à festa e só voltaria quando o perigo em torno de Kristen tivesse passado.

Anne protestou, afirmando que era impossível Sophie saber quando conseguiria desvendar o dilema, mas Sophie tinha uma estratégia. Contaria a Kristem sobre as visões e esperava que ela pudesse lhe dar alguma resposta que lhe ajudasse a salvar-lhe a vida. O plano era frágil demais para dar certo, ela sabia. Primeiro, Kristen teria que aceitar o fato de Sophie ter visões. Segundo, teria que saber quem era a tal pessoa que a odiava tanto.

Anne passara o dia todo tentando convencer Sophie do contrário, do quanto o seu plano estava longe de ser infalível, mas Sophie não se rendia.

— Anne, pense bem — retrucava, enquanto fechava a porta do apartamento, voltando de uma longa caminhada que fizeram pelo bairro. — Ninguém tem uma psicopata querendo te matar sem saber qual o motivo.

— Ah, tem certeza disso? A Ashley, por exemplo. Você sabia que ela era obcecada por você, que passara os últimos dez anos vigiando a sua vida, colocando a Adrian de espiã e tudo mais? — perguntou Anne, enquanto separava a roupa para vestir depois do banho.

Sophie coçou a cabeça em frustração. Era possível que alguém tivesse uma sombra diabólica ao seu encalço, sem saber; e isso jogava o seu único plano no lixo. Respirou profundamente, levantando-se da cama de Anne.

— Ok, pode ser uma porcaria de estratégia, mas é a única que eu tenho. Aceito sugestões.

— Vamos embora daqui. — falou, mais que depressa. — Hoje, agora!

Sophie sentiu o coração apertar.

— Eu não posso fazer isso... — murmurou, saindo do quarto.

Mais uma noite veio e se foi, desta vez, sem sonhos ou visões. Sem ideias milagrosas que tirassem Sophie do meio de uma história que ela não conhecia o começo nem o meio, somente o final. No cair da tarde, Sophie lavava a louça do jantar e tentava afastar um pouco os pensamentos daquele amontoado de perguntas que jaziam em sua mente como plantas secas a espera de serem regadas e, se ainda fosse possível, fazer brotar alguma folhazinha verde. Poderia até classificar cada uma delas com nomes científicos bizarros: *Controlis mentalis* (a sua mais nova remota capacidade de induzir alguém a fazer alguma coisa), *Viagius virtualis* (capacidade de ver, em tempo real, através dos olhos de alguém.), *Atratis diabolicus* (presas fáceis de psicopatas assassinos), *Desejus Incubatus* (fantasias sexuais mal resolvidas)... Sophie riu sozinha, na cozinha, colocando o último prato no escorredor dentro do armário. Havia achado aquela engenhoca genial: um escorredor de pratos dentro do armário com fundo falso, assim, a louça poderia secar sem absorver a poeira do ar enquanto a água que escorria, caía livremente sobre a pia através do assoalho aberto do armário. *Incrível.*

— Este apartamento é mesmo muito legal, né? — perguntou, jogando o corpo no sofá. — Há quanto tempo você conhece a... como é mesmo o nome dela?

— Sra. Thompson...

— Isso.

— Na verdade eu a vi duas vezes, eu acho. Ela esteve no escritório uns dois meses atrás. Queria redecorar todo o apartamento em Londres e outro na Itália que eu acredito ser este aqui. Mas não chegamos a fazer nem um nem o outro.

— Por que não?

— Problemas com os filhos dela. Parece que um deles queria que ela vendesse este aqui ao invés de gastar dinheiro na reforma. O outro queria que ela reformasse este para ele vir morar aqui... sei lá, alguma coisa assim — respondeu, distraidamente, sentada na poltrona assistindo um filme na TV.

— Eu achei que ela fosse uma antiga cliente do escritório para ter oferecido este apartamenteo para nós.

— Pois é... mas não, eu a vi só duas ou três vezes, mas ela sempre soube que o meu sonho era esta viagem à Itália. Alguns dias antes de a gente decidir vir, ela ligou no escritório dizendo que, finalmente, tinha entrado em acordo com os filhos e que iam reformar o de Londres primeiro e depois ver o que fariam com este aqui e, quando ela me ofereceu o apartamento para as férias, eu disse que ainda não havíamos decidido nada.

— Sorte a nossa ainda estar livre quando você ligou para ela.

— Sorte mesmo... — concordou, sem muito interesse.

Acabara de escurecer quando Thomas chamou Sophie com a notícia de que Lauren Helleman havia se decidido a conversar com eles. Ele e Amy estavam indo a casa dela naquele momento. Anne e Sophie vibraram de ansiedade e, por algumas horas, não falaram em outra coisa. Sophie havia lhe contado sobre a visão na tarde do dia anterior e, no mesmo dia, Thomas e Amy foram atrás de Lauren, novamente.

Anne começou a arrumar a mala para a viagem de volta e Sophie sentiu uma prévia de solidão. Por um momento, toda a certeza de que estava fazendo a coisa certa se evaporou e, como se tivesse acordado de um sonho, pensou em toda aquela loucura como se não fizesse o menor sentido. Combinara com Kristen de se mudar para a casa dela quando Anne embarcasse de volta, dali a dois dias. Se quisesse voltar com Anne, tinha apenas 48 horas para resolver tudo. Impossível. Mal havia visto Alice nos últimos diias. Sem contar, que se voltasse com Anne, abriria mão da festa. Impossível igualmente.

Desde que soubera da existência daquela festa, sentia um formigamento no estômago sempre que pensava no assunto. A quem queria enganar? Sophie estava louca para ir! Tinha apenas que resolver um pequeno conflito interno: caso sentisse vontade, faria mesmo sexo com um estranho e realizaria a sua mais antiga fantasia? E quanto a Jesse? Estavam no limbo da relação e isso lhe dava o direito de ir para cama com outro homem?

Por que estou pensando em fidelidade a um homem que fez o que fez?

O que ele fez mesmo? Questionou uma de suas vozes.

Virou-se de bruços na cama, enfiando a cabeça sob o travesseiro. A distância e os dias intensos que estava vivendo pareciam ter arrastado todos os problemas com Jesse para uma margem distante de onde se encontrava agora e, como a distância normalmente faz, aquilo que antes a ferira tanto lhe parecia menor e sem importância, como se a ferida tivesse cicatrizado. Sophie virou-se novamente na cama, encolhendo o corpo de lado. Sentiu uma verdade surgir bem lá no fundo. Se a ferida havia cicatrizado e ela desejava tanto ir àquela maldita festa, talvez Jesse se encontrasse soterrado abaixo da cicatriz, e, com ele, o que pensava sentir até poucos dias atrás. Sophie franziu as sombrancelhas sem perceber e quando adormeceu Thomas ainda não havia dado nenhuma notícia.

Capítulo 18

— Então? — perguntou Sophie, assim que Anne desligou o telefone.

— Adrian acabou de sair do hospital. Paul a está levando para casa.

— A casa dele? — indagou Sophie, enquanto saíam de uma farmácia. Anne fazia suas compras finais.

— Não, né. Para o apartamento dela — respondeu com obviedade na voz, colocando a sacola no cestinho da frente da bicicleta.

— Ah... — murmurou. Sophie se lembrou de que nunca recebera retorno algum do email que enviara ao sujeito que ela pensava ser o namorado de Adrian. Não pôde deixar de achar graça. O que ele teria pensado? Esperava que achasse se tratar de um vírus e nunca ter aberto as fotos!

Passear pela cidade de bicicleta havia se tornado um hábito que Anne sentiria falta. Era delicioso atravessar pelas ruas em ciclovias bem sinalizadas e seguras, diferente do caos do trânsito da metrópole. As duas semanas chegavam ao fim e Anne já conhecia várias pessoas pelo caminho. Naquela manhã, fizera questão de passar de um por um para se despedir e, com todos, quase caíra em lágrimas.

Antonio, um senhor gorducho da casa de pães quase na esquina do apartamento; Leonardo, um jovem baixinho e falante dono de uma pequena pizzaria; Eleonora, a balconista da loja de produtos típicos, no centro histórico; Angelo, o rapaz da barraca de revistas na entrada da Via Emilia; Cinzia a cabelereira curiosa com quem havia conversado quase meia hora no café perto do Teatro Ariosto logo cedo, e a quem havia contado quase toda a sua vida, e Ilaria uma barista linda e simpática que, por outro lado, havia contado a Anne todos os detalhes sórdidos da sociedade burguesa de Reggio Emilia, com quem conversava enquanto comia um prato de *insalatona*, uma salada mista bem servida.

— Londres é maravilhosa, quisera eu poder me mudar para lá. Algumas pessoas aqui são muito hipócritas — dizia Ilaria, batendo a cinza do cigarro no cinzeiro de vidro apoiado na outra mão.

— Acho que toda cidade pequena deve ser assim mesmo — concordava Anne, enfiando à boca um garfo coberto de atum misturado a um monte de folhas verdes. — Londres é uma cidade onde se trabalha e o dinheiro pode comprar um monte de coisas, mas não compra isso aqui — disse, gesticulando com o garfo, sinalizando tudo á sua volta. Ilaria e Sophie olharam em torno e a paz da cidade do interior sob o sol do verão, com pessoas caminhando em curtos vestidos esvoaçantes ou de shorts em suas bicicletas lhes disse tudo.

— Se compra! Uma passagem para ca pelo menos três vezes no ano, o dinheiro compra fácil — discordou Illaria, rindo.— Anne, todo lugar tem problemas.

— Qual o problema de vocês aqui? — perguntou Sophie cruzando o talher no prato onde, há minutos, havia uma deliciosa combinação de legumes e macarrão.

Ilaria suspirou.

— Além da falta de emprego, de perspectiva para os jovens, de um governo corrupto — parou para acenar para uma amiga que passava do outro lado da rua —, da burocracia, da lentidão do sistema judiciário e administrativo, a mentalidade retrógrada e a hipocrisia? Hmm... — murmurou. Nada como ouvir os lamentos de alguém nativo.

Sophie pensou em como uma cidade pequena como aquela, "retrógrada e hipócrita", como dissera Ilaria, podia sediar uma festa como a de Alice. De "sexo livre", comandada por uma mulher para as mulheres.

— Você já ouviu falar em uma casa onde se faz festas de sexo livre? — perguntou, sem rodeios. Ilaria nem pestanejou.

— Todo mundo conhece as festas da Alice — respondeu, revirando os olhos. — Na Villa Venturini. A casa fica no alto da montanha seguindo para Bibiano. Dizem que é uma vila lindíssima. Eu nunca fui.

— Você conhece alguém que tenha ido? — indagou Anne, limpando os lábios delicadamente com um guardanapo.

— Pode ser, mas nunca vou saber. Aquela ali — começou, gesticulando discretamente com a cabeça em dreção a uma mulher que atravessava a rua, entrando na tabacaria na esquina — ela poderia ser uma frequentadora, mas aposto que nunca foi para não ser vista em um lugar assim. Já as pessoas de Parma iriam sem problema algum.

— Bom, se a casa ficasse em Parma, talvez os moradores de lá também não fossem, não acha?

— Não, elas iriam. São mais abertas do que as daqui. Reggio é muito provinciana.

— Mas, sabe o que eu não entendo? Se alguém vai nesta festa e dá de cara com a vizinha, por exemplo, nem uma nem a outra pode falar nada, concorda?

— Deveria ser assim, mas aqui não é. Pode ter certeza de que vão falar. "Conheço uma amiga que foi e disse que viu a fulana naquela festa onde a mulherada vai com qualquer um", seria mais ou menos assim, só para falar mal de alguém — balançou a cabeça. — É ridículo...

Sophie ficou pensativa. Não que qualquer um daqueles comentários a faria mudar de ideia. Ela se lixava para o que as pessoas diriam, fossem ali naquela cidadezinha ou em Londres. Começava a entender o que Ilaria queria dizer. Londres é uma cidade onde as pessoas se vestem como querem, são e fazem o que querem sem prejulgamento algum por isso. As pessoas são livres e sem preocupação do que alguém vai achar, dizer ou pensar.

— Imagino que a Alice não deve ser muito querida por aqui, é?

— Depende. Pelos homens ou pelas mulheres? Os homens se arrastam atrás dela e as mulheres morrem de inveja, mas não assumem, é claro. Falam da boca pra fora que são indiferentes ao que ela faz. Tudo mentira. Você vai encontrar várias mulheres, moradoras de Reggio, na festa, mas posso apostar que 99% são estrangeiras. As regianas mesmo, não vão.

— Mas elas cruzariam o oceano para ir a uma festa igual em Londres... — emendou Sophie.

— Exatamente.

— E tem gente que mora em Londres e atravessou o oceano para ir à festa, aqui... — provocou Anne.

— Vocês foram? — perguntou Ilaria, cheia de curiosidade.

— A Sophie vai — Sophie apenas riu. Ilaria caiu na gargalhada.

— É isso aí — incentivou, antes de se levantar e ir servir um cliente que acabara de entrar no bar.

— Você bem que podia adiar em apenas um dia a sua ida e ir comigo á festa, hein? — perguntou Sophie.

— Você sabe que eu não posso — ela sabia. Anne partiria em férias com Brandon no dia seguinte que chegaria a Londres, mais ou menos na hora em que Sophie iria à festa. Sophie sorriu pra ela com cumplicidade. Algo dentro dela sentia que se Anne lhe acompanhasse a chance de cometer uma loucura seria menor. Esta mesma chama de esperança se apagava segundos depois, esmagada pelo desejo ardente de mergulhar naquele mundo sem consequências, sem compromissos, sem amarras, pressão ou questionamento. Por uma estranha certeza, Sophie sentia que, em dois dias, se livraria de todos os pesos dos últimos dias. Nâo só porque estava se convencendo de que sexo com um estranho seria como sentar-se a mesa de um restaurante italiano apenas pelo prazer de saborear um tempero genuíno e diferente, mas também sabia que estava próxima a entender as ameaças contra Kristen. No dia seguinte se mudaria para a casa dela e teria chance de conhecê-la melhor. Depois, teria a primeira festa e, quem sabe, ficaria ainda mais uma semana até a próxima. Quem sabe?

Seus pensamentos foram interrompidos com a voz de Thomas. Sophie se levantou da mesa e foi ao banheiro pouco depois que Ilaria voltara com as xícaras de café em uma bandeja e sentara à mesa com elas novamente.

Puxa, estava ficando preocupada — queixou-se Sophie. — *Como foi?* — *Melhor do que esperávamos, mana. Ela nos entregou tudo. As radiografias, as anotações, tudo.* — *Uau! Não sei o que dizer... como está a Amy? E o pai dela?* — *Bom, estão agradecidos. O senhor Abbott disse que vai fazer o que for preciso para reverter a situação da Sra Helleman.* — *Que situação?* — Thomas lhe explicou sobre o período pós aparheid e as cotas de negros nas empresas. — *Muitas pessoas competentes foram demitidas e outras sem a mesma qualificação entraram no lugar. Foi um período bem intenso, por aqui.* — *Ah, então foi isso...* — comentou Sophie, embora de alguma maneira ela já imaginasse. — *Bom, mas quanto aos médicos, o pai da Amy está fazendo a coisa certa. Está se cercando de advogados antes de dar com a língua nos dentes. Temos que ter certeza de que podemos lidar com este grupo.* — *Nem sei o que dizer, Tommy* — comentou Sophie, realmente, sem a menor ideia do que sentia. Feliz por ter ajudado a dar provas nas mãos de Amy e ao pai dela para que lutassem por justiça. Ao mesmo tempo, triste pelo fim prematuro da vida de uma mulher, mãe e esposa tão jovem. Nem havia chegado aos 40 ainda. Sophie sentiu o estômago tremer. E não era de excitação. — *Tenho que ir agora, mana. A Amy quer te agradecer por tudo, mas ela te liga quando você voltar pra casa. Amanhã, certo?*— *Ãhã.* — concordou. Haveria tempo de lhe eplicar melhor tuo o que estava acontecendo, mais tarde. — *Tenha cuidado, hein.* — *Pode deixar. Nos falamos mais tarde* — e se despediram, rapidamente.

Já se passavam das cinco da tarde quando Anne e Sophie voltaram para casa, com Anne sentindo já a falta daqueles novos amigos. Kristen ficara de passar por lá para se despedir de Anne, mas nada mencionou sobre levar Alice com ela. Quando o som da buzina do Audi preto entrou pela varanda escancarada da sala, Anne olhou para Sophie, que estava cochilando no sofá. Correu até o balcão e certificou-se de que eram elas, antes de acordá-la. Para o seu desprazer, Alice estava lá embaixo e dirigia-lhe um sorriso tão falso quanto a pele perfeita das modelos nas revistas. Ninguém tinha a pele sem poros, lisas e brilhantes como elas. Anne já vira Sophie tratar fotos de modelos zilhões de vezes para identificar os retoques e ali embaixo havia um sorriso perfeito demais para ser verdadeiro. Argh.

Sophie deu um salto quando Anne a chacoalhou pelo ombro, passando por ela no sofá para ir abrir a porta do saguão pelo interfone. Sophie levou alguns segundos para entender o que estava acontecendo. Levantou-se quando ouviu as vozes de Kristen e Alice ecoando pelas escadas. Em seguida, a porta da frente se abriu e Anne saudou Kristen com muito mais entusiasmo do que fizera com Alice. Ouviu-se a porta se fechar e o som dos chinelos de Kristen chiou pelo corredor até a sala de estar. A voz de Kristen mal se ouvia, apenas o toc toc dos saltos dela. Sophie teve uma sensação de *déjá vu* e a imagem da Medusa veio à sua mente. Olhou para a porta da sala no mesmo instante em que Kristen adentrava com Alice ao seu lado e Anne logo atrás.

Alice tinha os cabelos divididos ao meio com cachos volumosos caídos sobre os ombros nus, em um vestido tomara que caia preto, um grosso colar prateado contrastando com a pele dourada do sol. Sophie não teve como evitar olhar para baixo, para os sapatos que lhe traziam à superfície de sua mente uma imagem de uma das suas últimas visões. Eram sandálias pretas com saltos altos, extremamente finos e prateados. Uma fragrância doce envolvia a proeminente figura de Alice como uma áurea encantada ao redor dela.

— Não acredito que você estava dormindo, com uma noite linda e quente lá fora — comentou Alice, debruçando-se sobre ela, dando-lhe um suave beijo na face. Sophie mal retribuiu.

— Oi! — exclamou Kristen, logo atrás, correndo para sentar-se ao lado de Sophie no sofá, dando-lhe também um beijo um pouco mais espalhafatoso na bochecha. Anne não se sentou, ofereceu-lhes um suco, que ambas aceitaram e ela voltou à cozinha. — Então, a que horas você vem pra minha casa, amanhã? — perguntou Kristen, sorridente.

— Quando eu voltar de Bologna. Vou levar Anne de trem até o aeroporto e acho que estarei de volta às duas da tarde. Venho pegar minha mala e aí eu te ligo, pode ser?

— Nada disso — discordou Alice. — Você me liga, eu venho te buscar e te levo à casa da Kristen.

— Perfeito! — exclamou Kristen. — Assim você não tem que ficar arrastando mala por aí.

— Gostaria de levar vocês ao aeroporto, mas tenho um compromisso — justificou-se Alice.

— Tudo bem, não se preocupe — respondeu Sophie enquanto Anne entrava na sala carregando uma bandeja com uma jarra de suco vermelho com frutas, alguns copos e biscoitos. Apoio-a sobre a mesa de centro e acomodou-se na sua poltrona.

Enquanto uma conversa sem compromisso girou pela sala, Sophie observava secretamente Alice e Kristen. Havia uma estranha dinâmica entre elas, como se os papéis se invertessem, em um sincronismo interessante, como se fossem dois lados de uma mesma pessoa. Alice se tornava distante enquanto Kristen tomava a cena com sua alegria quase ingênua. Depois, Kristen se ofuscava quase totalmente diante da presença forte e dominadora de Alice. Era como uma gangorra de personalidades, ora uma ora outra atingindo as alturas e ambas pareciam se divertir. Aquela analogia fez surgir uma ideia tão vaga que logo se perdeu na mente de Sophie, como um sonho que se desfaz quando se acorda. Parece extremamente lógico e, em seguida, vai se perdendo, escapando por entre as frestras da realidade até que não resta mais vestígio algum. Uma ideia que nascera já morta e, mesmo assim, parecia ter sido importante.

À parte a ideia natimorta, Sophie não sentira mais nada durante a visita de Kristen e Alice. O que sentiu veio depois, bem depois, no meio da noite, quando o silêncio tomava conta das ruas e dos corredores do apartamento. As vozes vinham de algum lugar distante, mas que Sophie ouvia próximo demais dela. Dentro dela, dentro da sua mente e o que sentia não era agradável. Sentia-se tomada por uma desesperadora falta de controle.

Você precisa se acalmar — falava uma das vozes, num tom monótono enquanto a outra se debatia como um pássaro enjaulado. — *Acalmar? Como é possível, me diz!* — indagava a outra voz, aflita, quase histérica. — *Ela está tão perto e eu não posso fazer nada! Só fingir e me esconder sendo que a minha vontade mesmo era de... — Eu sei qual é a sua vontade e você vai poder fazer o que quiser, mas na hora certa. — E quando, por todos os deuses, quando é esta maldita hora? — Logo. Está tudo indo como planejado. Não poderia ser melhor. Confie em mim e faça exatamente o que eu mandar.* — disse em um tom autoritário que fez gelar a nuca de Sophie deitada na cama, presa entre dois mundos distintos, como em uma linha cruzada. A diferença é que, nas chamadas cruzadas não se podia sentir o que as pessoas do outro lado sentiam. Já Sophie, experimentava, naquele momento, duas sensações intensas que entravam em choque como ondas arrebentando contra as rochas no mar.

Sophie podia sentir a exasperação de um lado; o desejo quase incontrolável de canalizar uma ira contida ao que parecia por toda uma vida. Era dali que vinha o gosto acre que sentia em sua boca todas as vezes que tinha a visão aterrorizante de Kristen deitada à cama, amarrada e inconsciente. Era um ódio corrosivo, cheio de rancor e amargura. Um sentimento que não tinha mais volta.

Do outro lado, a frieza e a maturidade de alguém que vivera sob controle enérgico e, por consequência, possuía um autocontrole inabalável, como se detivesse as cordas de todas as marionetes do mundo inteiro em seu poder. E no meio daquela disputa de poder, de egos e de controle, Sophie sentiu uma pressão no peito tão forte que pensou estar para ter uma parada cardíaca. Tudo sob as suas costelas parecia estar sendo esmagado como se uma prensa gigante a estivesse reduzindo a uma folha de papel, quebrando seus ossos, rapidamente, rasgando a carne, estourando os pulmões, pressionando o coração que, heroicamente, resistia a explodir como se fosse um simples broto da flor Maria-sem-vergonha. Mais uma pressão e *plof.* Faria jorrar pelos ares zilhões de pequenas sementes, no caso, toneladas de gotas de sangue.

. Não conseguia respirar, muito menos gritar. Os segundos se arrastavam como se o tempo tentasse desesperadamente se libertar, esticando-se ao máximo para romper uma barreira invisível entre um segundo e outro. Sophie tinha certeza de que iria morrer naquele instante, sozinha em sua escuridão, e a primeira pessoa que veio em sua mente, estranhamente, não fora Anne, mas sua mãe e, de repente, sentiu a paz. A doce e suave paz, como se flutuasse, pairando sobre si mesma, sobre a casa, a cidade, o planeta, o todo. Sophie sentia a vida escapando-lhe pelos poros e o peso que a mantinha ligada a tudo e a todos, aos poucos, se desfez. Sophie apenas flutuou e desapareceu dentro de si mesma.

Quando acordou, com Anne sentada ao seu lado, sentiu o travesseiro molhado das suas próprias lágrimas. Abriu os olhos e viu Anne com um sorriso triste nos lábios.

— Bom dia, dormiu bem?

Dormiu bem? Mas que diabos? Eu não morri! Mas eu não sonhei, tampouco. O que foi aquilo? Todas as perguntas giravam em torno da sua mente como pássaros confusos em pios desconcertantes.

— Você está bem? — perguntou Anne, ainda sentada ao lado de Sophie.

— Eu... Não sei. Tive um sonho... Eu acho.

— Sonho? — ergueu uma única sombrancelha.

— Se eu estou viva, então foi um sonho — respondeu, com uma voz rouca e um pouco desafinada.

— Viva? Não estou gostando disso... o que houve?

— Nada... Besteira. Apenas uma sensação — Sophie não deixaria Anne preocupada justo hoje, a poucas horas de pegar o avião de volta, então, sorriu e se sentou na cama. Anne conhecia aquele olhar. Assim como conhecia quando Sophie não queria falar.

Tomaram o café da manhã e pegaram o trem para Bologna. Anne só perguntou novamente sobre o estranho sonho quando estava para entrar na sala de embarque. Sophie manteve sua promessa consigo mesma e não lhe disse nada, embora a sensação da morte ainda estivesse viva dentro dela, consumindo seus pensamentos em busca de respostas. E, graças à reflexão sobre o que diabos teria acontecido naquela noite, Sophie mal percebeu que já havia se despedido de Anne havia vinte minutos e ainda estava ali, plantada no saguão do pequeno aeroporto; e Anne, provavelmente, já estava sentada, aflita com a decolagem do avião.

Sophie piscou três vezes seguidas, deu meia volta e seguiu para o início de algo que ela sentia que seria grande. Sentiu que estava no meio do olho do furacão e não via muita saída a não ser deixar-se levar, esperando que ele não causasse muitos danos.

Foi a última vez que tivera esta esperança.

Capítulo 19

Alice e Kristen buscaram Sophie no apartamento e foram à casa de Kristen, que morava do outro lado da cidade o que, para Reggio Emilia significava a dez quilômetros de onde Sophie estivera hospedada nas últimas duas semanas. O pequeno apartamento ficava em um bairro com prédios todos parecidos de três andares, com tijolos aparentes e varandas quadradas. Pareciam grandes caixotes em tons amarelados com janelas e portas pintadas em verde musgo. Havia sempre uma pequena cerca circundando os edifícios, ao redor e um estreito jardim. As ruas eram largas e limpas, com ciclovias de ambos os lados e a paisagem era ligeiramente monótona.

Embora fosse um pequeno apartamento, havia espaço suficiente para um quarto de casal, uma sala com cozinha integrada e um banheiro. As mobílias não combinavam muito bem, mas quem se importava? Era perfeito para uma jovem solteira. Sophie sentiu, novamente, aquela sensação de estar fazendo uma coisa absurda, insana e ridícula ao apoiar sua mala no sofá, que seria a sua cama por talvez uma semana. *O que estou fazendo aqui?*

Aquela vozinha interior irritante logo se calou quando Sophie se lembrou perfeitamente do diálogo que ouvira em sua mente na noite anterior. Algo estava prestes a acontecer. Alguma coisa que envolvia duas pessoas de personalidades muito distintas, focalizadas em uma terceira pessoa. Sophie foi até a varanda, um pequeno espaço de seis metros quadrados com duas cadeiras e uma mesinha de plástico branco, enquanto Kristen fazia um café. Alice veio fazer-lhe companhia.

— Então, animada para a festa de amanhã? — perguntou sentndo-se à pequena mesa.

— Pra dizer a verdade, estou — respondeu, sentando-se ao lado dela.

— Eu tenho certeza de que você vai adorar — afirmou Alice, esboçando um sorriso.

— Alguma dica sobre a festa? — perguntou, enquanto Kristen apoiava a bandeja com as xícaras de café na mesa.

— Acho que não — respondeu Alice. — Olha, não tem mistério. É uma festa como outra qualquer, com a diferença de que as pessoas podem fazer aquilo que tem vontade. Principalmente as mulheres. — Deu uma pausa para saborear um gole do café. — Por exemplo — continuou. — Se você ficar a fim de tirar a roupa e dançar, ninguém vai te impedir. Ou, se você quiser se aproximar de um cara para seduzi-lo ou fazer sexo com ele, ninguém vai te impedir ou julgar. Ou atrair alguma mulher, enfim. Estão todos na mesma sintonia, entende?

Sophie acenou com a cabeça afirmativamente, sem tocar no café.

— Do mesmo jeito que se você só estiver a fim de se sentar, beber e ficar observando, também pode. Você é livre para fazer o que quiser, inclusive, fazer nada — emendou Kristen, sentando-se em um pequeno banco de madeira que trouxera de algum lugar.

— Como você faz para controlar as pessoas que vão á sua festa? Quero dizer, por ser uma festa de sexo livre, não acredito que você aceite qualquer pessoa lá dentro, estou errada?

— De jeito nenhum — respondeu Alice. — A seleção é feita pelo meu site. Quem quiser entrar, tem que se cadastrar e enviar fotos. Vamos ser sinceras, não queremos gente feia por lá, certo? — Sophie sorriu. — E precisa me dar uma referência. Alguém que eu conheça, um associado, ou com quem a pessoa tenha conexões — antes que Sophie lhe perguntasse sobre os tais associados, Alice emendou. — As regras de comportamento também são bem claras no site: nada de drogas ou celulares.

— Para se evitar que tirem fotos ou façam filmes que vão virar febre no YouTube ou Facebook, sabe como é — explicou Kristen.

— E, também, nada de violência. Tenho seguranças espalhados pela casa toda. Um mínimo sinal de problema e eles entram em ação.

— Eu já vi um cara sendo tirado de lá, na maior classe, porque ele estava cantando uma mulher, insistentemente. Lembre-se, lá dentro quem manda somos nós! — enfatizou Kristen com o olhar travesso.

— Existem os convidados, como você, *meus* convidados — enfatizou Alice em tom formal. — Os participantes de ingresso único.

— Tem ainda os que compram entradas apenas para aquela festa específica — falou Kristen como se formasse dulpa com Alice na venda de um produto.

— E os associados, que pagam uma taxa mensal e têm entrada livre em todas as festas e em todas as casas.

— Todas as casas? — perguntou Sophie espantada.

— Sim. Tenho uma parceria com uma amiga, em Londres, e outra na Espanha.

— Pessoas viajam o mundo para ir a festas como estas. Chamamos de tour erótico — emendou Kristen.

— Ah... — murmurou Sophie. — Bom, acho que devo me sentir lisonjeada pelo convite, então. — falou, sem saber ao certo se era assim mesmo que se sentia.

— Lisonjeada? Não... — discordou Alice. — É sempre bom ter mulheres lindas como você na minha casa — Sophie gemeu em discordância.

Eram cinco da tarde e ela se deu conta de que Anne já deveria estar chegando em casa aquela hora e, como sempre, a mágica entre elas funcionava novamente. Na mesma hora em que pensara nela, seu celular tocou dentro da bolsa. Levantou-se ás pressas da cadeira, correu até a sala e pegou o aparelho, sorrindo.

— Oi! Chegou? Como foi de viagem? — perguntou, sentindo-se feliz por saber que Anne já estava em casa. Mas a voz do outro lado da linha não tinha o mesmo vigor, ao contário, era chorosa e desesperada.

— Sophie... Ela está morta...

— Do que você está falando? — perguntou Sophie sentindo um arrepio por todo o corpo.

— A Adrian! Ela morreu! — Sophie soltou o corpo no sofá da sala, que rangiu dolorosamente. — Ela morreu, na banheira! Isso... isso não pode ser normal, Sophi.

— A Adrian, está morta? Morta? — as palavras atrairam Alice e Kristen para dentro. — Em casa? Na banheira? — perguntou, fazendo sua voz soar como um eco das palavras de Anne. Kristen e Alice se entreolharam e franziram a testa. Sophie nem notou.

— Meu Deus, isso é tão insano! Como pode? — exclamou Anne. — O Paul disse que ela estava bem, ontem. E hoje... Oh meu Deus... Como ela pode ter morrido?

— Calma, Anne, me explica isso melhor.

— Dizem que foi suicídio, mas... Sophie, tenho até medo de dizer, mas você não acha... Você não acha que pode ter sido a Ashley?

Sophie não respondeu. Não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Adrian, morta? Suicídio? Nada daquilo fazia sentido. E por que Ashley teria matado Adrian?

— Sophie, por favor, venha pra casa — pediu Anne, chorosa. — Eu estou preocupada. Eu estou com medo por você, por todos nós.

— Como você soube? — perguntou Sophie, fechando os olhos levando a mão à testa, como se quisesse se esconder da realidade.

Anne lhe contou que Paul lhe havia telefonado alguns minutos atrás. A enfermeira designada a acompanhar a recuperação de Adrian em casa não teve resposta quando ligou para ela e nem quando foi, pessoalmente, à casa de Adrian. Tocou a campainha, bateu à porta, gritou da calçada olhando para dentro da sala com as mãos apoiadas no vidro e, por fim, ligara para Paul, a único contato de emergência que Adrian dera ao sair do hospital.

Paul ligou para o detetive Harris que, ao tentar os mesmos meios, por fim arrombou a porta do apartamento. Ao entrar, Harris e a enfermeira Ester se depararam com Adrian, ainda na banheira, parcialmente submersa. O sangue havia se espalhado pela água tingindo-a de vermelho vivo. Adrian tinha os dois pulsos cortados. Uma pequena faca de cozinha estava apoiada à borda da banheira.

— Eu não acredito que ela se mataria, Sophi. Por que ela faria isso depois de tudo o que ela passou?

— Eu não sei... — murmurou Sophie, vendo nitidamente a cena de Adrian imersa em uma banheira de sangue. — Talvez exatamente por tudo o que ela passou... eu... eu não consigo pensar nada agora, Anne.

— Sophi, você vem pra casa... — murmurou.

Foi só aí que Sophie percebeu Kristen sentada ao seu lado. Kristen tinha o semblante aterrorizado. Já Alice, fumava, tranquilamente, na varanda, como se fosse apenas mais um dia e verão.

— Eu não sei Anne... Eu... Te ligo daqui a pouco.

Por mais que Sophie quisesse negar, ela também sentia o mesmo que Anne: Ashley estava por trás daquilo e, só de pensar na possibilidade de ela tê-la matado, fez os olhos de Sophie brilhar. Adrian... morta. Foi como se um golpe gelado atingisse em cheio o estômago de Sophie.

— O que aconteceu? — perguntou Kristen, segurando as mãos frias de Sophie entre as suas. — Meu Deus, você está bem?

— Eu... Eu não sei... Uma amiga morreu... Parece que foi suicídio. Na banheira — foi tudo o que ela disse antes de sentir uma onda de fúria atingir como um raio o seu peito.

— Puxa, eu sinto muito — disse Kristen, em tom solene. Alice voltava da varanda quando Sophie se levantou.

— Me desculpe, eu preciso ligar para uma pessoa — e foi até a varanda. Procurou-o na sua lista de contatos e esperou. O telefone tocou duas vezes e quando ele atendeu, Sophie sentiu vontade de chorar. — Paul, o que aconteceu? — Paul repetiu praticamente a mesma história que Anne havia lhe contado. De novo, Sophie sentiu que havia algo errado. — Isso não faz sentido para mim. E pra você?

— Nem um pouco. Eu a levei para casa, ontem, ela estava bem. Estava animada, fazendo planos inclusive de visitar a família na Irlanda. Não, Sophie, isso não faz o menor sentido — concordou ele, com uma voz que Sophie não conseguiu identificar se era triste, abismado ou abalado.

— E então? Você está pensando a mesma coisa que eu?

— Acho que sim, mas vamos esperar o resultado da perícia, está bem? Precisamos saber se havia alguma droga no organismo dela, as impressões digitais na faca... meu Deus, uma faca de cozinha...

Sophie sabia o que Paul estava dizendo. Uma faca de cozinha, a menos que estivesse muito bem afiada, teria dado trabalho para fazer um corte profundo em ambos os pulsos. Adrian teria que estar muito determinada... ou drogada.

— Quando? — perguntou uma voz firme. Não havia nervosismo ou tristeza mais, apenas uma mente lógica, raciocinando lucidamente, somando dois mais dois. O resultado não podia ser diferente do esperado.

— Com sorte, em quarenta e oito horas.

— Me mantenha informada, por favor, ok?

— Claro. Você está voltando pra casa, Sophie? — perguntou precendo um pai zeloso. Ela teve vontade de lhe dar um beijo no rosto. Sophie virou-se para a sala e viu Kristen e Alice sentadas no sofá, conversando.

— Não, Paul. Tenho coisas a terminar aqui.

Adrian estava morta. Sophie não poderia fazer mais nada para salvá-la, mas poderia salvar Kristen e começaria o mais rápido possível. Desligou o telefone e entrou de volta na sala, atraindo os olhares de ambas.

— Está tudo bem? — perguntou Kristen, primeiro.

— Sim, quero dizer... não tem muito o que fazer agora. Temos que esperar o resultado dos exames.

— Desculpe perguntar, mas por que ela teria se matado, alguém sabe? — Sophie poderia fazer uma lista de motivos, mas nenhum deles parecia forte o suficiente para levar Adrian a cometer um suicídio. Não depois do que Paul lhe dissera.

— Não, não faço ideia — suspirou, largando o celular em uma pequena mesa apoiada à parede. — Acho que preciso respirar ar puro. Preciso dar uma corrida, alguém me acompanha?

Alice se levantou rapidamente, recusando o convite. Tinha coisas a fazer, preparativos para a festa de amanhã, mas Kristen concordou e vinte minutos depois ambas estavam correndo na pista de um pequeno parque a duas quadras dali.

Kristen parara de correr já fazia dez minutos e Sophie ainda mantinha o mesmo ritmo de quando haviam saído de casa. Sua mente pulsava energicamente, tentado encaixar todas as peças recentes. A conversa que ouvira na noite anterior e a morte de Adrian... não podia ser coincidência. Será? De repente, outra peça se encaixou em sua mente. A segunda visão, a sensação de morte, também não podia ter sido coincidência.

Meu Deus, eu estava lá, eu a senti morrer, Adrian se conectou comigo no momento da sua morte!? E as lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto. Será possível que Adrian sentiu que estava morrendo e não teve forças para lutar, para salvar a si mesma?

Se Adrian fora envenenada ou drogada ou qualquer coisa do tipo, alguma coisa sairia na análise da perícia. Só restava esperar...

Ela se conectou comigo. Será que ela queria me dizer alguma coisa? Será que eu poderia tê-la ajudado? Mas que...

— Merda, merda! — gritou, enquanto corria e as lágrimas lhe banhavam o rosto.

Parou, de repente, apoiando-se em a uma árvore, longe dos olhos de Kristen que havia ficado para trás. Sophie podia vê-la do outro lado da pista, fazendo alongamento, próxima a um banco de madeira. Sentia o coração estraçalhar. Quantas e quantas vezes aquele pedaço do seu corpo suportaria as dores que sentia? Por quantas vezes mais aguentaria sentir tanta tristeza, revolta, dor e morte?

Sophie não sabia o quanto ainda poderia suportar, mas se ela não quisesse ver mais uma pessoa sendo morta ou torturada − ou ambas − teria que agir. Permitiu-se chorar por um minuto inteiro e, por fim, enxugou as lágrimas, recompôs-se e correu, suavemente, até Kristen. À medida que se aproximava do banco onde ela se sentara, Sophie pensava se não haveria mesmo outra opção. Se ela não deveria simplesmente deixar tudo aquilo para trás e ir para casa, para Anne, Paul e... para o enterro de Adrian. Controlou uma nova onda de fúria que estava pronta a emergir.

— Puxa, você tem mesmo fôlego pra isso — comentou Kristen, quando Sophie chegou não transparecendo nem a metade do esgotamento físico que Kristen ainda sentia.

— Eu estou acostumada a correr. Adoro. É como se meus problemas não existissem — tentou explicar, sentando-se ao lado de Kristen —, como se eu fosse mais rápida do que eles e conseguisse deixá-los para trás. Pelo menos por uma vez...

— Eu sei. É como nos desenhos animados, quando os personagens saem em disparada e as pintas do corpo ou as roupas, e ás vezes até os olhos, ficam pairando no ar e depois caem no chão — Kristen sorriu como uma criança. Sophie sorriu para ela.

— É, algo assim. Pena que meus problemas não se desgrudem de mim como nos desenhos...

— Que tipo de problemas?

— Você nem queira saber...

— Desculpe, eu não queria...

— Não, tudo bem — disse Sophie, olhando o parque à sua volta. Como era delicioso estar perto da natureza, do verde e do sol. Por fim, se acostumara até mesmo com o sol ardendo em seus ombros que, aquela altura já nem ardiam mais. Aliás, haviam adquirido um lindo tom caramelo escuro. — Eu sofro de um mal incurável — começou Sophie e Kristen girou-se ligeiramente no banco, ficando totalmente virada para ela. — Sofro dores que poucas pessoas suportariam. Por todo o corpo.

— Nossa, Sophie, como? Eu... eu...

— Não é como você está pensando... — Suphie suspirou. — Puxa, faz tanto tempo que não falo sobre isso com um estranho que não sei nem mesmo como explicar.

— Não precisa falar se não quiser.

— Tudo bem, eu quero. Aliás, eu preciso.

Respirou profundamente e começou a lhe contar tudo. Enquanto falava, Sophie podia ver as expressões de Kristen passando da descrença à dúvida, voltando ao ceticismo; desviava para a solidariedade, esbarrando na piedade, atravessando o canal da incredulidade e ancorando no benefício da dúvida.

— Nossa... Isso deve ser bem ruim... quero dizer... uau... acho que não sei o que dizer.— Sophie esboçou um sorriso.

— Você acredita em mim?

Kristen suspirou.

— Por que eu não acreditaria? Por que você inventaria uma coisa dessas? — deu de ombros. — Eu acho que acredito, por que não...? — baixou os olhos e Sophie continuou.

— Eu preciso te dizer mais uma coisa.

Kristen a encarou e alguma coisa em seu olhar fez Sophie imaginar que Kristen sabia o que ela iria lhe dizer.

— Eu tenho visto coisas que, eu acho, tem a ver com você — os olhos azuis intensos de Kristen tornaram-se quase transparentes. — Eu acho que alguém quer lhe fazer mal, Kristen. Você sabe me dizer por que ou quem seria? — Kristen piscou rápido a repedidamente.

— O que? Não. Não faço a menor ideia.

— Não precisa responde agora, acho que ainda temos tempo. Mas eu gostaria que você pensasse seriamente nisso. Não é brincadeira, Kristen — disse, pegando as pequenas mãos dela entre as suas. — Eu sinto. Eu vejo. Eu sei. Tem um perigo muito, muito eminente à sua volta e eu não posso fracassar com você como...

Por um instante, ambas ficaram em silêncio.

— Como o que? Você não está achando que a sua amiga, ela...

— Eu não estou achando. Eu tenho certeza. Adrian foi assassinada por uma pessoa extremamente perigosa, cruel, mesquinha, manipuladora e...

— Nossa... calma, Sophie. Você está me assustando.

— Desculpe, Kristen, mas se não fosse sério, eu não estaria aqui arriscando a ser chamada de maluca. — Kristen baixou os olhos. — Kristen, seja sincera... No fundo, você sabe que está em perigo, não sabe?

Kristen desviou o olhar, fingindo observar um grupo de crianças que passava em seus patinetes se deliciando em sua inocência. Baixou os olhos novamente para os próprios dedos cruzados sobre os joelhos. Não disse nada.

— Olha, Kristen — insistiu —, se tem uma coisa que eu aprendi neste minha vida louca, é que ninguém foge do passado. Você pode achar que ele está enterrado, mas se aquilo que você enterrou não estava resolvido — Sophie balançou a cabeça —, ele vai voltar. Vai sair da sepultura, abrir caminho entre a terra, fazendo sulcos com suas garras e virá atrás de você. Sedento de algo maior do que a morte, algo...

— Pára! Eu já entendi — falou, levantando-se e acariciando os braços como se sentisse frio sob o sol que ainda exibia o seu pleno poder bem acima da linha do horizonte, embora já fossem mais de nove da noite.

Sophie se levantou atrás dela.

— Kristen, desculpe... — puxou-a delicadamente pelo braço — mas é isso o que eu sinto, o que eu vejo, o que eu sei, e não é bom. Nem para mim nem para você.

— Como você pode dizer que sou eu? Você me vê?

— Não, mas eu sinto.

— Você pode estar sentindo tudo errado, não pode? Será que o perigo não está atrás de você e não de mim? — as duas se olharam por alguns segundos até que Kristen a abraçou forte. — Eu sinto muito, Sophie. Eu sinto muito... você não merece passar por essas coisas. Nossa, que pecado... — Sophie sorriu, ligeiramente.

Mais tarde, elas foram a uma pizzaria na esquina da rua onde Kristen morava. Era um local pequeno e bem iluminado, com uma TV grande pendurada à parede. Passava um daqueles programas de auditório que Anne se divertira assistindo nos últimos dias. Sophie bem que tentou acompanhar Anne assistindo ao programa, mas não conseguiu, sua mente estava sempre ocupada demais com os vários assutos pendentes. Sentiu saudades de Anne de uma maneira quase física.

Olhou para Kristen e percebeu o mesmo interesse ingênuo pela tela. Sorriu para si mesma. Não contara tudo a Kristen. Não contara sobre a verdadeira história de Adrian ou sequer falara sobre Ashley. Não contara, nem menos, sobre os estudos que Nancy prometeu investigar. Não havia contado nem um quinto da verdade e Kristen já pareceu assustada. Coitada.

Comeram a pizza em silêncio e, no caminho para casa, Kristen lhe disse que teria que sair cedo na manhã seguinte, mas que Sophie deveria ficar á vontade. Ela voltaria na hora do almoço e poderiam fazer algum passeio, se quisesse.

Depois de se acomodar no sofá e de se despedir de Kristen, Sophie fechou os olhos na penumbra da sala. Ouviu quando a porta do quarto de Kristen se fechara e sentiu o cansaço pesar em suas pálpebras. Virou-se de lado no sofá, olhando a TV desligada pregada à parede à sua frente. Parecia uma janela fúnebre para um lugar misterioso onde, àquela hora, criança não podia entrar. Um lugar proibido e instigante, como as festas de Alice. Fechou os olhos e tentou imaginar como seria a festa de amanhã. A quantas festas como aquela Adrian teria ido em sua breve vida? Nunca mais iria. Nunca mais faria tantas coisas. Nunca mais iria sorrir, nunca mais faria surgir as covinhas no rosto, novamente. Nunca mais tudo. A morte era o fim. A morte poderia ser um alívio, uma salvação e não um castigo.

Abriu os olhos, rapidamente, sentindo-se invadir por aquela onda, novamente. A morte era boa demais para Ashley. Sophie não queria que ela morresse. Ashley tinha que viver, continuar vivendo na sua escuridão, no seu sofrimento, na sua maldade. Ashley teria que experimentar do próprio veneno e Sophie se encarregaria disso. Bastava que Paul lhe falasse sobre os resultados e... *Eu juro, Adrian, que ela vai sofrer.*

Estes foram seus pensamentos, segundos antes de adormecer.

Capítulo 20

Sophie acordou com o sol entrando pela persiana da sala. Os primeiros raios da manhã atingiam em cheio o seu rosto e Sophie mal conseguia abrir os olhos. Sentou-se no sofá e olhou as horas no celular − que passara a noite ao seu lado esperando ser chamado por Anne, mas ele nunca tocou −. Eram oito da manhã. Kristen já devia ter saído de casa. Nem a claridade nem os possíveis barulhos que Kristen tenha feito foram suficientes para acordá-la.

Levantou-se, foi ao banheiro e se deu conta de estar hospedada na casa de uma total estranha e, de novo, pensou no que diabos fazia ali. Balançou a cabeça. *Devo estar mesmo louca. Adrian está morta, Anne está sozinha e eu estou aqui, vigiando uma pessoa que pode ou não ser vítima de... de que, mesmo?* Sophie nunca vira Kristen sendo morta e muito menos tinha certeza absoluta que era ela nas visões. Mas havia aquela intuição desgraçada que ficava atormentando-a desde sempre e poucas vezes errara. E que péssima guarda costas ele era. Naquele exato momento, Kristen estava lá fora. Poderia estar acontecendo naquele instante.

Sophie não se sentia nem um pouco a vontade em mexer na cozinha de Kristen para lhe preparar um café da manhã, por isso, trocou de roupa e saiu para uma corrida. Achou que correr um pouco poderia lhe abrir o apetite.

Desceu o único lance de escadas e se deparou com uma manhã tão quente que quase desistiu de ir correr. Quantos graus estaria? Trinta e cinco, quarenta? Enfiou o boné na cabeça, fez o alongamento na porta do prédio e saiu correndo suavemente para aquecer os músculos – como se precisassem – para depois acelerar pouco a pouco. Quando entrou no parque – o mesmo onde haviam ido no dia anterior −, suas passadas já eram largas e ritmadas. O lugar estava vazio, com exceção de alguns pássaros, borboletas e pernilongos, muitos deles. Mesmo correndo, Sophie podia senti-los atacando-a incansavelmente. Deu três voltas na pista somando quase cinco quilômetros e parou, sentindo-se exausta, embora normalmente conseguisse correr bem mais do que isso. Abriu uma torneira que saia magicamente de dentro de uma pequena parede erguida sobre uma grana irregular e até a água que jorrava pelo cano já estava morna. Fez uma concha com as mãos, encheu-a de água e mergulhou o rosto lá dentro. Melhor água morna do que nada. Mas não conseguiu bebê-la.

Claire? — Ei, bom dia! — respondeu ela, animada, dando um largo sorriso, erguendo o corpo e sentindo a água escorrer pela nuca, descendo pela coluna por dentro do top azul marinho de lycra. — *Achei que tinha se esquecido de mim* — reclamou ela. — *Nunca, mana. Nunca. Estava esperando ter notícias concretas antes de te chamar. — Então me diz! — Está tudo pronto. O Sr. Abbott e o advogado já montaram a acusação baseada nas provas que conseguimos com a Sra Helleman. O cara disse que é impossível perder o caso. — Fico contente, Tommy. Como Amy e o pai dela estão lidando com isso? — Melhor do que eu esperava. Às vezes acho que estão com a adrenalina ainda muito alta pensando no processo e não tiveram muito tempo para sentir o que tudo isso quer dizer. — Ou talvez estejam mesmo aliviados por encontrar a verdade, principalmente o Sr Abbott, coitado. — Com certeza, mas ainda acho que eles vão cair, mais cedo ou mais tarde. Principalmente ele. — Espero que tudo dê certo para vocês, Tommy. — Vai dar. E graças a você.* — Sophie não gostava de elogios. Nunca soube como reagir a eles. — *Tá bom.* — Foi o máximo que conseguiu comentar. — *E você? Como foi na Itália? Chegaram bem em casa? — Hã... na verdade só a Anne voltou. Eu ainda estou aqui. — Tá brincando? O que houve? — Longa história, longa história... — Eu tenho tempo. Vamos, me conte tudo.*

Enquanto procurava um lugar para comprar uma garrafa de água gelada, Sophie contava a Thomas toda a história sobre Kristen e Alice. Omitiu somente o detalhe da festa de sacanagem. Achou que realmente não precisava contar tudo ao irmão. Disse-lhe, porém, sobre a morte de Adrian. Thomas ficou abismado. Com tudo.

Claire, como você passa por tudo isso e não me conta nada? Quer dizer, eu sei que estou longe e que não posso fazer nada, mas... sei lá. — Thomas... — E, no meio de tudo isso ainda teve o lance da Sra Helleman. Meu Deus... — Thomas, eu... — Claire... — Thomas, por favor pare! — Interrompeu ela. — *Eu estou acostumada a isso. Quero dizer, acostumada a carregar várias vidas dentro da minha mente, esqueceu? Faz parte de mim. Eu já aceitei. — Eu sei, mas... Bom, então, a partir de agora eu quero te ajudar a carregar isso, está bem? — Thomas, você já tem os seus problemas. — Não me interessa. — Tá bom, tá bom.* — concordou, virando pela garganta adentro o líquido gelado que acabara de comprar em um pequeno supermercado. — *Então, vou te contar mais uma.* — Sophie apriveitou a disponibilidade do irmão e contou-lhe também sobre os tais estudos dos quais Nancy lhe falara. — *Controle da mente ou controle mental, sei lá, uma esquisitice assim* — disse ela sem realmente dar muita atenção. Não tinha a menor ideia se conseguiria fazer aquilo novamente. Sophie esperava uma explosão de empolgação de Thomas, mas aconteceu exatamente o contrário. — *Mas isso é... Claire, você tem ideia de quanto isso é sério?* — Ele parecia mais assustado do que entusiasmado. — *Um estudo como este tem que ser mantido em sigilo absoluto, entendeu? Quem são estas pessoas com quem a Dra Nancy tem conversado? Meu Deus... Claire, isso é muito sério e perigoso. — Thomas, calma. — Eu não duvidaria se a Segurança Nacional estivesse de olho nisso. — Thomas, não viaja! — Por favor, minha irmã, fique longe disso. Bem longe, você me promete? — Ok, ok!* — o celular de Sophie tocou no bolso de trás do seu short azul turqueza. Ela pegou-o e o identificador de chamada mostrava a foto de Anne com a língua de fora, que Anne aliás detestava e que Sophie colocara na agenda telefônica de propósito só para irritá-la. — *Tommy, a gente continua depois. Anne está me chamando. — Tudo bem, mas eu vou ficar no seu pé de hoje em diante. Estou de olho em você, maninha.*

— Anne! Esperei você me ligar ontem, quais as novidades?

— Você vai sair daí AGORA, entendeu? AGORA! — gritava Anne do outro lado da linha.

— Ei ei ei, calma! O que esstá havendo?

— A Sra Thompston, Sophie. Ela praticamente não existe! E se ela não existe, quem você acha que está por trás da nossa ida a Reggio Emilia? — continuava berrando sem dar tempo para Sophie pensar. — Aquela maldita Ashley! Aquela maldita garota, louca, diabólica! E sabe a merda maior de tudo isso? Que a gente não tem merda de prova alguma!

— Anne! — exclamou Sophie aproveitando uma brecha quando Anne parou por dois segundos para respirar. Não adiantou nada.

— Sophi, você não está me entendendo? — berrava ela. — A Ashley pode estar aí, bem do seu lado agora. Pode imaginar isso? Ela...

— ANNE PARE! — gritou mais alto. Pessoas que caminhavam do outro lado da calçada pararam e olharam-na com ar espantado. Anne se calou e Sophie inspirou. — Você pode me explicar que história é essa? — Sophie ouviu uma fungada que parecia um soluço e, depois, um silêncio seguido de outro suspiro ou soluço. — Anne, você está bem? — agora, sim, um suspiro longo e profundo.

— Desculpe. É que... Ah, meu Deus, por que você não voltou comigo? Por que eu não descobri isso antes? Como eu fui estúpida!

— Calma. Comece tudo de novo, por favor.

— É o seguinte. Ontem, enquanto eu esperava por notícias de Paul, fiquei pensando em tudo o que está acontecendo e, pra me distrair, achei que seria legal ligar para a Sra Thompson. Queria lhe contar como tinha sido espetacular a nossa viagem e como o apartamento dela é fantástico, agradecer, essas coisas. — Sophie percebeu que Anne falava pelo viva voz.

— Anne, você está dirigindo e falando ao celular? — Anne nunca fazia isso.

— Estou, mas tudo bem. Eu consigo — foi a vez de Sophie suspirar. — Continuando... Eu já tinha tentado falar com ela quando chegamos aí, mas o celular dela estava sempre desligado. Não dei bola. Pra falar a verdade, nem pensei muito nisso. Oh, meu Deus, que idiota eu fui.

— Anne... continua...

— Bom, ontem, quando o telefone continuou desligado, comecei a me preocupar. Algo podia ter acontecido a ela, então, acionei o Jesse para saber se ele tinha alguma notícia ou algum outro número de contato. E, por falar em Jesse...

— Anne!

— Depois te falo... Bom, ele não tinha ouvido falar mais nela e me passou o endereço do apartamento dela aqui em Londres. Aquele onde faríamos a reforma. Eu ia dar um pulo lá ontem à noitinha, mas Brandon disse que era loucura minha, que eu não devia me preocupar. Ela até poderia estar viajando.

— Bem sensato da parte dele — comentou Sophie.

— Espere pra ouvir até o final, está bem?

— Continua.

— Bom, foi a primeira coisa que eu fiz quando acordei hoje, às seis da manhã. E, adivinhe só. Não tem nenhuma Sra Thompson morando lá!

— Você bateu na casa dela ás seis da manhã?

— Não, esperei até ás oito.

— Ah...

— Sophie, você ouviu o que eu disse? Ela não mora lá! Não mora e nunca morou!

— Mas... Eu não estou entendendo uma coisa. Quando ela procurou vocês para falar sobre a tal reforma, ninguém foi à casa dela para fazer um levantamento do local, um orçamento ou algo assim?

— Aí é que está a parte estranha. Nós fomos! Só não chegamos a tirar as fotos porque a Sra Thompson disse que estava com pressa e que era para deixar para tirar as fotos em outro momento. O que, obviamente, nunca aconteceu.

— Ela desistiu da reforma depois, certo?

— Isso mesmo. Eu tive alguns contatos com ela depois disso e... Meu Deus, Sophie, se isso for mesmo como eu estou pensando, a Ashley é pior do que imaginávamos. Ou melhor, sei lá.

— Desembucha logo, Anne!

— Tá bom! Olha, agora eu começo a entender as coisas... a Sra Thompson sempre procurava somente por mim quando ligava no escritório e exigiu que eu fosse, pessoalmente, à casa dela. Foi quando conversamos sobre a Italia e, na hora, eu não me toquei, mas ela insistiu muito para que nós fossemos para aí nas férias.

— E quem mora na casa afinal?

— Ninguém! Está completamente vazia.

— Ela pode ter se mudado, não?

— Mas nenhum vizinho a conhece.

— Que diabos! E como ela recebeu você lá, então?

— Eu não sei! Os vizinhos me disseram que os antigos moradores, um casal de meia idade, não tinham filhos, eram bem fechados. Os vizinhos nem sequer sabiam o nome deles, embora o tal casal morasse lá há vários anos. Parece que se mudaram há pouco tempo para o exterior e deixaram a casa montada, mas fechada. De vez em quando eles vinham passar um tempo e depois sumiam de novo.

— E eles não se chamavam Thompson.

— Não. Era Berley. Sr e Sra Berley. E, definitivamente não era a Sra Thompson. E eles não tinham filhos tampouco! E pelo que eu entendi, este casal era alemão.

— Alemães?

— Pois é. Qualquer coincidência com os anos de Ashley em Berlim não pode ser coincidência!

— Não sei — limitou-se a murmurar.

— Como não sabe, Sophie? Ela armou para irmos parar exatamente ai, o mesmo lugar onde você começa a ter visões de tortura e, agora, está prestes a ir a uma festa de swing! Pelo amor de Deus, será que você não vê?

— Anne, ela não poderia ter bolado tudo isso. Pensa bem. Ela teria que contar com o fato de que nós escolheriamos Itália e não outro lugar no mundo, aceitariamos o convite dela para ficar no apartamento, conheceriamos Kristen e, pra que?... Enfim, são muitas variantes que teriam que se encaixar. Não, é impossível...

— Eu sei, já pensei nisso também, mas algo me diz que não foi tão difícil assim nos manipular. Pensa bem. Ela fez você e o Jesse terminarem, por causa da Adrian. Sabia que você estaria vulnerável, sabia que sairíamos para as férias, porque é isso o que fazemos praticamente todos os anos. Não se esqueça de que Adrian serviu de espiã por muito tempo e ela deve saber tudo sobre nós. Depois, foi só colocar as pessoas certas no caminho e... Vai ver este casal faz parte da rede dela e contrataram uma atriz para fazer o papel da Sra Thompson. — Deu-se um silêncio na linha enquanto o cérebro de ambas fritava — Olha, não temos ideia das infinitas possibilidades de manipulação a que Ashley pode ter acesso. A mente dela é maquiavélica, ela trama tudo e... Que droga, será que você se esqueceu de tudo o que a Adrian nos contou sobre ela, sobre o que ela faz pra viver?

— Anne, não é possível. E a Kristen? Como ela poderia manipular isso? Eu só fiquei aqui por causa das visões, ela não poderia ter manipulado minhas visões também. — Anne ficou em silêncio e Sophie podia até ouvir as engrenagens do cérebro dela funcionando. — Eu concordo que seja estranho o lance da Sra Thompson, mas todo o resto que aconteceu aqui, não dá pra forçar uma coisa dessas.

— Eu não sei... Isso está me cheirando muito, muito mal. Sei que estou deixando passar alguma coisa que faz tudo isso fazer sentido, mas tenho certeza de que tudo isso é uma cilada armada para pegar você, Sophie. E, agora, estamos falando de uma assassina fria e metódica.

Sophie terminou de subir as escadas do prédio onde Kristen morava e o sinal do celular começou a falhar. Correu até a porta, abriu-a e correu até a varanda.

— ...alguma chance?

— Desculpe, o sinal falhou enquanto eu subia as escadas.

— Alguma chance de você vir embora hoje ainda, antes dessa maldita festa?

— Acho que não, Anne. Não vejo motivo, sinceramente.

— Mas que teimosa que você é!

Sophie ouviu um som de uma batida oca e imaginou que Anne havia socado o volante.

— Quando chegam os resultados da perícia sobre a morte da Adrian?

— Hã... acho que amanhã.

— Então, eu te prometo uma coisa. Se for provado que a Adrian foi envenenada ou algo assim, eu volto na mesma hora para casa, está bem? Caso contrário, vou ajudar a salvar esta garota. É o mínimo que eu posso fazer.

— Por que, Sophie? Por que você está insistindo tanto nisso?

— Já me fiz esta pergunta também e a resposta é: eu não sei. É mais do que a visão, tem algo por trás disso. E fiquei ainda mais curiosa agora, depois do seu telefonema.

— Curiosa? — voltou a gritar Anne.

— Calma! — exclamou Sophie. Anne bufou. — Digamos que, agora, estou pagando pra ver. — Sophie suspirou e alguma coisa densa ficou pairando na conversa entre elas. Algo que Sophie não queria dizer e Anne tinha medo de perguntar.

— Você me irrita tanto...

— Eu também te amo. Me liga quando tiver mais notícias.

— Espera! O Jesse, ele...

— Tchau! — disse antes de desligar o telefone.

Desde que embarcaram para a Itália, Jesse manteve uma distância cortês. Era quase como se ele quisesse que Sophie desfrutasse da sua solidão − ou liberdade − antes de tomar uma decisão. E ela, definitivamente, teria que tomar uma. O período de indecisão e ego ferido acabara. Ela, no fundo, já sabia que rumo tomar, só estava adiando dar o primeiro passo. Havia algo que Anne queria lhe falar sobre Jesse e Sophie não lhe dera espaço.

O celular tocou, novamente, e dessa vez não era Anne.

— Oi Kristen, onde você está?

— Estou quase chegando e nós duas vamos às compras.

— Às compras?

— Aposto que você não tem um vestido sexy para essa noite, tem? — Sophie sequer havia pensado nisso. Obviamente, não tinha. Seus planos, quando saira de Londres, não incluiam ir a uma orgia.

— É, acho que não, mas pra falar a verdade, não estou muito a fim de sair. Acabei de chegar do parque. Queria tomar um banho e ficar por aqui. Eu arrumo alguma coisa pra vestir.

— Sem problemas, vou pra casa e damos uma olhada no meu armário. Eu te empresto alguma coisa. — Sophie era bem mais alta e o corpo mais curvilíneo, mas quem se importaria se a roupa ficasse curta ou apertada demais?

— Ok. Obrigada.

— Chego em quinze minutos.

Sophie não chegou nem a desligar o celular e ele caíra no chão, ecoando um estalo brusco pelo apartamento. Alguma coisa estalou dentro da sua mente e ela pensou que fosse desmaiar; esborrachar no chão junto ao telefone. Só que ela não caiu, ficou cambaleando em pé, com as mãos abertas sobre as têmporas e os ohos fechados, cerrados, esmagados por pálpebras pesadas como rochas.

Em sua cabeça, algo parecia estar prestes a explodir. Uma força exorbitante empurrava o cérebro contra o crânio e tudo ficou preto. Sophie desabou, mas ela não viu ou sentiu nada. Era apenas a escuridão. O vazio total. Escuro e frio. A consciência de Sophie parecia flutuante como se não existisse, mas não estivesse totalmente ausente ainda, e o pouco que restava a fez recordar do necrotério da última visão. Dos corpos sobre as macas cobertos por lençóis maculados. Aquele pensamento a levou direto à mesma sala, ou talvez tivesse sido ao contrário.

Na sala, outra maca surgia, sendo arrastada por algo invisível, vindo se juntar às outras duas e quando se aproximou, como se guiada por uma mão fantasma, encostou, delicadamente, em uma delas. Estava vazia, mas não ficaria por muito tempo. Sophie sentia que algo estava para acontecer e o cenário era claro. Alguém iria morrer e se juntar aos outros dois.

Sua mente passou da sala para uma casa. Mais precisamente uma escada acarpetada. Todo o resto era apenas um borrão. Ao longe, um pranto de muher surgiu depois de um grito agudo. O som era profundo e pesado. Um choro que Sophie ouvira poucas vezes, que carregava a dor da impotência e da irreversibilidade. Lembrou-se da dor da sua própria mãe e em todas as vezes em que Sophie se ligara a ela, sentindo o coração sendo arrancado por garras horrendas.

Meu bebê, meu bebê... gritava a voz de mulher. Uma voz jovem e tão carregada de dor que Sophie pôs-se a chorar enquanto sua mente se contorcia como se estivesse se debatendo contra algo que quisesse emergir e desafiá-la. Ou, talvez, exatamente ao contrário, de novo. Como se quisesse evitar que algo muito ruim entrasse e se instalasse para sempre. E Sophie não podia fazer nada a não ser esperar e ouvir aquele lamento repetidamente. Cada som emitido por aquelas palavras era como pregos fixando a mensagem no fundo da sua cabeça para que o tempo e os dias de fraqueza não a fizesse esquecer jamais. Por mais que ela tentasse não ouvir, já era tarde. Estaria dentro dela para sempre e cada palavra arrastava consigo uma corrente de sentimentos ainda mais dolorosos que só quem já enterrou uma pessoa querida sabe identificar. Pedaços de você são arrancados, dia após dia, cada vez que você pensa nela e, como a saudade é forte o bastante para não parar de lembrar, a dor se torna uma companhia habitual.

Quando Sophie acordou, sentiu uma respiração quente sobre ela ainda caída no chão. Abriu os olhos e os longos e grossos cabelos alaranjados de Kristen, por um momento, a fizeram pensar que estava no céu, cercada por anjos. A visão tornou-se menos embaçada e Sophie percebeu a agonia nos olhos de Kristen, úmidos e assustados.

— Sophie... Você... está tudo bem? — Sophie limitou-se a fechar os olhos e assentir com a cabeça. — Você consegue se levantar? — ela assentiu, novamente. — Eu te ajudo.

Havia algo na voz de Kristen. Tristeza, piedade, solidariedade? Sophie odiou todas as opções. Com a ajuda de Kristen, sentou-se no sofá, sentindo o cotovelo e os joelhos arder. Estavam vermelhos e inchados.

— Acho que vai ficar roxo — comentou Kristen infantilmente.

— Não vai não... — sorriu levemente. — Já estão acostumados. — Kristen sorriu com tristeza. Sophie levou a mão à boca recém-recuperada da última queda. Estava tudo aparntemente normal.

— O que aconteceu?

— O de sempre... — Sophie deu de ombros.

— É sempre assim?

— Quase sempre.

— Você estava delirando... eu acho.

— Às vezes eu repito o que ouço — explicou, quase em um sussurro, transparecendo todo o constrangimento que sentia.

— Era algo sobre um... bebê? — a voz de Kristen ficou embargada e Sophie meneou com a cabeça novamente. — O que você viu? — Sophie olhou para ela e viu terror em seus olhos. Suspirou.

— Deixa pra lá, Kristen. Desculpe por você ter visto isso.

— Não! Nossa, não tem nada do que se desculpar. É que... eu não sei o que fazer, o que te dizer...

— Não se preocupe. Está tudo bem. Já passei por isso tantas vezes que estou acostumada. — Kristen segurou as duas mãos de Sophie com força, num aperto que substituiu todas as palavras que ela não encontrava.

— Quer um café? — Sophie sorriu em assentimento.

Enquanto Kristen preparava o café, Sophie tentava eliminar aquela sensação dolorosa das palavras sendo cravadas em sua mente, do lamento, da angustia, da tristeza e da revolta, mas por mais que tentasse – e ela sabia bem como fazer isso – não adiantava e isso não era bom.

Kristen parecia inquieta e Sophie sentiu-se culpada. A cena que a jovem vira há pouco não devia ter sido agradável. Estaria ela tremendo, gritando ou apenas se contorcendo? Nem quis perguntar, mas pelo comportamento da menina, imaginou que fosse ser algo que ela não esqueceria tão fácil. Sentiu-se mais culpada e, para aliviar a tensão, fez o que fazia de melhor. Fingiu uma empolgação que não tinha nem há mil milhas de distância.

— Então, você vai me emprestar algo bem provocante para a festa de hoje?

— Tenho um armário lotado de tralhas, você pode escolher o que quiser — respondeu, sorrindo, embora o brilho no olhar azul ainda não tivesse voltado.

Foram ao quarto e Kristen falava sério. O armário era lotado de vestidos empilhados em uma prateleira interna e amontoados em cabides. Eram de todas as cores e tamanhos. Do sóbrio e clássico preto ao mais espalhafatoso estampado. Do longo ao minúsculo. Kristen foi tirando cabides para fora do armário e jogando na cama. Em pouco tempo Sophie estava espremida em um canto da cama, o único onde não havia panos espalhados. Alguns deles eram tão transparentes que pareciam apenas uma fina pele. Sophie pegou um desses, por curiosidade.

— Você jura que veste *isso*?

— Não! Isso é pra colocar por baixo dos espartilhos — e caiu na gargalhada.

— Você jura que usa espartilhos?

— Há há há há há — gargalhou novamente. — É claro! É tão sensual. Teve uma vez que a festa era temática, ao estilo Vitoriano. Foi muito divertido — comentou, com malícia.

— Mas essa coisa não é difícil de tirar? — perguntou Sophie, genuinamente intrigada. Kristen gargalhou mais uma vez.

— Não é esse o ponto. É provocante, é poderoso, é libertino. E, quem disse que tem que tirar?

— Meu Deus, tenho muito o que aprender sobre este mundo... — murmurou, ainda disfarçando a tristeza que invadira o seu peito.

— Você quer mesmo?

— O que?

— Aprender sobre este mundo? — Kristen parecia séria, agora, como se a conversa tivesse virado uma esquina e entrado em uma trlha de curvas perigosas e escorregadias. Sophie sentiu-se apreensiva.

— Não... deixa pra lá. É só uma festa, não é que eu vá mudar a minha vida por causa disso.

— Será que não? — instigou e Sophie jogou em Kristen uma minissaia que não deveria cobrir nem metade do traseiro dela.

Depois de horas de prova de roupa, Sophie optou pelo clássico preto. Ou melhor, era preto, mas não tinha nada de clássico. Em estilo frente única em jersey, apresentava um decote drapeado na frente tão profundo que não permitiria o uso de sutiã, o que não era um problema para os seios firmes e arredondados de Sophie. O mesmo estilo de decote se repetia na parte de trás, igualmente profundo que exibia claramente os sulcos abaixo da coluna. Kristen fez questão que ela usasse sapatos pretos de salto agulha que, por sorte, haviam sido deixados lá por uma amiga. Os de Kristen seriam pequenos demais para Sophie. Recomendou, ainda, que ela prendesse os cabelos em um penteado despojado, deixando cachos caírem naturalmente ao redor do rosto. Sophie não reconheceu a pessoa no reflexo do espelho e, pela primeira vez, realmente sentiu-se sexy, quase fatal. E ainda nem tinha se maquiado.

— E, agora, o toque final — Kristen esticou-se toda para alcançar uma caixa no alto do armário. Coisa que Sophie fez sem nenhum esforço sobre o que parecia ser quase um metro e oitenta de altura. — Que tal esta? — perguntou Kristen, tirando uma máscara preta enfeitada com lantejolas. — Esqueci de comentar que a festa é de máscaras? — perguntou e, na mesma hora, Sophie se lembrou das máscaras que havia comprado em Veneza.

— Espera, quero te mostrar uma coisa — e saiu apressada para a sala. Abriu a mala e tirou uma pequena caixa. Avaliou as duas opções: Gnaga ou Colombina? Voltou para o quarto. — Acho que esta vai ficar boa, o que você acha? — perguntou, colocando a delicada máscara de Colobina preta com enfeites finos de Swarovski no rosto.

Kristen ficou apenas de queixo caído, sem emitir uma palavra. Sophie virou-se para o espelho e emudeceu. Mesmo que ela não admitisse verbalmente a ninguém − nunca, jamais −, estava deslumbrante. Sentiu uma onda de excitação arrastar a angustia das visões a um lugar bem longe, deixando-a inundada apenas pela endorfina cujo nível crescia a velocidade da luz.

Mais tarde, enquanto Kristen fazia um macarrão todo incrementado, Sophie pensava ao que Anne havia lhe dito ao telefone. Seria mesmo possível que Ashley tivesse acionado pessoas como a Sra Thompson, ou seja lá o nome que ela tivesse, para levar Sophie exatamente àquela cidade? E o que havia ali de especial? Por qual motivo? Mais uma vez teve a certeza de que, fosse o que fosse que Ashley estivesse tramando, agradecia por isso. O que ela mais queria era enfrentar Ashley. Aquela história teria mesmo que ter um fim. E ela sabia quando e onde seria. Aquela cidade, a festa e Alice não eram coincidência. A visão com as duas mulheres, não era coincidência. Tudo se convergia para um lugar comum.

Sophie quase sorriu e estranhou a própria aceitação. Deveria estar aterrorizada e correndo na direção oposta a tudo aquilo. Por Deus, Adrian estava morta! Antes disso, Ashley havia ordenado um ataque violento contra ela naquele parque. Todas as histórias que Adrian lhes contara sobre o passado de Ashley, sua obsessão por vingança, suas estratégias e sua mente doentia deveriam ser motivo de sobra para Sophie estar ao lado de Anne, agora, ao lado de Paul e de Jesse. Buscando notícias de Nancy e sua mais nova habilidade. Sim, talvez aquela pudesse ser um tipo de arma secreta contra aquele demônio de cabelos negros.

Mais uma pessoa iria morrer, este fora o recado da visão que tivera horas antes. Alguém que se juntaria a outras duas pessoas. Seria ela mesma a se juntar á sua mãe e ao seu... Não, nem no pior pesadelo poderia imaginá-la ao lado do pai novamente. Nem mesmo no inferno. Sophie suspirou profundamente e se levantou do sofá, inquieta.

— Fome? — perguntou Kristen, colocando dois pratos á mesa com um macarrão ao molho branco fumegante. Serviu também vinho tinto em duas taças decoradas.

— Acho que sim — respondeu sorrindo, caminhando de volta à sala. — Hmmm isso está com um cheiro delicioso!

— Então senta e vem comer.

A massa não estava nem de longe tão boa quanto os pratos de Anne, mas não estava de se jogar fora tampouco. E era massa, não havia como Sophie não gostar.

Trocaram confidências sobre sexo e relacionamentos, ou melhor, Kristen lhe contou algumas de suas aventuras enquanto Sophie limitava-se a rir e, ás vezes, corar. Não havia o que contar sobre sua vida amorosa ou sexual que pudesse ser extravagante e, mesmo que tivesse, talvez não se sentisse tão à vontade quanto à garota à sua frente que falava de sexo com homem e mulher com a mesma facilidade com que falaria sobre ingredientes em uma receita.

Kristen era uma jovem sensível, meiga e engraçada, ao mesmo tempo selvagem e forte. Teria puxado ao pai ou à mãe?

— Você fala pouco da sua família. Tem irmãos, irmãs? — perguntou Sophie casualmente. Kristen manteve o sorriso, mas algo muito sutil passou pelos olhos dela. Um tipo de tristeza que Sophie reconheceu e, imediatamente, arrependeu-se de ter perguntado.

— Sou filha única e meus pais se separaram há cinco anos — repousou o talher no prato. — Não sou do tipo de falar muito sobre isso, me desculpe.

— Não, eu que peço desculpas. Eu... bem, olha pra mim. Eu sou uma órfã, cuja mãe eu conheci apenas através de uma telepatia, cujo pai só não era mais brutal porque perdia muito tempo com prostituas e bebidas, cujo namorado a traiu com a ex-mulher do melhor amigo... e... — Kristen riu — o que mais... ah, claro, cuja companheira de orfanato a persegue como uma obsessão e está disposta até a matar por isso...

— Como é? — perguntou Kristen, subitamente. — Do que você está falando? — Sophie apoiou os cotovelos na mesa e cobriu o rosto com as mãos. Maldita boca.

— Ela se chama Ashley — falou em um tom gutural. — É uma das piores criaturas que eu já conheci na vida. A sua maldade vai além do que você ou eu ou qualquer pessoa que eu conheço possa ser.

Sophie olhou ara Kristen e viu um par de olhos umedecidos de algo além de medo ou surpresa. Lacrimejantes de cumplicidade. Kristen sabia porque estava sendo perseguida. Kristen sabia de alguma coisa que não contara.

— Kristen, você está escondendo alguma coisa de mim, não está? — Kristen começou a chorar. — Pelo amor de Deus, Kristen, isso pode salvar a sua vida! Eu preciso saber quem é a pessoa que está atrás de você... meu Deus, é a Ashley? Não pode ser... me diz que você nunca fez nada contra ela. Kristen! — a voz de Sophie começou a subir o tom — Me diz que você não era uma das ferramentas daquela psicopata! Por favor, fale comigo!

Mas Kristen não falava, apenas chorava e balançava a cabeça negativamente.

— Não é nada disso... — soluçou — Não conheço essa mulher — soluçou de novo. — É que... oh, Sophie, se você soubesse o que eu fiz um dia... Eu... — Kristen se levantou desastradamente — Eu... eu não quero falar disso. Por favor, eu não posso falar sobre isso. Ainda não. Não estou preparada — foi até a varanda, sentou-se na cadeira de plástico, cobriu o rosto com as mãos e continuou o seu pranto.

Tudo passou pela cabeça de Sophie. Kristen tinha uma história que poderia levá-la à morte e, por vergonha, medo ou qualquer outro motivo, ela não queria enfrentá-la. Sophei pensou na sua própria história. Quantas vezes fugira dos próprios monstros? E de quantos deles ainda fugia? Levantou-se e foi até à sua nova amiga. Agachou-se ao lado dela, acariciando-lhe as mãos ainda sobre os olhos.

— Shhh... fique calma. Tudo vai dar certo, Kristen — deu um tempo para que Kristen saísse da sua clausura, o que não aconteceu. — Todos nós temos fantasmas do passado que nos assombram, às vezes. Eu mesma acabei de enumerar algumas minhas, pra você. Eu sei o quanto é difícil enfrentá-las. E você vai fazer isso no seu momento. — Kristen ainda chorava. — Eu só tenho medo de que uma destas sombras esteja se aproximando de você rápido demais. Por favor, Kristen, fique atenta e se você confiar em mim o suficiente, se você quiser compartilhar qualquer coisa comigo, saiba que estou aqui para te ajudar. Esta é a minha única missão. — Kristen soluçou e abraçou Sophie com força. Suas lágrimas escorriam como finos córregos umedecendo os ombros de Sophie rapidamente.

Quando o sol se pôs e as sombras desapareceram, a porta para um novo mundo se abriu. Aquele onde os desejos eram realizados em abundância, a beleza era fundamental e o instinto selvagem desabrochava como uma planta carnívora, devorando o excesso à sua volta; aquelas sobras inúteis, forjadas pela moral e pelas regras, que tornavam o ser humano um mero embrião de si mesmo.

E era para este mundo que estava indo Sophie, naquela noite.

Capítulo 21

Sophie estava no banco traseiro de um taxi e Kristen, sentada na frente, conversava animadamente com o motorista, um homem aparentemente latino, com cabelos penteados para trás num cuidado excepicional para conter os cachos rebeldes. Kristen havia contado a ela, pouco antes de o carro chegar, que Carlos era o seu motorista nas noites de balada. Bastava ligar que ele vinha correndo buscá-la, fosse a hora que fosse e em qualquer lugar. Carlos era casado e tinha dois fihos pequenos, o que não impedia que ele ficasse de olho em Sophie o tempo todo pelo retrovisor. Kristen devia ter percebido também porque, naquele momento, falava alguma coisa em italiano que fez Carlos passar as mãos pelo cabelo, encabulado. Kristen deu uma risada solta e olhou para trás. Sophie sorriu, sem ter certeza do por que.

Enquanto a conversa seguia animada na frente, Sophie duelava com a sua consciência. Uma vez dentro da casa, o que a moveria? Vigiar Kristen o tempo todo? Dar asas às suas fantasias? E Jesse? Optou por não fazer planos quanto ao sexo. Sobre Kristen, manteria seus olhos sobre ela o quanto pudesse, mas não poderia ficar espiando pela janelinha da cabine enquanto ela fazia sexo com alguém. Pensou em Anne e sentiu vontade de rir daquilo com ela. Anne, Anne... como estaria ela? Sophie acreditava que Brandon a havia acalmado, uma vez que Anne não lhe telefonara mais, nem mesmo para reforçar as recomendações antes da festa. Isso era incomum. Teria acontecido alguma coisa?

— Chegamos! — exclamou Kristen apontando para o alto de uma colina.

A estrada era estreita e cheia de curvas, mas Sophie pôde ver a casa ao longe. Parecia grande e estava bem iluminada o que a destacava em meio à escuridão.

Uma curva para a direita, outra para a esquerda, e o estômago de Sophie começou a encolher. Alguns metros em linha reta e o coração de Sophie acelerou. Mais uma curva e a casa foi chegando mais perto, evidenciando toda a sua beleza e elegância. Sophie começou a suar e não pelos vinte e oito graus que fazia às onze da noite. Sentira aquele suor frio por dentro, já muito antes, o estômago tremer e uma ligeira vertigem.

Um enorme portão de ferro estava aberto e o caminho levava a um pátio de pedregulhos onde vários carros estavam estacionados. Uma pequena fonte enfeitava o centro do pátio. Sophie percebeu que não havia aglomeração alguma à porta, ao contrário, apenas um homem de terno, com o rosto duro como o de um militar, os braços para trás e os olhos fixos em algum lugar na escuridão.

Sophie não conhecia muito de arquitetura, mas poderia supor – graças às inúmeras vezes que Anne passou horas lhe mostrando fotos em revistas e livros de arquitetura e decoração − que a casa era no estilo neoclássico. O recuo retangular nos pisos inferior e superior era sustentado por colunas que lembravam os templos gregos. Suas imensas janelas verticais estavam fechadas e todo o resto iluminado com holofotes externos que emitiam uma luz amarelada sobre as paredes extremamente brancas.

Kristen pagou o taxista e se recusou a aceitar o dinheiro de Sophie. Kristen usava uma túnica grega branca feita de um tecido semitransparente, com adornos em cobre. Seus cabelos estavam presos de um lado e soltos sobre um dos ombros como uma cascata dourada. Assim que desceram do carro, ela fez sinal para Sophie colocar a máscara e ambas subiram os quatro degraus que levavam à entrada da casa, onde permanecia ainda imóvel o homem com aspecto militar. Kristen mostrou-lhe um cartão preto que ele olhou atentamente sem olhá-las nos olhos e lhes deu passagem.

— O que tem neste cartão? — perguntou Sophie baixinho. Kristen mostrou-o e ela leu a palavra “Convidado”. Kristen virou-o e, do outro lado, havia o nome de Alice em letras prateadas. Kristen sorriu puxando-a pela mão fazendo-a entrar no saguão.

O hall era amplo e bem decorado com paredes pintadas de terracota com telas de nus artísticos e um grande balcão de madeira envelhecida no centro onde duas lindas jovens, usando longos vestidos negros e decotados, recebiam os convidados. Os cabelos eram presos em um coque e a maquiagem delicada. Atrás delas, uma escada suntuosa de mármore se dividia no alto.

Ao redor da sala, sofás e pequenas poltronas também em estilo neoclássico eram iluminados por vários candelabros elétricos dispostos em pequenas mesas que ladeavam o saguão. Um imenso lustre de cristal pendia do alto da edificação.

— Boa noite, seja bem vinda à Villa Venturini — saudou, em italiano, uma jovem loira dos seus altos 1,80m. — Seu nome, por favor?

— Sophie Wellgrave — respondeu, domando a tensão na voz. O seu nível básico de italiano serviu para entender. A moça virou uma folha duas vezes e sorriu.

— Fique à vontade, Srta. Wellgrave e aproveite a festa — disse, sorrindo elegantemente. Sophie sorriu de volta, timidamente.

— Senhorita Lewis... — disse a jovem em um formal cumprimento a Kristen que apenas sorriu.

— Espere aqui que eu já volto — cochichou Kristen para Sophie e saiu em direção à escada.

Sophie sentiu o coração disparar. Pensou em correr atrás dela, mas ficou com receio de que os guardas a arrastassem para fora da festa. Havia dois deles ao fundo, colados às portas de vidro por onde se via um imenso jardim iluminado. Kristen passou pela escada, com o sapato ecoando pelo piso de mármore, e virou à direita, desaparecendo da vista, como se houvesse uma passagem secreta atrás da escada. Sophie sentiu-se perdida naquele ambiente refinado e exótico.

Uma música soava abafada, vinda de trás daquelas paredes, mas Sophie não sabia de onde exatamente e não pretendia encontrá-la sozinha. Tinha que esperar por Kristen. Mas onde ela estaria? Ouviu a voz aveludada da recepcionista saudar outros convidados e virou-se curiosa. A máscara não atrapalhava a visão, mas não podia se dizer que era confortável tampouco. Era leve, mas mesmo assim parecia um parasita agarrado ao seu rosto.

Em uma das paredes, um grande espelho emoldurado finamente refletiu a imagem de Sophie em seu vestido preto decotado, cabelos presos despojadamente com vários cachos que lhe caíam lateralmente. O brilho dos cristais em sua máscara fazia com que Sophie parecesse uma joia humana, delicada e sedutora com sua boca pintada de vermelho escuro.

Um casal bem vestido passava pela recepcionista e seguia para o lado esquerdo do salão por um corredor bem próximo de onde Sophie estava. Logo depois, o som de uma música fez-se mais alto e ela desconfiou que eles tivessem aberto uma porta. O som ficou abafado, novamente. Caminhou um pouco pelo imenso saguão tentando fingir-se confortável por estar sozinha em um ambiente onde as mulheres iam atrás de sexo seguro, fácil e livre.

Kristen, onde você está?

As pessoas continuavam a chegar e Sophie começou a se sentir incomodada por estar ali sozinha, plantada em pleno hall de entrada. Arriscou a caminhar pelo corredor por onde a maioria ia e encontrou uma porta pesada de madeira forrada em couro branco. Empurrou-a e se deparou com uma grande sala pouco iluminada. Havia grandes candelabros espalhados pelas mesas em volta do salão e suaves luzes em luminárias fixas às paredes. Sofás, chaises, pufes e poltronas estavam harmoniosamente espalhados pelo ambiente. Ao centro, um bar em forma de ilha. Sobre o balcão, delicados abajures dourados e pretos, com cúpulas em verde. A música era alta, mas não ensurdecedora. Ritmada, e poderia fazer qualquer corpo se movimentar em uma dança naturalmente sensual, como se as ondas se moldassem às curvas do corpo e apenas o induzisse a fazer o que tinha que fazer.

Anne iria adorar isso aqui. Parece bem melhor do que a casa de suruba que ela foi.

Sophie sorriu e se aproximou do balcão, pedindo uma bebida. A bartender sorriu, dando-lhe um Martini enfeitado com uma azeitona. Sophie ficou parada, saboreando o drink e, pela primeira vez, olhando em volta. Um misto de ansiedade, medo e preocupação fazia sua mão tremer segurando a taça. Onde estaria Kristen?

— Primeira vez? — perguntou a moça, em inglês, que se identificou como Marta, uma jovem polonesa que chegara à Itália há cerca de cinco anos.

— É — respondeu, sorrindo timidamente.

— Britânica, certo? — Sophie meneou afirmativamente. — Percebi pelo acento. — Sophie não disse nada. — No começo pode parecer estranho, mas acredite, é possível se divertir muito, com segurança e prazer — afirmou, com um olhar gentil.

— É, me disseram...

— As regras são diferentes, aqui.

— Sim, eu soube também... — Sophie não conseguia evitar ser quase monossilábica.

Marta acenou para uma moça negra na ponta do balcão e se dirigiu à Sophie novamente.

— Se precisar de alguma coisa, é só pedir. E não deixe de visitar as outras salas também. Você vai encontrar o espaço ideal para você, tenho certeza.

— Obrigada — agredeceu, vendo a jovem sair, sorrindo alegremente para atender a outra cliente. Ela vestia uma camiseta preta e um short preto apertado.

Outras salas... Onde diabos você se enfiou, Kristen?

Sophie ainda sentia-se estranha com aquela máscara sobre o rosto, mas preferiu assim quando um casal passou por ela, encarando-a. Seria aquilo o tal sinal do qual Kristen havia lhe falado?

Naquele momento, percebeu que talvez não estivesse preparada para aquele ambiente, como pensou que estivesse. Bebeu o resto do Martini em um gole, deixou o copo no balcão e, sem perceber como, um copo cheio surgiu à sua frente, novamente; e ela achou ótimo. Bebericou. Estranho como uma máscara faz alguém se sentir protegido. Era exatamente assim que Sophie se sentia, como se a sua identidade fosse intocável e suas atitudes não fossem mais de sua responsabilidade, mas de outra pessoa que usava o seu corpo emprestado. Esta ideia – e mais os martinis – começavam a fazê-la se sentir mais solta e menos preocupada com Kristen.

Isso não está certo. Você está aqui por um motivo bem específico. Advertiu uma voz sóbria dentro ela. Sophie riu de si para si mesma. Estava começando a ficar tonta. E estava achando delicioso. A música, a bebida e a sensação de anonimato foram mexendo com aquela parte sensível da mulher. Aquela que nos empurra para algo que você sabe que vai se arrepender para o resto da vida e, mesmo assim, se joga de cabeça, se lambuza toda e depois... chora.

Sophie Wellgrave, acho que estamos bêbadas. Disse a si mesma e começou a rir. Não era um bom sinal. Achou melhor caminhar um pouco. De onde estava, com a luz dos abajures ao seu lado e as luzes indiretas que vinham do retângulo decorativo sobre o bar, Sophie mal conseguia enxergar todo o salão. Decidiu sair do bar e procurar um local onde conseguisse ver melhor. Afinal, estava começando a ficar curiosa. Onde estava todo aquele sexo de que tanto ouviu falar? *E onde está a Kristen?*

A medida que caminhava, começou a notar os casais se beijando nos sofás. Alguns em um estágio mais avançado, com mãos que tateavam dentro os decotes ou fendas dos vestidos. Outras se perdiam dentro das calças masculinas.

Sophie começou a notar o tecido do próprio vestido roçar sobre os seus seios, como se eles tivesse ficado mais sensíveis, de repente.

Três mulheres se acariciavam, mutuamente, sem pudor, em um sofá redondo azul marinho. Elas eram observadas por mulheres e casais visivelmente excitados.

Sophie começou a sentir ainda mais o efeito das duas taças que tomara. Continuou seu passeio pelo salão e as cenas eram bem parecidas. Seu coração passou a pulsar no ritmo das batidas sensuais da música *house* que enchia seus ouvidos. Ela reconheceu a sequência das músicas como sendo um CD que Jesse adorava do DJ Vintronic Simon que, ironicamente, se chamava Dry Martini. Sophie sorriu. Estava sorrindo facilmente, já. Pensou em Jesse e nas vezes que fizeram sexo ouvindo aquelas músicas. Parou por um instante, próxima a um dos cantos da sala, e ficou apenas observando, deixou-se levar pelas ondas musicais. Os braços estavam frouxos, assim como os ombros. Fechou os olhos e sentiu seu corpo se movimentar delicadamente, como se uma brisa a empurrasse de um lado ao outro.

— Gosto do jeito que você dança — sussurrou uma voz em seu ouvido. Sophie sentiu o coração saltar. Abriu os olhos rapidamente e virou-se para trás.

— Kristen! — exclamou, dando-lhe um abraço animado.

— Então, está se divertindo?

— Eu estava preocupada! Onde você se meteu?

— Ah, fui ao banheiro.

— Atrás da escada?

— É... Vem, vou te mostrar uma coisa — desconversou, puxando Sophie pela mão.

As duas atravessaram o salão novamente e Kristen abriu uma porta lateral que Sophie não tinha percebido. Ela dava para outra sala, igualmente grande, um pouco mais iluminada, com uma piscina no centro, como os antigos banhos romanos. Sobre os sofás e cadeiras, jaziam, esquecidas, as roupas dos que se divertiam sob as águas.

Uma jovem de origem asiática estava sentada à borda da piscina enquanto um rapaz estava com a cara enfiada nas suas partes íntimas e outro deliciava-se em seus seios. No centro da piscina, bem iluminada por luzes instaladas no fundo e nas laterais, havia uma espécie de ilha onde um trio, dois homens e uma mulher, fazia um ménage sob olhares atentos e famintos de outros.

— Tome um gole disso, está uma delicia — disse Kristen, passando-lhe um copo com um líquido cor de rosa. Sophie não perguntou o que era. Sentia o coração bombear o sangue com violência por todo o corpo, principalmente entre as pernas. E agora que Kristen estava segura ao seu lado, poderia se relaxar um pouco mais. *Mais ainda?* Depois de dar um gole, devolveu o copo. Era vodka e estava deliciosamente gelada.

— Acho melhor eu não abusar. Não quero perder o melhor da festa — afirmou, com a voz já ligeiramente mole.

— É isso aí! — exclamou, puxando-a para se sentarem em um dos divãs.

Bem próximo a elas, em um pequeno sofá de dois lugares, havia um casal que se beijava. A moça estava praticamente nua, com o ombro do vestido direito caído e o seio à mostra. A parte de baixo do vestido estava erguida até a cintura. A mão do rapaz, entre suas pernas, fazia movimentos que a excitavam alucinadamente. Ao menos os gemidos que vinham de lá quase em gritos diziam isso. Sophie não soube se era por causa dos dedos longos e ágeis do sujeito ou se a mulher era mesmo histérica. Sophie começou a rir baixinho.

— O que foi?

Sophie indicou o casal, com a cabeça. Kriste sorriu.

— Você não viu nada. Aqui as mulheres se soltam, vivem o que normalmente não podem. Veja aquela outra ali — disse, indicando com o queixo para outra garota, deitada no divã do outro lado da piscina, sozinha, se masturbando com um vibrador. Ou melhor, dois. Sophie arregalou os olhos e deixou o queixo cair, naturalmente. Foi a vez de Kristen rir à vontade.

Sophie continuou a olhar em volta e começou a perceber os vários olhares que a encaravam. Kristen também percebeu.

— Vou ao bar pegar mais um desses. Você quer alguma coisa?

— Não, mas vou com você.

— Não, fique aqui e relaxe. Você já tem admiradores, aproveite! — instigou, levantando-se rapidamente.

Enquanto Kristen saía, Sophie a observava. *Eu deveria ir atrás dela. É para isso que estou aqui.* Mas não foi. Ou porque estava ligeiramente bêbada ou porque, no fundo, como havia dito Anne, era tudo uma desculpa para estar ali e fazer o que queria fazer. Realizar as suas fantasias e esfregar na cara de Jesse que ela, assim como ele, também as tinha e que decidira colocá-las em prática. Ele abrira precendetes, então, que se danasse.

O Martini estava fazendo efeito, sim senhor.

Cruzou as pernas e a longa fenda lateral abriu totalmente exibindo toda a sua coxa direita. Ela levou a mão para cobri-la, mas parou no meio do caminho. Sentia um desejo crescente de ser observada, admirada. Desejada. Apenas pousou a mão sobre a coxa e o toque em sua própria pele a excitou. Esqueceu completamente de seguir Kristen ou de vigiá-la. Mordeu os lábios, delicadamente, vendo, ouvindo e sentindo todo o prazer ao seu redor.

Sentindo a pulsação entre as pernas atingir um nível quase crítico, respirou profundamente. Poderia escolher qualquer um para lhe proporcionar o prazer que desejava que não ouviria recusa. Homens e mulheres a observavam. Algumas mulheres ousavam fazer-lhe sinais discretos, como uma piscada ou um aceno com a cabeça, mas Sophie apenas sorria e olhava para outra direção. Era suficiente para que não se aproximassem.

Viu, novamente, a garota brincando com o vibrador. Sentiu um desejo imenso de se tocar, ali mesmo, como fazia ela. Pena que não tinha um brinquedinho daqueles. Parecia que a mulher estava mesmo aproveitando. Foi, então, que a jovem parou e fez um sinal para um homem que a observava a poucos passos de onde Sophie estava. Ele foi caminhando, calmamente, com um sorriso maroto nos lábios. Ela fez um gesto para que ele se abaixasse e lhe deu um beijo ardente na boca. O rapaz abriu-lhe as pernas com uma das mãos, enfiou-lhe o dedo e ela começou a despi-lo. Instintivamente, Sophie virou a cabeça, evitando olhá-los, como se eles não estivessem ali para serem vistos.

Sophie suspirou, acariciando os cachos que lhe caíam ao lado o rosto e se deparou com um par de olhos fixos nela. Eram de um homem alto, de cabelos escuros anelados. Usava uma camisa preta sob um colete cinza claro e uma calça social também preta. Embora o ambiente não fosse muito iluminado, ela podia jurar que seus olhos eram azuis profundos. Ele ergueu o copo, oferecendo-lhe um brinde. Sophie, sorriu, baixando levemente a cabeça. O misterioso sujeito começou a caminhar e Sophie pensou em correr. Homens, normalmente, tinham que entrar acompanhados, na festa. Onde estaria a acompanhante dele? Será que viria a seguir, oferecendo-se para um sexo a três? Sophie sentiu um fio gelado descer-lhe pelo estômago. Empurrou a imagem de Jesse e Adrian com força para um lugar bem distante. Mordeu os lábios novamente. Queria levantar-se, mas não conseguia. Queria ficar, queria experimentar. Sim, ela queria tudo, naquela noite. Sua razão lhe dizia pra sair dali, mas sua libido fincou-a no divã, impedindo-a de se mover dali, agitada e eufórica.

Ele não veio em sua direção, diretamente. Sophie desviou o olhar para a piscina. A jovem oriental, agora, estava de quatro à beira da piscina sendo penetrada pelo homem que, antes, lhe sugava os seios. O outro que a massageava com a língua, agora transava com outra mulher, sob as águas.

Não havia compromisso, não havia amarras, apenas o prazer. *Será que eles usam camisinha?*

— Posso me sentar com você? — falou uma voz masculina em seu ouvido. Sophie sentiu a pele se eriçar. Virou-se e encarou os olhos dele. Sim, eram azuis. Conseguiu apenas sorrir, já que não conseguia responder.

— Aproveitando a noite? — insistiu ele, ainda em pé.

— Desculpe, não falo italiano — respondeu, com dificuldade.

— Britânica? — perguntou ele.

— Sim.

— Sem problemas — disse, em um inglês decente. — Posso me sentar ao seu lado?

— Hã... claro — não era para os homens se aproximarem só quando as mulheres pedissem? Pensou Sophie, confusa.

— Obrigado.

Quando ele se sentou ao seu lado, Sophie sentiu o tecido da calça dele roçar a sua coxa e ela, automaticamente, afastou-se, ligeiramente.

— Então, está aproveitando a noite? — repetiu.

— Ainda não. E você? — perguntou uma voz que vinha de dentro de Sophie, mas não era dela. Podia jurar que fosse da sua libido, intrometida.

— Pra falar a verdade, ainda não — disse ele, levando o copo à boca, que se abriu suavemente e tocou a taça. Era como se cada movimento dele fosse calculado, projetado para excitá-la. E ele estava conseguindo. Verdade seja dita, ela já estava excitada antes dele. Talvez muito antes dele e da festa.

Depois de beber um pequeno gole, o rapaz, por volta dos 30 anos, ofereceu-lhe uma bebida, mas Sophie recusou.

— Minha amiga já foi buscar.

— Vocês estão juntas?

— Sim... quer dizer... não... bem... — ele riu.

— Entendi. Amigas, mas não juntas.

— Isso — concordou Sophie, sorrindo aliviada.

Aquele homem ao seu lado, que certamente era um modelo de revista (disso Sophie entendia), abriu os botões do colete com uma das mãos e acomodou-se melhor, virando-se de frente para ela. O pouco que Sophie podia ver do peito dele, pela abertura superior da camisa, deu-lhe a impressão de ter um físico de atleta. A musculatura era forte também nos braços e o perfume, Sophie reconheceu, era Hugo Boss.

A barba era bem feita e o rosto, esculpido por mãos angelicais, lembrava o do ator Matt Bomer, embora a versão à sua frente não fosse gay. Ao menos, não parecia, já que estava ali, oferecendo--se todo para ela. Uma sombra do rosto de Jesse passou-lhe pela mente, mas Sophie a espantou, novamente.

— Marco — disse ele, estendendo-lhe a mão.

— Sophie — falou, retribuindo o gesto, sentindo a firmeza de seus dedos.

O cumprimento durou mais tempo do que o habitual e Marco massageou o dorso da mão dela com a ponta dos dedos. Uma onda fina de excitação percorreu-lhe o braço, descendo direto para o seu ponto fraco da noite. Sophie sorriu e puxou a mão.

— Primeira vez?

— É tão óbvio assim? — perguntou ela, sorrindo.

— Um pouco, mas é natural. Por favor, me diz se estou sendo inconveniente.

— Não, tudo bem — falou, sentindo as bochechas queimar.

Onde está você, Kristen? Perguntava, como se a nova amiga pudesse lhe salvar daquela situação. Olhou para ele e tudo o que viu − o rosto, a pele, os olhos, a boca, os braços, o cheiro − a convidava a abraçá-lo e beijá-lo. Só para começar! Poderia fazê-lo. Esta era a regra naquele lugar maravilhoso. As mulheres mandavam e desmandavam. Então, por que não o fazia? Não era esta a sua fantasia? Entregar-se loucamente a um desconhecido, usá-lo como um simples objeto de prazer e depois abandoná-lo? Ainda mais um desconhecido maravilhoso e cheiroso... *Deus do céu...*

Ele deve ter percebido o dilema de Sophie e o desejo crescente dela. Seus olhos azuis desceram até os seus lábios cheios, o seu ombro nu, seus cabelos cacheados e ele umedeceu os lábios, discretamente.

— É difícil resistir à sua beleza e à sensualidade que emana de você — afirmou, em voz baixa, como se não quisesse ser ouvido.

Meu Deus, de onde saiu este homem? E os olhos dele continuaram a esquadrinhá-la. Percorreram a perna dela nua, cruzada, subindo pelo vestido, parando à altura dos seios, admirando o volume e a proeminência dos mamilos intumescidos sob o tecido.

Sophie baixou os olhos sobre os próprios seios e percebeu-os excitados, também. Não que ela não os sentisse, mas apenas foi se certificar o que o olhar dele havia descoberto. Ela ergueu as costas ainda mais eretas, forçando os seios contra o tecido, o que Marco entendeu como um convite. Ele levou a mão às costas dela, nuas no decote profundo do vestido.

— Você está desconfortável neste sofá? Quer mudar de lugar? — Sophie sentia a mão dele massageando suas costas com os dedos quentes e rígidos descendo até o final do decote, próximo demais da curva de suas nádegas e, depois, subindo exatamente pelo centro da espinha até a nuca. Achou que os mamilos fossem atravessar o tecido.

E se ele defizesse o laço do vestido em seu pescoço? A parte da frente cairia e seus seios ficariam expostos e ele poderia beijá-los e acariciá-los livremente.

Meu Deus, Kristen onde está você?

— Acho que vou aceitar um gole do seu copo, agora.

Marco sorriu, passando-lhe o copo. O líquido desceu quente pela garganta direto ao estômago. Quando Sophie se virou para devolver-lhe o copo, os lábios de Marco já estavam sobre os seus.

— Me permite? — sussurrou ele, com os lábios ainda sobre os dela suavemente. Sophie não respondeu. Qualquer que fosse a resposta, não saíra. Ela apenas pressionou os lábios nos dele e tocou-os com a ponta da língua, delicadamente.

O beijo evoluiu vagarosamente. Tinha gosto de Vodka. Íntimo, sem ser devastador, profundo ou opressivo. As línguas se tocavam desejosas, e a mão de Marco nas costas de Sophie a puxou para mais perto dele, fazendo-a descruzar as pernas para não perder o equilíbrio.

Com a outra mão, Marco tocou-lhe a perna nua, apertando-a gentilmente, subindo em direção à coxa, mas parando no ponto certo.

— Devo? — sussurrou ele, novamente interrompendo o beijo e Sophie apenas respirou, com os lábios no dele, sentindo o seu hálito se misturar ao dela.

Ela ainda segurava o copo, embora a vontade fosse de jogá-lo para longe e envolver o corpo de Marco em seus braços. Com a mão livre, massageou os cabelos dele, sentindo-os sedosos e cheios entre os dedos.

Quando o beijo chegou ao fim, Marco tirou o copo da mão de Sophie e levou-o até uma mesa ao lado, fazendo-o se levantar do pequeno sofá. Ela notou o volume por baixo do tecido da calça e suspirou, sentindo a pequena calcinha úmida sob o vestido. Marco se movia como se estivesse desfilando somente para ela, despindo-se do colete e abrindo alguns botões da camisa, exibindo um peito dourado, liso e bem esculpido. Sophie não conseguiu nem suspirar. Ficou apenas observando toda aquela beleza.

Quando ele se sentou ao seu lado novamente, puxou-a para um novo beijo e sua mão voltou a percorrer-lhe as costas. O longo braço dele contornava a cintura de Sophie e a mão se enfiou pela sua cintura nua, tocando-lhe a barriga, subindo lentamente, chegando ao seio. Os dedos passaram suavemente sobre o mamilo, enquanto o beijo se intensificava. Sophie o queria inteiro.

Tocou-lhe a coxa e sentiu a mão dele guiá-la até a virilha, subindo pelo volume do seu pênis. Era proporcional ao tamanho e à firmeza dos dedos. Ela sentiu suas pernas se abrirem um pouco mais e Marco aproveitou-se do momento. Desceu a sua mão direita e enfiou-a pela abertura do vestido entre as coxas de Sophie.

Oh, meu Deus, o que estou fazendo? Indagou a si mesma, em um fio de lucidez antes de ceder completamente à sua fantasia; antes de se entregar às mãos daquele estranho. Sentiu que algo intenso e verdadeiro começava a se perder em meio à névoa que se formava em sua mente. E ela identificou, já sem muita definição, o rosto de Jesse. O seu sorriso e os seus olhos caramelados se despediam dela se desfazendo por algo que Sophie estava colocando entre eles. Era a sua escolha. A sua decisão de viver a sua própria vida e deixar os momentos vividos entre eles no passado.

Antes de desaparecer completamente, Jesse ergueu uma das mãos e lhe jogou um beijo. Seus olhos sorriram tristes para ela e Sophie sentiu o calor daquele beijo em sua face, tocando-a suavemente para, depois, sumir devagar, deixando sua pele fria já sentindo a ausência dele.

— Desculpe, eu não posso — sussurrou ela, sentindo os dedos firmes de Marco acariciando-a e, de repente, tudo aquilo lhe pareceu errado. Agradeceu por ainda estar de máscara. Era tudo mais fácil quando se usa uma máscara.

— Foi algo que eu fiz? — perguntou ele, com doçura. Sophie sorriu.

— Não — suspirou. — Na verdade, sou eu o problema. Tem uma coisa aqui dentro que não vai me deixar em paz nunca se eu fizer isso — disse, apontando para a própria cabeça. Marco sorriu para ela com ar maroto.

— Fica tranquila. Isso se chama consciência e ás vezes é uma merda mesmo — disse, ajeitando um dos cachos de Sophie que caía sobre o rosto. — Ele é um cara de sorte. Espero que ele saiba disso. — Sophie não disse nada. Apenas sorriu para ele, olhando-o pela última vez.

Marco lhe deu um beijo no rosto, no mesmo lugar onde Sophie imaginou o beijo de Jesse, mas o de Marco não tinha o mesmo calor e ela teve certeza de que tomara a decisão correta. Ele se levantou e saiu. Sophie suspirou e olhou para frente vendo a barista cruzar o salão, olhando para ela com curiosidade. Sophie se levantou e foi ao seu encontro, evitando olhar em volta. O que antes aos seus olhos era divertido e até natural, começou a lhe parecer estranho, como ouvir uma língua estrangeira. Sentiu-se deslocada, para dizer o mínimo.

Passou pela porta e, enquanto caminhava até o bar, viu Kristen conversando, animadamente com um rapaz e sentiu-se aliviada. Na verdade, sentiu-se novamente no caminho certo. Agora, sem nenhuma distração, poderia se concentrar no que era mais importante.

— Não me diz que você dispensou o Primo? — perguntou Marta assim que Sophie se aproximou do balcão.

— Primo? — perguntou Sophie

— O Marco!

— Ah... Você o conhece?

— Claaaaro! — exclamou ela, exageradamente. — Todas o conhecem. — Sophie sentiu-se menos importante do que se sentira quando ele a tocava. — Ele e a esposa não perdem uma festa.

— Esposa? — perguntou, espantada. Marta acenou com a cabeça em direção á porta.

— Olha ali.

Sophie se virou e o viu caminhando tranquilamente ao lado de uma mulher morena cuja beleza a impressionou. Os cabelos castanhos lisos estavam perfeitamente alinhados, caindo naturalmente pelas laterais do rosto. Ela não usava máscara e os olhos eram vivos e penetrantes sob uma maquiagem agressiva, tanto quanto a roupa que ela usava. Um espartilho de couro preto bem apertado na cintura e uma bota de saltos muito altos que lhe cobriam a perna até o meio da coxa. Fora disso, apenas uma calcinha preta, também de couro, e mais nada.

— E aquela é a Letizia, a esposa dele.

— Aquela é a *esposa* dele? — perguntou Sophie, quase em choque.

— É. Ela é um fenômeno, não acha? — falou Kristen, chegando naquele exato momento ao lado dela no bar, sem ouvir o começo da conversa. — Ela faz mais o gênero dos fetiches. Ela é uma Dominatrix.

Marta percebeu o semblante de interrogação de Sophie.

— Já sei. Você não faz ideia do que seja uma Dominatrix. — Sophie riu.

— Faço uma ideia... — Marta riu também. — Mas como isso pode funcionar? Quero dizer. Eles são casados mesmo?

Marta saiu para atender um casal que se aproximou do balcão.

— E qual o problema? Você acha que aqui são todos solteiros? Tem muitos casais como eles que vem aqui para se divertir, sem culpa, sem estresse. Isso aqui é fantasia, sexo puro. Não tem esse lance de ciúmes ou possessividade. Não pode ter — Kristen fez um sinal para Marta trazer outra bebida.

— *Nuvo* saindo... — falou, colocando o copo no balcão. Sophie o levou à boca e sentiu novamente oo sabor da Vodka, mas desta vez era diferente do que bebera do copo de Kristen, no início da noite. Mais sóbria do que antes, pôde sentir melhor o sabor. Era uma das bebidas mais pedidas nas festas, um misto das duas melhores bebidas: Champagne e Vodka. Kristen sorriu e jogou a Marta um beijo displicente. Marta olhou para Sophie e comentou com Kristen em tom de admiração. — A sua amiga acaba de dispensar o Primo — e se virou e pegar uma garrafa no balcão interno.

— Jura? — perguntou Kristen, curiosa.

— Por que vocês o chamam de Primo? — as duas riram. — E o que tem de mais nisso? — perguntou Sophie. Marta e Kristen sorriram em cumplicidade.

— Você é mesmo diferente, garota — falou Marta, balançando a cabeça.

— Marco é uma unanimidade por aqui. Praticamente todas que entram para o clube o escolhem como primeiro parceiro. Por isso o chamamos de Primo, perimeiro em italiano.

— Ah, entendi... Mas pelo que eu vi, é ele quem escolhe e não o contrário. Ele fica ali, encarando com aqueles olhos penetrantes, lindo daquele jeito... Qual é... achar que somos nós que o escolhemos é uma ilusão — ponderou ela.

Sophie olhou novamente para Marco e Letizia e o olhar dele encontrou o dela. Marco sorriu educadamente. Letizia, por sua vez, nem tomou conhecimento. Sophie sentiu-se incrivelmente comum, quase insignificante e, por incrível que possa parecer, ela não se importou com isso. Marco e Letizia que se danassem.

Alice surgiu logo atrás deles em um vestido colado ao corpo do mesmo tom da sua pele que dava a impressão inicial de que ela estava nua. Ainda mais com a facilidade em que se via os seios e até mesmo a penugem sobre a pélvis.

Não foi isso, porém, que quase fez Sophie parar de respirar, mas os cabelos de Alice. Os fios lisos e dourados de antes deram lugar a uma cabeleira volumosa acobreada. Alice avistou Sophie e veio até ela, sorrindo.

— Ah, seja bem vinda, Sophie! — exclamou, aproximando-se, dando-lhe um abraço e um beijo no rosto.

— Obrigada... — disse com a voz um pouco distante. — Os seus cabelos...

— Gostou? — perguntou, massageando-os provocantemente. — Adoro mudar de cara para as festas. Tenho uma coleção de perucas no meu quarto. — Sophie não respondeu. Havia alguma coisa errada. Seu estômago começou a revirar e teve certeza de que ia desmaiar. — Aliás, preciso mesmo te mostrar uma coisa lá em cima. Terceira porta à direita. Quando quiser... — falou Alice em um convite explícito. Sophie baixou os olhos nas mãos de Alice e percebeu os mesmos esmaltes vermelhos escuros. A cabeça de Sophie começou a girar e as imagens das visões começaram a se encaixar em sua mente, como se um vento as tivessem levantado no ar e, agora, caíam, encaixando-se facilmente.

— Com licença, preciso ir ao banheiro... — levantou-se, sentindo-se tonta.

— Eu te levo — disse Kristen, pegando-a pelo braço e guiando-a até o fundo do salão. Passaram por Marco e Letizia novamente e Sophie sentiu o estômago embrulhar mais ainda.

Entraram pela porta do banheiro e uma garota asiática, vestida com um tailer preto muito justo e curto, veio atendê-las.

— Posso ajudar? — perguntou, educadamente.

— Tudo bem, ela só precisa vomitar — respondeu sem cerimônia e Sophie correu até a primeira porta aberta que encontrou. Era o chuveiro.

Mas que merda!

— Por aqui — falou, formalmente, a jovem asiática, estendendo um longo braço na direção à direita delas.

Sophie correu com Kristen logo atrás dela. Finalmente, a privada. Sophie se debruçou sobre ela e sentiu a cabeça girar. O estômago parecia que estava virando do avesso, mas o pior foi a agulhada atrás da orelha.

Não... Não! Gritou ela em sua mente, tentando afastar o que estava por vir. Ah, se ela ao menos pudesse frear aquilo pelo menos por uma única vez, certamente seria agora, mas ela não podia. Então, agachou-se, agarrada á privada, á beira das lágrimas. *Por favor, agora não.*

— Você quer que eu faça alguma coisa? — perguntou Kristen achando que o problema de Sophie fosse apenas uma bebedeira.

— N-não... — foi a única palavra que conseguiu falar antes de sentir o velho tremor subir-lhe pelo corpo e o frio descer pela espinha, como se toda a sua energia escorresse por um cano imaginário dentro dela e desaparecesse através de alguma passagem secreta.

Sophie estava em outro mundo, ou melhor, em outra mente.

Como eu vou fazer isso, agora? Sussurrava uma voz estranha de mulher. *Está tudo perdido e ela vai me matar! A menos que eu consiga reverter isso, mas como? Se debatia aquela voz aflita. Eu consigo... eu consigo. É só manter o plano, é o que ela sempre me disse. Manter o foco e ser criativa.*

Flashes da escada acarpetada piscavam em sua mente intercaladas com Kristen amarrada na cama dossel e a sensação de angustia, raiva e medo invadiam simultaneamente todos os sentidos de Sophie que agarrava a privada com mais e mais força.

Meu bebê, meu bebê... gemia a voz, carregada de dor.

— Sophie? — falou uma voz ao fundo tão fraca que ela quase não reconheceu. — Você está bem? — perguntava Kristen ao seu lado.

Sophie tinha que decidir entre respirar ou responder. Kristen ia ter que esperar. Respirou vagarosa e superficialmente uma vez, duas, três até que, pouco a pouco, a sua capacidade de controlar a si mesma foi voltando ao normal.

— Tudo bem, acho que só bebi demais, já passou — respondeu, com a voz mais firme que pôde. Sophie tinha que estar pronta porque, o que quer que viesse a acontecer, não tardaria. Levantou-se do chão, arrumando o vestido e controlando cada movimento para que parecesse normal. Olhou para Kristen que tinha um olhar indeciso e triste. — Está tudo bem — sorriu e saíram do banheiro cujo brilho do mármore e das peças em dourado chegavam a ofuscar a sua vista. *Mármore branco, limpo e cristalino.* Observou Sophie.

Foi com prazer que entrou, novamente, no salão mal iluminado, em comparação com o toilet. Alice estava saindo do bar e Kristen ficou aflita.

— Você está bem mesmo? Eu... Eu preciso falar com a Alice — Kristen estava inquieta e não precisava ser telepata para ver isso. — Agora. Preciso falar com ela agora — e saiu.

Sophie a acompanhou com os olhos, caminhando apressadamente logo atrás dela. Viu quando Kristen se aproximou de Alice e falou algo em seus ouvidos. A reação dela não fora cordial e Kristen tentou convencê-la. Alice saiu do bar e Kristen seguiu atrás. Sophie apressou-se e seguiu-as. Havia algo acontecendo ali, bem embaixo do seu nariz e era sério e urgente. Elas saíram do salão, passaram pelo saguão e subiram as escadas. Sophie via tudo de longe, sem saber se conseguiria segui-las sem ser vista. E, principalmente, se conseguiria subir as escadas com aquele tanque de guerra parado com os braços cruzados para trás e cara de nenhum amigo.

— O que tem lá em cima? — perguntou Sophie, em inglês, para uma das recepcionistas e, felizmente, ela lhe respondera.

— Os quartos de hóspedes. Muitos vêm de longe e se hospedam aqui, passam o fim de semana e aproveitam a festa. É um delicioso lugar para se ficar. Temos café da manhã completo e uma piscina nos fundos — disse ela apontando para além da porta de vidro no fundo do saguão. Sophie virou-se e percebeu então, no centro do jardim iluminado, uma piscina e alguns vasos decorativos além dela.

— É uma bela casa... — murmurou Sophie. — Será que eu posso visitar um dos quartos? Quem sabe me animo a ficar aqui um pouco mais? — mentiu com uma facilidade que Anne ficaria orgulhosa.

— Claro, sem problemas. Vou agendar uma visita e solicitarei que alguém entre em contato com a senhorita amanhã.

— Não pode ser agora?

— Preciso de uma autorização da Sra Collins, primeiro.

— Ela acabou de subir, posso ir falar com ela pessoalmente...

— Eu receio que não, eu sinto muito. Ninguém sobe sem a permissão dela. A "Senhora" é muito rigorosa com a privacidade dela e dos hóspedes.

— Entendo. Posso conhecer a piscina?

— Sem problemas — respondeu, fazendo um sinal com a cabeça para o sargentão aos pés da escada. — Ele vai abrir a porta para a senhorita. — Sophie deu-lhe um sorriso amarelo, quase enfurecido. Ela tinha que ir atrás de Alice e Kristen e tinha que ser naquela hora, mas não podia subir correndo as escadas sem ser agarrada pelo dog alemão primeiro.

Ela tinha que bolar um plano e rápido. No caminho até a porta de vidro, Sophie passou pela escada e, também, pela passagem por baixo dela, onde Kristen entrara logo que chegaram à festa. Ela viu uma pequena porta e perguntou ao seu mais novo guarda costas.

— Posso ir ao banheiro?

Ele seguiu o olhar de Sophie até a porta sob a escada e disse secamente.

— Ali é a cozinha, madame — e abriu a porta de vidro de acesso ao jardim.

Cozinha? Por que Kristen mentiu? Será que mentiu? Deve haver um banheiro por aqui... não... eu tenho certeza de que ela entrou por ali... mas que merda está acontecendo?

Sophie fez um esforço para fingir apreciar a vista. Viu a piscina iluminada, o jardim, as estátuas de querubins, os vasos e as flores, tudo de muito bom gosto, mas nada daquilo tinha absolutamente nenhuma utlidade para ela, que queria apenas subir as malditas escadas.

Pense, Sophie, pense, droga!

Caminhou até próximo da piscina, como se contemplasse o jardim, virou-se a admirou a casa que estava atrás dela. As altas portas de vidro do saguão iluminado, outras janeas de vidro igualmente altas fechadas – que davam para os salões de festa, deduziu – e, no andar de cima, que era o que lhe interessava, quase todas as janelas estavam fechadas. Alguns quartos possuíam varandas, outros não. Se soubesse qual era o quarto de Alice, poderia subir até a varanda. Calculou que seria pelo menos sete, oito metros de altura. Impossível. A menos que tivesse uma daquelas ferramentes com cordas que sempre via nos filmes. Sem chance. Tinha que subir pelo meio convencional. Sophie desceu o olhar e percebeu que a parede da casa era toda rodeada por arbustos. Podia ser um plano besta, mas se ela não tentasse nunca saberia.

Olhou para o arbusto mais longe, franziu a testa e chamou o segurança.

— Acho que vi alguma coisa se mexer ali. Um animal bem grande. Tem algum cachorro por aqui?

— Não — respondeu ele secamente.

— Olha! De novo! Correu por ali. Meu Deus, será que algum animal veio pela mata ate aqui? — A casa ficava no alto de uma montanha, sem vizinhos, apenas a escuridão da noite. — Eu tenho certeza de que vi alguma coisa — e começou a caminhar até o arbusto, corajosamente.

— Senhora, por favor, espere aqui — disse ele em tom severo. Sophie não ousou desobedecer e, enquanto ele se afastava, ela aproveitou a brecha para voltar ao saguão. Tomou o cuidado para não correr para não chamar a atenção e, quando entrou, as duas recepcionistas estavam de costas, atendendo alguns convidados que deixavam a festa e outros que chegavam. Era a sua deixa. Tirou os sapatos e começou a subir os degraus sentindo o estômago tremer novamente. Arrancou, também, a máscara do rosto. Aquilo a estava sufocando, já.

Sophie chegou ao topo da escada sentindo o coração pulsar na garganta. Preparou-se para correr em busca de Kristen, mas deu de cara com um dos seguranças vindo pelo corredor. Por sorte ele falava ao rádio e não percebeu aquela mulher, em um vestido todo decotado, escondendo-se atrás de uma coluna.

Terceira porta à direita. Lembrou Sophie, escondendo-se como pôde atrás da coluna enquanto aquele armário vestido de terno passava por ela. Assim que a passagem ficou livre, Sophie pôs-se em movimento e em segundos estava diante de uma grande porta branca. Sentiu novamente a fisgada atrás da orelha e o estômago endurecer. Eram péssimos presságios. Pensou em Anne e teve certeza de que estava diante de uma daquelas situações na vida em que tudo pode mudar de um segundo ao outro.

Respirou fundo, colocou a mão na maçaneta, girou-a devagar e empurrou a porta que deslizou sobre um carpete cinza chumbo silenciosamente. Sophie colocou um pé para dentro do quarto e foi como se estivesse despencando em um precipício. Sentiu o coração gelar, mas entrou mesmo assim. Havia feito a escolha errada e sua vida estava, definitivamente, condenada a mudar no próximo segundo.

Capítulo 22

Fechou a porta atrás de si sem se virar, esquadrinhando o hall de entrada. As cores lhe eram familiares. Demasiadamente familiares. *É este o quarto! Meu Deus vai ser aqui. Tudo vai acontecer neste lugar!*

Sophie fechou os dedos em punhos para conter o tremor. As paredes verde-escuras com os padrões de largas listras pretas; as luminárias douradas fixadas à parede e o teto rebaixado davam uma sensação de um requinte intimidador como a própria dona. À sua frente, ao fundo do vestíbulo, havia duas poltronas cor manteiga com uma pequena mesa redonda entre elas. Na parede havia um nu impressionista iluminado por uma luz direta. A única luz acesa no ambiente de cerca de vinte metros quadrados.

Do lado esquerdo, uma grande porta dupla de correr − que provavelmente daria acesso ao quarto − estava entreaberta. Pela pequena fresta passava uma luz morna que invadia o hall como uma folha fosca de claridade.

Sophie deu apenas dois passos e sentiu uma respiração quente e ritmada atrás dela; o tempo pareceu parar. Ela se virou e encarou, com espanto, a pessoa atrás dela. O choque a impediu de notar o lenço embebido em éter que vinha ao seu encontro; sentiu apenas um empurrão forte que fez com que o corpo de Sophie fosse jogado para trás, chocando-se contra o beiral da porta do quarto. Sentiu os pulmões serem espremidos. Ficou sem ar por alguns segundos e em seguida, o lenço gelado e com cheiro forte foi enfiado em seu rosto cobrindo-lhe o nariz e a boca.

Os olhos de Sophie encaravam a sua agressora e eles viam apenas um par de olhos frios e sem vida encarando-a de volta. Não havia nada que ela pudesse fazer, já sentia os membros amolecerem. Os sapatos e a máscara se soltaram de sua mão. O cheiro forte e estéril rastejou para dentro do seu corpo, entorpecendo o cérebro fazendo-a, lentamente, perder a noção da realidade até não ver mais nada.

Quanto tempo Sophie ficara desacordada era algo que somente uma pessoa saberia dizer, mas ela pouco se importava. Estava ocupada demais armando uma grande cena que lhe tomara mais tempo do que havia pensado. Logo Sophie acordaria e ela precisava deixar tudo pronto. Por fim, arrastou o corpo de Sophie dormente até uma cadeira e amarrou os braços dela aos braços de madeira do móvel. Os pés também foram presos aos da cadeira com lenços fortemente amarrados, deixando Sophie com as pernas ligeiramente abertas.

Estranhamente, as mesmas mãos que prenderam os pés e braços de Sophie sem se preocupar com a pressão do tecido sobre eles, moveram-se com delicadeza ajustando o decote pronunciado do vestido de Sophie, cobrindo-lhe a parte do seio que ficara à mostra no agitar do seu corpo.

Alguns minutos se passaram antes que Sophie recuperasse, pouco a pouco, a consciência. Abriu os olhos piscando-os compulsivamente, como se o bater das pestanas fosse tirá-la mais rapidamente daquele transe. *Mmmmm*... gemeu, sentindo dores nos braços e nas pernas. Tentou, inutilmente, se mexer e, não tendo êxito algum, abriu os olhos com mais intensidade. Observou, com horror, os braços atados com braçadeiras de plástico e, imediatamente, ergueu os olhos à sua frente.

Mas o que é isso? Pensou, tentando realinhar mente e corpo. O que vira, entretanto, a fez sentir como se estivesse dentro de sua própria visão, só que desta vez era real. Havia alguém amarrado à cama, alguém que seria torturado e, provavelmente, morto.

— Solte-a, por favor, solte-a! — gritou, em vão. Ouviu uma risada vinda do hall. Agora se lembrava de tudo. Lembrava-se, inclusive de quem a havia agredido.

— Por que? — Indagou, veementemente.

— Porque eu preciso de você — respondeu-lhe uma voz saindo da escuridão. — Preciso de alguém que assuma a culpa.

Sophie não disse mais nada nos trinta segundos seguintes. Ficou apenas observando aquela figura desfilar até ela. Era tão segura dos seus passos, dos seus atos e planos que Sophie teve certeza de que iria morrer. Uma pessoa como ela, capaz de fazer o que havia feito até agora, não hesitava. Havia planejado todos os detalhes para aquele desfecho. Tinha domínio sobre tudo e sobre todos, inclusive sobre Sophie.

— Por que ela? — indagou Sophie, tentando entender a motivação sobre a vítima que já nem se debatia mais. Talvez estivesse morta, pensou.

— Ela? — repetiu a pergunta, com desprezo, como se a pessoa em questão não merecesse nem ser nominada. — Você não sabe *nada* sobre ela — afirmou, acidamente.

Sophie esticou o pescoço posicionando a cabeça de modo que pudesse ver a pessoa deitada. Embora a poltrona estivesse virada de frente para a cama, ela não conseguia ver o rosto da vítima, coberto pelos cabelos cor de cobre.

— Vamos contar à Sophie a sua verdadeira história? O que você acha? — perguntou à vítima, virando rispidamente a cabeça da mulher pelo queixo, deixando o rosto à mostra.

Sophie sentiu o coração em saltos. *Como eu pude ser tão idiota...* Lamentou-se silenciosamente, e lágrimas escorreram dos seus olhos para o interior da sua alma. Sentiu uma onda de revolta tomar conta de todos os seus pensamentos.

— Kristen, meu Deus...

— É, eu sei — interrompeu. — Eu te devo uma explicação — começou, enquanto caminhava à sua frente, muito lentamente. — Eu realmente não quero lhe fazer mal, mas não tem outro jeito. Será você ou eu. E, para ser bem honesta, prefiro que seja você a *assassina de Alice Collins*. — Frisou, como se fosse o título de uma peça teatral.

Alice estava deitada na cama com os braços e pernas presos por algemas de metal ao ferro forjado, como vira tantas vezes em suas visões. Ela ainda usava o mesmo vestido transparente. As aberturas laterais deixavam as pernas à mostra e uma fina cortina caía entre as pernas abertas. O peito subia e descia violentamente, numa respiração descompassada. A cabeça começou a se agitar de um lado ao outro e os olhos aterrorizados encararam os de Sophie, suplicante. A boca de Alice estava esticada forçosamente por uma grossa faixa de pano que a impedia de gritar.

Oh, céus. Era a Alice o tempo todo! Pensou Sophie sem conseguir evitar o sentimento de culpa... *Como eu fui estúpida!*

— Alice, me desculpe, eu... eu pensei que... — e Sophie virou-se para Kristen, atônita. — Kristen, o que você está fazendo?

Kristen olhou para Sophie. Seus olhos foram se suavizando e uma nuvem de tristeza passou por eles como uma intrusa na cena que Kristen, com algum esforço, conseguiu explusar. Ela respirou fundo com firmeza e respondeu.

— Você não sabe mesmo? Com todo o seu poder de visão, telepatia ou sei lá o que, você jura que não sabe o que essa cretina fez comigo? O que ela fez com a minha família inteira?

— Eu juro que não sei, Kristen... — murmurou Sophie, tentando encaixar todas as peças, sem nenhum êxito.

— Pense, Sophie — falou rapidamente, em tom gutural, caminhando lentamente ao lado da cama, zigzagueando com a ponta de um punhal sobre a perna de Alice que, subitamente, parou de se debater. Sophie sentiu o estômago se contrair. — Minha mãe, meu pai, mas principalmente... o meu bebê... — parou com o punhal no rosto de Alice e Sophie percebeu que as mãos de Kristen tremiam de raiva, de ansiedade e de desejo.

A voz! O lamento! Era ela...

— Você se lembra dele, *Srta. Collins*? — pronunciou o nome com ranço. — Lembra-se do meu irmãozinho? — e o tom começou a subir, numa voz mais fina, ligeiramente histérica. — O nome dele era Robert, você se lembra, SUA BÊBADA! — gritou. — Era ROBERT e ele tinha só QUATRO ANOS, sua BÊBADA DE MERDA! — Sophie pensou ver lágrimas escorrendo no rosto de Kristen, mas eram os músculos da sua face que tremiam de ódio. — Você o deixou lá, caído no chão, e fugiu SUA VAGABUNDA! — A ponta do punhal subia e descia perigosamente diante dos olhos de Alice que agitava a cabeça de um lado para o outro, emitindo um som abafado sob o pano esticado entre os seus lábios. — Você o deixou lá pra morrer nos braços da minha mãe... — Alice arregalava os olhos de pavor.

Sophie sentiu o coração bombear-lhe mais do que sangue nas veias. Enchia seu cérebro de imagens. Cenas de um garotinho muito loiro e gorduchinho, pedalando uma pequena bicicleta na calçada, a cerca de trinta metros à frente da mãe que lhe dirigia palavras de incentivo, num tom alegre e carregado de ternura. No sentido oposto, vinha um carro em alta velocidade e, imediatamente, a mãe o advertiu.

— Rob, querido, espere. — a mãe começou a correr e gritou com a força de seus pulmões. — Fique onde está! — Sophie pôde sentir o coração de Kristen se apertar, observando a cena de dentro da janela do seu quarto no segundo andar da casa. O carro, de repente, desviou a direção e subiu na calçada, como se a motorista tivesse dormido ou se abaixado para pegar alguma coisa e, simplesmente, não tivesse notado à rua à sua frente e muito menos que desviava o curso do carro e ia diretamente para a calçada, em alta velocidade. A mãe de Kristen soltou outro berro, a poucos metros do garotinho. — Rob, NÃO!!!!!!

O motorista desviou o percurso, mas não pôde evitar. Atingiu o rosto da criança com a quina do veículo e Rob voou para trás. Girou no ar e o pequeno corpo bateu contra a cerca de madeira da casa vizinha. A pequena cabeça moveu-se com força para frente e para trás e o corpo rodopiou novamente, caindo na calçada, inerte. O carro azul escuro já havia fugido quando a mãe de Kristen abaixou-se ao lado do pequeno Robert e Kristen descia correndo as escadas. Escadas carpetadas...

— MEU BEBÊ! MEU BEBÊ! — gritou com tanta intensidade que o agudo da sua voz fugiu pelas janelas da casa e ecoou por toda a rua. Vizinhos saíram de suas casas e Kristen correu ao encontro da mãe. A bicicleta retorcida estava virada de lado no mesmo lugar do impacto, onde o carro passara por cima de uma das pequenas rodinhas laterais de apoio.

— Não... não... não!!! — gritou Kristen, e Sophie sentiu a dor rasgar-lhe por dentro, destruindo sua alma, seus sonhos, sua alegria e toda a sua inocência.

Kristen tinha dezessete anos e Rob era a sua maior paixão, a sua luz, a sua joia. Com lágrimas nos olhos, Sophie não conseguia dizer nada. Sentia o que Kristen sentia. Via o que Kristen vira e morria mil vezes, como Kristen morrera.

— Se você tivesse ficado e socorrido o meu irmão, ele não teria morrido, sabia disso?

A voz de Kristen era carregada de um ódio tão intenso que a fazia crescer assustadoramente, com força dobrada, determinação e coragem descontroladas. Não era mais a garota de cabelos dourados escuros que Sophie deveria proteger, mas a fonte de uma ira descomunal e extremamente letal.

— Mas você não ficou. Foi correndo para o seu papaizinho... — o desprezo escorria pelo canto da boca, enquanto inclinava o corpo sobre Alice, que tentava, em vão, afundar-se no colchão, como se pudesse fugir por um buraco mágico no chão embaixo da cama. — E o seu papaizinho mexeu os pauzinhos para que a querida filhinha se safasse de tudo.

Kristen estava incrivelmente perto do rosto de Alice, segurando o punhal contra a barriga dela com tanta firmeza que Sophie pôde jurar que ela o enfiaria no abdômen de Alice naquele exato momento, mas, ao invés disso, ergueu-se como um boneco de pau e se recompôs como num passe de mágica.

O caso do garotinho... A mãe que se suicidara... Pensou Sophie. *Brandon! Esta é a conexão!* Gritou para si. *Oh meu Deus... Kristen, eu sinto tanto!*

— Quase um mês, Alice. Minha mãe ficou ao lado dele por quase trinta dias, esperando que ele abrisse os olhos, que ele sorrisse para ela de novo, que ela pudesse ouvir a sua voz ao menos mais uma vez. Uma única vez! — exclamou com fúria, e gotículas de saliva espirraram para fora da sua boca. E ela ergueu o punhal para o alto. — Mas ele não voltou! E sabe do que mais? — voltou-se para Alice novamente. — NÓS tivemos que dar-lhe o golpe de misericórdia. Tivemos que deixá-lo partir, tivemos que mandar desligar as malditas máquinas que nos davam a ilusão de que ele estava vivo — resmungou entre os dentes, controlando-se para não arrancar as entranhas de Alice naquele exato momento.

Sophie sentia as convulsões subirem em ondas pelo seu corpo. Sentia o que Kristen sentia e era insuportável. Kristen respirou profundamente fechando os olhos e caminhando em volta da cama. Percorria do outro lado, cumprindo o mesmo ritual com a ponta do punhal na outra perna de Alice. Sophie estava em choque de medo, de surpresa e de profunda dor.

— E pra onde você foi depois disso, *Srta Collins*? — de novo, o mesmo desprezo. — Ah, sim... Você saiu de férias. Havaí, não foi? — Inclinou-se sobre o rosto de Alice novamente. — A maldita puta, bêbada de merda, que havia MATADO o MEU IRMÃO, FOI TIRAR FÉRIAS NO HAWAI...! — afundou o punhal no colchão, tão colado ao corpo de Alice que Sophie fechou os olhos, achando que a havia perfurado. Ela pôde jurar, quando viu a lâmina subir e descer afiada e certeira, de que ambas iriam morrer naquela noite.

— Kristen, por favor, me escute... — implorou Sophie.

— Cala a boca! Você sabe de nada! NADA! — Sophie ainda não pensava em qual seria o plano de Kristen, pensava apenas em fazê-la parar e pensar, mas não sabia como. — Ela matou o meu irmão, destruiu a minha família e depois, colocou fotos dela no Facebook no Havaí! — exclamou Kristen, mergulhada em toda a sua indignação. — Mas eu fiquei observando você, sua puta assassina desgraçada. Observei e acompanhei os seus passos...

Thomas, THOMAS! — gritou Sophie em sua mente, chamando a única pessoa que poderia lhe ajudar naquele momento. — *THOMAS, PELO AMOR DE DEUS!* — A voz de Sophie ecoava em sua própria mente, mas nada de ele responder.

— Kristen, você tem toda razão — disse Sophie. — Você está certa, a Alice tem que pagar pelo que fez — exclamou, sem surtir efeito.

— Ah, mas é claro que vai pagar, não vai, docinho? — falou, voltando a caminhar em volta da cama e parou diante de Sophie. — E VOCÊ vai matá-la! — Sophie sentiu como se o punhal lhe tivesse atravessado o peito. — Bem, não vai matá-la de verdade — explicou balançando a cabeça. — Vai parecer que foi você, porque a marca das suas lindas mãos já estão no pescoço dela, assim como a pele dela, embaixo da sua unha, a saliva dela no meio das suas pernas. Agora... — deixou a frase em suspenso, seguindo novamente em direção ao rosto de Alice. Deixou o punhal na mesa e envolveu o pescoço de Alice em suas mãos sem tocá-lo — quem vai mesmo ter o gostinho de sentir o pulsar das veias pararem entre os dedos, sou eu...

As mãos de Kristen tremiam, contendo o desejo de apertar-lhe a garganta e Sophie reviu, nitidamente, as suas visões em sua mente. O pulsar sob os dedos e a sensação prazerosa do poder da vida sob suas mãos. Era o desejo de Kristen que ela vira e sentira tantas vezes, e sentiu pena daquela jovem à sua rente, destruída por um ódio que a deixava cega para o resto à sua volta. Kristen enfiou as mãos sob o colchão, pegou um par de luxas de látex e as vestiu. Preparava-se para a sua doce vingança.

THO-MAAASSSS....! — berrou Sophie em sua mente e suas veias se latejaram no cérebro, fazendo-a sentir uma dor de cabeça aguda.

— Eu quero ver os seus olhos saltarem para fora — continuava Kristen, com as mãos fechadas em torno ao pescoço de Alice, ainda sem apertá-lo, dando a impressão de que o faria a qualquer instante.

Alice chorava baixinho, as lágrimas lhe escorriam dos olhos enquanto gritos abafados já não se faziam mais ouvir, apenas gemidos de medo e remorso. Fechou os olhos, pronta para a sua sentença, mas Kristen não a deixaria ir tão fácil e nem tão rápido.

THOMAS, ACORDA!!!!!!

— Quero ver mais lágrimas rolarem do seu rosto, como rolaram do rosto da minha mãe quando ela se jogou na frente do trem — falava entre os dentes, com o maxilar teso e os braços tremendo de desejo. — Quero ver você sofrer como o meu pai sofreu, não aguentando a falta do filho e da mulher, se afogando em litros de bebida. Quero que você sofra como fez a todos nós! Talvez, espremer o seu pescoço não lhe faça juz. Talvez retalhar você, começando por este lindo rosto, possa ser melhor, mais doloroso, mais justo... — Alice urrava por baixo da faixa em sua boca.

— Kristen, espera! — exclamou Sophie, com o coração que se agitava no pescoço. — Você vai acabar com a sua vida, desse jeito. E se alguém entrar agora? — Kristen rolou os olhos com displicência.

— Ninguém ousa entrar nos aposentos da *deusa*, lembra?

— E se tiver câmeras? — Kristen soltou uma gargalhada.

— E têm! Mas estão desligadas. Eu as desliguei, é claro — disse com orgulho. — Eu sei tudo sobre você — afirmou, ainda encarando Alice, que tentava se desfazer das algemas, ferindo sempre mais a pele em torno dos calcanhares e dos pulsos, que já estavam começando a sangrar. — Tive que fazer muitos favores para conseguir todas as informações que eu precisava, mas o que é abrir as pernas para conseguir o que se quer, não é mesmo? — provocou, sorrindo com descaso.

— Ótimo, Kristen, então, não tem provas de que estivemos aqui, certo? — continuou Sophie, urrando em sua mente o nome de Thomas. — Ainda dá tempo, tire a mordaça dela, faça-a confessar, eu serei sua testemunha e...

Kristen começou a rir, primeiro baixinho, depois, crescendo alucinadamente.

— Você ainda não entendeu, não é? Devia dar mais ouvido à sua amiga Anne. Aposto que ela matou a charada há muito tempo e você com toda a sua paranormalidade — falou, fazendo aspas com os dedos no ar — não sacou nada? Putz... se eu dependesse de você para salvar a minha vida, estaria mesmo morta, hein? Ops... pensando bem... era a Alice quem dependia de você e, sabe de uma coisa? Ela vai morrer! Hoje. Aliás, daqui a pouco... — desviou o olhar rapidamete para a cortina que cobria a porta de vidro que dava para a varanda. — É que estou esperando companhia, sabe... — finalizou e sua voz era irreconhecível. Sophie sentiu pena dela. Toda aquela loucura fora alimentada por uma dor inimaginável.

— É, você tem razão. Eu sou péssima em tudo isso. Me explique — pediu Sophie, calmamente. Tinha que dar um jeito naquela situação. Tinha que dar um jeito de fazer todas saírem dali com vida. Tinha que ganhar tempo.

Claire, Claire! — gritou Thomas, apavorado com o chamado da irmã. — *Oh, graças a Deus, Thomas! Liga pra polícia! AGORA!*

Sophie concentrou-se no quarto, em Alice, no punhal nas mãos de Kristen e jogou as imagens para dentro da sua mente o mais forte que pôde. Ele tinha que ver aquilo, ele tinha que entender a situação... ele tinha que fazer alguma coisa! E Thomas gritou.

Claire! Por Deus! — exclamou, vendo as imagens que Sophie lhe enviara.

— Eu pensei nisso durante dois anos. Estava ficando louca. Não sabia o que fazer... meu pai, minha mãe, meu irmão.. — a voz de Kristen começou a falhar. — Eu tinha que fazer alguma coisa. Tinha! Foi quando eu descobri que essa vadia aqui tinha se mudado de vez para o exterior. Putinha de merda — rosrnou.

— Calma, Kristen, concentre-se em mim. Me conte tudo e eu prometo que vou te ajudar com isso.

— E quem disse que eu preciso de você, Sophie? — riu — Eu estou bem, agora. Já tenho a ajuda de alguém que, aliás, você conhece muito bem, não? — Sophie olhou para Kristen com dúvida e, depois, terror. — Muito bem. Agora eu sinto que você está começando a chegar a algum lugar. Puxa... até que enfim... — Sophie se recusava a acreditar.

Claire, me diz onde você está! Mas Sophie estava em choque, não conseguiria dizer nada, naquele momento. Nem mesmo por telepatia.

— Eu era muito imatura, quase coloquei os pés pelas mãos quando comecei a seguir aquele médico. — Kristen balançou a cabeça — Como se ele pudesse fazer alguma coisa. Outro merda... — *Brandon*, pensou Sophie. — Foi quando eu conheci a sua amiga. Eu estava em um pub e começamos a conversar. Eu não sei bem porque, mas acabei contando a ela toda a minha vida. — *É porque ela é uma víbora, manipuladora, filha da puta*. Pensou Sophie. — E ela me fez ver outras possibilidades. Disse que conhecia o tal médico e que ele não resolveria o meu problema e começou a me ajudar. Naquele mesmo dia me levou para a casa dela e, no dia seguinte, ela já tinha todo o plano. — Os olhos de Kristen brilhavam de admiração. — Você acredita que ela levantou toda a vida dessa coisa aqui — apontando o punhal para Alice, que ainda chorava amarrada à cama. — durante uma única noite? Pois é... No dia seguinte, ela já sabia onde a Alice estava e como fazer para me aproximar dela.

Sophie sentia uma tristeza mortal por Kristen, por ver o quanto a vida dela fora destruída por ter encontrado a pessoa errada.

— A única condição para que tudo desse certo era que eu deveria retribuir o favor, um dia — a voz de Kristen parecia alternar entre uma mente perturbada e perigosa e outra ferida e dócil. — E esse dia chegou — falou a segunda voz — quando você veio para cá. Ela já tinha me avisado que você viria e que eu deveria me preparar para me aproximar de você. — Kristen sorriu com tristeza, quase sentindo pena por Sophie. — Ela sabia até o dia e onde vocês iriam ficar, Sophie. Como você pôde não ter percebido nada? Você, tão inteligente, tão sensível, não percebeu o óbvio!

Kristen suspirou e Sophie sentia ondas geladas varrerem os seus ossos. Ela sentia a morte chegar e, naquele instante, conseguiu pensar em uma única coisa: *Villa Venturini, Thomas. Rápido.* Falou, com aquela calma de quem sabe que chegara ao fim.

Kristen se aproximou de Sophie e os seus olhos eram ternos, como os que Sophie conheceia. Uma lágrima brotou no canto de um dos ohos azuis de Kristen e foi sugada para dentro, novamente.

— Eu gosto de você, Sophie — falou baixinho. — Mas se não for como ela quer, não será de outro jeito, você entende? Ela me disse que você seria atraída pela minha dor, que eu deveria mostrar-me a você como eu era, com toda a minha tristeza e fragilidade e que todo o resto daria certo. — Kristen suspirou, com uma tristeza aparente. — E você veio... Eu cheguei a vacilar, mas ela me ajudou a me manter na linha, com a mente focada no meu objetivo e...

— Kristen... — tentou intervir, mesmo sabendo que era inútil. Sophie havia presenciado a conversa entre Ashley e Kristen, em sua visão, quando Ashley lhe dizia que o passado não se muda, mas se vinga. Eram elas o tempo todo.

— Shhh... — chiou Kristen. E aquela lágrima voltou, descendo solitária pela pele alva de Kristen. — É tarde demais — sussurrou. — Ela já está aqui. Ela estava aqui o tempo todo, me ajudando. Com quem você acha que eu estava falando quando chegamos aqui? Claro que você iria descobrir que eu não fui ao banheiro, mas à cozinha, onde ela estava lá, me esperando, misturada aos outros funcionários. — Kristen suspirou e se ergueu. — Ela é ótima, não acha? Ela bolou tudo e tudo será perfeito. — Ergueu as mãos enluvadas com o punhal em uma delas. A visão fez o coração de Sophie gelar. — E, depois, foi só dar corda a essa viborazinha aqui — falou, caminhando de volta à Alice. — Eu sabia que ela não iria resistir a você. Acho que ninguém resiste, não é? À sua beleza, seu mistério, seus olhos... E, quando eu fui falar com ela na festa, e ela me disse que era pra eu trazer você ao quarto dela, fingi uma cena de ciúmes, na certeza de que você estaria me observando e, claro, você estava. E, claro, você me seguiu. — Kristen olhou para a cortina novamente e o pano verde cintilante balançou.

Sophie sentiu como se socassem o seu estômago com força. Ashley estava na varanda, ela sabia disso. *Oh, não... Anne... eu sinto muito, minha amiga... sinto muito por nunca ouvir você, minha irmã.* Sophie queria poder se despedir, de verdade, de Anne. Queria lhe dizer o quanto a amava e o quanto ela estava certa, sempre.

— Agora, vamos aos atos finais. Eu estrangulo a Alice, ou retalho, ainda não sei... — Kristen retomou o discurso insano, voltando à posição normal do seu corpo — Sufoco você com o éter — falou para Sophie — e, depois, deito o seu corpo ao lado do dela, com o seu rosto afundado no lenço. Ou então, talvez, ela tenha outros planos para você — deu de ombros — Eu não me importo.

Kristen já não olhava mais para Sophie e Sophie teve que raciocinar muito rápido e a única alternativa que vira era, como sempre absurda, mas ela não pensara, apenas confiou nos seus instintos.

— Kristen... eu não estou bem... — falou com a voz mais embargada e trêmula possível — Eu... — e começou a se tremer na cadeira, lentamente — Kristen, eu preciso... me deitar... — jogou a cabeça para trás, como se estivesse procurando ar no teto — por favor... você viu o que acontece... — e parou de falar. Apenas inspirou profundamente e fitou-a, com os olhos arregalados, com o corpo começando a tremer com mais intensidade.

Kristen veio ao seu encontro e apenas reagiu, dando vazão àquela parte dela cheia de inocência, arrebentando a braçadeira com a ponta do punhal afiado soltando uma das mãos de Sophie dos braços da cadeir. Sophie continuou com a simulação, respirando ofegantemente, piscando repetidamente, procurando nos olhos de Kristen aquele brilho de lucidez.

— Eu sinto muito, Sophie... — falava Kristen — Eu não quero machucar você... não quero mesmo... — Sophie tinha que agarrar aquela chance, mas não pôde. Uma voz cortante alterou tudo, como uma pausa brusca no tempo.

— Sai daí, Kristen — falou uma voz fria, entrando no quarto pela varanda.

Sophie sentiu o sangue endurecer nas suas veias. Manteve os olhos fechados. Não queria vê-la. Não queria ter certeza de que Ashley estava, realmente, ali, no mesmo quarto que ela, com o seu plano quase finalizado. Não...

Thomas, eu vou morrer, meu irmão... Eu só quero que você saiba que eu te amo. Diz à Anne que eu a amo mais do que tudo na minha vida e... Jesse...

— Olá, Sophie. Como vai? — perguntou Ashley e Sophie não respondeu, não conseguindo nem mesmo pensar. — Você não me parece bem — disse, sarcasticamente. —, mas vejo que a Kristen te deu um voto de misericórdia — pontunou, olhando para o braço de Sophie livre da algema de plástico.

— Eu... — começou Kristen, tentando se justificar, como uma criança que quebrara a louça de porcelana da mãe.

— Está tudo bem, querida — disse Ashley com uma voz tão calma que beirava à frieza. — Não faz mal. Vocês se tornaram amigas, não foi? Eu entendo... Hmmm... Vejamos o que podemos pode fazer com isso.

Ashley caminhou em volta da cama, olhando Alice deitada lá, com os olhos ainda mais arregalados de pavor. Sophie mantinha a cabeça baixa, como se ainda estivesse em uma visão. Os olhos semiabertos viam os pés de Ashley caminhando, silenciosamente, pelo quarto. Ela usava sapatilhas pretas e provavelmente uma calça de ginástica também preta. Sophie não conseguia ver muita coisa. Não queria ver nada, apenas sumir dali. Chamava Thomas em sua mente, chorava com ele, mantendo-o em sintonia com tudo o que acontecia no quarto.

— Você matou uma criança de quatro anos — começou Ashley, aproimando-se de Alice. — Fez a mãe dessa menina se jogar na frente de um trem, bem diante dos olhos dela. O pai se perdeu em tanta dor e foi esquecer tudo na garrafa de uísque... *Você* fez isso, Alice. E sequer se preocupou. Viveu a sua vida como se nada fosse... — Sophie sabia que Ashley estava tentando trazer Kristen de volta para o lado dela, o lado negro da dor e da vingança, e ela tinha que fazer alguma coisa, e rápido. — Você tem ideia do quanto sofrimento você causou a esta menina? — Kristen voltava a chorar e seus olhos foram se tornando duros, novamente. — Quatro anos... Um pequeno anjo que você reduziu a um mero pedaço de carne jogado na rua — Kristen soluçou.

— Kristen, olhe pra mim — murmurou Sophie, inutilmente. — Kristen, olhe pra mim! — exclamou, sem se importar com que Ashley faria, queria apenas salvar Kristen.

— Alice, Alice... tsc, tsc,... — continuou Ashley, inabalável. — Uma criança, uma mãe, um pai e uma adolescente. Eles tinham planos, sabia? — Sophie podia ver a mão de Kristen apertando o cabo do punhal.

— Kristen! — gritou Sophie e Kristen virou-se para ela. Os olhos estavam duros e sofridos, cheios de rancor. — Não escute o que ela diz. Eu vou te ajudar a colocar a Alice atrás das grades. Acredite em mim! — Kristen deixou cair uma lágrima e sorriu com tristeza para Sophie.

— Não, você não vai. Ela vai matar você e eu não posso impedir. Este era o nosso acordo. — Sophie emudeceu.

— O pai dela... — continuou Ashley, apontando Kristen, e Sophie notou que Ashley usava luvas pretas. Ela viera preparada para cumprir a sua promessa. — Ele estava se preparando para um emprego dos sonhos em uma plataforma de petróleo. Kristen queria ser artista plástica e o pequeno Robert... — Ashley olhou para Kristen, que agora estava do outro lado da cama, olhando fixamente para Alice. — Você quer dizer a ela, Kristen, como era o seu irmão, o seu bebê? — Kristen emitiu um urro intern, apenas. Ashley insistiu. — Ele adorava brincar com cubos de madeira. Não é, Kristen?

— Kristen, por favor, não faça nada. Não confie nela, eu conheço a Ashley melhor do que você. — Ashley, que até o momento não tinha olhado para Sophie, encarou-a por um segundo e foi suficiente para Sophie ver a escuridão em seu olhar. Aquilo não era humano. A sua crueldade não tinha precedentes. Ashley sorriu perversamente, enquanto falava.

— Talvez o pequeno Robert se tornasse um engenheiro um dia. Um construtor... Quem sabe, um inventor! — Kristen grunhiu novamente e Alice gritava sob o pano esticado em sua boca. As lágrimas escorriam formando córregos negros da maquiagem em sua pele clara e jovem. — Mas ninguém vai saber o que ele seria. Sabe por que? Porque ele está MORTO, Alice. — exclamou, subitamente, fazendo as moléculas do corpo de Sophie se agitarem, nervosas. — Ele está morto, graças a você! Morto, Kristen, graças a ela!

Sophie viu, com clareza, o que sua mente quis lhe dizer aquele dia sobre a gangorra. Ashley dominava a mente de Kristen dando-lhe o incentivo necessário para ir às alturas, descer e subir novamente. Passar pela dor e dar-lhe munição para aliviá-la. Alimentar o desejo que, agora, fervia em suas veias.

Kristen ergueu o punhal. Sophie viu a lâmina subir e descer com fúria. Gritou. Era só o começo. Ela sabia que outros golpes viriam. Muito sangue seria derramado nos lençóis brancos daquela cama dossel.

— Nãããooo...! — gritou Sophie, chorando. — Kristen, não... ! — exclamou mais uma vez, vendo a lâmina descer novamente.

— Vai pro inferno! — gritou Kristen para Alice que se agitava na cama, e o punhal desceu com força, desaparecendo dentro do abdômen de Alice, que arregalou os olhos afundando o corpo no colchão, urrando com a garganta. O punhal subiu novamente e Kristen rangeu os dentes, segurando-o com ambas as mãos envoltas pela luva branca manchada de sangue. — Esta é pelo meu irmão! — gritou, enterrando-o novamente em Alice. — E pela minha mãe! — O punhal se movia agora para todos os lados, atingindo o rosto de Alice, o pescoço, os braços, deixando sulcos que se abriam vermelhos por onde passava.

— PARA!!!! — berrou Sophie em prantos, mas Kristen não parou. Ergueu o objeto metálico banhado de sangue, enfiando-o no peito de Alice, que ainda gritava e soluçava, chorando e lutando pela sua vida.

— PELO MEU PAI! — enterrou novamente. — POR-TODA-A-MINHA-FAMÍLIA!!!!! — enfiou de novo e de novo e de novo, apenas gritando, se desfazendo em lágrimas e gritos, em êxtase, em uma fúria alimentada pelo tempo, pela dor e pela revolta. Era a face do terror, do mal inflamado dentro de Kristen.

Alice ainda estava viva; agonizando, mas viva. Sophie chorava e gritava, tentando tirar a braçadeira do outro punho, ferindo a pele. Mas os seus berros e súplicas eram abafados pela histeria de Kristen sobre o corpo de Alice que parara de se mexer quando as forças de Kristen começaram a se exaurir. O último golpe perfurou o pulmão de Alice.

— Kristen... — soluçava Sophie, aterrorizada. — Pare, por favor... — implorou.

Claire, concentre-se — ordenou a voz de Thomas — *Você pode entrar na mente dela, faça-a parar...* — sussurrou ele, em prantos, em seu ouvido, e Sophie tentou desassociar-se de tudo, tentou isolar a sua mente do que via, mas era difícil. Kristen estava em pé ao lado da cama, com grossos respingos de sangue pela túnica branca, com o olhar vazio, chorando, ofegante.

Sophie tentou fazer ressurgir algum sentimento bom em Kristen, algo que a fizesse se abrir para ela, mas a mente de Kristen estava fechada demais. Sophie se lembrou das macas em sua visão e da terceira maca que se aproximava dos dois corpos. Kristen queria se juntar a eles. Ela queria morrer.

Não, Kristen, você tem que viver. Tem que viver por todos eles. Disse Sophie respondendo ao seu próprio pensamento. Sophie chorou com a alma, sussurou no ouvido de Kristen com a força de algo que nem ela mesma conhecia e então, algo aconteceu. Kristen parou. Virou-se para Sophie, como um boneco à espera de um novo comando. Sophie soluçava e apenas pensava.

Kristen, eu sinto muito mesmo.

Kristen ainda estava ofegante e exaurida, mas a expressão do olhar começava a mudar. Sentia-se vazia de toda a sua ira. Farta, saciada e esgotada. A dor, entretanto, continuava no mesmo lugar. Ela não entendia por que a dor ainda estava lá. Os seus olhos estavam cheios de angustia.

Ashley, que se afastara da cama, assistia a tudo com um sorriso discreto no rosto. Pela primeira vez Sophie sustentou o olhar nela. Ashley não era mais uma pessoa comum. Seus olhos tinham um brilho intenso e frio. Ela vestia uma malha preta colada ao corpo, enaltecendo o que antes ela não tinha. Músculos torneados por todo o corpo. Braços, ombros, coxas, pernas e abdomen. Ela era uma arma letal ambulante. Continuava esguia, mas atlética. Os cabelos estavam escondidos sob uma touca igualmente preta e igualmente apertada na cabeça. Aquela figura em pé, no canto do quarto, parecia-se com um soldado ninja, pronto para matar e desaparecer em um suspiro. Sophie tremeu, não mais de medo, mas de raiva.

Você não pode confiar nela, Kristen. Olhe bem — e Kristen virou-se para Ashley, que ainda sorria. Sophie pôde ver uma ligeira ruga se formando na testa de Kristen. Sophie imaginou, com todas as forças, Kristen vindo em sua direção e desamarrando-a. Pensou nisso tão intensamente que a cabeça começou a doer. E Kristen veio em sua direção

— Agora saia de perto dela — ordenou Ashley com uma voz dura como gelo — Parece que vamos ter que mudar os planos, velha amiga — falou, dirigindo-se a Sophie. — Aparentemente, você matou Allice Collins com vários golpes de punhal, eu acho — provocou Ashley, mas Sophie tinha olhos somente para Kristen, agora, que vinha ao seu encontro com uma expressão comovente.

— Ainda dói... — sussurrou chorando com tristeza e, talvez, arrependimento. Sophie viu lampejos azuis em seus olhos. *Pobre menina...* O seu irmão, a sua mãe, a sua família, nada voltaria como era antes e Kristen sabia, agora. Percebeu que nada faria passar a falta das pessoas que amava. *Vamos consertar isso. Me desamarre, por favor.*

Kristen olhou o punhal em sua mão e largou-o no chão, enquanto as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Limpou as mãos encharcadas de sangue no tecido branco, deixando um rastro vermelho como um grosso pincel. Deu a Sophie um sorriso triste e solitário e piscou, lentamente.

— Kristen, temos que limpar essa bagunça, agora. Resta pouco e você poderá ir embora daqui — falou Ashley —. E, depois, você vai poder, finalmente, viver a sua vida.

Kristen hesitou e depois olhou para Ashley e para Sophie.

— Me desculpe, Sophie. Você é uma garota legal, mas tem que ser assim. — Ela se abaixou e pegou o punhal novamente.

— O éter, Kristen. Use o éter — mandou Ashley, mas Kristen não reagiu. Continuava a encarar Sophie com tristeza. Sophie balançou a cabeça, discretamente para Kristen e esta se aproximou com o punhal na mão.

Corte o bracelete e me desamarre, agora, Kristen. Eu vou ajudar você.

— Kristen, o éter, agora! — gritou Ashley.

Kristen piscou, como se acordasse de um sonho e olhou para Ashley. Sophie sabia que estava perdendo a batalha.

— Covarde... — Sophie rangeu os dentes, virando-se para Ashley. — Covarde! — repetiu, com raiva, sentindo que, se não estivesse amarrada, daria um fim àquele demônio. — Você é doente, maluca! — Ashley riu debochadamente. — Como você ficou desse jeito?... Meu Deus... — Sophie começou a chorar de ódio e sua mão começou a tatear o lenço que lhe amarrava os pés à cadeira. — Kristen, me tire daqui. Eu vou ajudar você. — Kristen parecia perdida, vazia e inerte. Não sabia a quem atender

— Ajudar? — Ashley riu, novamente. — Você não vê a situação aqui, garota? — perguntou sarcasticamente, enquanto Sophie ainda tentava desamarrar os nós nos pés com apenas uma das mãos. — Ou dança você ou dança ela — afirmou, sinalizando Kristen com a cabeça. — Pelos meus planos, Kristen vai embora daqui comigo — afirmou, caminhando até Kristen, incentivando-a a concluir o plano.

— Eu vou acabar com você, Ashley. Você foi longe demais. Adrian, Alice e agora Kristen? Pelo amor de Deus! Quantas vidas você vai destruir? Quantas pessoas você vai matar? — Sophie, finalmente, conseguiu desatar um dos nós e começou a soltar o pé da cadeira.

— Adrian? Pelo que eu saiba, ela cortou os pulsos na banheira, a pobrezinha, não foi? — e soltou uma gargalhada que fez Kristen dar dois passos para trás.

— Polícia! — exclamou uma voz masculina no corredor, fazendo a tensão do quarto se tornar ainda mais real. — Abram a porta! — gritou, novamente, em inglês.

Sophie olhou para a porta do quarto, fechada. Kristen procurou ajuda nos olhos de Ashley que, pela primeira vez, pareceu ter sido pega de surpresa.

— Abram a porta! — gritou, novamente.

— Conte a eles, Sophie — sussurrou Kristen, aproximando-se dela. — Conte porque eu fiz isso — e Sophie viu a menina doce e inocente que Kristen fora um dia, antes que Alice e Ashley lhe tirassem tudo. — Conte o que ela fez, por favor. Pelo meu irmãozinho, pelo meu bebê, está bem? — lágrimas escorriam no rosto de Kristen e então, tudo aconteceu muito rápido.

Kristen foi agarrada pelas mãos ágeis de Ashley que a ergeu no ar como se fosse uma boneca de pano. O punhal caiu no chão e ambas desapareceram pela varanda. Sophie ouviu um grito fino e depois, um barulho abafado no jardim. Um estrondo invadiu o aposento e em seguida, a porta de correr se abria. Sophie olhou assustada, chorando, e viu Jesse acompanhado de um dos brutamontes da festa. Sophie sentiu uma emoção tomar conta do seu coração e deixou-se explodir em prantos. Não pensou em como ele havia chegado até ela, nem por que, apenas sentiu-se agradecida e frágil.

Sim, ela poderia sentir-se frágil, agora. Ela estava salva. Mas não poderia dizer o mesmo de Alice, que ainda agonizava nos lençóis, e nem de Kristen que fora encontrada minutos depois, caída no jardim com o pescoço quebrado. Disseram que fora da queda, mas Sophie sabia que não. O balcão não era tão alto assim e a queda seria amortecida pelos arbustos. Tinha sido Ashley, não havia dúvidas disso.

Capítulo 23

Os dias seguintes se tornaram um borrão nas memórias de Sophie.

A polícia italiana, por fim, não conseguira provas da presença de Ashley no quarto. Não havia traços nem mesmo da sua entrada no país. Era a palavra de Sophie contra uma cena brutal de assassinato em que a assassina fugira pela janela. A morte de Kristen foi considerada como acidental durante a fuga.

Sophie, que no início era tida como suspeita de ser cúmplice do assassinato de Alice Collins, teve a situação revertida graças à atuação de um advogado contratado por Jesse. Jesse que, aliás, tinha ido à Itália na noite anterior ao horror, logo que Anne descobrira que a Sra Thompson na verdade não existia. Anne bem que tentara contar a Sophie que Jesse havia ido encontrá-la, mas ela não lhe dera a chance.

Naquela tenebrosa noite, Jesse já estava há horas tentando falar no celular de Sophie − cujo aparelho estava desligado dentro da bolsa sob o balcão da recepção da festa −, quando Anne ligou para ele, histérica. Ela recebera uma chamada de Thomas que lhe contara sobre o pedido de ajuda de Sophie e, imediatamente, Anne acionara Jesse. Não foi difícil para ele encontrar um taxista que soubesse onde era a Villa Venturini. Aliás, difícil seria encontrar alguém que não soubesse.

Por sorte, Jesse teve uma ideia infatil de levar consigo a sua "insígnia da sorte". Um distintivo britânico falso que comprara em uma loja de fantasia para uma festa de Halloween, uma década atrás. Jamais se desfizera dela. Era uma lembrança boa de seus períodos de juventude, quando a vida era cheia de festa, bebedeira e quase nenhum problema. Às vezes, ele levava a sua insígnia consigo como um amuleto. E ele achou que precisaria de sorte naquela viagem. Quando chegou à casa de Alice, exibiu a insígnia e falou em italiano fluente com os guardas, num tom intimidador.

— Polícia britânica! Recebi informações de que a vida da proprietária da casa, uma cidadã inglesa, está em perigo e mais duas outras pessoas. Ou vocês me deixam entrar agora, ou esta festa nunca mais será realizada novamente. Vocês me entenderam? — perguntou em voz alta e clara, já entrando no saguão, sob a vigilância cerrada de dois seguranças. Nenhum deles ousou impedi-lo. Ao contrário, subiram rapidamente com ele ao quarto de Alice.

Sophie fora levada ao hospital naquela noite para exames e, quando fora constatado que não havia nenhum ferimento a não ser uma lesão em volta dos pulsos por causa da abraçadeira de plástico, fora liberada. Passaram a noite na delegacia e depois seguiram ao hotel. Jesse a deitou na cama, depois de um banho quente. Ele não lhe perguntou nada sobre o que vivera naquele quarto; o que vira, ouvira ou fizera. Nâo lhe perguntou nem menos sobre a festa. O assunto partiu dela.

— Jesse, aquela festa, eu...

— Não — disse ele, colocando a mão suavemente sobre a boca de Sophie. — Eu não quero saber. Seja o que for que tenha levado você àquele lugar, seja o que for que você tenha feito lá, não vai mudar em nada o que eu sinto por você. — Sophie sentiu os olhos umedecerem. — A nossa vida recomeça aqui. O que aconteceu, não existe mais. Nem pra mim e nem pra você. Está bem?

Sophie não argumentou, apenas balançou a cabeça aceitando-o em sua vida novamente. Não tinha força nem energia para falar sobre absolutamente nada. Ela começou a chorar baixinho banhando a fronha fria de linho branca que cheirava a sabão em pó. Jesse acariciava-lhe os cabelos e repetia, à voz baixa, a mesma frase de tempos em tempos.

— Tudo vai ficar bem. Você está segura, agora.

Não disse que a amava nem que jamais a deixaria sozinha de novo. Sophie sentiu falta disso, mas não lhe pediu tampouco. Aliás, passou a falar o mínimo desde que prestara o segundo depoimento e que Jesse lhe dissera para não dizer mais nada até que chegasse o advogado. Ela seguira à risca a recomendação. Emudeceu. Trancou-se em uma clausura impenetrável.

— Quando você estiver pronta, saiba que estou aqui. Agora descanse — disse Jesse, com ternura. Sophie não reagiu, não falou, não mudou de posição na cama. Apenas continuou com o seu choro silencioso.

Anne tentou ir à Itália, mas Jesse recomendou que ela não fosse. Primeiro, porque Anne estava em Barbados com Brandon em uma viagem planejada há meses. Segundo, porque em poucos dias ele e Sophie estariam embarcando de volta a Londres, onde elas poderiam ficar juntas assim que Anne voltasse da viagem.

Os dias se passavam e Thomas tentara várias e várias vezes chamá-la, em vão. Mesmo assim, ele lhe dizia que ela precisava ficar forte, que as coisas iriam se ajeitar com o tempo e que o importante era ela ficar bem e tentar se esquecer do que acontecera. Disse, inutilmente, que ela havia tentado de tudo e que se não fosse por ela, talvez Ashley tivesse consigo o que queria desde o início: matá-la. Sophie ouvia, em silêncio. Ela pouco se importava por estar viva. Ela queria Kristen viva e livre dos fantasmas e pesadelos que a atormentavam. Por isso, não respondia nada. Nem a ele e nem a Nancy ou a Paul, que durante uma visita lembrou-lhe da festa de aniversário da pequena Sophie, a qual ela não foi. Dias depois, voltou com um pedaço de bolo que ela também não comeu.

Todos fizeram o que podiam para tirar Sophie da sua concha, mas ninguém sabia como fazê-lo. Ninguém estivera lá, dentro daquelas quatro paredes, para saber, para ver e sentir o que ela havia visto, ouvido e sentido.

Duas pessoas iriam morrer naquela noite. Fora esta a intuição de Sophie desde sempre e duas pessoas realmente morreram naquela noite. Ambas foram vítimas da mesma pessoa. Da mesma mente doentia e cruel, repleta de demônios engenhosos. Uma mente que a encarou nos olhos antes de mergulhar na escuridão, antes de eliminar a última chama de esperança que havia dentro daquela jovem já tão sofrida pela sua dor.

Sophie, em seus dias de profunda reflexão, pensava ter visto naquela noite, naquela maldita noite, uma piscadinha de Ashley antes de ela voar pela janela. Uma piscadinha, como fizera seu pai. Mas não tinha certeza. Não tinha certeza de muitas coisas.

E ainda tinha Alice, apunhalada pelas mãos movidas por uma necessidade incontrolável de extravazar uma dor, de fazê-la desaparecer, porque era simplesmente impossível conviver com ela. Uma dor que Sophie continuava a sentir, dia após dia, como se ainda estivesse ligada á Kristen, como se esta fosse a sua penitência por não tê-la salvado, por não tê-la convencido a perdoar Alice, que nos últimos instantes da sua vida, dentro da ambulância − talvez beirando à inconsciência −, dissera apenas uma palavra: "Desculpe".

Afinal, a vida é ou não ardilosa, com suas escolhas, consequências e curvas escorregadias? Alice pegara um atalho e pagara com a vida. Fora justo? Injusto? A vida é apenas uma máquina programada para reagir após cada ação. Não leva em conta as variantes. Para ninguém. Kristen, por exemplo. Fora justo? Injusto? Quem a protegera do seu trágico destino? Ninguém. Absolutamente ninguém. Dependeria única e exclusivamente dela optar por este ou aquele caminho. Viver na dor ou acabar com ela. Talvez se Kristen tivesse ido atrás de Brandon naquele dia em que o seguira, ele a tivesse ajudado a acalmar a sua dor. Sim, ele o faria. *Brandon é bom em acabar com as dores...* Divagou uma voz débil, embalada por calmantes e analgésicos.

Kristen poderia ter sido a artista plástica que tanto sonhara, tido um futuro bem melhor, *como eu e a Anne* — continuava a mesma voz —, órfãs que tiveram suas vidas direcionadas de uma maneira completamente diferente, graças às pessoas que cruzaram os seus caminhos. Mas Kristen não tivera esta sorte. No seu caminho estava Ashley. No seu caminho estava uma mão que a guiaria para a vingança que ela tanto queria, de uma maneira fácil e segura. Assim a fizera pensar, pelo menos, até que Ashley a conduziu, em seu ato final, ao ataque de fúria impensado. Instigou suas emoções ao limite e a empurrou do abismo. Duas vezes. Quando a induziu a erguer o punhal e depois, literalmente, fazendo-a voar pelos ares.

Era nestas coisas que Sophie pensava quando todos tentavam alcançá-la e trazê-la para a superfície, sem saber o quão longe estavam dela. O quão distantes e profundos eram os seus pensamentos e sentimentos.

Seus amigos, as pessoas que a amavam e sempre a protegiam, deveriam continuar assim, puros, ingênuos de que a vida se ajeitava, de que tudo iria ficar bem. Não seria Sophie a lhes dizer que não, que nada ficaria bem nunca mais porque, dentro dela, fora plantada uma semente que ela deveria combater sozinha. Uma semente que ela vira com os próprios olhos os frutos negros que dela nasciam.

Não, merda nenhuma ia ficar bem, mas ela preferia ficar calada a lhes dizer isso. Porque se ela abrisse a boca e começasse a falar, não pararia mais e, talvez, corresse o risco de enlouquecer.

Lembrava-se da garota naquela pedra imensa, na Itália. Como era mesmo o nome dela? Da pedra? Não se lembrava mais e não importava. Bastava-lhe lembrar do que a garota sentia. Uma tristeza e uma revolta tão dilacerantes que ela optara por fingir ser menor do que era porque se a encarasse de frente, seria impelida a agir, a enlouquecer.

Bismantova. Esse era o nome da pedra.

Chiara, este era o nome da garota.

Sophie já estava perdendo a lucidez.

Ela falaria novamente, um dia. Obviamente que sim, mas não por enquanto. Temia que sua voz saísse como um urro.

Mais um dia se passava. Mais uma noite que entrava por uma porta e saia pela outra quando o sol lhe pedia passagem. E mais uma vez, Sophie via toda aquela rotina ir e vir da janela do seu quarto. Os dias e noites eram como um jogo de luz e sombras, quando as nuvens encobriam o sol durante o dia ou quando a noite vestia o manto escuro sobre as casas, fazendo da rua uma alcova coletiva, com seus seres dormentes à espera do amanhã. Alguns não veriam este novo dia chegar. A sorte era lançada, todos os dias, a todo o momento. E quem quer que fosse que jogasse os dados, estava disposto a colocar Sophie à prova, mais uma vez.

À véspera de Anne voltar, Sophie acordou aos gritos e febril, como já vinha fazendo há duas noites. Nancy dormia no quarto ao lado e correu para acalmar os tremores que vinham acompanhando o tal pesadelo.

— Sophie, querida, fale comigo, por favor. Eu preciso saber o que está acontecendo, senão eu não posso ajudá-la.

A voz de Nancy, que um dia fora calma, segura e tranquilizadora, tornara-se mais como um lamento. Às vezes, ela também chorava baixinho, achando que Sophie não percebia. Mas, naquela noite, apesar da febre e do terror, Sophie reagiu. Não pelo choro de Nancy ou porque estivesse pronta. Ela tinha que se abrir, ou algo terrível iria acontecer. Segurou a mão de Nancy como quem agarra a uma boia salva vidas.

— Oh, minha querida. — falou Nancy, apertando a mão de Sophie contra a sua. — Como eu esperei por isso — continuou, emocionada. — Eu estou aqui. Estamos todos esperando por você.

— Eu preciso de ajuda — foram as primeiras palavras balbuciadas em duas semanas.

— Claro, meu bem... Claro... E eu posso te ajudar — disse, com lágrima nos olhos.

— Não. Eu preciso dos seus amigos — sussurrou, tentando vencer a batalha contra aquele presságio que a vinha aterrorizando.

— Dos meus amigos?

— Phisical Minds. — Sophie encarou-a com os olhos brilhantes, suplicantes e apavorados. — Eu preciso deles. Conte-me tudo, por favor.

Nancy fora pega de surpresa, mas aquela era Sophie. Quando pensava que ela estaria derrotada, frágil e precisando de toda a ajuda para ser resgatada, ela mesma já havia se resgatado, alimentado, curado e estava pronta para a batalha. Talvez, naquele caso, ela ainda não estivesse pronta.

— É sobre isso que você quer conversar? Agora?

— Sim — respondeu, apertando as mãos de Nancy entre os seus dedos ainda febris.

— Então acho melhor preparar uma xícara de chá. Vai ser uma longa noite. — Nancy deu-lhe um beijo na testa e sorriu para ela. — Tudo bem se você ficar sozinha um segundo? — Sophie assentiu. — Muito bem. — sorriu para ela, com os olhos ainda úmidos. — É bom ter você de volta, minha querida. — Sophie sorriu para ela e Nancy saiu do quarto.

Sophie pegou o celular do criado mudo, com as mãos trêmulas, e ligou para Anne. Ela precisava ouvir a voz da amiga, queria que ela soubesse que estava tudo bem – mesmo que não estivesse −, mas antes de tudo, queria saber se *Anne* estava bem. A chamada caiu direto na caixa postal. Eram duas horas da manhã e, pelo fuso horário, seriam nove da noite em Barbados. Por que Anne não lhe respondia?

Sophie foi ao banheiro, lavou o rosto para eliminar aquela sensação débil, abriu a gaveta e tomou um Paracetamol. Talvez dois fosse melhor. Já estava tão acostumada a tomar suas pílulas que não se incomodava mais. Trocou o pijama molhado de suor por uma camiseta e uma calça de malha mais leve e sentou-se na cama novamente, desejando que aquela sensação de tremor no estômago passasse. Pegou o celular novamente.

— Ligando para Anne? — perguntou Nancy, apoiando a bandeja com o chá sobre a escrivaninha do quarto. Ela fez que sim com a cabeça. — Fique tranquila, falei com ela hoje à tarde, por email. Ela está bem e se divertindo.

— A chamada caiu na caixa postal.

— Tentaremos mais tarde de novo, está bem? — sugeriu Nancy. Sophie abandonou o celular sobre a mesinha de cabeceira e pegou a xícara de chá das mãos de Nancy que se virou e foi buscar a sua também.

— Dra Nancy eu não sei como lhe agradecer — disse contrangida. — Sei que a senhora e o Jesse tem se revezado e...

— Sophie, escute. — interrompeu-a, delicadamente. — O que você viveu naquele quarto foi horrendo — afirmou, sentando-se ao lado dela, ajeitando uma pequena tijela com biscoitos entre elas, na cama. — Tivemos acesso ao seu depoimento á polícia, mas aquilo não inclui exatamente tudo o que aconteceu, não é mesmo? — Sophie balançou a cabeça. — Portanto, minha querida. Não tem do que se desculpar. Além de sua terapeuta, sou sua amiga e me preocupo com você. — Sophie sorriu, timidamente. — O fato de você não querer se comunicar, é normal depois do que você passou. Isso se chama estresse pós-traumático. É um modo de se proteger. Você quer falar sobre isso? — Sophie negou veementemente com a cabeça. — Tudo bem. Estarei sempre à sua disposição, quando quiser. — Sophie tomou um gole de chá de hortelã e limão. Nancy também provou do seu e ficaram em silêncio por alguns segundos.

— Alguma notícia sobre a autópsia de Adrian? — perguntou Sophie.

— Sim. Não havia nenhum indício de envenenamento ou sufocamento. Apenas muito álcool.

— O inquérito foi concluído como suicídio, então — deduziu Sophie.

— Sim — murmurou.

Sophie endureceu os lábios. Mais uma morte "limpa". Ela sabia que Ashley tinha dado um jeito de entrar na casa de Adrian e a obrigado a cortar os pulsos. Talvez tivesse apontado uma arma contra a sua cabeça, forçado-a a se embreagar e, depois, cortado os pulsos dela. Talvez tivesse ficado sentada ao lado da banheira observando a vida de Adrian se esvair em sangue. Não duvidava de nada, a não ser de que Adrian tivesse se matado.

— E Ashley? Alguma pista? — Nancy meneou a cabeça negativamente. Sophie tentou beber mais um gole do chá, mas sua garganta se fechou. Ela insistiu e o gole desceu. — E sobre o Phisical Minds?

— O que você quer saber?

— Tudo. O que eles fazem, como fazem, até onde podemos ir...

— O que eu posso lhe dizer ainda pouco. É um grupo formado por físicos, médicos, psiquiatras e voluntários.

— Cobaias?

— Não gosto de usar este termo, mas... São pessoas que apresentam um grau de telepatia e que, em um evento, causaram uma interferência física em alguém, como o que você me relatou. Aliás, aconteceu novamente com você?

Sophie hesitou, lembrando-se dos poucos momentos em que pensou ter conseguido entrar na mente de Kristen, mas era apenas uma suposição. *Não fui capaz nem de fazer isso para impedir que Kristen e Alice morressem.* Pensou Sophie, amargamente.

— Não. Nunca mais — afirmou, omitindo o seu rancor.

— Até onde eu sei, aconteceu o mesmo com os quatro objetos de estudo. Aconteceu apenas uma única vez. — Nancy também bebeu um pouco do chá e continuou — Exceto com um rapaz chamado Jonathan Miller. Este, sim, tinha um controle sobre a própria mente que era impressionante, me disseram.

— O que houve com ele?

— Depois de alguns testes, ele desistiu. Disse que queria levar uma vida normal e não voltou mais. Nunca mais o encontraram.

Sophie o entendia perfeitamente, mas tinha certeza de que ele não tinha sido bem sucedido na sua busca pela normalidade. Ninguém, depois de experimentar um dom, consegue dar um passo para trás. A mente é poderosa demais para se brincar de gato e rato. Um dia, você descobre que é menos doloroso aceitá-la do que fugir dela. Jonathan também descobriria.

— Eles sabem sobre mim?

— Sim — confessou, esperando uma reação de Sophie. Nada. — Mas eles não sabem quem você é ou onde encontrar você. Isso só acontecerá quando você estiver pronta.

— Eu estou pronta — afirmou sem hesitar.

— Não está não. Ainda mais depois de passar pelo que você passou.

— Dra Nancy, eu estou pronta — disse, secamente, sentindo o coração acelerar e as imagens empurrando aquela fina membrana que separava a sua consciência das visões.

— Sophie isso não é brincadeira.

— E nem eu estou querendo brincar.

— O que você está procurando?

Sophie suspirou e engoliu mais um pouco do chá. Ela não podia dizer que estava se preparando para enfrentar o que viria pela frente, que faria de si mesma uma arma para combater aquele desejo mortal que viera acompanhado das últimas visões.

— Conheça-te a ti mesmo — murmurou, parafraseando Sócrates. — Venho pensando nisso...

— Sophie, você está me escondendo alguma coisa, não está? — Sophie manteve a cabeça baixa. Não conseguiria enfrentar o brilho dos olhos azuis e cansados de Nancy sem lhe dizer a verdade, então, ficou apenas calada. Nancy suspirou. — Está bem. Eu vou tentar contato com eles e, enquanto isso, nós duas vamos ter algumas conversinhas — sorriu para ela.

— Sem problemas — concordou e apoiou a xícara sobre a mesa do criado mudo.

As últimas visões de Sophie passaram despercebidas a todos. Ela as viveu e as superou em seu silêncio, no meio da noite, no raiar do dia, várias e várias vezes. No início eram ainda esboços, flashes que a faziam se sentir apenas ligeiramente inquieta. Começava com uma sensação de frio. Seguia por uma sequência de barulhos como batidas e que, depois evoluiu para uma sequência inteira, completa e que não deixava dúvidas.

Durante as últimas semanas, Sophie tentou se esconder na sua dor, fugindo do seu destino, assustada, acuada em seu próprio medo. Mas não se foge de algo como aquilo que havia dentro dela, apenas o alimenta sob uma ilusória capa de proteção. No início, pensou que aquele sentimento de raiva e o desejo efervescente que borbulhava o seu sangue fossem a própria ira e por isso a controlava. Havia visto aonde aquele caminho levava, mas quando tudo emergiu e lhe ofuscou a visão, inserindo-a em um mundo de sombras onde uma pressão contínua incitava uma delicada área do cérebro, ela teve certeza. Aquela mente digeria uma ideia, um plano, uma estratégia. E por mais que ela pudesse senti-la, aquela mente não era a sua. Ela tinha certeza disso. E tinha certeza de quem era.

Em suas relfexões sobre as visões que tivera na Itália, coerentes ou não, Sophie deduzira que as duas mulheres vestidas de capas negras iguais eram Kristen a Ashley, representadas pelo desejo comum de vingança, envoltas por um segredo. Os saltos altos, que um dia a confundiram, fazendo-a crer serem de Alice, simbolizam o poder, a feminilidade, e a dominação. Características que se encaixavam perfeitamente em Alice. Perfeitamente demais. Era isso o que Ashley queria que Sophie pensasse o tempo todo. A influência de Ashley em sua mente fazia Sophie se esforçar ao limite para reverter a situação. E ela conseguira. Podia sentir o mundo de Ashley em sua mente, agora. O mundo de sombras e a engenhosa maquina perversa da mente dela funcionando dentro da sua.

Finalmente, abrira uma brecha na impenetrável fortaleza de Ashley e o que ela vira fora a imagem de Anne sendo levada inconsciente nos braços de um desconhecido para dentro de um carro. Amordaçada, Anne não oferecia resistência, nem mesmo quando fora jogada, displicentemente, no portamalas de um furgão. O carro saía em alta velocidade e, ao volante, um homem careca com uma pequena cicatriz na parte posterior da cabeça e, ao lado dele, uma mulher que, em um minuto de vaidade, baixou o quebra sol e ajeitou os cabelos admirando a sua própria imagem no espelho.

Sophie sentiu os lábios se esticar em um sorriso mesquinho. E quem sorria para o espelho era Ashley, cujo prazer de ter dado apenas o primeiro passo de um plano muito maior, inundava-a de vigor e luxúria.

Estar na mente de Ashley era tão doloroso quanto se todos os seus ossos fossem fraturados e o cérebro espremido, mas não importava. Sophie faria qualquer coisa para conseguir o que queria. Até mesmo, servir de cobaia nas mãos de cientistas. Até mesmo, localizar Jonathan Miller. Usá-lo, se fosse preciso, para transformar a própria mente em algo letal. Ele teria que ensiná-la como e, assim, ela acabaria, não somente com os planos de Ashley, mas com a própria Ashley, nem que tivesse que se arrastar para o inferno junto com ela.

Naquele momento, o celular de Sophie emitiu um som de uma mensagem. Ela saltou a cama, sentindo o coração encolher. *Anne, que você esteja bem.* Mas não era de Anne nem de Jesse. E a mensagem dizia apenas:

“Não acredite em tudo o que você vê. Eu jamais usaria um furgão. Não tem classe alguma. Você vai se surpreender.”

Sophie sentiu a cabeça latejar. Virou-se para Nancy com os olhos mergulhados em pavor. E, então, sua mente deu um estalo. Apenas um e a derrubou no chão. Antes de perder a consciência, um pensamento pavoroso passou em sua mente.

Ela sabe. Ela compartilha as minhas visões. Eu preciso avisar... Ninguém vai endenter aquela mensagem. Ninguém vai poder ajudar a Anne. Oh, meu Deus, Ashley estava sempre um passo a frente. Anne... para onde ela a levou?

Fez-se silêncio e, pouco depois, dentro do vazio doloroso de sua mente, Sophie ouviu.

Acorde, Sophie. Não seja covarde. O jogo está só começando.

Ecoou distante, uma voz. Não era a sua e nem de ninguém que ela conhecesse. E, mesmo assim, estava lá, como um desafio. Sophie tinha que acordar. Sophie tinha que salvar Anne.

E a si mesma.

Sobre a autora:



Érika Bento Gonçalves, jornalista profissional por vocação, nasceu em Poços de Caldas, MG, onde foi repórter e apresentadora de telejornal por oito anos até se mudar para São Paulo, onde atuou como editora e editora chefe nas principais emissoras do país por outros cinco anos. Mudou-se para a Itália, em 2008, onde residiu até final de 2012, quando se transferiu para Londres.

Atualmente, dedica-se ao terceiro volume da série Contato, com publicação programada para Julho de 2015.

Site oficial da série **Contato**:
asvidasdesophie.blogspot.com

Outras obras da autora:

Contato volume I – As vidas de Sophie – (2013) – publicação independente

Cronicidades – (2012) - coautora com 50 escritores, vencedores do Concurso de Contos promovido pela Incult Produções Culturais, comercializado pelo Clube dos Autores.

Suas inúmeras crônicas podem ser encontradas, também, nos sites:
quetalumcafezinho.blogspot.com
politicaepoliticagem.blogspot.com
oboletim.com.br